

A romantic couple is shown in a close embrace, kissing. The scene is set in the rain, with water droplets visible in the air and on their clothing. The woman has long dark hair and is wearing a light-colored, short-sleeved shirt. The man is shirtless, and his face is partially visible as he leans in to kiss her. The background is dark and blurry, suggesting an outdoor setting at night or in low light. The overall mood is intimate and tender.

JESSICA SORENSEN

as coincidências de
Callie & Kayden

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

As Coincidências de Callie & Kayden

Título original

THE COINCIDENCE OF CALLIE & KAYDEN

Copyright © 2012 por Jessica Sorensen

Ediény Williams

SINOPSE

Para Kayden, sofrer em silêncio era a única maneira de sobreviver. Se tivesse sorte, ele poderia manter sua cabeça baixa, fazer como lhe foi dito, e iria sobreviver através do dia. Mas uma noite, parecia que a sorte — e a sua vida — poderiam finalmente acabar... Até que um anjo chamado Callie apareceu bem a tempo de salvá-lo.

Callie nunca acreditou na sorte. Não desde o seu décimo segundo aniversário, quando tudo foi tirado dela. Depois que o pior já tinha passado, ela trancou seus sentimentos e jurou nunca contar a ninguém o que aconteceu. Agora, seis anos depois, ela continua lutando com o doloroso segredo que ameaça consumi-la.

Quando o destino decide juntar Kayden e Callie na mesma faculdade, Kayden está determinado a conhecer a bela garota que mudou seu destino. Quieta e reservada, Callie ainda teme deixar qualquer outra pessoa entrar em seu mundo. Mas Kayden está certo de que Callie entrou em sua vida por alguma razão. E quanto mais ele tenta ser uma parte da sua vida, mais ele percebe que, desta vez, é Callie que precisa ser salva....

Para todos que não foram salvos.

PRÓLOGO

Callie

A vida é cheia de sorte, como ser tratada por uma boa mão, ou simplesmente por estar no lugar certo na hora certa. Algumas pessoas têm a sorte entregue a elas, uma segunda chance, a defesa. Pode acontecer heroicamente, ou por uma simples coincidência, mas há aqueles que não recebem a sorte em uma bandeja brilhante, que acabam no lugar errado, na hora errada, que não se salvam.

— Callie, você está me ouvindo? — Minha mãe pergunta enquanto estaciona o carro na garagem.

Eu não respondo, observo as folhas girando ao vento em todo o quintal, no capô do carro, aonde a brisa obriga-as a ir. Elas não têm controle sobre seu caminho na vida. Eu tenho um desejo de saltar, pegar todas, e agarrá-las na minha mão, mas isso significaria sair do carro.

— O que há de errado com você hoje à noite? — Minha mãe diz enquanto verifica as mensagens do seu celular. — Basta ir e buscar o seu irmão.

Eu tiro meu olhar fora das folhas e me concentro nela. — Por favor, não me faça fazer isso, mãe. — Aperto com força a maçaneta da porta de metal e um enorme nó se forma na minha garganta. — Você não pode simplesmente entrar e buscá-lo?

— Eu não tenho nenhum desejo de entrar em uma festa com um grupo de crianças do ensino médio, e eu realmente não estou com vontade de conversar com Maci agora, para que ela possa se gabar que Kayden conseguiu uma bolsa. — minha mãe responde: acenando sua mão bem cuidada para que eu comece a me mexer. — Agora vá buscar o seu irmão, e diga que ele precisa voltar para casa.

Meus ombros caem enquanto empurro a porta e caminho até o caminho de cascalho em direção a mansão de dois andares com venezianas verdes e telhado íngreme. — Mais dois dias, mais dois dias. — Eu canto sob a minha respiração com as mãos cerradas em punhos enquanto me espremo entre os

veículos. — Apenas mais dois dias e eu vou estar na faculdade e nada disso vai importa.

As luzes iluminam através das janelas contra o céu cinza e um cartaz escrito "*Parabéns*" está pendurado acima da entrada para a varanda, decorado com balões. Os Owens sempre gostaram de fazer um show, por qualquer razão que se possa pensar; aniversários, feriados, graduações. Eles parecem ser a família perfeita, mas eu não acredito em perfeição.

Esta festa é para comemorar a formatura do seu filho mais novo, Kayden e sua bolsa de futebol para a Universidade de Wyoming. Não tenho nada contra os Owens. Minha família costuma participar dos jantares em sua casa e, ocasionalmente, eles participam dos churrascos na nossa. Eu só não gosto de festas, nem tenho sido bem acolhida em uma, pelo menos desde a sexta série.

Quando me aproximo da varanda, vejo Daisy Miller com um copo na mão. Seu cabelo loiro encaracolado brilhava à luz da varanda enquanto seus olhos fixam em mim e um mal-intencionado sorriso surge em seus lábios.

Esquivo-me para a direita das escadas e desvio ao redor do lado da casa antes que ela possa me insultar. O sol está se abaixando abaixo das linhas das montanhas que encerram a cidade e as estrelas brilham no céu como libélulas. É difícil ver uma vez que as luzes da varanda da frente desaparecem e meu sapato prende em algo afiado. Eu caio e minhas palmas arranham contra o cascalho. Lesões exteriores são mais fáceis de suportar e eu levanto-me sem hesitação.

Tiro o pó das pedras das minhas mãos, estremeando com a queimadura dos arranhões enquanto viro a esquina para o quintal.

— Eu não dou a mínima para o que diabos você estava tentando fazer. — uma voz masculina corta a escuridão. — Você é tão fodido. A porra de uma decepção.

Eu paro na beira da grama. Perto do muro há a casa da piscina, onde há duas figuras abaixo de uma luz fraca. Um é mais alto, com sua cabeça baixa e seus ombros largos curvados. O mais curto tem uma barriga de cerveja, uma careca na parte de trás da sua cabeça, e está de pé no rosto do outro com os punhos levantados. Apertando os olhos no escuro, eu acho que o mais curto é o Sr. Owens e o mais alto é Kayden Owens. A situação é surpreendente, pois Kayden é muito confiante na escola e nunca foi um alvo para violência.

— Eu sinto muito. — Kayden murmura com um tremor em sua voz, enquanto leva a mão contra o peito. — Foi um acidente, senhor. Eu não vou fazer isso de novo.

Olho para a porta traseira aberta, onde as luzes estão acesas, a música é alta, e as pessoas estão dançando, gritando e rindo. Pressionadas umas nas outras e eu posso sentir a tensão sexual engarrafada na sala todo o caminho até aqui. Estes são os tipos de lugares que eu evito a todo o custo, porque não consigo respirar muito bem neles. Movo-me para o degrau provisoriamente, na esperança de desaparecer na multidão despercebida, encontrar meu irmão, e dar o fora daqui.

— Não fodidamente me diga que foi um acidente! — A voz se eleva, ardendo de raiva incompreensível. Há um grande estrondo e, em seguida, uma rachadura, como ossos se dividindo em pedaços. Instintivamente eu viro bem a tempo de ver o Sr. Owens esmagar o punho no rosto de Kayden. A rachadura faz meu intestino se apertar. Ele bate-lhe uma e outras vezes, sem parar, mesmo quando Kayden desaba no chão. — Os mentirosos são punidos Kayden.

Eu espero por Kayden se levantar, mas ele permanece imóvel sem sequer cobrir o rosto com os braços. Seu pai chuta seu estômago, no rosto, seus movimentos mais duros, sem mostrar nenhum sinal de que pararia.

Eu reajo sem pensar, um desejo de salvá-lo queima tão ferozmente que lava todas as dúvidas da minha mente. Eu corro pelo gramado e pelas folhas que flutuam no ar sem um plano diferente. Quando chego a eles, estou tremendo e em choque, torna-se claro que a situação é maior do que a minha mente originalmente percebeu.

Os punhos do Sr. Owens estão cortados e gotejando de sangue no cimento em frente à casa da piscina. Kayden está no chão, a maçã do rosto cortada como uma rachadura na casca de uma árvore. Um olho fechado de tão inchado, o lábio rompido, e há sangue por todo o rosto.

Seus olhos se movem para mim e eu aponto rapidamente sobre o meu ombro com um dedo muito instável. — Há alguém procurando por você na cozinha. — eu digo ao Sr. Owens, grata que pela primeira vez a minha voz se mantém firme. — Eles precisavam de ajuda com alguma coisa... Eu não consigo lembrar o que apesar de tudo.

Seu olhar afiado penetra em mim e eu encolho pela raiva e impotência em seus olhos, como se sua raiva o controlasse. — Quem diabos é você?

— Callie Lawrence, — eu digo calmamente, sentindo o cheiro de bebida em seu hálito.

Seu olhar viaja dos meus sapatos desgastados para o revestimento preto pesado com fivelas e, finalmente pousa em meu cabelo que mal tocava meu queixo. Eu pareço como uma pessoa sem-teto, mas esse é o ponto. Eu quero passar despercebida. — Oh, sim, você é filha do treinador Lawrence. Eu não lhe reconheci no escuro. — Ele olha para baixo, para o sangue em seus dedos e, em seguida, olha para mim. — Ouça Callie, eu não queria que isso acontecesse. Foi um acidente.

Eu não ajo bem sob pressão, então fico imóvel, ouvindo o meu coração bater dentro do meu peito. — Ok.

— Eu preciso ir me limpar, — ele murmura. Seu olhar me segue por um breve momento antes dele pisar no gramado em direção a porta de trás com a mão ferida apertada ao seu lado.

Concentro-me em Kayden, liberando uma respiração presa em meu peito. — Você está bem?

Ele passa a mão sobre os olhos, olha para seus sapatos, e mantém sua outra mão contra o peito, parecendo vulnerável, fraco, e perplexo. Por um segundo, eu me vejo no chão com contusões e cortes que só podem ser vistos a partir do interior.

— Eu estou bem. — Sua voz é dura, então eu viro em direção à casa, pronta para fugir.

— Por que você fez isso? — Ele grita através da escuridão.

Eu paro na linha do gramado e viro para encontrar seus olhos. — Eu fiz o que qualquer outra pessoa teria feito.

A sobrelha acima do seu olho bom mergulha para baixo. — Não, você não fez.

Kayden e eu tínhamos ido para a escola juntos desde que estávamos no jardim de infância. Infelizmente esta é a conversa mais longa que tivemos desde a sexta série, quando eu fui considerada a esquisitona da classe. No meio

do ano, eu apareci na escola com o meu cabelo cortado e usando roupas que quase me engoliam. Depois disso, perdi todos os meus amigos. Mesmo quando nossas famílias jantavam juntas, Kayden fingia não me conhecer.

— Você fez o que quase ninguém teria feito. — Abaixando a mão do seu olho, ele cambaleia de pé em minha direção, enquanto endireita suas pernas. Ele é o tipo de cara que as garotas têm uma paixão, incluindo eu, quando eu não via caras como outra coisa que não fosse uma ameaça. Seu cabelo castanho que batia em suas orelhas e pescoço, seu sorriso perfeito que causa geralmente uma confusão sangrenta, e apenas um de seus olhos esmeralda é visível. — Eu não entendo por que você fez isso.

Eu arranho minha testa, meu hábito nervoso quando alguém está realmente me vendo. — Bem, eu não podia simplesmente ir embora. Nunca seria capaz de me perdoar se eu fizesse isso.

A luz da casa enfatiza a gravidade dos seus ferimentos e há sangue espalhado por toda sua camisa. — Você não pode dizer a ninguém sobre isso, ok? Ele está bêbado... E passando por algumas coisas. Ele não é o mesmo esta noite.

Eu mordo meu lábio, sem saber se acredito nele. — Talvez você devesse dizer a alguém... Como sua mãe.

Ele olha para mim como se eu fosse uma criança pequena, incompetente. — Não há nada para dizer.

Eu olho para seu rosto inchado, as feições perfeitas normalmente agora distorcidas. — Tudo bem, se é isso que você quer.

— É o que eu quero, — diz com desdém, eu começo a me afastar. — Ei Callie, é Callie, certo? Você poderia me fazer um favor?

Eu espreito por cima do meu ombro. — Claro. O Quê?

— No banheiro do andar de baixo há um kit de primeiros socorros, e no congelador há um saco de gelo. Você poderia pegá-los para mim? Não quero ir até lá sem que eu tenha me limpado.

Estou desesperada para sair, mas a súplica em seu tom me domina. — Sim, eu posso fazer isso. — Eu o deixo perto da casa da piscina e entro, onde a atmosfera muito cheia faz com que seja difícil respirar. Aconchego em meus cotovelos e espero que ninguém vá me tocar, e passo através das pessoas.

Maci Owens, mãe de Kayden, está conversando com algumas das outras mães na mesa e acena sua mão para mim, seus braceletes de ouro e prata tilintando juntos. — Oh Callie, a sua mãe está aqui, hun? — Sua fala é arrastada e há uma garrafa vazia de vinho na sua frente.

— Ela está no carro, — eu falo sobre a música enquanto alguém esbarra em meu ombro e meus músculos enrijecem. — Ela estava no telefone com meu pai e me enviou para encontrar meu irmão. Você o viu?

— Hun desculpe, eu não vi. — Ela faz um gesto com a mão em torno do copo. — Há apenas tantas pessoas aqui.

Dou-lhe um pequeno aceno. — Ok, bem, eu estou indo procurá-lo. — Enquanto vou embora, me pergunto se ela viu o marido e se vai questionar o corte em sua mão.

Na sala de estar, meu irmão Jackson estava sentado no sofá, conversando com seu melhor amigo, Caleb Miller. Eu congelo perto do batente, apenas fora da sua vista. Eles continuam rindo e conversando, bebendo suas cervejas, como se nada importasse. Eu desprezo o meu irmão por rir, por estar aqui, por fazer que eu tenha que vir até aqui para dizer-lhe que a nossa mãe está esperando no carro.

Eu começo a andar em direção a ele, mas não consigo fazer meus pés se moverem. Eu sei que preciso acabar com isso, mas há pessoas nos cantos e dançando no meio da sala e estão me deixando desconfortável. *Não consigo respirar. Não consigo respirar. Mova seus pés, mova.*

Alguém corre em minha direção e quase me derruba no chão.

— Desculpe. — Uma voz profunda pede desculpas.

Eu me agarro no batente da porta e isso quebra meu transe. Corro pelo corredor sem me preocupar em ver quem esbarrou em mim. Eu preciso sair deste lugar e respirar novamente.

Depois de encontrar o kit de primeiros socorros no armário inferior e o saco de gelo no congelador, caminho para fora da casa, passando pela porta lateral despercebida. Kayden não está mais do lado de fora, mas uma luz ilumina as janelas da casa na piscina.

Hesitando, eu abro a porta e coloco a cabeça dentro do quarto mal iluminado. — Olá.

Kayden sai do quarto dos fundos sem camisa e uma toalha pressionada em seu rosto, que está vermelho brilhante e irregular. — Ei, você conseguiu achar o material?

Eu escorrego para o quarto e fecho a porta atrás de mim. Estendo o kit de primeiros socorros e o saco de gelo, com a cabeça voltada para a porta para evitar olhar para ele. Seu peito nu, e a forma como seu jeans está pendurado abaixo dos seus quadris sufocam a minha tranquilidade.

— Eu não mordo, Callie. — Seu tom é neutro enquanto ele pega o kit e o pacote de gelo. — Você não tem que olhar para a parede.

Obrigo os meus olhos a olharem para ele e é difícil não olhar para as cicatrizes que cruzam ao longo do seu estômago e peitoral. As linhas verticais que descem os antebraços são as mais perturbadoras, grossas e irregulares como se alguém tivesse passado uma navalha em sua pele. Eu gostaria de poder passar meus dedos ao longo delas e remover a dor e as memórias que estão ligadas a elas.

Ele rapidamente reduz a toalha para cobrir a si mesmo e confusão brilha em seu olho bom enquanto olhamos fixamente um para o outro. Meu coração palpita dentro do meu peito enquanto o momento passa, como um estalar de dedos, mas parece continuar para sempre.

Ele pisca e pressiona o pacote em seu olho inflamado, equilibrando o kit na borda da mesa de bilhar. Seus dedos tremem enquanto ele puxa sua mão para trás e cada junta está raspada. — Você pode colocar a gaze para mim? Minha mão está um pouco dolorida.

Como meus dedos trêmulos tento levantar a trava, minha unha prende e quebra. Piscinas de sangue saem enquanto eu abro a tampa para recuperar a gaze. — Você pode precisar de pontos no corte abaixo do seu olho. Parece ruim.

Ele enxuga o corte com a toalha, fazendo uma careta de dor. — Vai ficar tudo bem. Eu só preciso limpá-lo e cobri-lo.

A água quente escorre pelo meu corpo, queimando minha pele com marcas vermelhas e bolhas. Eu só quero me sentir limpa novamente. Tomo a toalha úmida dele, com cuidado para não deixar que os nossos dedos se toquem, e inclino para frente

para examinar a lesão, que é tão profunda que o tecido muscular está aparecendo.

— Você realmente precisa de pontos. — Eu sugo o sangue do meu polegar.
— Ou você vai ter uma cicatriz.

Os cantos dos seus lábios se levantam em um sorriso triste. — Eu posso lidar com cicatrizes, especialmente as que estão do lado de fora.

Eu entendo o seu significado do fundo do meu coração. — Eu realmente acho que você deve pedir para sua mãe levá-lo ao médico e, em seguida, você pode dizer a ela o que aconteceu.

Ele começa a pegar uma pequena seção de gaze, mas acidentalmente deixa cair no chão. — Isso nunca vai acontecer e mesmo que acontecesse, não teria importância. Nada disso tem.

Com os dedos instáveis, eu pego a gaze e desenrolo ao redor da minha mão. Rasgando no fim, pego a fita do kit. Em seguida, espremo cada último pensamento aterrorizante da minha mente, e me inclino em direção do seu rosto. Ele ainda parece muito machucado, abraçando a mão ferida contra seu peito enquanto eu coloco a gaze sobre a ferida. Seus olhos permanecem em mim, as sobrancelhas arqueadas, e ele mal respira enquanto eu coloco tudo no lugar.

Me afasto e uma expiração de alívio escapa dos meus lábios. Ele é a primeira pessoa que eu intencionalmente toquei, fora a minha família, durante os últimos seis anos. — Eu ainda iria considerar os pontos.

Ele fecha o kit e uma gota de sangue mancha a tampa. — Você viu meu pai lá dentro

— Não. — Meu celular toca no meu bolso e eu leio a mensagem de texto. — Eu tenho que ir. Minha mãe está esperando no carro. Tem certeza que você vai ficar bem?

— Eu vou ficar bem. — Ele não olha para mim enquanto pega a toalha e se dirige de volta para o quarto. — Tudo bem, eu te vejo em breve, eu acho.

Não você não vai. Coloco meu celular no meu bolso, e caminho em direção a porta. - Sim, eu acho que eu te vejo em breve.

— Obrigado, — ele adiciona instantaneamente.

Faço uma pausa com a minha mão na maçaneta da porta. Eu me sinto terrível por deixá-lo, mas sou muito covarde para ficar. — Pelo quê?

Ele demora por uma eternidade e, em seguida, exala um suspiro. — Por pegar o kit de primeiros socorros e o saco de gelo para mim.

— De nada. — Eu saio pela porta com uma sensação de peso no meu coração, como se caísse algo pesado em cima dele.

Enquanto caminho pelo cascalho, meu celular toca dentro do meu bolso. — Eu estou à dois passos, — respondo.

— Seu irmão já está aqui e precisa chegar em casa. Ele tem que estar no aeroporto em oito horas. — O tom da minha mãe é ansioso.

Eu aumento o meu ritmo. — Desculpe, eu me perdi... Mas você me enviou para buscá-lo.

— Bem, ele respondeu as suas mensagens de texto, agora vamos lá, — ela diz freneticamente. — Ele precisa descansar um pouco.

— Eu estarei aí em 30 segundos, mãe. — Desligo enquanto saio para o jardim da frente.

Daisy, a namorada de Kayden, está na varanda da frente, comendo uma fatia de bolo enquanto conversa com Caleb Miller. Minhas entranhas viram em nós instantaneamente, meus ombros caem, e eu recuo para as sombras das árvores, esperando que eles não vão me ver.

— Oh meu Deus, é a Callie Lawrence? — Diz Daisy, protegendo os olhos com a mão e apertando o olhar na minha direção. — Que diabos você está fazendo aqui? Você não deveria estar com seu grupo visitando cemitérios ou algo assim?

Enfio meu queixo para baixo e pego o ritmo, tropeçando em uma grande rocha. Um pé em frente do outro.

— Ou você está apenas fugindo do pedaço de bolo que eu tenho? — Ela grita com riso em seu tom. — Qual é Callie? Vamos, diga-me?

— Pare com isso, — Caleb avisa com um sorriso em seu rosto quando se inclina sobre o corrimão, com os olhos tão negros como a noite. — Tenho certeza que Callie tem suas razões para fugir.

A insinuação em sua voz faz o meu coração e minhas pernas acelerarem. Eu fujo na escuridão da garagem com o som das suas risadas nas minhas costas.

— Qual é o seu problema? — Meu irmão pergunta quando entro com presa no carro e fivela meu cinto de segurança, ofegante e colocando os curtos fios de cabelo de volta no lugar. — Por que você estava correndo?

— A mamãe disse para eu me apressar. — Eu fixo meus olhos no meu colo.

— Às vezes me pergunto sobre você, Callie. — Ele reorganiza seu cabelo castanho escuro no lugar e afunda-se no banco. — É como se você agisse dessa maneira para fazer as pessoas pensarem que você é uma aberração.

— Não sou eu que tenho 24 anos de idade, e está pendurado em uma festa de colegial. — Eu o lembro.

Minha mãe estreita os olhos para mim. — Callie, não comece. Você sabe que o Sr. Owens convidou seu irmão, por isso ele veio para a festa.

Minha mente voa de volta para Kayden, com o rosto espancado e ferido. Eu me sinto horrível por deixá-lo e quase digo à minha mãe o que aconteceu, mas então pego um vislumbre de Caleb e Daisy na varanda da frente, olhando-nos à distância, e me lembro que às vezes segredos precisam ser levados para o túmulo. Além disso, minha mãe nunca foi de querer ouvir sobre as coisas feias do mundo.

— Eu tenho apenas vinte e três. Não vou ter vinte e quatro até o próximo mês, — Meu irmão interrompe meus pensamentos. — E eles não estão mais na escola, então cale a boca.

— Eu sei o quanto você está velho, — eu digo. — E não estou na escola também.

— Você não precisa soar tão feliz com isso, — minha mãe faz uma careta enquanto gira o volante para sair para a rua. Rugas vincam em torno dos seus olhos castanhos enquanto ela tenta não chorar. — Nós vamos sentir sua falta e eu realmente gostaria que você reconsiderasse esperar até o outono para ir para a faculdade. Laramie é quase seis horas de distância querida. Vai ser tão difícil ficar longe de você.

Eu fico olhando para a estrada que se estende por entre as árvores e sobre as colinas rasas. — Mãe desculpe, mas eu já estou inscrita. Além disso, não há nenhum ponto em ficar no verão para ficar enfurnada no meu quarto.

— Você pode conseguir um emprego, — ela sugere. — Como o seu irmão faz a cada verão. Dessa forma, você pode gastar algum tempo com ele e Caleb para ficar com a gente.

Cada músculo do meu corpo acaba como uma corda atada e eu tenho que forçar oxigênio em meus pulmões. — Desculpa mãe, mas eu estou pronta para estar por minha própria conta.

Estou mais do que pronta. Eu estou enjoada dos olhares tristes que ela sempre me dá, porque não entende nada o que eu faço. Estou cansada de querer dizer a ela o que aconteceu, mas sabendo que não posso. Estou pronta para estar por minha conta, longe dos pesadelos que assombram meu quarto, minha vida, meu mundo inteiro.

CAPÍTULO 1

#4 *Vista uma camisa com cor.*

4 meses mais tarde...

Callie

Muitas vezes me pergunto o que leva as pessoas a fazerem certas coisas. Se trata de terem aquelas mentes desde o nascimento, ou aprenderam enquanto cresciam. Talvez seja até mesmo imposta por circunstâncias que estão fora das suas mãos. Alguém tem controle sobre suas vidas ou estamos todos desamparados?

— Deus, está como spazzville por aqui hoje, — comenta Seth, franzindo o nariz para os calouros que chegam atrapalhados no jardim do campus. Em seguida, ele acena a mão na frente do meu rosto. — Você está longe de novo?

Eu pisco para longe dos meus pensamentos. — Agora, não seja arrogante. — Eu cutuco seu ombro com o meu de brincadeira. — Só porque nós dois decidimos fazer o semestre de verão e sabemos onde tudo fica, não nos faz melhores do que eles.

— Uh, sim, meio que faz. — Ele revira os olhos castanhos mel para mim. — Nós somos como os calouros da classe alta.

Eu solto um sorriso e tomo um gole do meu café com leite. — Você sabe que não há tal coisa como um calouro de classe alta.

Ele suspira, bagunçando seus cabelos loiros dourados, que parecem que foram pintados em um salão de beleza, mas eles são realmente naturais. — Sim, eu sei. Especialmente para pessoas como você e eu. Nós somos como duas ovelhas negras.

— Há ovelhas muito mais negras que você e eu. — Protejo os olhos do sol com a mão. — E eu já nem estou usando preto. Estou vestindo uma blusa vermelha, hoje, como a lista manda fazer.

Os cantos dos seus lábios se puxam para cima. — Que ficaria ainda melhor se você deixasse essas lindas tranças soltas, em vez de escondê-las em um rabo

de cavalo o tempo todo.

— Um passo de cada vez, — eu digo. — Foi difícil o suficiente apenas deixar meu cabelo crescer. Faz-me sentir estranha. E não importa porque isso ainda tem que estar adicionado à lista.

— Bem que ele precisa estar, — ele responde. — Na verdade, eu estou fazendo isso quando voltar para o meu quarto.

Seth e eu temos uma lista de coisas que temos que fazer, mesmo se estivermos com medo, ou repulsa, ou formos incapazes. Se estiver na lista, temos que fazer e temos que riscar uma coisa que já fizemos, pelo menos uma vez por semana. Foi algo que fizemos depois que confessamos nossos segredos mais sombrios um para o outro, trancados em meu quarto, durante o meu primeiro momento de ligação real com um ser humano.

— E você ainda usa esse terrível capuz, — ele continua, puxando meu casaco cinza desbotado. — Pensei que nós tínhamos conversado sobre essa coisa horrível. Você é linda e não precisa se cobrir. Além disso, está tipo quarenta graus lá fora.

Envolvo minha jaqueta em volta de mim conscientemente, segurando na borda do tecido. — Mudança de assunto por favor.

Ele entrelaça seus braços com o meu enquanto inclina seu peso sobre mim, me forçando a fugir até a beira da calçada entre as pessoas que passam por nós. — Tudo bem, mas um dia vamos falar sobre uma reforma completa, em que eu vou supervisionar.

Eu suspiro. — Veremos.

Eu conheci Seth no meu primeiro dia na UW, durante o Pré-Cálculo. A nossa incapacidade de compreender números foi um ótimo início de conversa e nossa amizade meio que cresceu a partir daí. Seth é o único amigo que eu realmente tive desde a sexta série, além de uma breve amizade com a garota nova na escola que não sabia que eu era a "Anoréxica, Callie Adoradora do Diabo" como todo mundo me via.

Seth para abruptamente a caminhada e oscila na minha frente. Ele está vestindo uma camiseta cinza e uma calça jeans skinny preta. Seu cabelo está desgrenhado e seus elegantes longos cílios causam inveja em qualquer garota.

— Eu só tenho uma coisa a dizer. — Ele toca a ponta do seu dedo no canto do meu olho. — Eu gosto do delineador marrom, muito melhor do que o preto excessivo.

— Eu tenho sua aprovação sobre isso. — Pressiono minha mão dramaticamente ao meu coração. — Estou tão aliviada. Isso está em minha mente desde desta manhã.

Ele faz uma careta e seus olhos rolam para a minha blusa vermelha que escova o topo da minha calça jeans. — Você está indo muito bem em todos os departamentos, eu só queria que você usasse um vestido ou bermuda ou algo assim por uma vez e mostrasse suas pernas.

Meu rosto cai junto com o meu humor. — Seth, você sabe por que... Eu quero dizer, você sabe... Eu não posso...

— Eu sei. Só estou tentando ser encorajador.

— Eu sei que você está e é por isso que eu te amo. — Eu o amo mais do que isso, na verdade. Eu o amo porque ele é a primeira pessoa que me faz sentir confortável o suficiente para contar meus segredos, mas talvez seja porque ele entende como é ser ferido por dentro e por fora.

— Você está muito mais feliz do que quando eu te conheci. — Ele enfia minha franja atrás da minha orelha. — Eu gostaria que você pudesse ser dessa maneira em torno de todos, Callie. Que você parasse de se esconder de todos. É triste que ninguém consiga ver como você é grande.

— E vice-versa, — eu digo, porque Seth se esconde tanto quanto eu.

Ele pega o copo de isopor vazio da minha mão e joga-o em uma lata de lixo ao lado de um dos bancos. — O que você acha? Que tal irmos atrás de um guia e encher o saco dele com perguntas idiotas?

— Você sabe o caminho para o meu coração. — Eu digo e seu riso ilumina seu rosto inteiro.

Nós passeamos pela calçada sobre as sombras das árvores em direção às portas da frente do escritório principal, que fica a poucos andares de altura com um telhado pontiagudo. Tem um olhar histórico nele, com um monte de tijolos desgastados, como se pertencesse a uma era mais velha. O estaleiro que centraliza todos os edifícios parece um labirinto triangular com caminhos de concreto colocados aleatoriamente que atravessam o gramado. É um lugar

bonito para estudar, muitas árvores, e espaço aberto, mas leva algum tempo para se acostumar.

Há confusão no ar enquanto estudantes e pais tentam encontrar seus caminhos. Estou completamente distraída quando ouço um fraco, — Presta atenção.

Minha cabeça se vira bem a tempo de ver um cara correndo em minha direção, com as mãos no ar e uma bola de futebol americano voando para ele. Seu corpo sólido colide com o meu e eu caio horizontalmente em minhas costas, quase quebro minha cabeça e cotovelo contra o pavimento. Dor irrompe através do meu braço e eu não consigo respirar.

— Fique longe de mim, — eu digo, contorcendo meu corpo em pânico. O peso e o calor dele me faz sentir como se eu estivesse me afogando. — Saia agora!

— Eu sinto muito. — Ele rola para o lado e rapidamente saindo de cima de mim. — Eu não vi você.

Eu pisco os pontos de distância dos meus olhos até que seu rosto entra em meu foco; cabelo castanho que cobrem suas orelhas, olhos esmeralda penetrantes, e um sorriso que derrete o coração de qualquer uma garota. — Kayden?

Suas sobrancelhas se arqueiam e sua mão cai para o seu lado. — Eu te conheço? — Há uma pequena cicatriz abaixo do olho direito e me pergunto se é onde seu pai bateu-lhe naquela noite.

Um pequeno nó se forma em meu coração por ele não conseguir lembrar de quem eu sou. Chegando aos meus pés, eu escovo a terra e grama fora das minhas mangas. — Hum, não, desculpe. Eu pensei que você fosse outra pessoa.

— Mas você disse o meu nome. — Seu tom carrega dúvidas enquanto ele pega a bola de futebol fora da grama. — Espere, eu conheço você, não é?

— Eu realmente sinto muito por ficar em seu caminho. — Eu agarro a mão de Seth e o arrasto na direção das portas da entrada, onde há um grande "*Sejam bem-vindos alunos*" cartaz.

Quando estamos no corredor pelas vitrines de vidro, eu o solto e inclino-me contra a parede de tijolos, recuperando o fôlego. — Aquele era Kayden

Owens.

— Oh. — Ele olha para trás enquanto um enxame de estudantes entram.

— O Kayden Owens? O que você salvou?

— Eu não o salvei, — eu esclareço. — Eu só interrompi alguma coisa.

— Algo que estava prestes a ficar feio.

— Qualquer um teria feito a mesma coisa.

Seus dedos agarram meu cotovelo enquanto tento caminhar pelo corredor e ele me puxa de volta para ele. — Não, muita gente teria fugido. É um fato comum que um monte de gente vira a cabeça em outra direção quando algo ruim está acontecendo. Sei disso por experiência.

Meu coração dói por ele e pelo que ele passou. — Sinto muito que você teve que passar por isso.

— Não sinta, Callie, — ele diz com um suspiro. — Você tem a sua própria história triste.

Nós fazemos o nosso caminho pelo corredor até o fim e há uma mesa empilhada com folhetos e panfletos sobre ela. As pessoas estão em pé na fila, olhando para os horários, conversando com seus pais, parecendo assustados e animados.

— Ele nem sequer lhe reconheceu, — ele comenta enquanto passa através da multidão para a frente da linha, na frente de todos, e pega um panfleto rosa.

— Ele mal me reconheceu desde sempre, — eu balanço minha cabeça quando ele me oferece um cookie de um prato na mesa.

— Bem, ele deve reconhecê-la agora. — Ele pega um biscoito de açúcar, raspa os polvilhos fora e morde. Farelos caem de seus lábios enquanto ele mastiga. — Você salvou a bunda dele de ser batida.

— Não é um grande negócio, — eu digo, apesar de sentir uma facada no meu coração um pouco. — Agora, será que podemos mudar de assunto para outra coisa?

— É um grande negócio. — Ele suspira enquanto faço uma carranca para ele. — Tudo bem, eu vou manter minha boca fechada. Agora vamos lá, vamos encontrar um guia turístico e torturá-lo.

Kayden

Eu fui assombrado por um pesadelo cada maldita noite durante os últimos quatro meses. Eu estava enrolado perto da casa da piscina e meu pai batia a merda fora de mim. Ele estava mais louco do que eu já vi, provavelmente porque eu fiz uma das piores coisas imagináveis para ele. Há assassinato em seus olhos e cada pingo de humanidade desapareceu, consumido pela raiva.

Enquanto seu punho se choca contra o meu rosto, sangue quente derrama ao longo da minha pele e respingos contra sua camisa. Eu sei que desta vez ele provavelmente vai me matar e eu deveria finalmente lutar, mas fui ensinado a morrer por dentro. Além disso, eu simplesmente não me importava mais.

Então, alguém aparece das sombras e nos interrompe. Quando eu limpo o sangue dos meus olhos, percebo que é uma garota aterrorizada fora da sua mente. Eu não entendo muito bem, por que ela interveio, mas eu devo-lhe muito.

Callie Lawrence salvou a porra da minha vida, naquela noite, mais do que ela provavelmente imagina. Eu queria que ela soubesse, mas nunca conseguir descobrir como dizer a ela, nem a vi desde que isso aconteceu. Ouvi dizer que ela foi para a faculdade cedo para começar a sua vida e eu a invejo.

Meu primeiro dia no campus está indo muito bem, especialmente depois que a minha mãe e meu pai saíram. Uma vez que eles foram embora, eu podia respirar pela primeira vez na minha vida.

Luke e eu passeamos ao redor do campus tentando descobrir onde tudo era, ao mesmo tempo jogando uma bola de futebol americano. O sol é brilhante, as árvores são verdes, e há tanta novidade no ar que fica me bombeado para cima. Eu quero começar de novo, ser feliz, viver pela primeira vez.

Em um particular longo alcance, acabo atropelando uma garota. Eu me sinto como um idiota, especialmente porque ela aparenta ser tão pequena e frágil. Seus olhos azuis ficam ampliados e ela parece assustada como a morte. O que é ainda mais estranho é que ela me conhece, mas sai correndo quando eu questiono.

Isso está incomodando o inferno fora de mim. Eu não consigo parar de pensar em seu rosto e a familiaridade. Por que eu não consigo descobrir quem diabos é ela?

— Você viu aquela garota? — Pergunto a Luke. Ele tem sido meu melhor amigo desde a segunda série, quando ambos percebemos quantas asneiras existiam em nossas vidas, embora por razões diferentes.

— A que você acabou de atropelar? — Ele lê a programação e enfia no bolso de trás da calça jeans. — Ela me lembra aquela garota quieta, aquela que Daisy estava determinada a torturar na escola.

Meus olhos movem-se para as portas de entrada, onde ela desapareceu. — Callie Lawrence?

— Sim, eu acho que era esse seu nome. — Ele solta um suspiro estressado enquanto se vira para o meio do gramado, tentando se orientar. — Mas não acho que é ela. Ela não usava toda aquela merda preta ao redor dos olhos e Callie tinha um corte de cabelo que a fazia parecer um cara. Além disso, eu acho que a garota era mais magra.

— Sim, ela parecia diferente. — Mas se é Callie, eu preciso falar com ela sobre aquela noite. — Callie sempre foi magra, no entanto. É por isso que Daisy fazia piada com ela.

— Essa foi uma das razões que ela tirava sarro dela, — ele diz e seu rosto se contorce com repulsa por alguma coisa atrás de mim. — Eu acho que estou indo encontrar o nosso dormitório. — Luke corre em direção ao canto do prédio da escola antes que eu possa dizer qualquer coisa.

— Aí está você. — Daisy vem por trás de mim e eu sou oprimido pelo cheiro do seu perfume e spray de cabelo.

De repente entendo por que Luke fugiu como se houvesse um incêndio. Ele não gosta de Daisy, por muitas razões; uma por que ele acha que Daisy é uma cadela. E ela é, mas funciona para mim, porque ela me permite ficar isolado de sentir qualquer coisa, que é a única maneira que eu sabia como viver a vida.

— Eu espero que vocês não estivessem falando de mim. — Daisy envolve seus braços em volta do meu pescoço e massageia meu estômago com as pontas dos dedos. — A menos que fossem coisas boas.

Eu me viro e beijo sua testa. Ela está usando um vestido azul decotado e um colar que repousa entre seus seios. — Ninguém estava falando de você. Luke só foi encontrar seu quarto.

Ela morde o lábio e bate os cílios para mim, brilhantemente. — Bom, porque eu já estou nervosa sobre deixar meu namorado ridiculamente quente. Lembre-se que você pode flertar, mas não pode tocar. — Daisy fica entediada facilmente e diz coisas para começar um drama.

— Sem tocar. Entendi, — eu digo, segurando um rolar de olhos. — E mais uma vez, ninguém estava falando de você.

Ela entrelaça uma mecha de seu cabelo loiro encaracolado em torno do seu dedo com uma expressão pensativa no rosto. — Eu não me importo se você falar de mim, apenas contanto que sejam coisas boas.

Eu conheci Daisy quando estava na oitava série, quando ela começou a frequentar a nossa escola. Ela era a nova caloura quente e era muito consciente de que era. Eu era muito popular, mas realmente não tinha saído com ninguém, apenas pegado algumas. Eu estava mais focado no futebol, como o meu pai queria que eu estivesse. Daisy parecia interessada, porém, e um par de semanas mais tarde, nos tornamos oficialmente um casal. Ela é egocêntrica e nunca pergunta de onde vieram todas as minhas contusões, cortes e cicatrizes. Ela perguntou uma vez, a primeira vez que nós transamos, e eu lhe disse que foi um acidente de quadriciclo quando eu era criança. Ela não questionou mais as novas.

— Olha querida, eu tenho que ir. — Dou-lhe um rápido beijo nos lábios. — Eu tenho que fazer o check-in, desfazer as malas e descobrir onde fodidamente é tudo.

— Oh, tudo bem. — Ela faz um beicinho com o lábio inferior e passa os dedos pelo meu cabelo, guiando os meus lábios de volta para o dela para um beijo profundo. Quando ela se afasta, sorri. — Eu acho que vou voltar para casa e tentar preencher o meu tempo com a antiga escola chata.

— Tenho certeza que você vai ficar bem, — eu digo a ela enquanto me viro para as portas, manobrando entre as pessoas inundando a calçada. — Eu vou estar em casa na pausa.

Ela acena enquanto se vira para o estacionamento. Eu mantenho meus olhos sobre ela até que ela esteja em seu carro e então entro na faculdade. O ar é mais frio no interior, as luzes são fracas, e há um monte de gritos e desorganização.

— Nós não precisamos de um guia. — Eu caminho até Luke, que está de pé perto da mesa de inscrição, lendo um panfleto rosa. — E você estava indo encontrar o dormitório ou foi a sua desculpa para escapar de Daisy?

— A garota me deixa fodidamente louco. — Ele passa a mão pelo cabelo curto, castanho. — E eu estava indo para lá, mas então percebi que seria muito mais fácil se fosse com um guia, então eu saberia onde tudo fica.

Luke é uma pessoa muito bem estruturada quando se trata da escola e esportes. Não faz sentido para mim desde que eu conheço sobre o seu passado, mas do ponto de vista de um estranho, ele provavelmente se parece com um encenqueiro, que não conseguiu sair da escola.

— Tudo bem, vamos nos juntar a um guia. — Eu escrevo os nossos nomes sobre o papel e uma cabeça vermelha sentada atrás da mesa sorri para mim.

— Você pode se juntar a um a partir de agora, — diz ela descaradamente empurrando seus seios com os braços enquanto se inclina para frente. — Ele entrou agora no corredor.

— Obrigado. — Sorrio para ela, escoro Luke para onde ela nos dirigiu.

— Toda vez é isso, — diz ele divertidamente enquanto contorna em torno de uma pequena mesa com pratos cheios de biscoitos sobre ela. — Você é como um ímã.

— Eu não consigo parar, — respondo enquanto nos aproximamos do fim da multidão. — Na verdade, eu gostaria que isso parasse.

— Não, você não gostaria, — afirma com um rolar de olhos. — Você ama e sabe disso. E eu queria que você fizesse algo sobre isso, assim poderia abandonar a cadela.

— Daisy não é tão ruim. Ela é provavelmente a única garota que não se importa se eu flertar. — Eu cruzo meus braços e olho para o guia nerd com óculos de lentes grossas, magro e com cabelo castanho, e uma prancheta nas mãos. — Será que realmente precisamos fazer isso? Eu prefiro ir desfazer as malas.

— Eu preciso saber onde fica tudo, — diz ele. — Você pode ir para o quarto, se quiser.

— Eu estou bem aqui. — Meus olhos fixam em uma garota através da multidão; a que eu derrubei. Ela está sorrindo para um cara ao seu lado que está sussurrando algo em seu ouvido. Encontro-me entretido pela naturalidade, não há pretextos como estou acostumado a ver.

— O que você está olhando? — Luke acompanha o meu olhar e franze a testa. — Você sabe o que? Eu acho que poderia ser Callie Lawrence. Agora que pensei sobre isso, lembro-me que o pai dela mencionou algo sobre ela ir para UW.

— De jeito nenhum... Não pode ser... Será? — Olho para seu cabelo marrom, suas roupas que mostram seu corpo magro, e seus olhos azuis que brilham enquanto ela ri. A última vez que a vi, aqueles olhos azuis estavam nublados e pesados. A Callie que eu conhecia tinha mais escuridão, usava roupas largas, e sempre parecia triste. Ela se esquivava de todos, com exceção de uma noite, quando salvou a minha vida.

— Não, é ela, — diz Luke com confiança enquanto pressiona o dedo contra o seu templo. — Lembro-me que ela tinha aquele pequeno sinal de nascença na têmpora assim como essa menina tem. Não pode ser uma coincidência bizarra.

— Foda-se, — eu digo em voz alta e todos olham para mim.

— Posso ajudá-lo? — O guia pergunta em um tom gelado.

Eu balanço minha cabeça, notando que Callie está olhando para mim. — Desculpe cara, pensei que uma abelha tinha pousado em mim.

Luke bufava uma risada e eu suprimo o meu riso. O guia bufava em frustração e continua o seu discurso sobre onde todos os ofícios são enquanto aponta para cada porta.

— O que foi aquilo? — Luke pergunta em voz baixa enquanto dobra um papel perfeitamente ao meio.

— Nada. — Eu procuro na multidão, mas Callie não está em lugar nenhum. — Você viu para onde ela foi?

Luke balança a cabeça. — Não.

Meus olhos viajam por todo o corredor, mas não há nenhum sinal dela em qualquer lugar. Eu preciso encontrá-la, para que eu possa lhe agradecer por salvar a minha vida, como eu deveria ter feito há quatro meses.

CAPÍTULO 2

#27 Convide alguém que você não conhece para jantar.

Callie

— Quais são nossos planos para hoje à noite? — Eu dobro uma camisa e coloco-a no cesto de roupa em cima do secador. — Nós vamos sair ou ficar aqui?

Seth senta em uma das máquinas de lavar roupa com as pernas balançando sobre a borda enquanto coloca um pedaço de goma em sua boca. — Estou em conflito. Por um lado, eu quero ficar em casa e assistir *The Vampire Diaries*, mas há um incrível restaurante que estou com vontade de experimentar.

— Eca, não aquele com o Sushi Bar. — Eu franzo a testa, puxando uma folha frágil de amaciante de roupas de uma das minhas camisas. — Eu não gosto de Sushi e realmente não estou a vontade de comer fora esta noite.

— Não, você nunca comeu Sushi, — ele corrige. — E só porque ainda não experimentou alguma coisa não significa que você não gosta. — Ele abafa uma risada, selando os lábios. — Eu sei disso por experiência própria.

— Tenho certeza que você sabe. — O meu celular vibra, iluminando-se em cima da pilha de camisas. — Droga, é a minha mãe. Me dê um segundo.

— Oi mãe, — Eu respondo, me arrastando até uma esquina para ficar longe do barulho das máquinas de lavar.

— Oi, querida, — ela diz. — Como foi o seu primeiro dia de aula?

— Primeiro dia de aula é na segunda-feira, — eu lembro-a, empurrando meu dedo contra a minha orelha para bloquear o barulho das máquinas. — Hoje foi apenas o dia em que todo mundo fez o check-in.

— Bom, como é que vai?

— Eu já sei onde fica tudo, agora estou lavando minha roupa com Seth.

— Oi, Sra. Lawrence, — Seth grita, colocando suas mãos ao redor de sua boca.

— Mande um "oi" a ele por mim, querida, está bem? — Ela responde. — E que eu não posso esperar para conhecê-lo.

Cubro o receptor com a minha mão. — Ela não pode esperar para te conhecer, — eu sussurro para Seth e ele revira os olhos.

— Diga que ela não pode lidar comigo. — A máquina de lavar para e ele salta para abrir a tampa.

— Ele diz que não pode esperar para conhecê-la também, — eu digo a minha mãe. — Na verdade, ele está muito animado.

Seth balança a cabeça, puxando uma jaqueta para fora da máquina. — Mães não são a minha coisa. Você sabe disso. — O que ele disse? — Minha mãe pergunta.

— Nada mãe. — Ouço os sinais sonoros do secador. — Eu tenho que ir. Te ligo mais tarde.

— Espere querida. Eu só quero dizer que você parece muito feliz.

— Eu estou feliz. — Eu minto através de uma garganta apertada, porque eu sei que é o que ela quer ouvir.

Seth deixa cair sua única camisa seca na borda da cesta, coloca as mãos nos quadris, e aperta os olhos para mim. — Não minta para sua mãe, Callie.

— O que está acontecendo? — Minha mãe pergunta. — Eu posso ouvir um monte de ruídos.

— Eu tenho que ir. — Eu pressionar o botão para encerrar a ligação antes que ela possa dizer qualquer outra coisa.

— Minha mãe não é como a sua. — Eu abro a porta do secador de roupa e colho o resto das minhas roupas com meus braços. — Na maior parte do tempo, ela é legal. Bem, pelo menos quando eu estou me comportando.

— Mas você não pode dizer-lhe coisas realmente importantes. — Ele flexiona o braço que estava em um gesso quando eu o conheci. — Assim como a minha.

— Você disse a sua mãe. — Eu fecho a porta do secador com meu quadril. — É simplesmente assim e eu não digo a minha mãe, porque vai esmagá-la.

Ela é uma pessoa tão feliz, não quero preocupá-la com pensamentos sombrios. — Coloco minhas roupas na cesta e desligo a máquina de lavar roupa. — Nós podemos tentar ir nesse restaurante novo, se você realmente, realmente quiser. — Pego a cesta, sustento-a contra o meu quadril. — Vou adicioná-lo à minha lista de coisas novas que vou tentar.

Ele sorri de orelha a orelha. — Eu amo essa lista.

— Eu também... Às vezes. — Eu concordo, ele reúne suas roupas em uma pilha. — E você foi brilhante por pensar nisso.

A lista foi feita nas sombras do meu dormitório quando ele admitiu para mim como quebrou o braço e de onde as cicatrizes em suas mãos vieram. Ele estava caminhando para casa no seu último dia de aula e um monte de jogadores de futebol apareceram em um caminhão. Eles pularam, o pegaram, e tentaram quebrá-lo em mil pedaços para depois esconder o pó para debaixo do tapete. Mas Seth é forte, é por isso que eu disse a ele o meu segredo, porque ele sabe como é ter algo arrancado de você. Embora eu omiti os detalhes porque não poderia dizê-los em voz alta.

— Eu sou um homem muito brilhante. — Ele fica de lado para me deixar passar pela porta primeiro. — E enquanto você agarrar essa noção, você vai ficar bem.

Nós rimos e era real, mas uma nuvem negra paira sobre nós uma vez que o som é roubado pelo vento.

Kayden

— Este quarto é do tamanho de uma caixa, — comento sobre o pequeno quarto do dormitório. Estamos na moradia Downey, um dos quatro edifícios que acolhem os calouros. Há duas camas de solteiro e uma mesa no canto mais distante. Eu posso cobrir o espaço entre as camas em dois passos e um armário na parede distante que mal detém três caixas. — Você tem certeza que não quer alugar um apartamento? Eu vi alguns que são realmente perto do campus no meu caminho.

Luke vasculha através de uma grande caixa escrito "*Porcarias*". — Eu não posso pagar um apartamento. Preciso encontrar um emprego apenas para que eu possa comprar meus livros e outras coisas.

— A bolsa não paga por isso? — Eu pego uma caixa pesada e deixo-a sobre o colchão da minha cama.

Ele pega uma bola da caixa e joga-a no chão. — Isso só cobre a aula.

Eu retiro a fita da parte superior da caixa. — Eu posso ajudar...

Se você precisar de algum dinheiro extra.

Ele balança a cabeça rapidamente com sua atenção imersa em uma coisa dentro da caixa. — Eu não sou um caso de caridade. Se você quer um apartamento, em seguida, vá alugar um. Você não tem que ficar nos dormitórios só porque eu estou. — Ele pega uma estátua de bronze sem cabeça e seu rosto fica vermelho. — Que diabos é isso?

Eu dou de ombros. — Eu não arrumei suas caixas cara.

— Bem, eu fiz e não coloquei isso aqui dentro. — Ele atira para o outro lado do quarto e acaba batendo na parede. — Deus caramba, ela está tentando mexer com a minha mente.

— Não deixe que a sua mãe chegue até você. Você sabe que ela está apenas tentando fazê-lo voltar para casa, para ela não ter que lidar com as coisas por conta própria. — Eu pego a estátua quebrada e saio para o corredor para atirá-la no lixo do lado de fora.

No caminho de volta, vejo Callie andando em minha direção com o cara que ela estava mais cedo e ela está sorrindo de novo. Faço uma pausa no meio do corredor e espero por ela me alcançar, forçando o tráfego de pessoas a se moverem em torno de mim. Ela não me nota, mas seu amigo me vê e sussurra algo em seu ouvido.

Sua cabeça chicoteia em minha direção e ela tropeça para trás como se estivesse com medo que eu estivesse indo atacá-la. Seu amigo põe a mão na parte inferior da sua costa em um gesto reconfortante.

— Oi, — eu começo desajeitadamente, vendo seu nervosismo em minha direção. — Eu não sei se você se lembra de-

— Eu me lembro de você, — ela me interrompe, seus olhos azuis cintilando na cicatriz na minha bochecha. — Como eu poderia não me lembrar de você? Nós nos conhecemos desde que éramos crianças.

— Certo, — eu digo, sem saber como responder a sua atitude arisca. Ela não agiu desta forma naquela noite. — Essa foi apenas a minha maneira de iniciar a conversa.

Seus lábios se formam um 'O', então ela fica em silêncio, mexendo com a cinta em sua jaqueta de grandes dimensões.

Seu amigo olha para ela e, em seguida, estende a mão para mim. — Eu sou Seth.

Eu aperto sua mão com o meu olhar ainda em Callie. - Kayden.

— Você vai ter que perdoar Callie. — Seth dá um tapinha suavemente em seu ombro e ela estremece. — Ela está se sentindo um pouco fora do lugar hoje.

As pálpebras de Callie se apertam enquanto ela estreita os olhos para ele. — Não, eu não estou. Me sinto bem.

Seth pressiona-a com um olhar cedendo e range através de seus dentes, — Então talvez você devesse dizer alguma coisa. Talvez algo bom.

— Oh. — Ela concentra sua atenção de volta em mim. — Me desculpe... Eu quero dizer... — ela para, xingando baixinho. — Oh meu Deus, o que há de errado comigo?

Seth suspira, como se tivesse acostumado a seu comportamento estranho. — Você está apenas começando a escola hoje? — Ele me pergunta.

— Sim, eu estou aqui com uma bolsa de futebol. — Eu olho-o, questionando se ele já tocou em uma bola de futebol.

Ele arqueia as sobrancelhas, balançando-se nos calcanhares, fingindo interesse. — Ah, eu vejo.

A franja de Callie vibra longe da sua testa enquanto ela deixa escapar um suspiro lento. — Temos que ir. Temos planos para jantar. Foi bom falar com você, Kayden.

— Você poderia vim conosco, — Seth oferece, ignorando o olhar assassino que Callie dá a ele. — Se você quiser. É apenas um lugar novo que vamos checar.

— É um Sushi. — Callie encontra o meu olhar pela primeira vez. Tristeza e desconfiança possuem suas pupilas e eu quase quero abraçá-la para afastar sua

dor. É um sentimento estranho, já que eu nunca abracei ninguém, exceto Daisy e eu só a abraçava quando era obrigado. — Eu não tenho certeza se vai ser bom.

— Eu gosto de Sushi. — Eu olho por cima do meu ombro para a porta aberta do meu dormitório. — Mas eu teria que levar Luke, se estiver tudo bem? Luck era o running back ^{3}dos Broncos.

— Eu sei quem ele é. — Ela engole em seco. — Ele pode vir, eu acho.

— Só um segundo. Deixe-me ver se ele está a fim. — Eu volto para o quarto onde Luke está sentado em sua cama desfeita, em meio a uma pilha de papéis. Eu bato no batente da porta enquanto inclino minha cabeça para dentro. — Você está a fim de comer algum Sushi?

Seus olhos se elevam dos papéis para mim. — Sushi? Por quê?

— Porque Callie Lawrence apenas nos convidou, — eu digo. — Ou bem, seu amigo fez... Você se lembra dela ser arisca?

Ele enfia os papéis em uma gaveta da cômoda, mas amassa um pequeno e joga-o no lixo. — Sim, ela começou a agir assim em torno da sexta série. Era como se em um minuto ela fosse normal e, em seguida, no minuto seguinte ela agisse foddidamente estranho.

Minhas mãos caem para o meu lado e eu me inclino para trás, olhando para o corredor onde Callie está sussurrando algo para Seth. — Eu não me lembro disso. Quero dizer, me lembro dela ser tipo normal e, em seguida, realmente não me lembro dela em tudo. Ela realmente não saía com ninguém?

— Não realmente. — Ele dá de ombros. — O que há com essa obsessão com ela agora?

— Não é uma obsessão. — Ele me irrita com a acusação. — Eu nunca ficaria obcecado com ninguém. Eles apenas ofereceram e eu aceitei para ser educado. Se você não quiser ir, então não precisa.

Ele enfia a carteira no bolso de trás. — Eu não me importo se nós vamos. Se eu pude fazer através de toneladas de pânico nos jantares com Daisy, tenho certeza que posso jantar com uma garota com quem estudei e mal disse uma palavra.

Eu me sinto como um idiota. Ele parece se lembrar mais sobre Callie do que eu e eu deveria saber mais sobre a garota que me salvou de tantas maneiras que não sei se um dia vou ser capaz de explicar a ela.

Callie

— Estou tão brava com você, — Eu assobio sob a minha respiração para Seth, enquanto nós andamos em frente ao estacionamento escuro em direção ao restaurante que é iluminado por luzes fluorescentes. Nós quatro viemos para restaurante no mesmo carro e o silêncio era suficiente para me fazer querer puxar meu cabelo para fora. - Por que você os convidou?

— Para ser educado. — Ele dá de ombros e balança o braço em volta de mim. — Agora relaxe, minha adorável Callie, e vamos ser mais sociáveis como diz a nossa lista. Na verdade, podemos riscar o convidar alguém diferente para jantar.

— Eu vou queimar essa da lista quando voltarmos. — Empurro as portas de vidro e passo pela porta para a atmosfera sufocante do restaurante. A maioria das cabines estão vazias, mas o bar está bastante lotado, com um grupo de garotas que usam casacos de penas e tiaras, como se estivessem em uma festa nupcial.

— Não, você não vai. Agora relaxe e tente fazer uma pequena conversa, — ele responde e se inclina para a anfitriã, descansando seu braço em cima do balcão. — Oi, existe algum lugar disponíveis no bar?

Ela ri, torcendo uma mecha do seu cabelo vermelho em torno de seu dedo, enquanto percorre uma lista, completamente louca por Seth. — Deixe-me ver.

Seth coloca um hortelã em sua boca e revira os olhos para mim de cima do seu ombro. — Uau.

Eu sorrio para ele, em seguida, volto-me para Luke e Kayden, mas não consigo encontrar nada para dizer. Eu não ajo bem na frente de caras, com exceção de Seth. Eu desejo poder, mas minhas lembranças simplesmente não deixam.

Luke arranca uma folha de cera fora da planta artificial perto da porta. — Eu pensei que Laramie era uma cidade de festas, pelo menos parecia ser.

Eu aponto para a janela à minha direita. — É mais para baixo. Há um monte de clubes e outras coisas.

Com seu cabelo marrom, uma tatuagem em torno do seu antebraço, e intensos olhos castanhos, Luke sempre pareceu que estava prestes a começar uma briga e isso faz eu querer me esconder. — Então você sabe onde elas são?

— Já ouvi falar aonde elas são. — Eu espreito pelo canto do meu olho para Kayden. Ele está me ouvindo atentamente enquanto se inclina contra a porta, com os braços cruzados sobre o peito. Por que ele está me olhando assim? Como se realmente me visse. — Mas eu não vou muito a elas.

— Sim, você nunca foi realmente uma garota de festas, não é? — Luke joga a folha no chão.

— Na verdade, ela meio que era ao mesmo tempo, — Kayden intervém com uma expressão de orgulho no rosto. — Eu me lembro agora. Era o início da sexta série e minha mãe era suposta a levar o bolo, mas ela esqueceu ou algo assim... Eu acho que era seu aniversário.

— Eu estava completando doze anos. — Minha voz sai sem fôlego quando as imagens dos balões, confetes, e a decoração toda rosa, mas, em seguida, acabou em uma poça de sangue. — E isso não faz de mim uma garota de festas, apenas uma garota que queria uma festa de aniversário... Isso é tudo o que eu queria.

Eles olham para mim como se eu tivesse perdido minha mente e tento fazer mentalmente meus lábios formarem palavras, mas eles estão unidos por memórias dolorosas que esmagam meu coração.

— Ok, eu consegui uma mesa para nós, mas não é no bar. — Seth diz e coloca um braço em volta do meu ombro. — O que está acontecendo? Você parece enjoada.

Eu pisco várias vezes e, em seguida, forço um sorriso. — Eu só estou cansada.

Ele sabe que eu estou mentindo, mas não vai me pressionar na frente de Kayden ou Luke. — Então nós provavelmente devemos voltar mais cedo.

A anfitriã nos introduz à nossa mesa e deixa os cardápios para nós olharmos, junto com quatro copos de água gelada, ostentando um sorriso para Seth antes de se dirigir de volta para frente. Minha visão é obscurecida por

pensamentos sombrios que eu tento não pensar por enquanto, e eu não consigo ver uma única palavra no cardápio. Pressiono as palmas das minhas mãos nos meus olhos e pisco.

— Eu acho que preciso admitir uma coisa, — Kayden anuncia. Quando eu olho para ele, um sorriso lento se transforma em seus lábios. — Eu não gosto de Sushi. Na verdade, meio que me assusta.

— Eu também. — Concordo com um sorriso tímido. — É estranho que ele não seja preparado na hora.

— Ela nunca comeu isso, — Seth divulga, virando a página do seu cardápio. — Então, tecnicamente, ela não pode dar uma opinião.

— Eu acho que ela pode dar sua opinião. — A partir de debaixo da mesa, o joelho de Kayden escova o meu, seja acidental ou não, eu não tenho certeza. Envia um fluxo quente de calor pelo meu corpo que faz com que meu estômago dê cambalhotas. — Parece uma valiosa opinião.

Eu não sei como reagir ao seu elogio, então mantenho meus lábios apertados.

— Eu não estou dizendo que não é valioso, — explica Seth. — Só que ela não pode dizer que não gosta se nunca tentou experimentar. É um código que eu vivo.

Eu estou bebendo a minha água e uma risada escapa, me fazendo engasgar com um pedaço de gelo. — Oh meu Deus.

Seth dá um tapinha na minha costa com a mão. — Você vai fazer isso?

Eu aceno, pressionando a palma da mão no meu peito. — Sim, sem mais piadas enquanto eu estou bebendo algo, embora, ok?

— É o que eu faço. — Há um brilho em seus olhos quando ele sorri diabolicamente para mim. — Mas eu vou manter meu tom mais baixo.

— Merda, eu deixei meu celular no carro. — Luke bate a mão em cima da mesa e derrama um pouco da água dos nossos copos. — Eu já volto. — Ele se levanta da cabine, caminha pelo corredor, e sai pelas portas da frente.

Voltamos para os nossos cardápios enquanto Seth pula da cabine. — Eu tranquei o carro. Ele não vai conseguir entrar dentro dele. — Ele corre em direção à porta, tirando as chaves do bolso.

— Luke realmente foi fumar, — Kayden me diz, girando o saleiro entre as palmas das suas mãos. — Ele só não gosta de admitir isso para as pessoas que não conhece. Ele é estranho sobre isso.

Eu balanço minha cabeça para cima e para baixo, sem olhar para ele. — Assim como Seth, provavelmente. Ele geralmente faz isso no carro, mas estava sendo educado.

— Ele poderia ter feito. — Kayden ri e seus olhos acendem. — Luke fuma no meu carro desde que tinha dezesseis anos.

Incapaz de me ajudar, eu sorrio com a ideia enquanto mexo com a borda de um guardanapo.

— O que é tão engraçado? — Kayden cruza os braços em cima da mesa e a parte inferior da manga da sua camisa sobe. Linhas brancas pequenas cobrem a parte de trás dos seus pulsos e ele rapidamente empurra as mangas para baixo para ocultá-los. — Vamos lá, compartilhe tudo o que está fazendo você sorrir assim.

— Não é nada. — Eu levanto meu olhar de volta para ele. — Eu estava pensando sobre o que meu pai teria dito se descobrisse que o seu running back era um fumante.

Acho que ele sabia. — Kayden inclina-se sobre a mesa, aproximando-se de mim. — Ele sempre parecia saber tudo o que fazíamos de errado, mas nunca disse nada sobre isso.

— Sim, talvez ele saiba, eu acho. Ele pegou meu irmão fumando uma vez e o deixou de castigo por um longo tempo. — Por que eu estou falando com ele assim? Não é como eu. Atiro meu queixo para baixo e concentro-me na lista de aperitivos.

— Callie, eu sinto muito, — ele diz abruptamente, achatando a palma da mão sobre a mesa, deslizando até a minha. Quando seus dedos escovam meus dedos, eu quase sufoco até a morte.

— Por quê? — Eu solto um som estrangulado.

— Por não dizer obrigado... Naquela noite. — Ele cobre sua grande mão em cima da minha.

Por um segundo, eu gosto de sentir o seu calor, mas então sou jogada de volta para o lugar trancado dentro da minha mente, presa e impotente.

— Está tudo bem. — Eu puxo a minha mão e escondo-a debaixo da mesa. Meu pulso acelera enquanto olho para o cardápio. — Você estava tendo uma noite difícil.

Ele não diz nada enquanto move sua mão. Eu não olho para ele, porque não quero ver o olhar de desgosto em seus olhos.

— Se eu perguntasse-lhes se eu poderia ter um hambúrguer, você acha que eles vão me fazer um? — Ele pergunta, despreocupadamente mudando de assunto.

Eu viro a página do cardápio, com as sobrelhas franzidas. — Será que eles têm hambúrgueres?

— Não, eu estava brincando. — Ele me observa do outro lado da mesa. — Posso te perguntar uma coisa?

Eu aceno com cautela. — Claro.

— Por que é que você veio para a faculdade mais cedo? — Ele pergunta. — A maioria das pessoas querem ficar em casa no verão.

Eu dou de ombros. — Eu realmente não tenho nada para mim lá, exceto os meus pais e só parecia que era hora de ir.

— Você não tem um monte de amigos, não é? — Máscara de recordação assume seu rosto quando ele começa a colocar os pedaços da minha vida triste juntos.

Felizmente, Seth e Luke se juntam a nós na mesa antes que ele possa tentar desenterrar mais detalhes. Eles cheiram a cigarro e parecem euforicamente felizes.

— Não, não têm realmente muitas no campus. — Seth diz a Luke enquanto se senta e desenrola o guardanapo de todo o talheres. — E se fizerem, a segurança geralmente interfere.

Luke gira um display de plástico pequeno, com fotos de cerveja nele. — Sim, essa merda acontecia o tempo todo em nossa escola. Como no tempo que tivemos uma enorme fogueira, e os policiais apareceram e prenderam todos.

— Que tipo de problemas você se meteu? — Seth pergunta, verificando o relógio em seu pulso.

— Não muitos. — Luke coloca um palito na boca. — Os policiais em nossa cidade costumam aliviar para os jogadores de futebol.

— Claro, — Seth murmura, dando-me um olhar de soslaio, e eu ofereço-lhe um sorriso simpático.

O pé de Kayden continua batendo no meu por baixo da mesa e quero pedir-lhe para parar, mas não posso nem mesmo fazer contato visual com ele. Eu fico perturbada porque parte de mim está gostando. Estou perdendo o controle sobre meus sentimentos e preciso desesperadamente tê-los novamente.

A garçonete retorna e anota nossos pedidos. Eu tento fazer o meu melhor e encomendar uma refeição inteira com a intenção de comer tudo. Quando a comida chega no entanto, meu estômago embrulha, e eu posso dizer imediatamente que vou fazer isso, assim como eu sempre faço.

CAPÍTULO 3

#52 Dê uma Chance Pelo amor de Deus

Kayden

Passou-se uma semana desde que a escola começou. As aulas são um pé no saco. Eu fui advertido de que a faculdade seria mais difícil, mas nunca me preparei para a quantidade de trabalho que seria exigido. Entre isso e o treino, não sobrava nada para mim me concentrar em qualquer outra coisa na minha vida.

Eu já cruzei com Callie duas vezes desde que comemos no restaurante, e cada vez mais ela me evita. Ela está na minha aula de Biologia, mas senta-se na parte de trás, tão longe de qualquer outra pessoa, concentrando-se em seu papel e caneta. A garota tem que ter um caderno cheio de notas com a forma como ela é obcecada com ele.

Eu tento não olhar para ela, mas a maior parte do tempo eu não consigo me parar. É fascinante observar como ela é alheia a todos. Seria bom se perder em pensamentos, em vez de sempre se preocupar com qualquer outra merda.

Eu estou me preparando para ir para a aula, dizendo a mim mesmo que preciso deixar Callie em paz, quando recebo um telefonema do meu pai.

— Você deixou sua merda na minha garagem, — é a primeira coisa que ele me diz.

— Desculpe. — Peço desculpas, me forçando a respirar enquanto pego meus livros. — Mas a mamãe disse que eu podia.

— Sua mãe não tem nenhuma palavra a dizer nesta casa. —

Ele diz bruscamente. — Se você queria manter sua merda aqui, deveria ter me perguntado. Deus, quantas vezes você tem que foder tudo?

Eu quero discutir, mas ele está certo. Eu fodo até mais do que sei. Eu deixo-o falar por mais 15 minutos, e ele me faz sentir como a porra de uma criança outra vez.

Depois que eu desligo, olho para o espelho acima da cômoda, analisando cada cicatriz no meu rosto até que apenas se parecesse com uma grande cicatriz. De repente, toda essa raiva derrama para fora de mim e eu chuto a merda fora do armário até que uma das gavetas cai. As coisas de Luke se espalham por todo o chão; isqueiros, fotos, algumas ferramentas, e uma lâmina de barbear. Ele odeia quando sua merda fica desorganizada e vai enlouquecer se voltar e ver esta bagunça.

Eu rapidamente coloco tudo de volta no lugar, tentando fazer com que pareça ordenado, e finjo não perceber o elefante branco me olhando na cara enquanto o recolho do chão. Mas é tudo o que posso pensar enquanto o seguro na palma da minha mão, implorando-me para usá-lo.

Minha mão treme enquanto minha mente voa de volta a um tempo em que eu não era assim; onde eu pensei que talvez, apenas talvez, tudo não tinha que girar em torno da dor.

Meu irmão mais velho, Tyler e eu estávamos brincando na garagem. Ele tinha uns dezesseis anos e eu tinha oito. Ele estava trabalhando em uma motocicleta que havia comprado com o dinheiro que tinha guardado do seu emprego de verão.

— Eu sei que é uma espécie de pedaço de merda, — ele diz para mim, enquanto pega uma chave de fenda na caixa de ferramentas no canto. — Mas isso vai me levar a lugares longe daqui, que é tudo o que eu fodidamente quero.

Ele tinha lutado com meu pai durante todo o dia, tinha um hematoma gigante no braço e cortes em suas juntas. Eu tinha ouvido eles discutindo e, em seguida, eles estavam batendo um no outro. Era normal embora. Minha vida.

— Por que você quer ir embora? — Pergunto, vagando ao redor da moto. Não era brilhante nem nada, mas parecia que poderia ser divertido. E se poderia levar alguém daqui, então tinha que ser algo especial. — É por causa do papai?

Ele joga a ferramenta de volta na caixa com bastante força e passa as mãos pelo longo cabelo marrom, o que o faz parecer uma pessoa sem-teto, ou pelo menos é o que o meu pai dizia. — Um dia, amigo, quando você estiver um

pouco mais velho, você vai perceber que tudo nesta casa é uma grande mentira do caralho e vai querer dar o fora daqui, não importa o que custar.

Eu piso em uma caixa e subo em cima da moto, agarrando os guidões enquanto balanço minha perna curta sobre ela. — Você vai me levar com você? Eu quero ir embora também.

Ele caminha para parte de trás da moto, ficando de cócoras para verificar os pneus. — Sim, amigo, eu vou.

Eu empurro o acelerador, fingindo dirigir, e por um segundo eu vejo a possibilidade de uma vida sem dor. — Você promete?

Ele balança a cabeça, mexendo com o medidor de pressão de ar. — Sim, eu prometo.

Descobri que meu irmão era um mentiroso como qualquer outra pessoa naquela casa. Ele acabou indo embora, e me deixando para trás, porque se transformou em um bêbado, pois assim lidaria com a vida. Alguns anos mais tarde, meu outro irmão, Dylan, formou-se e mudou-se para fora de casa. Ele mudou seu número, nunca disse a ninguém para onde estava indo, e ninguém ouviu falar dele desde então.

Eu tinha doze anos na época e era a única criança na casa, o que significava que eu era o principal foco de raiva do meu pai, algo que ele deixou claro para mim na noite em que Dylan embalou suas merdas e saiu. Os espancamentos antes não eram muito graves; palmadas em todo o rosto, marcas de cinto, e às vezes ele nos socava ou chutava, mas seria apenas o suficiente para que doesse como o inferno, mas poderia ser escondido.

Eu assisti Dylan se afastar da calçada e seu carro sumir na estrada escura, pressionando o meu rosto na janela, desejando que eu estivesse no carro com ele, apesar de Dylan e eu nunca sermos tão próximos. Meu pai entrou, trazendo o ar frio da noite com ele. Ele gritou com Dylan todo o caminho até o carro, dizendo que ele era um idiota de merda por desistir da sua bolsa para jogar futebol e se recusar a estar na equipe.

— Que porra você está olhando? — Ele bate à porta da frente com tanta força que o retrato de família preso na parede cai no chão.

Viro-me no sofá e sento-me, olhando para o retrato no chão. — Nada, senhor.

Ele caminha em minha direção, seus olhos engolidos pela fúria, e eu podia sentir o cheiro de álcool em seu hálito em toda a sala. Ele era maior do que eu, mais forte do que eu, e tinha um olhar em seu rosto que me deixava saber que ele estava prestes a usá-lo para sua vantagem e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Eu sabia o que fazer. Levantar-me e me esconder, caso contrário ele não teria tempo para se acalmar. Mas eu não podia me mover. Fiquei pensando sobre meus irmãos que se foram e tinham me deixado para trás como uma camisa velha. Nós nos costumamos a estarmos juntos nessa, agora era só eu. Começo a chorar, como a porra de um bebê estúpido, e sabia que isso só estava indo irritá-lo mais.

— Você está chorando? O que diabos há de errado com você? — Ele não diminui sua força quando levanta o punho e bate no meu ombro.

A dor que se espalha pelo meu pescoço e pelo meu braço chupa meu oxigênio para fora em um piscar de olhos e eu caio no chão, piscando os pontos negros longe dos meus olhos.

— Levante-se! — Ele chuta meu lado, mas eu não podia levantar-me. Minhas pernas haviam desistido de mim e com cada batida do seu sapato, fazia algo dentro de mim morrer. Eu não me incomodo nem mesmo em dobrar minhas pernas para me proteger. Apenas deixo a dor assumir, permitindo adormecer até a dor ser deixada para trás. — Você é tão inútil! Pelo menos seus irmãos lutavam. Mas o que você é? Nada! É tudo culpa sua! — Outro chute, desta vez contra o meu intestino e a dor sobe na minha cabeça.

— Levante-se! Levante-se. Levante-se... — Sua bota bate no meu intestino e sua voz fica suplicante. Como se fosse tudo culpa minha e ele queria que eu o fizesse parar. E talvez a culpa fosse minha. Tudo o que eu tinha que fazer era levantar. Mas até mesmo algo tão simples eu não conseguia fazer direito.

Foi a pior surra que eu já tive, como se ele tivesse canalizado toda sua frustração com os meus irmãos e dirigido tudo em mim. Minha mãe me manteve fora da escola por duas semanas, enquanto eu me curava, dizendo a escola, a família, amigos e vizinhos, que eu estava com dor de garganta e que era altamente contagiosa.

Fiquei na cama quase todo o tempo, sentindo meu corpo curar, mas minha mente e vontade de viver morreram, sabendo que nunca iria ficar melhor, que

era isso para mim.

Eu afasto o pensamento quando me sento no chão e levanto a minha camisa. Jurei que quando eu fosse para a faculdade, eu desistiria da porra desse hábito. Mas acho que é dono de mim mais do que eu pensava.

No dia seguinte na classe de Biologia, estou tentando me manter o mais imóvel possível para manter a dor na minha barriga contida, mas continuo olhando para trás de mim, para Callie, que parece alheia comigo me transformando em um stalker.

Professor Fremont leva o seu tempo doce encerrando sua palestra. Até o momento que eu vou para o corredor, que está repleto de pessoas. Estou bloqueando a porta, tentando determinar se eu quero pular minha próxima aula ou não, quando alguém bate em minhas costas.

— Oh meu Deus. Eu sinto muito. — Callie se desculpa, afastando-me como se eu fosse um criminoso. — Eu não estava prestando atenção para onde eu estava indo.

— Você não tem que se desculpar. Eu prometo que estou perfeitamente bem, mesmo que você tenha me batido. — Eu lhe dou um sorriso enquanto me inclino para o lado, para que as pessoas pudessem passar. Minha barriga dói, meus músculos queimam.

— Eu sinto muito, — Callie repete e, em seguida, fecha os olhos, balançando a cabeça para si mesma. — Eu só tenho um mau hábito de repetir as coisas.

— Está tudo bem, mas talvez você devesse trabalhar para quebrá-lo, — sugiro, apoiando a mão no batente da porta. Seu cabelo castanho está puxado para cima e mechas finas penduradas em torno do seu rosto. Ela está usando jeans, uma camiseta roxa lisa e pouca maquiagem. Seus seios não estão saindo da sua blusa e a calça jeans não é apertada para mostrar suas curvas, como a forma que Daisy se veste todos os dias. Não há nada para checar, mas eu me vejo realmente olhando para ela.

— Estou tentando, mas é difícil. — Ela olha para o tapete marrom, tão tímida e inocente. A garota parece que precisa de um milhão de abraços para

apagar toda a tristeza que está transportando em torno dos seus ombros. — Os hábitos são muito difíceis de quebrar.

— Posso levá-la para algum lugar? — Eu pergunto, sem sequer pensar sobre o que estou fazendo ou o quais serão as consequências. — Eu realmente quero dizer muito obrigado por, bem, você sabe, pelo que você fez.

Suas pálpebras se abrem e meu coração salta uma batida. Isso nunca aconteceu antes e isso me joga em um estado momentâneo de vertigem. — Eu realmente deveria encontrar Seth em apenas alguns minutos, mas talvez alguma outra hora, — ela diz evasivamente e começa a andar pelo corredor, balançando a bolsa por cima do ombro.

Eu caio em passo com ela. — Sabe, ele é uma pessoa interessante. Nós temos aula de Inglês juntos e ele sempre levanta a mão, só para dar a resposta errada.

Um leve sorriso toca em seus lábios. — Ele faz isso de propósito.

Pressionando a palma da mão contra o vidro, eu mantenho a porta aberta para ela. — Por quê?

Ela bloqueia o sol em seus olhos com a mão enquanto caminha para fora. — Porque está na lista.

Faço uma pausa fora da porta, levantando uma sobrancelha. — Lista?

— Não é nada. — Ela acena a mão para mim com desdém. — Olha, eu tenho que ir.

Ela pega o ritmo, suas pernas finas se deslocam rapidamente enquanto ela me deixa no jardim do campus, com a cabeça enfiada para baixo e os ombros curvados como se estivesse fazendo de tudo para poder ser inexistente.

Callie

Meu quarto do dormitório está localizado no edifício McIntyre, que é o mais alto dos salões da residência. Eu passo meu cartão de identificação no bloqueio para entrar no salão e, em seguida, aperto um código para entrar no meu quarto. De fora da janela, as pessoas parecem pequenas, como se eu fosse um pássaro vendo tudo a partir de uma vista aérea.

Retiro meu diário que mantenho escondido debaixo do meu travesseiro e pego uma caneta. Comecei a escrever nele quando tinha treze anos, como uma maneira de colocar meus pensamentos no papel. Eu não estava pensando em tornar um hobby ao longo da vida, mas me sinto muito melhor quando escrevo, como se meu cérebro estivesse finalmente livre para dizer o que quisesse.

As extremidades da capa estão esfarrapadas e algumas das páginas estão caindo da espiral. Sento-me com as pernas entrecruzadas, e pressiono a ponta da caneta em uma folha limpa.

É incrível como as coisas que você lembra para sempre são as coisas que você preferiria esquecer e as coisas que você quer desesperadamente se agarrar parecem escapar como areia no vento.

Lembro-me de tudo sobre aquele dia, como se as imagens foram colocadas em meu cérebro por um ferro quente. Mas eu gostaria que elas pudessem soprar ao vento.

Há uma batida na minha porta. Suspirando, eu escondo o diário de volta debaixo do travesseiro antes de atender. Seth entra com dois lattes gelados e entrega um para mim.

— Você soava como se precisasse de um desses. — Ele tira a jaqueta, colocando sobre uma cadeira que está na frente da mesa, e sentando-se na cama. — Ok, derrame suas tripas.

— Eu não sei por que ele está falando comigo e me convidando para sair. — Eu caminho pelo chão na frente da minha cama e saboreio a bebida. Há uns esboços e uns cartazes do Rise Against^{2} do lado da parede da minha companheira de quarto, e sua cama está coberta de roupas sujas. — Ele nunca realmente falou comigo antes.

— Quem, Kayden? — Seth pergunta e eu aceno. Ele se levanta da minha cama e percorre a minha lista de reprodução no meu iPod. — Talvez ele goste de você.

Eu paro no meio do quarto e balanço a cabeça, balançando o gelo no copo. — Não, não é isso. Ele tem uma namorada super sacana que pode tocar.

— Ele provavelmente iria tocar em você, se você deixasse, — ele diz e minha respiração prende na minha garganta. — Ok, então nós não estamos lá

ainda.

Defino o café na mesa, afundo na minha cama e dobro minhas mãos debaixo dos meus pés. — Eu não tenho certeza se vou estar lá um dia. Acho que tirei à conclusão de que eu nunca vou ser capaz de lidar em ir tão longe com alguém. Eu posso acabar sendo uma daquelas velhas senhoras com mil gatos e comendo comida de gato da lata.

— Primeiro de tudo, nojento, eu nunca te deixaria se transformar nisso. E em segundo lugar, devemos adicionar à lista. — Ele se senta e pega uma caneta na minha cabeceira.

— Só porque está na lista, não significa que vai acontecer, — eu digo, ele se levanta e marcha até o quadro na parte de trás da porta onde a nossa lista está.

— Sim, acontece, Callie. — Ele sorri, virando a tampa da caneta com o polegar. — Porque é uma lista mágica, cheia de possibilidades.

— Eu gostaria que isso fosse verdade. — Olho para fora da janela para as pessoas que inundam o jardim do campus. — Eu realmente gostaria.

A caneta guincha enquanto ele rabisca algo lá. Quando eu volto minha atenção para ele, ele acrescentou, #52 Dê uma Chance Pelo amor de Deus no fim da lista. Ele clica a tampa, inclina a cabeça e sorri com orgulho da sua esperteza.

— Eu sou surpreendente às vezes. Vou ter que adicionar um presente na minha cópia da lista quando voltar para o meu quarto. — Ele joga a caneta sobre a cômoda e se senta na cama. — Então, qual é a sua chance, Callie? Porque eu sei que você é forte o suficiente para pelo menos tentar.

— Mas e se eu ter uma chance e tudo desmorona? — Pergunto. — E se eu confiar em alguém novamente e essa pessoa roubar algo de mim. Eu realmente não tenho muito antes de ficar vazia.

— Dê uma chance, — ele murmura. — Vamos, Callie, faça isso.

— Você está tentando me pressionar?

— Sim, está funcionando?

— Não na verdade, já que não sei o que você quer que eu faça.

Ele esfrega as mãos com um brilho diabólico em seus olhos. — Eu tenho uma ideia. Você deve encontrar Kayden e aceitar a sua oferta.

— Não, Seth. — Eu puxo meus joelhos para cima e descanso meu queixo sobre eles. — Eu não posso estar perto de pessoas como ele. Eles deixam-me nervosa e me lembra muito do tempo da escola. Além disso, em breve ele vai lembrar o quanto sua namorada me odeia e vai recuar.

— Ele parece bom. — Seth tira o celular do bolso e verifica a tela. — Eu ainda tenho seu número de telefone no meu celular.

Minhas sobrancelhas se arqueiam. — Como?

— Porque eu sou escandaloso. — Ele passa o dedo sobre a tela para ligá-la. Eu me inclino para ele com o meu braço estendido, mas ele pula fora do meu alcance e corre para a porta. — Aqui vamos nós.

Levanto-me e coloco minhas mãos em meus quadris, cavando meus dedos em minha pele, forçando o ar através dos meus pulmões. — Seth, por favor não. Eu não consigo. Não ajo bem em torno de caras.

Ele leva o celular até sua orelha com um olhar severo em seu rosto. — Callie, você tem que lembrar que nem todos os caras são como ele... Olá, é Kayden? — Ele faz uma pausa. — Sim, aqui é Seth. Espere só um segundo. Callie quer falar com você. — Cobrindo o bocal com a mão, ele estende o celular na minha direção. — Dê. Uma. Chance.

Eu removo minhas mãos dos meus quadris e minha pele está pontilhada com marcas das minhas unhas. Eu pego o celular dele, o pulsar irregular por entre meus dedos, os pulsos, e meu pescoço enquanto levo o celular para minha orelha.

— Olá, — eu digo, minha voz é quase um sussurro.

— Oi, — ele responde, parecendo perdido, mas intrigado. — Você precisa de algo?

— Ei, eu estava pensando que talvez... Se eu ainda poderia aceitar a oferta de ir para algum lugar, — eu explico, e Seth gesticula a mão para mim encorajadoramente. — Nós não temos que fazer nada agora, mas talvez mais tarde.

— Eu estava me preparando para sair e explorar a cidade, — ele diz, eu mordo minha unha. — Você quer ir comigo?

Eu aceno, mesmo que ele não possa ver. — Sim, isso soa bem. Devo encontrá-lo lá fora ou algo assim?

— Você se lembra da caminhonete do Luke? — Ele pergunta. — Será que é uma enferrujada que ele costumava ir para escola?

— Sim, essa mesma. Por que você não me encontra lá em dez minutos? Está estacionada perto da entrada lateral.

— Tudo bem, soa bem. — Eu desligo e faço uma cara feia para Seth.

Ele bate as mãos e faz uma pequena dança. — Veja, dar uma chance não é tão ruim. Na verdade, pode ser realmente bom.

— E se eu entrar em pânico, embora? — Eu lhe entrego o celular e agarro um moletom da minha gaveta da cômoda. — E se eu fizer algo realmente bizarro? Eu nunca estive sozinha com um cara estranho antes.

— Você vai ficar bem. — Ele põe as mãos nos meus ombros e me olha nos olhos. — Basta ser a Callie que eu conheço.

Eu fecho a minha jaqueta. — Ok, eu vou tentar malditamente difícil.

Ele ri e depois rodeia seus braços em volta de mim, me puxando para um abraço. — E se você precisar de alguma coisa, você pode me ligar. Eu sempre estarei aqui para você.

Kayden não está no estacionamento. Enquanto espero na frente da caminhonete de Luke, assisto os outros alunos saírem apressados das classes e quase enlouqueço. Quando estou pronta para dar um passo no meio-fio para voltar para o meu dormitório, Kayden sai pelas portas laterais do prédio. Ele está falando com uma garota com cabelo preto ondulado.

Ele está usando calça jeans que se penduram abaixo da cintura e uma camisa manga longa, cinza escura. A maneira como ele se move é cativante. Ele tem um monte de arrogância no movimento de seus quadris, mas os ombros dobrados e toda a sua área dos estômago parece rígida, como se andar o deixasse com dor.

Eu volto para perto da caminhonete e espero com os braços cruzados sobre o peito. Quando ele me vê, seus lábios se viram para cima e ele acena um adeus para a garota, que acho que está na minha aula de filosofia.

— Desculpe pelo atraso. — Ele aponta seu polegar por cima do ombro para a garota que ele estava agora pouco. — Kellie precisava de ajuda com uma atribuição de Inglês. Você estava esperando aqui há muito tempo?

Eu deixo meus braços caírem ao meu lado, então dobro-os sobre o meu peito de novo, incapaz de descobrir o que fazer com eles. — Não por muito tempo.

Ele dá um passo para frente e começo a recuar quando ele chega ao meu lado. Mas ele agarra a maçaneta da porta e eu relaxo, evitando que ele possa abri-la.

— Você está bem? — Ele abre a porta e as dobradiças rangem, pedaços de ferrugem caem para fora.

Balançando a cabeça, eu coloco um pé no chão da caminhonete, e entro. O tecido de vinil do assento está desgastado e pica através do meu jeans, arranhando a minha pele. Ele fecha a porta e eu torço minhas mãos em cima do meu colo. É a primeira vez que fico sozinha com um cara em um carro, com exceção de Seth, e meu coração desafia meu peito para aguentar a sua ira.

— Callie, você tem certeza que está bem? — Pergunta, com as mãos em cima do volante. — Você parece um pouco pálida.

Eu forço meus olhos para me concentrarem nele, tentando não piscar muito. — Estou bem. Eu só estou um pouco cansada. As aulas estão me desgastando.

— Eu concordo completamente sobre isso. — Ele me oferece um sorriso que enrugava ao redor dos seus olhos, enquanto começa a ligar o motor. Primeiro um som explosivo e depois sai pela culatra. — Desculpe, a caminhonete de Luke é um pedaço de merda.

Eu abro minhas palmas das mãos suadas e coloco nos meus joelhos. — O que aconteceu com seu carro? Aquele que você usava para ir para a escola. Quis deixá-lo em casa?

Seus músculos da garganta trabalham para engolir um nó. — Meu pai tem uma regra que uma vez que alguém sair de casa, estamos por nossa conta. O

carro foi comprado por ele, assim, portanto, é seu.

Eu aceno, me inclinando cima do meu ombro para pegar o cinto de segurança. — Eu não tenho um carro também. Meus pais me ofereceram o carro velho do meu irmão, mas eu não quis.

— Por quê? — Ele troca a marcha e os pneus rolam para frente. — Parece que a vida seria mais fácil se você tivesse um.

Eu clico a fivela na fechadura e, em seguida, observo as árvores passando por nós, enquanto dirigimos para a rua e nos afastamos do campus. — Parecia muita responsabilidade, eu acho. Além disso, eu realmente não estava pensando em sair muito do campus.

Ele liga os limpadores para lavar a sujeira do para-brisa. — Eu meio que tenho uma pergunta e sinto-se livre para não responder. — Ele hesita. — Como é que você nunca saio com ninguém na escola? Depois que eu comecei a pensar sobre isso, não me lembro de você fazendo qualquer coisa.

Eu arranho a parte de trás do meu pescoço até picar. — Isso é porque eu não fiz nada.

Ele me olha, esperando que eu explicasse, com os olhos em mim em vez da estrada, mas eu não posso dizer-lhe qualquer coisa. É o meu segredo e eu vou levá-lo para o túmulo da vergonha.

— Há um lugar realmente incrível que eu ouvi falar, onde você pode levantar-se nas colinas e ver a cidade inteira, — ele diz. — Eu estava pensando que poderíamos ir até lá. Não é muito longe para uma caminhada.

— Uma caminhada? — Eu questiono. — Tipo, nós vamos caminhar até uma montanha?

Ele ri e me sinto como um idiota. — Sim, tipo nós vamos caminhar até uma montanha e tudo mais.

Eu torço o nariz para as minhas botas marrons que se dobram no topo. Elas são de um tamanho muito pequeno e apenas uma caminhada em torno do campus me causaria bolhas. — Ok, acho que nós podemos ir para uma caminhada.

Seus lábios se partem como se ele iria começa a dizer algo, mas seu celular começa a tocar dentro do seu bolso. Suas sobrancelhas diminuem à medida

que lê o nome na tela brilhante. — Você pode ficar quieta por um segundo? — Pergunta com uma cara de culpado.

Concordo com a cabeça, olhando para o seu celular. — Claro.

— Ei querida, o que foi? — Ele responde e eu posso ouvir a voz de Daisy na outra extremidade.

— Então não diga isso a eles e talvez eles não vão ficar bravos. — Kayden faz uma pausa. — Sim, eu sei. Também sinto sua falta. Eu não posso esperar até a pausa para voltar para casa... Não, eu não tenho um smoking ainda.

Uma pitada de ciúme queima em meu coração. Quando eu era jovem, sonhava em ir ao baile e usar um vestido bonito com muitos brilhos sobre ele. Eu até queria uma tiara, que bobagem parece agora.

— Eu também te amo. — Ele afirma categoricamente e, em seguida, rapidamente desliga o celular.

Meu ciúme levanta e eu deixo escapar um suspiro que eu não tinha percebido que estava segurando.

Ele joga o celular no assento entre nós. — Essa foi a Daisy... Você conhece Daisy McMillian, certo?

— Sim, um pouco.

— Pelo seu tom, eu estou supondo que você não gosta dela.

— Por que acha isso?

Suas mãos agarram o volante enquanto seus olhos me avaliam. — Porque a maioria das pessoas não gostam.

— Se for esse o caso, então por que você sai com ela? — Eu pergunto, querendo saber de onde essa coragem está vindo.

Ele dá de ombros, sua mandíbula rígida. — Ela é uma boa amiga. Me mantém feliz na maior parte do tempo.

— Oh, desculpe. Eu estou sendo insistente, não estou? — Eu aperto a borda do meu cinto de segurança enquanto ele passa por uma estrada de terra com grandes buracos e uma queda muito acentuada do lado dele. Virando para as montanhas que são verdes com árvores e grama.

— Você não estava sendo insistente. Eu estava lhe fazendo perguntas primeiro. — Ele aperta sua mandíbula e seus dedos amassam o volante.

Ficamos quietos o resto do caminho e eu devo ter dito alguma coisa que o perturbou. As rodas em sua cabeça estão girando enquanto sua mente classifica através de algo complexo.

Quando chegamos até o morro, ele gira o volante para a direita e vira o caminhão em direção a uma estrada. Há uma longa vala em frente à entrada e ele gradualmente desacelera. A caminhonete estremece e, em seguida, ele acelera novamente, sacudindo-nos da esquerda para a direita. Quando estamos em terra plana novamente, ele dirige em direção as árvores e dirige mais algumas polegadas a frente até que estivéssemos próximos a colina, em seguida, empurra a marcha e desliga o motor.

A colina íngreme se inclina para cima em frente de nós e há grafites na rocha em várias cores sobre datas, letras, poemas e declarações de amor. Há outros veículos estacionados próximos a nós e na estrada. As pessoas no caminho e no topo da colina. Estou feliz que não estamos sozinhos, mas não gosto que há um monte de gente. É o tipo de problema.

Ele vira a maçaneta e mantém a porta aberta com o cotovelo. — Eu prometo que não é tão longe. Pelo menos isso é o que me disseram. Se acabar sendo muito intenso, apenas deixe-me saber e nós podemos voltar.

— Ok, eu vou. — Abro minha porta e coloco meus pés para fora, evitando uma poça. Eu encontro-o na frente da caminhonete e enfio minhas mãos em meus bolsos, que são revestidos com tecido macio e a sensação me traz conforto, porque me lembra de um ursinho de pelúcia.

Nós caminhamos até a estrada de terra e passamos por um casal sentado em uma rocha com botas e mochilas. Eles acenam para nós e Kayden retorna o aceno enquanto eu olho para uma rocha que está manchada de tinta.

— O que é isso? — Eu pergunto em voz alta e leio uma das citações. “Aproveite o dia, segure-o, e faça o que quiser.”

Ele se esquiva ao lado do caminho para evitar um grande buraco e seu ombro acidentalmente esbarra no meu. — Eu acho que é uma tradição para os veteranos da UW virem aqui e escreverem palavras de sabedoria para todos os futuros veteranos.

— Suba na rocha e progrida. — Eu olho para ele, meus lábios se arqueando. — Isso é muito profundo.

Ele ri e linhas formam ao redor de sua boca. — Eu nunca disse que todos colocavam palavras de sabedoria, mas apenas ouvi dizer que é o suposto a fazer.

Eu caminho em direção a colina rochosa para colocar um pouco de distância entre nós. — Parece uma boa ideia. Marcar o fim com o que quiser.

— Não é? — Ele pula sobre uma rocha maciça, suas longas pernas se estendem enquanto ele cai em cima dela, e depois salta para o outro lado. Ele está ofegante, sorrindo, e orgulhoso de si mesmo. — É uma espécie da coisa toda da fogueira em Afton, onde nós escrevemos nossos pensamentos em um pedaço de papel e depois os queimamos.

— Eu nunca fui para isso, — eu admito, cerrando os punhos. Se eu tivesse, teria sido torturada por pessoas sussurrando que eu era um adoradora do diabo que nunca comia nada. Porque o meu cabelo cortado, delineador preto excessivo e comportamento anti-social só poderia ter sido obra do diabo.

— Oh. — Ele me examina por um tempo, eu finjo não notar. — Callie, eu gostaria de conhecê-la. Quero dizer, você salvou a minha vida e eu não sei nada sobre você.

Eu arranco uma folha de um arbusto e rasgo-a no meio irritada. — Não há muito para saber, realmente. Eu sou meio que uma pessoa chata.

— Eu duvido que isso seja verdade. — Ele chuta uma pedra sobre do penhasco. — Que tal eu te dizer uma coisa sobre mim e, em seguida, você pode me dizer algo sobre você?

— Que tipo de coisas?

— O que você quiser.

Nós paramos quando chegamos ao final do caminho. Chegamos a uma área delimitada por montes rochados e há um enorme penhasco pavimentado por bordas que se parecem com escadas. É íngreme, mas escalável.

— Como é que vamos chegar lá? — Eu deixo cair a folha no chão e inclino a cabeça para olhar para o topo.

Esfregando as mãos, ele agarra a rocha e pressiona seu sapato no chão. — Nós vamos subir. — Com um salto do seu joelho, ele salta para cima, como se estivesse subindo uma parede de pedra. Depois que ele está na metade do caminho, ele olha por cima do ombro para mim. — Você vem?

Eu olho para trás de mim, o caminho descendo a colina, e, em seguida, volto para o precipício. Dê uma chance pelo amor de Deus. Mesmo que eu tenha medo de altura, aperto a borda grossa, salto para os dedos dos pés, e inclino-me para cima. Posicionando cada um dos meus pés em uma borda, eu manobro o meu caminho até a próxima, ficando tonta enquanto subo. Quando olho para baixo, eu congelo com medo de cair contra as rochas abaixo. O vento se esgueira pelo meu cabelo e mechas escorregam do elástico.

— Você consegue fazer isso? — Ele coloca as mãos nos quadris como se fosse o rei do mundo, o que seria um trabalho extraordinário, se ele existisse. Eu poderia usar uma coroa e todos teriam que me ouvir. Se eu dissesse para ficarem longe, em seguida, eles ficariam.

Eu inalo pelo nariz e movo minha mão para a próxima etapa. — Sim... — Quando meus dedos escorregam, eu aperto meus olhos com força e minhas costas se curvam para frente. Eu não vou cair, mas isso me faz sentir impotente e não consigo me mover.

— Porra, Callie, — ele diz. — Me dê sua mão.

Meus dedos agarram outra borda e eu aperto enquanto o meu fluxo de ar diminui. Tontura passa através do meu cérebro e meus joelhos tremem, prestes a cederem debaixo de mim.

— Callie, abra os olhos, — diz Kayden em uma voz suave, mas de comando e eu abro uma pálpebra. Ele desceu e está com os pés bem acima da minha cabeça, com seu longo braço estendido em minha direção. — Dê-me sua mão e eu vou ajudá-la a subir.

Eu olho para sua mão como se fosse o diabo, porque é isso que as mãos podem ser; elas podem te possuir, podem te prender, te tocar sem permissão. Mordendo meu lábio, eu balanço minha cabeça. — Eu posso fazer isso sozinha. Eu só fiquei fora por um momento.

Ele suspira e os músculos do seu braço relaxam. — Você tem medo de altura, não é?

Eu me inclino para frente, até que meu corpo esteja pressionado contra as rochas pontiagudas. — Um pouco.

— Dê-me sua mão, — ele repete, sua voz é suave, mas seus olhos são exigentes. — E eu vou ajudá-la a chegar ao topo.

O vento forte e a poeira acertam meu rosto. Meu corpo se aquece com meus nervos quando fecho meus olhos e coloco minha mão na sua. Nossos dedos se entrelaçam, uma onda de choque passa através do meu braço, e meus olhos levantam-se para ele.

Segurando com força, Kayden puxa-me para cima, os músculos flexionados até que eu esteja na próxima etapa.

Planto meus sapatos contra chão e ele me dá um momento antes de puxar meu braço novamente e me levantar para a próxima etapa. Quando ele chega ao topo, ele me solta, mas apenas para se levantar. Em seguida, estende a mão sobre a borda e eu agarro-a, confiando novamente enquanto ele me puxa para cima. Eu tropeço e meus sapatos raspam contra a sujeira enquanto trabalho para recuperar a minha firmeza.

Sua mão vem em torno da minha costa e me toca logo acima da cintura para me firmar. Meu corpo enrijece como uma mistura de emoções através de mim. Eu gosto que ele esteja me tocando, a delicadeza dos seus dedos, e o calor da sua proximidade. Mas então minha mente volta para uma grande mão empurrando minhas costas até que eu pousasse em uma cama.

Eu giro ao redor com os olhos ampliados, os fios do meu cabelo flutuam na frente do meu rosto. — Não me toque, por favor.

— Está tudo bem, — ele diz com as mãos para frente e um olhar cauteloso em seu rosto. — Eu só estava ajudando você a obter seu equilíbrio.

Eu me estico para ajustar o elástico no meu cabelo. — Eu sinto muito... é só que... que não tem nada a ver com você, eu juro. Eu só tenho problemas.

Ele abaixa as mãos para seu lado e me olha por mais tempo. — Eu não quero ser insistente, mas você parece meio nervosa. Posso... Você se importa se eu perguntar por quê?

Fixo meu olhar em um ponto de vista sobre seu ombro. — Eu prefiro não.

— Ok, — ele diz simplesmente e enfrenta a abertura do penhasco.

Eu movo-me ao seu lado, deixando um pequeno espaço entre nós. As colinas rolam para milhas; verde, florescente, pontilhada com árvores e caminhantes. O céu azul é interminável e o sol ilumina através das nuvens brancas. Há uma brisa para cima e também ao redor e quando colidem me fazem sentir como se eu estivesse voando.

— Isso meio que me lembra de uma pintura que o Sr. Garibaldi tinha em sua parede. — Kayden esfrega o queixo pensativo.

— A que ele era tão orgulhoso de ter? E falava o tempo todo? — Deixo minhas mãos em meus quadris, mas levanto-as um pouco e espalmo minhas mãos, imaginando ser um pássaro, que pode voa para o alto e ser livre.

Ele ri e sua cabeça cai para frente, seu cabelo caindo sobre a testa. — Ele contou essa história para cada classe?

Eu rolo minha língua ao redor da minha boca enquanto contendo um sorriso. — Acho que era uma tradição. Era a sua maneira de se gabar de um tempo em sua vida onde ele não era preso em uma sala de aula.

Ele levanta a cabeça para cima e exala gradualmente. — Quanto tempo você quer ficar aqui?

Eu dou de ombros e viro para a borda. — Podemos voltar, se você quiser.

— Eu não quero voltar, — ele diz e eu paro. — A menos que você queira?

Eu olho para trás, para as colinas. — Eu gostaria de ficar aqui mais tempo se estiver tudo bem?

— Está perfeitamente bem. — Ele se senta no chão, cruza as pernas e se estica para frente. Então ele dá um tapinha no local ao seu lado.

Eu fico olhando para ele por um longo tempo antes de me sentar no chão e cruzar as pernas também. Meus músculos se contraem com o fato de que nossas pernas estão tão próximas, mas não me afasto.

— Eu meio que odeio futebol, — ele revela enquanto puxa uma de suas pernas para cima e coloca seu braço em cima do seu joelho.

— Oh, sim? — Eu digo, assustada. — Por quê?

Seu dedo trilha ao longo da cicatriz que percorre metade da maçã do seu rosto. — A violência, as vezes, é muito para mim.

Eu descanso as palmas das minhas mãos. — Eu não gosto de futebol também. Há apenas um objetivo e isso domina.

Ele ri, balançando a cabeça. — Eu não iria tão longe, mas entendo o seu ponto. Eu sou um quarterback, porém, assim tudo o que eu realmente tenho que fazer é jogar a bola.

Eu arrasto o meu dedo mindinho no chão. — Eu sei a posição que você joga e o que um quarterback faz. Meu pai é um treinador e, portanto, eu comecei a ouvir um resumo de todos os jogos e treinos quando estávamos jantando.

— Seu pai é um cara legal, embora, — ele afirma, me dando um olhar de soslaio. — Eu gosto dele.

Eu sei que não deveria perguntar, mas não consigo me parar. Isso está me incomodando há meses, desde que o deixei depois dele ter sido espancado. Eu nunca realmente acreditei que foi uma única vez que seu pai o bateu. Que muita raiva não vem apenas uma vez e depois some.

— Kayden, o que aconteceu naquela noite? Na noite em que eu estava em sua casa... e seu pai, bem, quando ele bateu em você. Será que isso já aconteceu antes?

— Eu acho que é a sua vez de me dizer algo sobre você, — ele evita a questão, com as mãos cerrando em punhos, e seus dedos ficam tão brancos que as cicatrizes aparecem.

— Eu não tenho muito a dizer sobre mim. — Eu me recuso a olhar para ele enquanto dou de ombros. — Nada particularmente interessante de qualquer maneira.

Ele levanta a mão, fazendo uma posição de compressão com o indicador e o polegar. — Vamos lá. Apenas um pequeno detalhe. Isso é tudo que estou pedindo.

Franzindo a testa, eu procuro em meu cérebro por um detalhe intrigante sobre mim que não vá ser muito pessoal. Meus ombros levantam-se e se abaixam enquanto eu dou de ombros. — Eu gosto de praticar kick box no ginásio às vezes.

— Kick box? — Ele questiona, sua testa se franze. — Sério?

Eu limpo a sujeira para fora de minhas unhas rachadas. — É uma boa maneira de relaxar.

Seus olhos passam pelo meu corpo e meu rosto se aquece. — Você parece muito pequena para lutar kick boxer. Eu não consigo imaginar essas pequenas pernas sendo capazes de causar muitos danos.

Se eu fosse mais corajosa, gostaria de desafiá-lo aqui mesmo, só para provar que ele estava errado.

Eu levanto meu queixo para o céu e coloco minha mão na frente dos meus olhos para bloquear o brilho da luz solar. — Eu não faço isso por esporte, apenas por diversão. É uma boa maneira de... Eu não sei... — Eu paro, porque o resto é muito pessoal.

— Para soltar sua raiva interior, — ele diz mais para si mesmo do que pra mim.

Eu aceno. — Sim, mais ou menos.

— Você sabe o quê? — Ele olha para mim com um sorriso expandindo em seus lábios. — A próxima vez que você for, você deve me chamar. Meu treinador, é uma espécie de idiota em comparação com o seu pai, está me perseguindo para mim entrar em melhor forma. Então você pode me mostrar quantos danos seu pequeno corpo pode fazer. Eu vou até mesmo dar-lhe uma chance para me jogar para baixo.

Eu mordo meu lábio para não sorrir. — Tudo bem, mas eu não vou muitas vezes.

— Só quando você quer chutar alguns traseiros? — Ele brinca, arqueando sua sobrancelha.

Meus lábios se contorcem em um pequeno sorriso. — Sim, algo assim.

Ele se vira para o lado, então estava de frente para mim e cruza as pernas. — Ok, eu tenho outra pergunta. Na verdade, eu acabei de lembrar disso. Acho que foi em cerca da quinta série e sua família foi na minha casa para um desses churrascos estúpidos que meu pai faz em todos os Super Bowls^{3}. De alguma forma uma bola de futebol desapareceu da exibição de colecionador do meu pai e todo mundo achava que foi o meu irmão Tyler que fez isso, porque ele estava agindo de forma estranha, mas na verdade ele estava apenas chapado.

Mas eu juro por Deus, eu fodidamente vi você entra no carro com algo sob sua camisa.

Enfio meus pés debaixo da minha bunda enquanto cubro minhas mãos sobre o meu rosto. — Meu irmão me disse para fazer isso. Ele disse que se eu roubasse-a ele não iria dizer à minha mãe que eu fui a única que quebrou uma das suas coleções de pequenos unicórnios de porcelana. — Faço uma pausa e ele fica realmente tranquilo. Finalmente, eu crio coragem para espreitar entre as aberturas em meus dedos. — Eu realmente sinto muito.

Ele me olha e, em seguida, forma-se um lento sorriso em seu rosto. — Callie, eu só estou brincando com você. Eu não me importo se você fez isso. Na verdade, foi engraçado.

— Não, não foi, — eu digo. — É horrível. Eu aposto que seu irmão teve problemas por isso.

— Não, ele tinha dezoito anos. — Ele tira a minha mão do meu rosto. — E quando meu pai começou a ser um idiota, ele acabou indo embora.

— Eu me sinto como uma idiota. Acho que o meu irmão ainda tem ela em seu quarto. Eu deveria dar de volta a você.

— De jeito nenhum. — Ele ainda estava segurando minha mão, enquanto guia o meu braço em direção aos meus joelhos. Eu estou muito ciente dos seus dedos tocando meu pulso direito acima do pulsar acelerado e estou em conflito sobre se devo ou não me afastar. — Meu pai pode ficar sem uma das suas merdas.

— Você tem certeza? — Eu não posso tirar meus olhos da sua mão no meu braço. — Eu juro que posso devolvê-la.

Ele ri baixinho e então seus dedos passam no interior do meu pulso, fazendo com que todo o meu corpo trema. — Eu prometo. Nenhum dano, sem falta.

— Eu realmente sinto muito, — repito.

Ele olha para mim com uma expressão estranha, como se estivesse em conflito sobre algo. Ele lambe os lábios e, em seguida, pressiona-os juntos, segurando a respiração.

Eu sempre quis saber como um cara iria parecer quando estivesse prestes a me beijar. Seria o meu primeiro e único beijo; teria um vislumbre de chamas dentro dos seus olhos? Ou seria algo completamente diferente? Algo menos aterrorizante? Preenchido com mais paixão e desejo?

Voltando-se para o precipício, ele libera meu pulso e sua mão começa a tremer. Ele flexiona-as, alongando os dedos e deixando escapar um suspiro.

— O que há de errado com a sua mão? — Eu pergunto, lutando para manter a voz firme. — Você a feriu enquanto subia?

Ele aperta o punho e coloca-o em seu colo. — Não é nada. Eu só quebrei alguns ossos há um tempo e fica assim às vezes.

— Será que afeta a forma como você joga?

— Às vezes, mas eu posso lidar com isso.

Eu fico olhando para as cicatrizes em seus dedos, lembrando-me da noite, quando eles estavam divididos e inchados. — Posso te fazer uma pergunta?

Ele estende as pernas e se inclina para trás em suas mãos. — Claro.

— Como você conseguiu as cicatrizes em sua mão? — Eu me aproximo para tocá-lo, a necessidade de senti-lo era tão intenso que domina temporariamente as minhas dúvidas, mas a vida me alcança e eu rapidamente movo minha mão.

Colocando seu peso sobre um braço, ele eleva sua mão para frente. Na parte inferior de cada um dos dedos tem uma cicatriz branca espessa. — Eu dei um soco na parede.

— O que?

— Não de propósito, — ele acrescenta, em seguida, faz um caminho com o seu dedo ao longo de cada solavanco e rachadura. — Acidentes acontecem às vezes.

Lembro-me do seu pai batendo com o punho em seu rosto. — Sim, eu acho que acontecem, mas às vezes as coisas ruins acontecem por mãos de pessoas más.

Ele balança a cabeça, em seguida, se levanta e espana a sujeira fora do seu jeans. — Devemos voltar. Eu tenho um trabalho de Literatura para assassino

que tenho que escrever. — Ele me oferece sua mão para me ajudar, mas eu simplesmente não posso aceitar.

Eu me viro para minhas mãos e joelhos e empurro-me para os meus pés. — Agora eu só tenho que ter coragem para descer, — digo com um suspiro enquanto ando em direção ao penhasco e espreito sobre a borda.

Ele ri baixinho enquanto me segue. — Não se preocupe. Eu vou ajudá-la, se você deixar.

Meus olhos se alargam por as suas palavras e, em seguida, por causa do precipício. Que dilema. Mas eu confiei nele uma vez e decido fazer novamente. Eu só peço a Deus que ele não me empurre para baixo e me quebre, porque eu já perdi muitas peças e não sei o quanto mais posso quebrar.

Kayden

Estou nervoso ajudando-a a escalar o penhasco e não porque acho que ela vai cair. Meu braço está em torno das suas costas e seu peso contra mim. Ela está segura e eu estou feliz por isso.

O problema está dentro de mim. O tempo todo em que descemos, meu coração bate aceleradamente no meu peito. Quero me aproximar mais e sentir sua pele, sugar seus lábios, até mesmo deixar meus dedos pastarem por sua bunda. Eu nunca quis ninguém assim antes e é foddidamente assustador. Por um segundo, pensei em beijá-la enquanto estávamos lá cima, mas teria sido errado da minha parte. Não só porque eu não deveria estar beijando alguém tão bom quanto Callie, mas também porque eu tinha uma namorada e não seria justo.

Mesmo que a nossa conversa no penhasco foi um bom momento, foi mais profundo do que qualquer outra conversa que tive. Quando converso com Daisy, que se concentra principalmente em coisas superficiais, como regresso, o que ela vai vestir, e quais festas vão ter. É assim que eu quero a minha vida. Simples. Eu já tenho o suficiente de complexidade trancadas dentro de mim me assombrando com as trevas.

— Você tem certeza que não vamos cair? — Callie aperta meu braço, mergulhando a ponta dos dedos no tecido da minha camisa enquanto olha para o chão. — Parece que você está indo me soltar.

— Eu não vou deixá-la cair. Eu prometo. — Eu aperto meu braço em torno dela e gentilmente puxo-a para mais perto. — Apenas relaxe. Estamos quase lá.

Eu deslizo meu pé no chão ao longo da rocha em direção à borda seguinte, resistindo à vontade de agarrar sua bunda, e coloco a mão na parte inferior da sua costa. Ela abaixa a mão, me segurando enquanto estica a perna em direção ao cume inferior. Uma vez que seu pé o toca, ela relaxa enquanto desce.

Eu fico ao seu lado quando seus pés tocam o chão. — Veja, eu disse que não iria solta-la.

Me exibindo um pouco, eu pulo o resto do caminho e fico em sua frente ignorando a dor nos músculos da minha panturrilha. — Vou me lembrar de nunca levá-la a algum lugar alto de novo.

Ela faz uma cara de desculpas enquanto tira a sujeira da parte dianteira da sua camisa com as mãos. — Eu sinto muito, deveria tê-lo avisado. Embora, subir não parecia muito natural. Parecia que estávamos tentando ser lagartos ou algo assim.

Incapaz de me ajudar, eu rio dela. Tem sido um tempo e me sinto bem. — Assim, já planejando o futuro, que tipo de lugares você gostaria de ir?

Ela parece tão perdida quanto eu me sinto. — Eu não tenho ideia.

— Bem, pense sobre isso. — Começo a caminhar para onde a caminhonete está estacionada e Callie me segue. — E a próxima vez que eu perguntar se você quiser sair, você pode me dizer onde.

Sua testa se franze enquanto ela olha para as colinas ao nosso lado. — Será que vai haver uma próxima vez?

— Claro, — eu digo casualmente. — Por que não haveria?

Ela olha para mim e encolhe os ombros, parecendo convencida. — Eu não sei.

Parece que ela sabe um monte de coisas, o que deveria me fazer querer fugir, antes que ela descobrisse sobre mim. Mas como meu pai sempre diz, eu nunca fui tão brilhante, e tenho um sentimento de que não vou ser capaz de ficar longe.

CAPÍTULO 4

43 *Não aceite as merdas de ninguém*

Kayden

Estou tendo um sonho bom. Callie e eu estamos descendo a montanha. Enquanto eu ajudo-a, ela morde o lábio inferior, tropeçando para trás contra as rochas, parecendo nervosa como o inferno.

Com os olhos fixos em seus lábios, eu coloco minhas mãos na parede rochosa, assim sua cabeça está presa entre meus braços. Seu corpo treme quando inclino a minha cabeça para baixo e respiro contra o seu pescoço. Adoro que ela esteja tremendo e quero fazê-la tremer ainda mais.

As palmas das minhas mãos deslizam para baixo nas rochas, as bordas irregulares raspando contra a minha pele. É uma combinação de dor e fodido desejo, minha adrenalina bombeia através do meu corpo. Agarrando seus quadris, seus lábios se abrem enquanto sua cabeça cai para trás e ela geme.

— Diga-me você me quer, — eu digo, porque tenho um sentimento de que ela nunca disse isso a ninguém.

— Eu quero você, — ela suspira.

Levantando-a, os meus lábios encontram os seus enquanto me pressiono contra ela, querendo nada mais do que rasgar sua roupa e enterrar meu pau profundamente dentro dela.

— Acorda, garoto amante. — Uma mão quente acaricia meu rosto e eu arremesso meu braço para afastá-las, porque elas estão arruinando meu sonho.

— Vamos, rapaz sexy. — Alguém salta em cima de mim. — Você tem um presente esperando por você, se acorde.

Eu pisco meus olhos abertos para encontrar um par de olhos azuis e um monte de cabelo loiro encaracolado pendurado na minha cara.

Daisy está montando meu colo, usando uma saia jeans curta e um top rendado branco. — Surpresa.

Eu me levanto em meus cotovelos, sentindo-me esvaziado e desejando voltar para o meu sonho e ver como ele terminaria. — O que você está fazendo aqui?

Seus olhos se estreitam para mim. — Essa é a maneira que você recebe o amor da sua vida. Deus Kayden, você pode ser um idiota às vezes.

Eu suspiro e coloco o meu sorriso falso. — Desculpe, eu estou apenas cansado. Entre a escola e o treino, eu mal tenho tempo para dormir.

Ela torce as extremidades do seu cabelo com os dedos. — Bem, acorde. Você precisa me levar para algum lugar antes que eu tenha que ir para casa. Estou aqui por apenas uma hora.

— Por que você está aqui? — Pergunto com cuidado, sento-me e encosto contra a cabeceira.

Ela sacode os cabelos e ajusta a blusa sobre seu estômago. — Minha mãe veio fazer compras por esses lados. É o lugar mais próximo onde ela pode comprar sapatos que não tenham marcas genéricas sobre eles.

Eu quero minhas sobrancelhas, fingindo interesse. — Ah, é?

Ela balança a cabeça e, em seguida, caminha seus dedos até o meu peito nu que está coberto por um lençol. — Eu pensei em vir com ela e vê-lo. Você pode me levar para sair e, em seguida, talvez você vá ter sorte.

— Eu tenho aula, — eu digo. — E onde está Luke? Estou supondo que foi ele quem te deixou entrar? Mas quem te deixou entrar no prédio?

— Eu tenho os meus caminhos. — Ela desliza a perna de cima de mim e fica de pé. — Luke me deixou entrar no quarto e, em seguida, se foi. Eu não entendo qual é o seu problema comigo. Quero dizer, se eu sequer olhar para ele, ele corre para outra direção.

— Ele é simplesmente quieto. — Sento-me e o lençol cai fora do meu peitoral.

Ela vê as linhas brancas que correm em todas as direções ao longo da minha pele, gostaria que ela esquecesse que elas estavam lá. — Você sabe que existem tratamentos a laser que podem fazer cicatrizes desaparecerem? Talvez você devesse dar uma olhada. — Ela traça a unha pela minha bochecha. — Você seria perfeito se não tivesse essas cicatrizes.

Eu deslizo para longe dela, pego uma camisa vermelha do armário e coloco-a. — Pronto. Agora você não pode vê-las.

Ela enrugou seu nariz. — Eu não quero ser rude. Estava apenas dizendo a verdade.

Pego um par de jeans do chão, coloco-o, e aperto o botão antes de deslizar nos meus sapatos. — Aonde você quer ir?

Ela bate o lábio pensativamente. — Surpreenda-me. Contanto que seja um lugar agradável.

Eu pego a minha carteira e celular e, em seguida, abro a porta para ela. — Você sabe que eu não tenho o meu carro.

— Duh. — Ela revira os olhos enquanto fecho a porta. — É por isso que eu fiz a minha mãe me deixar usar o dela. Ela está presa no shopping por isso temos que ser rápidos. Embora, é melhor você ter certeza que eu vá apreciar. — Ela pisca um sorriso e balança seus quadris enquanto caminha pelo corredor. Sua saia mal cobre sua bunda e suas longas pernas esticam com confiança. Alguns que caras andam pelo corredor param para olhar sua bunda.

Quando ela se aproxima da porta, espera por mim para abri-la para ela e, depois, sai para a luz do sol. O campus está cheio de pessoas indo e vindo das suas classes com livros em suas mãos.

Nós caminhamos sob as árvores, e Seth e Callie surgem no final. Callie tem uma camisa roxa com mangas compridas e seu cabelo é puxado para cima. Minha mente voa de volta para o meu sonho sujo e em como é tê-la em meus braços.

Ela está falando com Seth com uma expressão séria no rosto e Seth está agitando os braços no ar animadamente. Quando seus olhos encontram os meus, eles acendem por uma fração de segundo depois ela olha para Daisy. Callie é a garota mais doce que eu já conheci, mas o olhar no seu rosto está cheio de ódio.

Eu começo a acenar, quando ela estende o braço para cima em minha direção com um cartão de identificação em sua mão. — Eu tenho que dar isso a você. — Seu tom é plano.

Eu pego o meu cartão, oferecendo-lhe um pequeno sorriso. — Obrigado. Como é que você acabou com isso?

Ela encolhe os ombros. — Luke disse que pegou por acidente. Ele me parou depois da aula e perguntou se eu poderia parar em seu dormitório e dá-lo a você, mas desde que você já está aqui.

Daisy dá uma olhada em Callie. — Quem diabos é você?

Os olhos de Callie estão frios como gelo. — Callie Lawrence.

Daisy zomba maliciosamente. — Oh meu Deus. É a anoréxica Adoradora do Diabo. Roupas diferentes, mas o mesmo corpo magro. Sentindo muita fome?

— Daisy, — eu digo com a voz tensa. — Vamos.

Os olhos de Seth ampliam, o que significa que Callie deve ter contado a ele sobre Daisy. Mas por quê? Estou perdendo alguma coisa?

Daisy olha pra mim. — Talvez eu deva perguntar-lhe o que diabos você está fazendo? Saindo com alguém como ela.

A luz apaga nos olhos de Callie enquanto ela começa a pisar em torno de nós, mas Seth dá um passo para frente e fica na cara de Daisy.

— Eu não sei o porquê de você está sendo tão arrogante com esta garota, — ele diz. — Tirando esse sutiã com enchimento, cabelo loiro falso, tingido, e roupas extravagantes, tudo o que resta é uma garota um pouco acima do peso com uma plástica no nariz muito mal feita.

Daisy suspira e cobre o nariz com a mão. — Eu não fiz uma plástica no nariz.

— Se é o que você diz. — Ele sorri para ela, entrelaçando os braços com Callie e acena para mim. — Vejo você mais tarde, Kayden.

Callie não me olha enquanto eles passam em torno de nós e caminham em direção à entrada principal do campus.

Daisy coloca as mãos nos quadris e aperta lábios. — Por que você estava falando com essa garota? — Ela pergunta. — Você se lembra de quem ela é, certo?

— Sim, ela é a Callie Lawrence. — Eu dou de ombros e inclino a cabeça acima da calçada. — Ela está na minha classe e é realmente tranquila.

— Ela também era uma aberração. — Ela entrelaça seus dedos nos meus e envia uma sensação de dormência através do meu corpo. — Ela é anoréxica e

costumava usar todas aquelas roupas largas. Ela tinha aquele horrível corte de cabelo e nunca falava com ninguém.

— Ela não é anoréxica ou uma adoradora do diabo. — Eu balanço minha cabeça. — E ela não foi sempre assim, e nem gosta mais disso. Ela é muito normal. — E triste. E cada vez que eu olho para ela rasga meu coração. — Além disso, ela me ajudou com algumas coisas.

— Que tipo de coisas? — Ela questiona, dando-me um olhar duro, como se estivesse prestes a arrancar meus olhos para fora. — Você está dormindo com ela? Porque se você for, isso é nojento e patético.

Por um segundo eu considero dizendo-lhe que estou, então ficaria ali e a veria se afastar, livrando-a da minha vida. Mas então o que diabos eu faria? Encontrar outra pessoa? Sair com Callie? Por mais que minha mente adore essa ideia, assim como meu pau, ela é boa demais para mim e até mesmo os poucos momentos que passei com ela, eu senti mais do que devo.

— Não, eu não dormi com ela. Ela é apenas alguém que eu falo às vezes, — digo, e é a verdade parcial, porque é isso que Callie precisa ser para mim.

Callie

Não há mais ninguém na biblioteca, exceto a bibliotecária que está empurrando um carrinho, colocando os livros de volta nas prateleiras. Eu me pergunto se ela vive sozinha, se tem gatos - me pergunto se ela é feliz.

— Então, quanto tempo tem que ir diante, para que podemos falar sobre o que aconteceu? — Seth pergunta, se abanando através das páginas de um livro didático.

Eu me sinto terrível, como uma criança, só que eu não sou mais. Sou uma mulher adulta, na faculdade, mas reagi como se eu estivesse no colegial. Odeio cruzar com alguém do meu passado que pode me jogar de volta na escuridão e tristeza que pode ser sempre uma parte de mim.

Eu dou de ombros, destacando uma nota de uma página com um marcador amarelo brilhante. — O que há para falar?

Ele arrebatou o marcador da minha mão e deixa uma mancha amarela ao longo do papel. — O fato de que você acabou de deixar aquela cadela maldita

pisar em você e o fato de que Kayden não disse nada.

— Por que ele faria? Ele nunca fez nada antes. Eu não sou o problema dele. — Espreito para a janela, onde há um rastro de córregos da luz solar. — O que aconteceu lá fora foi a história da minha vida. Logo ela terá ido embora e eu não vou ter que pensar sobre ela.

Ele deixa o marcador cair na mesa e olha para as árvores. — O que aconteceu lá fora não está bem. Você precisa demais confiança e levantar-se por si mesma. Da próxima vez que ela fizer algo assim, puxe os apliques brega fora do seu cabelo.

— Ela usa aplique? — Eu pergunto e ele concorda. Eu sorrio, mas, em seguida, abaixo a minha cabeça. — Se fosse as pessoas que torturam você na escola, você teria sido capaz de ser tão confiante?

— Nós não estamos falando de mim, — ele pressiona com os olhos duros. Ele fecha o livro e cruza os braços em cima dele. — Estamos falando de você.

— Eu não quero falar sobre mim. Isso está me dando dor de cabeça. — Eu pego o marcador da mesa e coloco a tampa. — Que tal tirar o dia para estudar. Há alguns outros projetos que eu preciso trabalhar.

Ele suspira e reúne seus livros em uma pilha, antes de se empurrar para longe da mesa. — Tudo bem, mas quando eu voltar para o meu quarto, estou adicionando não aceite as merdas de ninguém à lista.

Kayden

Tem sido uma semana desde que conversei com Callie. A última vez foi durante a visita aleatória de Daisy, que terminou em uma foda sem sentido e um meio adeus. Eu não posso dizer o que está acontecendo entre Callie e eu, mas quanto mais tempo passamos separados, mais eu penso sobre ela.

Minha mãe também fez uma parada no meu dormitório ontem, quando ela veio para visitar a cidade, que é uma mentira de merda que ela usa sempre que está tentando parar de beber para ir a um spa e ficar sóbria. Ela tem uma coisa por analgésicos e vinho. Tem sido assim por tanto tempo quanto me lembro, o que pode ser por isso que ela nunca parou as lutas. Tentei dizer a ela uma vez sobre o meu pai, mas ela não parecia muito ansiosa para fazer algo sobre isso.

— Bem, você só vai ter que se esforçar mais, — ela disse, tomando um gole de vinho. Algumas gotas derramam na frente da sua blusa, mas ela não parece notar. — Às vezes nós apenas temos que lidar com as coisas o melhor que pudermos. É chamado de vida, Kayden. Seu pai é um homem bom. Ele coloca um teto sobre nossas cabeças e nos dá mais do que um monte de caras fariam. Sem ele, nós provavelmente estaríamos nas ruas.

Eu estava no fim da mesa, segurando minhas mãos em punhos. — Mas eu estou tentando o meu melhor e ele só parece ficar mais louco.

Ela vira a página da sua revista e quando olho em seus olhos, ela parecia um fantasma, ausente, tão perdida quanto eu estava. — Kayden, não há nada que eu possa fazer. Sinto muito.

Saio da sala, irritado, desejando que ela poderia ser a outra pessoa por dois minutos malditos; aquela que organizava festas e eventos de caridade com um sorriso. E não um maldito zumbi dosando-se em analgésicos.

— Que diabos é o seu problema hoje? — Luke atira a bola para baixo do campo por isso é muito fora do meu alcance. Estamos em nossos uniformes, suados, e exaustos, mas eu não consigo fodidamente me acalmar.

— Será que podemos parar por hoje? — Suas bochechas estão vermelhas debaixo do seu capacete e sua camisa está encharcada de suor. — Eu estou fodidamente cansado. O treino terminou há duas horas.

— Sim, eu acho. — Eu chuto um dos cones que voa na direção das arquibancadas. Onde Kellie e outra garota que estão sentadas na linha abaixo, com livros na frente delas, observando-nos enquanto fingem estudar.

Eu olho para o céu cinza e volto para as arquibancadas que delimitam o campo. — Que horas são?

Ele dá de ombros quando começa a andar pelo campo verde em direção ao túnel que leva ao vestiário, tirando o capacete. — Eu não sei, mas já é muito tarde e eu estou feito.

Sigo-o, mas com o canto do meu olho, eu vejo Callie sentada na grama sob uma árvore no outro lado extremo do campo, do outro lado da cerca. Há papéis espalhados na sua frente e ela está mastigando uma caneta enquanto lê sobre eles.

Percebo que talvez eu esteja tentando evitá-la porque ela me faz sentir coisas que eu não estou acostumado, como; os sonhos sujos, a proteção, a forma como o meu coração estúpido começa a bater como se estivesse finalmente vivo. Destrovo a correia abaixo do meu queixo, e tiro meu capacete enquanto faço o meu caminho até ela. Ela está tão absorta em tudo o que está escrito nos papéis que não me nota. Agarrando a parte superior da cerca, eu balanço minhas pernas sobre ela e caio do outro lado. Ajustando as mangas da camisa sob o uniforme, eu paro apenas alguns pés longe dela.

Seu cabelo está trançado em um coque bagunçado e ela tem uma camisa de manga curta com uma jaqueta amarrada na cintura. Ela para de morder sua caneta para examinar um dos papéis próximos, mas quando minha sombra lhe cobre, ela olha para cima e todo o seu corpo treme. Por um segundo, eu acho que ela vai saltar e fugir.

Ela recupera o fôlego e coloca a mão sobre o peito arfante. — Você me assustou.

— Sinto muito. — Eu arrasto os dedos pelo meu cabelo úmido, suado e, em seguida, agacho-me em sua frente lentamente, sem querer assustá-la novamente. Se eu aprendi alguma coisa, é que ela não gosta de pessoas entrando em seu espaço pessoal sem aviso prévio. — O que você está fazendo aqui?

Ela olha para os papéis e, em seguida, para mim novamente. — Dever De Casa... Eu gosto de ficar aqui às vezes. — Ela olha para o campo com reconhecimento em seu rosto. — Meio que me lembra de quando eu costumava sair com meu pai enquanto ele treinava.

— Eu não me lembro de você estar alguma vez lá, — eu digo, sentindo-me um idiota de novo por não me lembrar dela. — Por quanto tempo você fez isso?

— Eu fiz isso por anos. — Ela engole em seco e se concentra em seus papéis. — Além disso, eu não posso fazer minha lição de casa no meu dormitório na maior parte do tempo. Minha companheira de quarto... Bem, às vezes... — Suas bochechas coram e eu me vejo sorrindo por quão bonita ela parece, de uma forma muito inocente. Ela esbraveja: — Ela leva um monte de caras para lá.

Eu enrugo o meu nariz para me impedir de rir dela. — Entendo. Então você tem que dar a ela o quarto por algumas horas.

Ela coloca uma mão em cada lado da linha de papéis e os reorganiza até formar uma pilha. — Sim.

Faço uma pausa e um pedido de desculpas desliza dos meus lábios. — Sinto muito.

Suas sobrancelhas se arqueiam enquanto eleva o queixo para encontrar meus olhos. — Pelo que?

— Por não dizer a Daisy para fechar a porra da boca, — eu digo. — Eu deveria ter feito. Ela estava sendo uma cadela com você.

Ela encolhe os ombros, olhando para o campo. — Você não precisa se desculpar. Ela é sua namorada. Você deve estar do seu lado.

Eu me ajoelho na grama, ficando mais próximo dela. — Não, eu deveria ter ficado do seu lado. Devo-lhe muito.

Ela aperta os lábios firmemente juntos, voltando sua atenção para mim. — Você não me deve nada, eu juro. O que eu fiz naquela noite não foi um grande negócio. Se eu tivesse saído daquela situação, aí sim, teria sido um grande negócio.

Eu devo a ela, muito. Por causa dela, eu tenho menos cicatrizes. Eu gostaria de poder tirar tudo o que faz seu olhar ser tão triste o tempo todo. Eu defino o meu capacete na grama e pego seus livros, ela pega sua bolsa do tronco de uma árvore. — O que você está fazendo esta noite?

Ela coloca os papéis em sua bolsa, enrugando as bordas, e então eu lhe entrego os livros. — Eu provavelmente vou ficar no quarto e assistir a um filme ou algo assim.

— Quanto tempo a sua companheira de quarto ficará ocupada? — Eu pergunto e sorrio enquanto suas bochechas ficam ainda mais vermelhas.

— Eu não sei. — Ela se levanta de joelhos, desloca sua bolsa no ombro, e chega aos seus pés. — Eu provavelmente vou sair com Seth até seu amigo ter ido.

Eu pego meu capacete e sigo-a enquanto ela se dirige para baixo da linha da cerca. — Por que você não sai com Luke e eu? Ele quer ir verificar um clube

no Centro da Cidade. Pode acabar sendo uma merda completa, mas é melhor do que apenas ficar em torno do seu quarto.

Ela para, ajustando a alça da sua bolsa em seu ombro, e morde o lábio inferior tão forte que a pele em volta da boca fica roxa. — Eu não acho que eu posso.

— Por quê? — Eu pergunto em tom de brincadeira, sorrindo para ela. — Eu sou tão mau para estar ao redor?

Seus braços caem para os lados e seus olhos prendem no meu. — Não.

Eu esfrego os músculos doloridos na parte de trás do meu pescoço. — Ok, então venha com a gente. Vai ser divertido e se não for, podemos ir fazer outra coisa.

Ela aperta seus punhos e, em seguida, estende os dedos para fora. — Ok.

Eu fico chocado. Eu tinha estado flertando com ela, fascinado com a simples forma que ela fica quando estar nervosa, mas não achei que fosse funcionar. — Ok, encontre-nos na frente da caminhonete do Luke, às nove?

Ela balança a cabeça e se vira de costas para mim, afastando-se tão rapidamente, é como se ela estivesse apavorada que eu fosse esfaqueá-la por trás. Ela parece ter medo de todos, exceto Seth. Mas por quê?

Callie

Lembro-me da decoração rosa e balões de aniversário brancos flutuando em torno da sala, confetes vermelhos pendurados no teto, e papel de embrulho ouro enrolado no chão. A forma como as chamas das velas dançavam e o rastro de fumaça fluía até o teto. Minha mãe, do outro lado da mesa, com uma câmera na mão e um sorriso em seu rosto enquanto clicava no botão repetidamente.

O flash atinge meus olhos e eu ficava piscando, desejando que ela parasse de tirar fotos que marcariam para sempre este maldito dia.

— Faça um desejo, querida, — ela diz e a câmera brilha novamente, iluminando o rosto das pessoas que rodeavam a mesa.

Olho para o glacê rosa, escrito "Feliz Aniversário Callie". Fazer um desejo?

Um balão vermelho flutuava sobre a mesa, lentamente, para cima e para baixo, para cima e para baixo.

— Faça um desejo, Callie, — minha mãe repete enquanto o balão se movia por cima do seu ombro.

Todo mundo estava me olhando, como se eles pudessem ver que eu não era inteira mais.

Fazer um desejo? Fazer um desejo?

O balão estoura.

Não existem tais coisas como desejos.

Minha companheira de quarto, Violet, entra no quarto quando estou terminando de escrever a última linha. Ela é alta, com cabelo encaracolado preto manchado de vermelho. Seu nariz é perfurado com piercing e ela tem uma tatuagem de estrela na parte de trás do seu pescoço. Ela está usando calça xadrez, uma camisa preta rasgada e botas de combate.

— Você viu minha jaqueta de couro? — Ela pergunta enquanto fecha a porta e joga uma bolsa em sua cama desarrumada.

Eu fecho meu diário e deslizo a caneta na espiral. — Eu não vi.

Ela suspira quando recolhe seus livros da mesa na frente da janela. — Eu acho que devo ter perdido no clube. Porra.

— Eu vou manter um olho aberto para ver se acho. — Coloco o diário debaixo do travesseiro e me levanto da cama.

Ela abre a gaveta da mesa e olha por cima do ombro para mim, enquanto coloco meus sapatos. — Você está saindo?

Eu aceno, escorregando meu braço através da manga do casaco com capuz cinza. — Eu estou.

Eu ouço um chocalho de frasco de comprimidos enquanto ela fecha a gaveta e segura um lenço vermelho. — Eu poderia trazer alguém hoje à noite. Vou colocar isso na maçaneta da porta, se eu estiver ocupada.

Mais uma vez? O que essa garota faz? — Tudo bem. — Meus dedos envolvem em torno da maçaneta. — Eu vou verificar em primeiro lugar.

— É melhor, — ela diz, sua mão pairando perto da gaveta. — Caso contrário, você vai ver algo que não quer.

Suspirando, eu saio pela porta, desejando que eu tivesse o meu próprio quarto de dormitório.

— Acho que eu só tenho a mim mesmo em cima da minha cabeça, — digo a Seth quando ele me deixa entrar em seu quarto. — Tipo muito ruim.

Seth dá pausa em algo que estar assistindo na televisão, senta-se na cama, e dá um tapinha no local ao seu lado. — Venha sentar e derramar o seu problema.

Jogo minha bolsa no chão e afundo sobre a cama. — Kayden me convidou para ir a um clube com ele e Luke hoje à noite, e eu disse que sim acidentalmente.

— Como você acidentalmente disse sim a algo assim?

Deixo escapar um suspiro de frustração. — Ele continuou sorrindo para mim e me deixando toda confusa, eu não conseguia pensar direito.

Seth sorri e um riso escapa de seus lábios. — Oh meu Deus, você tem uma queda por ele.

Eu balanço minha cabeça, ficando perturbada apenas pelo pensamento. — Não, eu não tenho.

O colchão balança embaixo de mim enquanto ele salta para cima e para baixo, como uma criança com excesso de açúcar em seu sistema. — Sim, você tem. Você tem a sua primeira paixão, Callie. Que legal!

Ainda tremendo minha cabeça, eu sento e aliso meu cabelo para longe da minha testa. — Eu não tenho uma queda por ele. Se ele tem um bom aspecto? Claro. E o conheço que desde que estávamos na terceira série. — Faço uma pausa, ficando agitada. — E eu tive paixões antes, só que não por muito tempo.

— Você tem sim uma queda por ele. — Ele pega o controle remoto e desliga a televisão. — Isso vai ser bom, e então nós podemos riscar número cinco fora da lista.

— Eu não vou dançar, — eu argumento, encolhendo-me. — Dançar é igual a tocar e ficar perto de pessoas. Eu apenas não posso fazer isso.

— Sim você pode. Você já fez isso comigo, como uma centena de vezes, — ele incentiva. — Quero dizer, pense sobre quando nos conhecemos. Você falava apenas o básico comigo e sempre parecia que estava indo me esfaquear com um lápis ou algo assim. Agora olhe para você. Você está sentada na minha cama, no meu quarto, apenas você e eu. Você pode ir muito longe minha menina Callie.

— Mas você é você. — Eu suspiro, desanimada. — Eu confio em você.

— Sim, mas eu tive que ganhar sua confiança.

— Eu sei e sinto muito por fazer você fazer isso. Estou surpresa que você continuou em torno de mim.

Ele pula da cama e abre a gaveta da cômoda superior. — Tanto Faz. Você valeu muito a pena.

Eu balanço meus pés sobre a borda da cama. — Você parece muito feliz hoje.

Ele pega uma camisa verde de botão com bolso frontal e estende na sua frente. — Você se lembra daquele cara que eu estava te falando? O da minha classe de Sociologia?

Eu aceno. — Aquele com o cabelo muito macio e lindos olhos azuis?

— Esse mesmo. — Ele anda até o espelho, mexendo com seu cabelo enquanto aproxima seu rosto do reflexo. — Ele falou comigo hoje e eu quero dizer realmente falou comigo, por mais de cinco minutos.

Eu pulo para fora da cama e pego um marcador de um copo em sua mesa de cabeceira. — Acha que ele gosta de você?

Ele dá de ombros, apertando sua mandíbula para não sorrir. — É difícil dizer de quem ele gosta, mas talvez se eu falar mais com ele.

Tiro a tampa com os dentes e depois cuspo-a na cama. — Você vai a algum lugar?

Ele puxa a camisa sobre a cabeça, balançando os braços nas mangas e, em seguida, reorganiza o cabelo de volta no lugar com os dedos. — Sim, com você para um clube.

Meus ombros relaxam, caminho até o quadro na parte de trás da porta com uma longa lista elaborada sobre ele, com muito pouco números riscados. —

Você vai ficar bem? Quero dizer, eu sei como você se sente sobre os jogadores de futebol, considerando o que aconteceu com você.

Ele prende um relógio de couro no seu pulso. — Aquele cara, Luke, parece bastante agradável. Pelo menos ele foi durante a nossa conversa de dez minutos, quando estávamos fumando e acho que ele sabe sobre mim.

Eu coloco a ponta do marcador no quadro. — Por que você acha isso?

— Eu só tenho uma impressão, — ele diz. — Parecia que ele não se importava.

Eu raspo o número cinco muito lentamente e o marcador guinchar. — Mas eu só vou dançar com você.

— Soa como um grande plano para mim. — Ele me oferece seu cotovelo e eu entrelaço meu braço com o dele, sentindo-me segura com ele ao meu lado, enquanto nós passeamos pelo corredor para irmos para fora.

É tarde, o céu está preto, e as estrelas parecem com pedaços de vidro cintilantes. Grilos catam na grama úmida e há um casal sentado em um dos bancos se beijando com fervor. Isso me faz corar um pouco, porque por uma fração de segundo eu imagino Kayden e eu em seus lugares.

— Por que você tem esse olhar em seu rosto? — Seth pergunta.

Eu olho para a estrada. — Que olhar?

Ele suspira, mas não pressiona. Quando chegamos ao gramado, ele para de mover seus pés e me puxa para trás, os olhos correndo pelo meu rosto. — Espere um segundo.

Eu toco o meu cabelo conscientemente. — O que há de errado? Eu tenho algo em meu cabelo?

Ele inclina a cabeça para o lado e, em seguida, sua mão se estende, seus dedos agarram o meu cabelo. Com um puxão rápido, ele tira o elástico do meu cabelo e fios caem aos meus ombros. — Aí vamos nós. Deixe esse maldito cabelo solto.

Eu puxo meu cabelo para trás da minha cabeça e seguro-o com a minha mão. — Dê-me isso de volta, Seth.

Golpeando seus cílios, ele levanta a mão e estica o elástico em dois de seus dedos.

— Não, — eu aviso, se lançando para ele. — Por favor, Seth, não faça isso.

Ele passa rapidamente seu polegar assim o elástico voa através do ar na escuridão. — Ops.

Eu arrasto meus dedos ao longo do meu rosto e procuro na grama úmida pelo elástico. — Onde diabos isso está?

Seth ri. — Puta merda, palavras estão saindo.

Eu me levanto e olho para ele com raiva queimando nos meus olhos enquanto tento amarrar os fios do meu cabelo em um nó. — Eu preciso amarrar meu cabelo. Por favor, ajude-me a encontrá-lo. — Lágrimas picam nos cantos dos meus olhos. — Deus caramba Seth, onde diabos está isso?

Sua expressão cai e sua pele perde a cor quando ele percebe que pode ter empurrado o botão errado. — Eu não acho que nós vamos ser capazes de encontrá-lo.

Eu balanço minha cabeça enquanto lágrimas caem dos meus olhos e trilham pelas minhas bochechas. — Eu não posso respirar, — Eu suspiro.

— *Seu cabelo tem um cheiro tão bom, Callie, — ele diz, torcendo uma mecha do meu cabelo marrom em torno do seu dedo. — Como morangos.*

Meu peito contrai enquanto começo a soluçar. Em três passos curtos, ele tem os braços cercados em meus ombros e está me puxando para ele. — Eu sinto muito. Não sabia que a coisa do cabelo era um grande negócio. Pensei que era mais um complexo.

Eu limpo as lágrimas com meus dedos e chupo uma respiração lenta através do meu nariz para recuperar o controle sobre o meu medo. — Me desculpe, é só que... Isso traz de volta coisas que eu não quero lembrar.

Ele se inclina para longe e enfia os dedos nos meus, apertando a minha mão. — Você vai ficar bem, eu prometo. Estarei com você o tempo todo.

— Talvez eu tenha tempo para correr de volta para o meu quarto. — Eu olho para as portas, no momento em que Kayden e Luke viram a esquina do prédio do dormitório.

Luke é um pouco menor do que Kayden, com o cabelo mais curto, e um rosto sem cicatrizes. Ele está usando uma camisa xadrez, um par de jeans desbotados com um cinto de couro preto e botas em seus pés. O cabelo de

Kayden está desgrenhado com fios pendurados em seus olhos e ele está usando uma camisa preta com capuz, jeans escuro que montam extremamente abaixo dos seus quadris. Aposto que quando ele levanta os braços acima da cabeça seu estômago vai aparecer.

— Callie, você está olhando, — Seth assobia baixinho e me cutuca na caixa torácica com o cotovelo.

— O quê? — Eu pisco para ele enquanto limpo a última das lágrimas do meu rosto, surpresa com a calma.

Ele aperta os lábios, contendo um sorriso. — Você estava olhando para um alguém em especial.

— Não, eu não estava. — Eu nego. — Eu estava?

Ele acena com a cabeça uma vez e depois assobia por entre os dentes, — Você estava e sua boca estava aberta.

— Ei, — diz Kayden e sua testa se franze para o meu rosto molhado de lágrimas. — Vocês dois estavam discutindo?

Eu balanço minha cabeça e olho para Seth. — Não, nós estávamos apenas conversando acaloradamente.

— Tudo bem... — Ele me olha com ceticismo. — Devemos ir logo?

Balançando a cabeça, eu dou um passo para o seu lado e Luke pode andar entre nós e liderar o caminho.

Seth puxa o maço de cigarros do bolso e coloca um em sua boca, nós nos arrastamos por trás deles. — Estamos indo com eles?

— Não. — Eu balanço o meu olhar para a caminhonete enferrujada de apenas três assentos onde não há outros veículos estacionados. — Não, a menos que eles queiram ir no seu carro.

— Bem, vamos oferecer dirigir depois, — ele diz. — E então você pode ser a motoristas da vez, desde que você nunca bebe. Embora, você devesse experimentar esta noite. Provavelmente vai acalmá-la.

— Eu bebi uma cerveja uma vez, — eu protesto. — E não me relaxou.

— Oh, minha ingênua pequena Callie. — Ele suspira, pegando o isqueiro do bolso. — Uma cerveja não vai fazer muito para você. Você precisa de algo com um pontapé. Algo potente.

— Nós não podemos beber em clubes, — eu digo, ele acende o isqueiro com o polegar. Colocando a outra mão em torno da chama, que ilumina a extremidade do cigarro e queima o papel. — Lembra-se o que aconteceu da última vez que tentamos isso em um clube?

Ele suga a respiração, inala a fumaça, antes de soprar para fora na frente do seu rosto. — Sim, excelente ponto. Não quero voltar para a cela de novo.

— Você tem sorte que era seu aniversário e eles deixaram passar.

— Eu também flertei com um dos oficiais. — Ele sorri, soltando uma trilha fina fumaça dos seus lábios.

— Então, quem vai sentar no colo de alguém? — Kayden pergunta, com a mão na porta aberta da caminhonete. Seus olhos estão em mim e há uma pitada de diversão em seus lábios. — Pessoalmente, acho que só há uma opção aqui.

Aponto para o preto Camry do Seth estacionado alguns pontos á baixo. — Eu penso que nós estamos indo no carro de Seth. Vocês podem ir com a gente, se quiserem.

Luke joga as chaves no ar como uma bola de beisebol e, em seguida, pega-a em sua mão. — Parece bom para mim. Dessa forma, eu não tenho que ser responsável pela condução.

Eu meio que esperava que eles não iriam com a gente, assim Seth poderia me dar um discurso de encorajamento e eu poderia tentar prender meu cabelo com alguma coisa, porque a forma como ele tocou meus ombros e o cheiro disso está me deixando louca. Eu tenho o desejo de correr de volta para o meu quarto e cortar tudo de novo.

À medida que caminhamos até o carro de Seth, eu passo os dedos pelo meu cabelo tentando deixá-lo apresentável e fora do caminho. Estendo a mão para a porta do passageiro, mas o braço de Luke se estende e ele abre a porta para mim. Movendo-se para o lado, eu passo em torno dele como se estivesse dançando, quando na verdade é apenas para manter a minha distância.

— Obrigado. — Eu chamo a atenção de Seth sobre o teto do carro e ele arqueia uma sobrancelha quando subimos.

Seth fecha a porta e sacode o assento. — Relaxe Callie, — ele sussurra quando vira a chave e liga motor para a vida. Abrindo a janela, ele estende a

mão para fora para que a fumaça não preencha o carro. — Você vai ficar bem.

Kayden senta no banco de trás do lado oposto de Seth no carro e bate as portas simultaneamente. Seth liga o som enquanto nós afivelamos nossos cintos de segurança. "Hurt" do *Nine Inch Nails* toca e ele pressiona o pedal, rasgando os pneus contra o pavimento molhado. O carro balança para a frente e eu agarro a maçaneta da porta. Seth é um motorista louco. Ele tem uma gaveta cheia de multas e quando era adolescente, seus pais tiraram seu carro duas vezes, porque ele continuava os prejudicando. Ele parece estar sempre com pressa, como ele é com a vida.

Luke se inclina para frente, apoiando a mão na parte de trás do meu assento, e eu afasto a minha cabeça para o lado. — Posso fumar aqui, cara? — Pergunta ele a Seth.

Seth levanta o cigarro, que está quase queimado até o fim. — Claro.

Curvas de um sorriso aparecem nos lábios de Luke enquanto ele afunda de volta no banco. Segundos depois há um movimento de um isqueiro, a janela rola para baixo, e uma brisa fresca de fumaça.

Depois que Luke dá instruções para Seth, ninguém fala por um tempo e eu me preocupo que a noite vá acabar em um silêncio trágico. Então Kayden se inclina para frente e estende seus braços no console.

— Luke e eu tivemos uma ideia brilhante, — ele diz e o brilho dos edifícios reflete em seus olhos. — Você se lembra da rocha que subimos? A única que todos os veteranos vão e deixam algo escrito?

Eu giro de lado no banco e puxo a minha perna para cima do couro. — Sim eu lembro.

Ele inclina seu peso em seus braços, se inclinando para ainda mais perto de mim, e meu coração pula no meu peito. — Bem, nós queremos ir lá em cima e marcá-la.

— Mas você não é um veterano. — Eu ajusto o cinto de segurança no meu ombro. — Bem, duh, acho que você já sabia disso.

Ele ri de mim em um tom divertido. — Nós sabemos, o que torna tudo mais divertido.

Luke espreita sobre a parte superior do banco com o braço para o lado e sopra um rastro de fumaça para fora da janela. — Nós derrubávamos as festas dos veteranos o tempo todo no colegial. Era uma explosão, porque eles não gostavam muito disso.

— Você gostava de perturbá-los? — Eu pergunto e ele inclina a cabeça para o lado, para que não vá soprar a fumaça na minha cara.

— Sim, era muito divertido. — Luke sacode o cigarro pela janela, escovando a ponta do polegar na parte inferior, e as cinzas sopram para fora. — Por mexer com a mente de alguém em vez do contrário.

É como se ele estivesse me dizendo um enigma insolúvel e eu olho para Kayden procurando por uma explicação.

— É muito divertido, — ele me promete com uma piscadela. — Nós estávamos pensando que poderíamos ir até a rocha e colocar algo sobre ela hoje à noite.

— Mas já está tarde. — Eu olho para os números vermelhos brilhantes no relógio e depois para Seth.

— Nós vamos ficar bem. — Seth vira para uma estrada lateral que se espreme entre dois prédios de tijolos.

Há pessoas andando para cima e para baixo na calçada. A maioria são garotas com vestidos provocativos e saltos altos, e os caras com jeans e camisa. Eu olho para os meus converses, meu jeans skinny preto, e a camisa branca abaixo da minha jaqueta. Eu me sinto mal vestida e boba por estar aqui.

Seth vira em um pequeno local de estacionamento e espreme o carro no espaço. É um ajuste apertado e eu tenho que segurar a porta do carro e me manobrar para fora. Luke abaixa o vidro, coloca a cabeça para fora, colocando as mãos sobre o teto, ergue o corpo para fora da janela aberta.

— Você é muito mais magra do que eu. — Ele passa pela porta e pula para o chão. — Meu traseiro teria ficado preso na porta.

Sorrindo, eu ando para a frente do carro onde Seth está esperando por mim, com o cotovelo estendido para fora. Tem um cara magro com feridas no rosto e cabelo longo preto encostado em um poste perto da rua.

Ele me olha, toma um gole de uma garrafa de cerveja e depois move para longe dos seus lábios, o olhar que ele me dá envia um arrepio pelo meu corpo. — Ei você aí sexy, — ele insulta, afastando-se do meio-fio antes de tropeçar de volta. — Você parece fodidamente bem esta noite.

Eu começo a correr de volta para o carro, mas os dedos de Seth agarram em volta do meu cotovelo. — Você está falando com ela ou comigo, porque eu simplesmente não posso diferenciar, — ele grita para o cara.

Os olhos escuros do cara ficam frios com a necessidade de conquistar alguém. Eu já vi esse olhar antes e isso me faz tremer; enchendo meu corpo com um sentimento de repulsa tóxica, desconfiança e vergonha.

O homem bêbado muda seu corpo para frente e oscila em nossa direção. — Eu vou chutar a porra do seu traseiro por isso.

Eu empurro o braço de Seth, pronta para correr, e saltar para dentro do carro, trancar todas as portas, e me esconder no chão. — Por favor, vamos voltar para o carro, Seth.

Kayden caminha até nós, seus dedos escovando o interior do meu braço, e os olhos do homem encontram o seu. Seus ombros endurecem quando ele para, seus sapatos contra o cascalho na calçada.

— Cala a boca seu fodido bêbado, vire-se e vá para casa, — Kayden ordena calmamente, apontando o dedo para baixo na rua.

Lábios rachados do homem se apertam, mas então ele prende sua mandíbula enquanto analisa os ombros largos e a altura de Kayden. Ele joga a garrafa de cerveja na rua onde se quebra em pedaços em todo o asfalto e, em seguida, ele arrasta seus pés enquanto cambaleia em direção ao canto.

Seth e eu soprados um suspiro de alívio, enquanto olhamos fixamente um para o outro em estado de choque.

Seth se vira para Kayden. — Você é como um cavaleiro de armadura brilhante.

Eu sinto um leve toque do cheiro almiscarado de Kayden misturado com colônia. A partir de agora, sempre que eu sentir esse cheiro vou voltar a este momento em que me sentir protegida. — Obrigado, — digo a ele.

Ele sorri, inclinando-se para que seu rosto estivesse perto do meu. — De nada.

Nós caminhamos até a calçada com Seth e eu na frente e Luke e Kayden atrás. Luke se mantém sussurrando para Kayden e de repente ouvimos um gemido. Quando eu me viro, Luke está curvado, segurando sua barriga.

— Seu babaca, — ele rosna e cai de joelhos.

Meus olhos se alargam quando ele fica em pé e anda em direção a Kayden, erguendo os punhos. Kayden não faz nada, apenas fica ali com um olhar impassível no rosto.

— Oh meu Deus! — Eu grito, instintivamente indo em sua direção com as lembranças daquela noite em que seu pai bateu a merda fora dele.

Luke levanta suas mãos para frente e se afasta de Kayden. — Callie, eu estava apenas brincando com ele.

— Oh, eu sinto muito. — Eu levo minha mão sobre a boca, sentindo-me como uma idiota. O homem bêbado deixou meus nervos à flor da pele.

Kayden lança um olhar penetrante para Luke enquanto anda em minha direção. — Está tudo bem, — ele diz com cautela. — Luke estava me dando um tempo duro sobre alguma coisa, então eu bati nele no estômago como brincadeira. A coisa toda era uma piada.

Eu libero uma respiração presa em meu peito. — Ok, eu sinto muito. Eu apenas pensei que ele ia te machucar.

— Você não precisa se desculpar. — Ele olha para Seth depois para mim e seu ombro se desloca para frente, ele envolve um braço em volta do meu ombro.

Eu fico tensa com seu toque e com medo. Parece muito mais íntimo do que quando estávamos subindo as rochas, porque não há nenhum ponto para isso agora, exceto tocar o outro.

Eu olho para Seth pedido por ajudar, mas ele sussurra só pra mim, relaxe e respire.

Mando meu coração errático calar a boca e mesmo que ele não escute, eu consigo fazer todo o caminho até a porta do clube com o braço de Kayden em

volta do meu ombro. É algo novo, fresco e cru. Apesar de ser insignificante, é importante e uma contradição de si mesmo.

Kayden

Callie é a pessoa mais arisca que eu já conheci, o que diz muito pois cada vez que meu pai iria levantar a voz, meus irmãos e eu nos espalhávamos ao redor da casa e nos escondíamos enquanto éramos caçados.

Luke estava me mandando parar de fodicamente verificar sua bunda, eu estava, mas não poderia me parar. Ela é tão pequena e o jeito que balança seus quadris é cativante e sexy, embora ela provavelmente não está fazendo isso de propósito.

— Você está indo se meter em um monte de problemas, — Luke comenta enquanto nós andamos atrás deles.

Eu transfiro meu olhar da bunda de Callie para a cara feia do Luke. — Por quê?

Ele aponta o dedo para Callie com um olhar acusador no rosto. — Por causa dessa garota. Você sabe o que Daisy faria se você a traísse.

— Iria se mover para o próximo cara que dissesse que ela tem peitos agradáveis. — Eu enfio minhas mãos em meus bolsos e passo em torno de um poste.

— Ok, você provavelmente está certo nisso, — ele diz e aponta o dedo para Callie novamente. — Mas você sabe o que Daisy faria para Callie se ela descobrisse que há algo acontecendo entre vocês dois?

— Não há nada acontecendo entre nós.

— Ainda.

Eu balanço minha cabeça, frustrado. — Ela não é assim. Ela é doce e inocente... —

— Essa é uma combinação perigosa para alguém como você. — Ele pega o maço de cigarros do bolso da frente. — Estou totalmente torcendo que você encontre alguém, porque eu odeio Daisy. Apenas termine com ela primeiro e não leve Callie para isso. Ela parece ser tão triste. — Ele engole em seco. — Ela me lembra Amy.

Amy era a irmã mais velha de Luke, que tirou a própria vida com dezesseis anos de idade. Ele nunca foi o mesmo depois da sua morte. Eu me pergunto o que aconteceu com Amy para levá-la para o fundo do poço, o que a fez querer mais do que a sua vida.

— Eu prometo que não vou levar Callie para qualquer coisa. — Eu chuto um copo vazio para o outro lado da estrada.

— Basta pensar com a sua cabeça. — Ele sorri. — E não com seu pau.

Eu balanço o braço para frente e meu cotovelo bate em sua barriga, forte o suficiente para irritá-lo, mas não machucá-lo. — Eu não vou terminar com ela e não há nada acontecendo entre Callie e eu.

Ele solta um grunhido enquanto agarra seu estômago. Eu estou pronto para rir dele quando Callie se vira com um olhar aterrorizado. Eu me sinto como um idiota. Só fica pior quando Luke vem para cima de mim, e ela praticamente salta entre nós. Eu questiono se ela estava pensando naquela noite que me salvou ou se ela é o tipo de garota que só quer salvar a todos.

Eu quero confortá-la, então faço algo que não deveria. Coloco um braço em torno do seu ombro e seus músculos se contraem com tanta força que me preocupo que ela vá desmoronar no chão. É diferente do penhasco porque não há desculpas, mas ela deixa-me segurá-la assim até entrarmos no clube, então ela rapidamente se afasta quando a música e a fumaça nos engole.

— É tão alto aqui, — ela observa, olhando para as pessoas dançando no meio da pista, contorcendo seus quadris, e pressionando seus corpos suados juntos. Luzes de néon piscam em seus rostos cheios de tesão e é praticamente como assistir pornografia.

É um pouco demais, mesmo para Luke e eu, mas nós ainda vamos procurar o espaço para uma mesa vaga, empurrando o nosso caminho através da multidão de pessoas. Seth e Luke acendem imediatamente um cigarro assim que estamos em uma mesa no canto.

— Eu vou pegar as bebidas, — Luke diz deslizando em direção ao final do banco. — Desde que eu sou o único com uma identificação, a menos que você tenha a sua com você.

— Eu disse que meu pai achou quando estávamos arrumando minhas coisas. — Eu pego o cardápio que está no meio da mesa. — Ele pegou.

Do outro lado da mesa, Callie me observa. Eu abro meu cardápio para evitar seu olhar penetrante. — O que nós vamos pedir? Devemos pedir alguns aperitivos ou algo assim?

— Eu tenho que usar a sala das meninas, — Seth anuncia e Callie ri para ele. — Venha comigo Callie.

Ela pega sua mão e segue-o sem sequer questionar. Deixando-me coçando a cabeça. Ela confia muito nele e em todos os outros tão pouco. Por um breve momento, eu imagino como séria para alguém como ela confiar em mim, mas eu tenho muitos segredos trancados dentro de mim para que isso nunca aconteça.

Callie

— Santo Jesus. — Uma vez que entramos no banheiro, Seth gira em torno e coloca as mãos nos quadris. — Isso foi ridiculamente sexy.

Ligo a torneira e coloco as mãos debaixo da água morna. — O quê?

Ele caminha para o meu lado, capturando meu olhar enquanto limpa a garganta acusadoramente. — A maneira como ele se aproximou para nos salvar.

Eu desligo a água e aceno minha mão na frente do dispositivo da toalha de papel. — Foi muito legal da parte dele.

— Callie Lawrence, você o deixou pôr o braço em torno de você, — ele afirma. — Foi mais do que legal para você. Deus, eu estou com tanta inveja.

Eu pego uma toalha de papel e passo ao longo das minhas mãos. — Ele me fez sentir segura por um minuto, — Eu admito, jogando o papel toalha na lixeira.

— E isso é um grande passo para você, — ele diz.

Eu aceno minha cabeça uma quantidade excessiva de vezes. — Eu sei que é.

Seus lábios se espalham em um sorriso enorme. — Devemos sair e se divertir um pouco?

Uma das portas se abrem e uma mulher quarentona entra tirando a blusa de dentro do jeans. Seu movimento é brutalmente parado quando ela vê Seth. — Este é o banheiro das mulheres. — Ela aponta um dedo na porta. — Não é possível que você não viu?

— Você não pode ver que toda a gente neste clube é cerca de 20 anos mais jovem do que você? — Seth retruca, voltando-se para o espelho. Com seu dedo mindinho, ele mexe com sua franja. — Agora, se você nos der licença, vamos ter algum divertimento.

Ele agarra meu braço e eu ofereço a mulher um sorriso de desculpas antes de tropeçar nos meus próprios pés enquanto corro para acompanhar Seth. Ele bate a mão contra a porta e empurra-a aberta, nos movendo para o exterior. A fumaça e o ruído quebram instantaneamente em torno de mim enquanto seus dedos deixam o meu braço.

— Você pode acreditar nela, — ele diz, batendo no bolso para pegar seus cigarros. — Que cadela!

Eu não discuto com ele. Ele tem uma coisa por ser tratado como um igual. — Eu acho que você deixou seus cigarros na mesa, — digo a ele.

A uma fumaça no nosso caminho e ao redor da pista de dança, onde uma canção erótica está tocando. As pessoas têm suas mãos umas sobre as outras, pele com pele, e ver isso me dá uma dor de cabeça.

Na nossa mesa, há quatro shots de líquido claro. Ao lado de cada shot há um copo maior cheio de um líquido acastanhado com uma fatia de limão no topo flutuando.

— Eu não sabia o que todo mundo queria beber, — explica Luke, enquanto Seth levanta o shot para ver através do vidro distorcido. — Então eu apenas pedi shots de vodka e Long Island Iced Teas^{4}. Portanto, temos intenso e semi-intenso.

Seth olha para mim com o canto dos seus olhos. — Parece bom para mim. — Ele levanta o copo no ar. — Devemos fazer um brinde?

Dirijo a minha atenção para a pista de dança, então eu não seria examinada e assisto uma garota saltar para cima e para baixo com os braços no ar, tentando manter o equilíbrio nos saltos altos em seus pés. O cara com quem ela está dançando balança a cabeça para ela, rindo.

— Callie, você ouviu o que o Luke lhe perguntou? — Ouço a voz de Seth por cima do meu ombro.

Rasgando o meu olhar para longe da pista de dança, eu me concentro nos olhos injetados de Seth e o pequeno copo em sua na mão. — Não, o quê?

— Ele queria saber se você estava indo se juntar a nós? — Ele pergunta com os olhos prementes.

Eu balanço minha cabeça. — Eu não penso assim.

Luke apoia a mão sobre a mesa, fazendo vibrar o saleiro. — Há uma regra escrita que você tem que fazer um brinde se é proposto.

Eu levanto o saleiro e varro o sal derramado para fora da mesa. — Alguém tem que nos levar para casa.

— Nós podemos pegar um táxi, — Luke propõe. — Reparo fácil.

Eu fico olhando para o álcool em minha frente, querendo saber se é um grande negócio, porque com a cerveja não senti nada. — Mas então não iríamos pode ir marca a rocha.

Kayden diz como um aviso para Luke. — Basta deixá-la decidir, ok? Se ela não quiser, então ela não precisa.

Definido o copo vidro para baixo, Seth entra na conversa. — Nós podemos fazer o motorista de táxi nos deixar e nos pegar mais tarde. — Ele se inclina e coloca a mão ao redor da minha orelha. — Se você quiser, em seguida, basta fazer. Pegue o copo e se divirta um pouco, por uma vez em sua vida, mas se você realmente não quiser, em seguida, agite sua cabeça.

Meu cabelo está solto, eu deixei Kayden me tocar, e estou em um lugar repleto de tensão sexual. É a noite mais desafiadora que tive em termos de enfrentar os meus medos, então eu envolvo meus dedos em torno do copo e levante-o na minha frente.

— Que se foda, — eu digo sobre a música. — Nós vamos pegar um táxi.

Seth pula e pega seu shot. — Claro que sim!

Kayden ri de Seth e, em seguida, se inclina sobre a mesa em minha direção. — Tem certeza que você está bem com isso? Você não tem que fazer.

Eu aceno com segurança. — Estou bem. Eu prometo.

Seth estende seu braço com o copo acima do centro da mesa, logo abaixo da luz de cúpula. — Levantem seus copos.

Luke estende a mão, e Kayden e eu fazemos o mesmo.

— Alguém não deveria dizer algo significativo ou algo assim? — Seth pergunta. — É assim que os brindes são.

Luke inclina a cabeça para o lado, batendo os dedos sobre a mesa. — Por ficar longe.

Seth sorri para mim. — Por aceitar.

Kayden morde o lábio inferior com as pálpebras se reduzido. — Por se sentir vivo.

Os três olhos fixam em mim e olho para Seth, pedindo por ajuda.

— Esta é a sua coisa, Callie, — ele me diz. — O que quer que você queira dizer, basta fazer isso.

Eu chupo uma respiração e libero-a gradualmente. — Por ser capaz de respirar.

Há um momento que se passa entre Kayden e eu, como se as nossas expressões corresponderem. Em seguida, Em seguida, nós brindamos.

— Foda-se. — Seth derrama um pouco de sal em sua mão e lambe-o. Inclinando a cabeça para trás, ele derrama o shot em sua boca. Em seguida, bate o copo contra a mesa e aponta para ele. — Eu já estou pronto para a segunda rodada.

Kayden me olha enquanto leva o copo aos lábios, arqueando o pescoço para trás, e engolindo. Observo os músculos do seu pescoço enquanto eles se movem para forçar o álcool para baixo. Ele levanta a cabeça e lambe os lábios com seu olhar preso ao meu.

Inalando profundamente, eu posiciono o copo na minha boca, e o cheiro queima meu nariz enquanto inclino minha cabeça para trás e tomo a bebida. O líquido quente derrama na minha garganta e o calor é quase insuportável. Afasto o copo da minha boca, e engasgo com a queimadura, mas mantenho meus lábios selados, forçando o álcool para baixo. Meus ombros tremem enquanto estranguladas rajadas de sons escapam dos meus lábios.

— Você vai fazer isso? — Luke se pergunta, colocando o copo sobre a mesa.

Seth me dá um tapinha nas costas. — Você está bem?

— Sim, eu estou bem, — Eu engasgo, com a palma da mão contra o meu peito.

— Callie é uma novata, — explica Seth enquanto toma um gole do Long Island Iced Teas.

— Você nunca bebeu antes? — Kayden pergunta para mim. — Sério?

Sinto-me estúpida, encolho os ombros. — Não, nada assim de qualquer maneira.

— Então por que você fez isso hoje à noite? — Pergunta ele, parecendo culpado. — Será que nós te pressionamos demais?

— Não, eu queria tentar. — Eu limpo meus lábios com a costa da minha mão.

Suas sobrancelhas arqueiam e uma sugestão de um sorriso aparece em seus lábios. — Estava na sua lista?

— O quê? — Seth exclama sobre a música alta, batendo a mão na mesa. — Você disse a ele sobre a lista?

— Eu disse a ele da lista, — eu explico, mexendo o canudo ao redor da minha bebida, observando o limão girar ao redor. Quando espreito pelo meu cabelo, Kayden está me observando com curiosidade.

— Que lista? — Luke envolve os lábios em torno do canudo e suga sua bebida.

Seth e eu trocamos um olhar e então ele me enxota com as mãos para fora do assento. — Que tal você e eu irmos dançar?

— Tudo bem, eu estou dentro. Apenas não faça nenhum desses movimentos estranhos novamente. A última vez terminei com a bunda no chão. — Eu ajusto minha camisa sobre meu estômago enquanto chego aos meus pés.

Colocando uma mão na parte inferior das minhas costas, Seth nos conduz em direção à pista de dança. Ele já fez isso algumas vezes comigo, então entende o que é; lotes de pânico e um monte de medo.

Ele escolhe uma seção ao lado da pista de dança, onde há menos pessoas e a atmosfera é mais madura. Uma música lenta toca nos alto-falantes e as luzes piscando param e ganham um brilho pálido. Seth parece branco como um fantasma debaixo delas e seus olhos castanhos mel parecem negros quando ele coloca as mãos nos meus quadris.

— Me desculpe se eu te pressionei muito, babe, — ele sussurra. — Eu me sinto mal.

Estendo a mão para os seus ombros e me aproximo mais dele, paro quando as pontas dos nossos sapatos estão tocando. — Você não me pressionou, embora, você poderia ter me avisado que estava indo queimar tão ruim assim. Então eu teria tentado não sufocar e não parecer uma idiota completa.

— Confie em mim, nenhum deles pensa que você é um idiota. — Ele ri, como se soubesse um segredo. — Eu não quero perder toda a confiança que ganhei com você.

— Você não perdeu nada. — Eu aperto seus ombros com meus dedos, avançando quando um cara esbarra em minhas costas. — O dia que você me disse todos os seus segredos foi o dia em que eu sabia que iríamos ser amigos para sempre. Você é a pessoa mais corajosa que eu já conheci.

Ele sorri brilhantemente e se aproxima. — Está se sentindo bem?

— Eu me sinto bem, — digo a ele e descanso minha bochecha contra a sua. — Embora, estou um pouco em dúvida em ir até o penhasco com eles.

— As pessoas vão lá em cima o tempo todo. Nós não seremos os únicos. Você precisa parar de pensar que cada indivíduo é como ele, caso contrário, ele vai sempre possuir você.

Eu solto uma respiração. Ele está certo. Eu preciso deixar de ir com meus medos e livrar meu cérebro do cara que lhe destruiu, mas como posso deixar pra lá uma pessoa que tem uma grande parte de mim?

Kayden

Eu não consigo tirar meus olhos da pista de dança. Mesmo quando meu celular vibra dentro do meu bolso, eu deslizo minha mão para ele e pressiono o botão de desligar na lateral.

— Não faça isso. — Luke arranca um pedaço de gelo da sua bebida e estala-o na boca.

— Fazer o quê? — Eu pergunto, distraído com meu coração batendo acelerado quando vê Callie jogando a cabeça para trás e rir.

Uma mão bate contra o lado da minha cabeça e minha mão se atira para cima. — Ok, o que diabos foi isso?

— Isso é vingança por quando você me bateu lá na calçada, — ele diz, e seus olhos vagueiam para uma garota com o cabelo vermelho longo que passa por nossa mesa em um vestido preto curto. — E foi também para distraí-lo de fazer algo realmente estúpido.

— Não é o que você está pensando, — eu digo. — Eu estava apenas observando as pessoas dançarem.

Ele revira os olhos. — Faça um favor a todos e envie uma mensagem para Daisy terminando tudo com ela. Então você pode fazer o que quiser.

— Você quer que eu termine com ela por mensagem de texto?

— Como se isso importasse para você. Você não se importa com ela, mesmo que diga que a ama.

— Qual é o seu problema com ela, além do fato de que ela irrita a merda fora de você?

Ele joga o canudo sobre a mesa, pega o copo, e toma o resto do Long Island Iced Teas. — Eu estou indo comprar outra rodada.

Eu levanto-me para ele passar, e, em seguida, começo a voltar para a cabine, mas os meus olhos encontram Callie novamente. Ela está sorrindo enquanto fala com Seth. Eu nunca estive tão feliz antes de qualquer coisa. Não faz sentido para mim e talvez seja por isso que estou atraído por ela.

Mesmo que eu não devesse, eu me movo pela pista de dança, virando de lado para passar pelos casais dançando, e me esfrego por um casal de meninas ao longo do caminho. Os olhos de Seth me localizam em primeiro lugar e ele sussurra algo no ouvido de Callie.

Virando a cabeça, ela olha para mim e suas pálpebras levantam um pouco. Suas pupilas parecem enormes abaixo das luzes nebulosas, sua pele pálida, e seu cabelo macio.

— Se importa se eu interromper? — Eu pergunto sobre a música.

Seth solta seus quadris. — Pegue o meu par. — Ele pisca para Callie e anda para a pista, virando enquanto chega na borda, onde a multidão se aproxima.

O olhar de Callie permanece no local onde ele desapareceu, seus ombros rígidos e enfiando os dedos em suas palmas.

Eu coloco meus lábios ao lado da sua orelha. — Você não tem que dançar comigo, se você não quiser.

Seus ombros sacodem para cima e ela gira seu corpo minúsculo para me encarar. Seu olhar rola até as minhas pernas, meu estômago, e isso me deixa um pouco desconfortável. Ela sabe onde estão escondidas as minhas cicatrizes e ela é o tipo de pessoa que quer saber as coisas.

— Está tudo bem. Nós podemos dançar. — Seus nervos aparecem através do tremor da sua voz.

Eu estendo minha mão e ela oscila antes de colocar a palma da mão em cima da minha. Entrelaçando meus dedos ao redor da sua mão, eu puxo lentamente seu corpo em minha direção com meus olhos fixos nos dela. Ela está olhando para mim, impotente, como se estivesse rezando para que eu não fosse machucá-la. Isso me leva de volta a um tempo quando eu era mais novo e meu pai ficou furioso comigo porque eu tinha deixado um vaso da prateleira cair. Ele veio até mim com um cinto na mão e a raiva possuía seus olhos, quando eu mergulhei para debaixo da mesa tentando me esconder. Os cortes do espancamento dos dias anteriores ainda não tinham se curado, e tudo que eu podia fazer era esperar que ele não me matasse.

— Posso colocar minha mão em seu quadril? — Eu pergunto e ela concorda.

Eu pressiono meus dedos em torno da sua cintura e seus olhos ficam um pouco mais amplos, especialmente quando eu coloco minha mão em sua volta. Escuto meu coração dar um baque dentro do meu peito, mais alto do que a música. Estou sentindo coisas que nunca sentir antes e eu poderia estar perdendo a minha cabeça. E se eu continuar a conhecê-la e amplificar os sentimentos? Eu não sei lidar com sentimentos.

Ela se solta um pouco enquanto as mãos deslizam até meu peito e depois em volta do meu pescoço, a cabeça inclinada para que ela pudesse olhar para

mim.

— Eu realmente não gosto de dançar, — eu admito. — Eu meio que desenvolvi um medo de quando eu era pequeno. Seus lábios se contorcem para cima. — Por quê?

Cavando meus dedos suavemente em seus quadris, eu me aproximo até os nossos pés se tocarem e sinto o calor da sua respiração no meu pescoço. — Quando eu tinha dez anos, minha mãe passou por uma fase de dança, onde teve todos os tipos de aulas e quando ela praticava em casa, ela gostava de usar os meus irmãos e eu como seus parceiros. Eu odiei dançar desde então.

Ela sorri. — É fofo que você dançou com sua mãe.

Meus dedos apertam em torno da sua volta e pastam o pedaço de pele entre o seu jeans e a parte inferior da sua camisa. — Você não pode dizer a ninguém sobre isso. Eu tenho uma reputação a defender. Pelo menos eu tinha em casa. Aqui eu não tenho tanta certeza.

Seu sorriso se expande enquanto sua cabeça se inclina para frente e o cabelo cai como um véu em volta do seu rosto. — Pode ser o nosso pequeno segredo.

Eu rio baixinho enquanto ela olha para mim. Ela parece feliz. Quando a música muda para um ritmo mais alegre, eu decido mostrar, simplesmente para mantê-la sorrindo.

— Espere, — eu advirto.

Ela morde o lábio, e a vontade de beijá-la comprime em meu coração. De repente, eu não posso decidir se a deixo aqui na pista de dança, ou se continuo.

Empurrando-a para longe, eu deslizo minha mão em seu braço até que nossos dedos se entrelacem. Seus olhos se arregalam quando eu puxo-a de volta para mim e giro-a ao redor, antes de colidir seu corpo no meu. Seus lábios estão polegadas de distância da minha boca, e seu peito arfante contra os meus.

— Você quer mais? — Pergunto, em voz baixa, na esperança de fazê-la estremecer.

Ela não treme, mas balança a cabeça com entusiasmo, seus olhos azuis brilhando. A palma da minha mão desliza para baixo em sua costa

possessivamente, sentindo o calor da sua pele emitindo através do fino tecido da sua camisa. Eu puxo a mão para frente e derrubo seu corpo para trás. Seu cabelo pendurado no chão, e eu tenho a visão perfeita dos seus seios e o do pedaço da pele que espreita para fora da sua blusa. Respirando fundo, eu deslizo minha mão pela sua costa, até que ela esteja de pé com o peito pressionado contra o meu de novo.

— Não conte a ninguém sobre isso. — eu sussurro no seu ouvido com os braços ao redor da sua cintura.

— Tudo bem, — ela diz, sem fôlego, seus dedos segurando meus ombros.

Eu continuo movendo-a em meus braços até o final da canção, e depois soltamos um do outro e voltamos para a nossa mesa como se nada tivesse acontecido. Algo aconteceu, embora, mas eu não tenho certeza se a persigo ou corro para longe.

CAPÍTULO 5

#3 Tente ser feliz

#3 Seja estupidamente feliz, bêbedo

Callie

Estou feliz, tipo estupidamente feliz. Eu não sei se é porque estou um pouco zonzá ou porque tem sido uma boa noite. Eu tenho feito o que pensava que era impossível e estou muito orgulhosa de mim mesma, eu praticamente salto para o táxi. Eu dancei com Kayden, o deixei me tocar de uma maneira que ninguém nunca tocou, pelo menos com a minha permissão, e eu gostei!

Seth e eu estamos no banco de trás do taxi e Kayden disse ao motorista para onde iríamos. O interior tem cheiro de queijo velho sobreposto com um aroma de pinho. O motorista de táxi é um cara redondo na casa dos cinquenta que não parece nem um pouco animado por ter quatro jovens de 18 anos ruidosamente no seu carro. Há uma música dos anos 80 tocando e Seth se mantém rindo sobre as letras, me dizendo que elas são secretamente sujas e falam sobre sexo.

Luke ouve-o e gira em torno do seu assento. — Realmente fala sobre isso?

Seth aponta para os alto-falantes. — Ouça.

Ficamos em silêncio, olhando para o alto-falante, ouvindo as letras. Seth aperta sua mão em um punho e a leva até seus lábios como um microfone enquanto começa a cantar.

— Como você sabe essas músicas? — Eu pergunto. — Não é o tipo de música que você ouve.

Ele sorri, inclinando-se, para terminar a letra. — Meu pai é um fã ridículo dos anos 80. Ele tem um mullet^{5} e tudo.

Eu rio quando ele faz uns movimentos estranho com seus quadris.

— Ele está falando sobre buceta, não é? — Luke declara e o motorista de táxi aumenta o som para abafar a nossa conversa.

Minhas bochechas coram e viro a cabeça para a janela, puxando a minha camisa sobre meu nariz para esconder a minha risada. Eu não deveria pensar que é engraçado, mas eu faço.

— Oh, Callie está bêbada, — Seth anuncia enquanto deixa suas mãos caírem em seu colo. — Tomou todo o Long Island Iced Tea?

Eu balanço minha cabeça e deixo minha camisa cair do meu nariz. — Só a metade.

— Leve, — Kayden brinca comigo com um sorriso e as minhas bochechas ficam ainda mais vermelhas.

— Ei, é sua primeira vez, — Seth protesta em minha defesa, batendo em minha cabeça como se eu fosse um cão. — Ela fez bem. Na verdade, ela fez muito bem.

Eu me viro para a janela, sabendo o que significava, e amo-o por dizer isso.

— Eu sinto que nós estamos indo ser assaltados, — Seth sussurra enquanto caminhamos em direção a uma loja que fica perto das montanhas. Decidimos parar e comprar algumas lanternas e spray de tinta antes de prosseguir com nosso plano, caso contrário, seria uma viagem sem sentido.

Há um grupo de rapazes fumando na frente. Eles nos observam caminhar em frente ao estacionamento, através das portas de vidro deslizantes, e na loja.

— Tudo o que é suposto ser um dólar tem aqui. — Luke agarra um copo de shot em uma tela em frente das portas e os outros copos ficam na parte inferior. Um pedaço de vidro cai da borda e ele apressadamente coloca-o de volta no lugar. — Sim, eu posso ver o porquê.

Há alguma música funky saindo do teto e Seth balança a cabeça enquanto caminha para uma prateleira e pega um lenço laranja e marrom.

— Oh, acho que eu me lembro da minha avó usando algo assim. — Ele coloca em volta do pescoço e pula para o corredor, examinando as prateleiras.

— Nós devemos nos dividir, — afirma Luke. — E procurar por as lanternas e as tinta spray. Vai ser mais rápido.

— Ou nós poderíamos apenas pedi ao caixa por ajuda. — Eu espreito por cima do meu ombro e vejo um rapaz alto, de pescoço grosso com um olhar duro em seu rosto enquanto nos observa. — Ou não.

— Vamos fazer uma corrida, — anuncia Kayden, pulando para cima para bater a mão contra uma das bandeiras vermelhas no teto. Eu não posso dizer se ele está bêbado, porque não o conheço bem o suficiente, mas ele parece um pouco fora de equilíbrio. — Quem encontrar primeiro o material é o vencedor.

— Isso é um prêmio fodidamente fantástico, — Luke diz sarcasticamente, olhando para um corredor. — Que tal se o perdedor tiver que comprar bebidas na próxima vez que saímos.

— Soa como um bom plano para mim. — Seth se junta a nós, desamarrando o lenço e jogando-o de lado na prateleira. — Eu digo que devemos fazer isso.

Kayden e Luke levantam as mãos acima da minha cabeça e, em seguida, apontam as palmas das mãos para mim. Eu bato suavemente contra as mãos deles e Kayden ri de mim enquanto meus braços caem para meus lados.

— O que é tão engraçado? — Eu pergunto, mas ele apenas balança a cabeça.

— Tudo bem, então aqui estão às regras. — Luke marcha para frente e para trás na frente de nós como se fosse um capitão. — As regras são que não há nenhuma, apenas ser o primeiro a achar quatro lanternas e uma lata de tinta spray. O último é o perdedor.

Eu tento não rir. É isso que as pessoas fazem para se divertir?

Luke para de andar e os olhos escurecem. — Preparar, Apontar, Fogo. — Ele diz rapidamente e, em seguida, corre até o corredor principal, as botas derrapando contra o chão antes que qualquer um de nós possa reagir.

Seth corre para um dos corredores laterais e Kayden corre para o único a minha direita. Estou sozinha no corredor principal. Então começo a andar até ele, balançando os braços e lendo os sinais acima de cada linha.

Quando chego ao terceiro, Kayden cruza a outra extremidade e, em seguida, volta, sorrindo para mim.

— Você não está tentando muito duro, — ele diz. — Na verdade, parece que você não está tentando em tudo.

Aponto acima da minha cabeça para uma placa com número do corredor e com a lista de itens. — Estou tentando uma abordagem diferente que não seja correr ao redor procurando como uma louca.

Ele me encara e suas mãos desnecessariamente ao redor da sua boca. — Agora, qual é a diversão nisso?

Eu rio. — Eu não sei.

Ele move a mão à orelha. — Huh? Eu não posso te ouvir. Você vai ter que gritar.

Sentindo-me boba, eu coloco minhas mãos em volta da minha boca. — Eu disse, eu não sei.

Ele abaixa suas mãos, ainda sorrindo. — Venha. Você pode ver esse lado e eu vou ver o outro. Vamos ver quem pode ser mais rápido até o fim.

Eu balanço minha cabeça. — De jeito nenhum. Você vai ganhar. Você é o jogador de futebol. Você corre o tempo todo.

Ele considera o que eu disse e então pega um rolo de papel toalha da prateleira. — Eu jogo mais do que corro. — Ele dá alguns passos para trás, levantando o rolo de papel toalha acima do ombro, e depois o atira em minha direção. Ele gira direito para mim no ar.

Eu levanto meus braços e o pego sem esforço. Seus braços caem para o seu lado enquanto ele olha para mim. — Bem, alguém tem um talento escondido.

Eu levanto o rolo de papel toalha sobre o meu ombro e jogo-o de volta para ele. — Meu pai é um treinador. — Ele pega e inclina a cabeça, olhando para mim com interesse para que eu continuasse, — Comecei a jogar bola com ele e meu irmão quando eu tinha três anos.

Mantendo os olhos em mim, ele retorna o rolo de papel toalha para a prateleira. — Tudo bem, vamos ver como você pode executar isso. — Ele se lança para o lado e desaparece por trás da prateleira.

Eu contorno, movendo-me para o próximo corredor, onde ele está esperando na outra extremidade. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele se apressa para fora da minha vista novamente e eu levo um par de passos apressados até que eu esteja no final do próximo corredor. Ele não está lá, então eu praticamente corro para o próximo, enquanto ele está decolando novamente. Eu começo a correr com risos escapando dos meus lábios. Toda vez que chego ao final de um corredor, ele está desaparecendo para o outro lado. Finalmente, vejo o corredor de pintura e faço uma volta apressada, assim como Kayden que aparece na outra extremidade.

Nós paramos e olhamos para a tinta spray na linha de baixo no meio do corredor.

— Parece que nós estamos com um pouco de problema, — ele diz um pouco sem fôlego, encontrando meus olhos.

Meu olhar desliza para trás e para frente entre ele e a tinta, e então eu corro em direção dela. Seus sapatos chiam contra o chão enquanto ele corre pelo corredor. Chegamos à seção ao mesmo tempo e batemos contra a prateleira, deixando cair um monte de latas. Eu rio tropeçando nas latas que rolam sobre o chão e me agarro a prateleira para não perder o meu equilíbrio.

— De jeito nenhum. — Os dedos longos de Kayden se envolvem em torno do meu pulso enquanto ele puxa minha mão. — Você não está ganhando esta.

Eu me inclino para a prateleira, mas ele capta a minha mão e me puxa para ele. Eu torço meus braços tentando fugir sem rir e meu pé pisa no chão. Há um chiado quando uma tinta sprays verde suja o chão linóleo branco e meu sapato.

Eu congelo, meus olhos arregalados para a bagunça no chão. — Oh meu Deus.

Os lábios de Kayden se apertam, enquanto ele se esforça para não rir de mim. — Essa foi sua própria culpa.

— Não é engraçado. — Eu dobro meu joelho e levanto meu pé. — O que eu deveria fazer?

Ele define a lata na mão para a prateleira e olha para a bagunça no chão. Entrelaçando os dedos com os meus enquanto me reboca em direção ao final

do corredor.

— Tudo bem, — ele diz, espreitando ao virar a esquina. — Nós vamos sair daqui como se nada tivesse acontecido.

Eu olho para trás, há pegadas verdes do meu sapato no chão. — Estou deixando uma confusão por todo o chão.

— Tire o seu sapato, então.

Eu deslizo a minha mão da sua, observando quão suada a minha pele está, e tiro o tênis do meu pé. Segurando-o pelo cadarço, escondendo-o atrás da minha costa e saímos do lado do corredor.

Seth e Luke estão perto do carrinho do checkout, olhando para a seção de doces, com uma lata de tinta e lanternas em suas mãos.

— Onde vocês dois estão indo? — Luke pergunta e uma das lanternas cai dos seus braços no chão.

O cara do caixa nos examina como um falcão enquanto nos apressamos em direção às portas.

Seth se afasta dos doces, seguindo-nos com os olhos. — Por que Callie só tem um sapato?

— Nós estamos indo para o carro, — diz Kayden com um aceno. — Vejo vocês lá fora.

Tomamos passos largos em direção as portas e corremos para a noite, rindo como loucos. O cimento é frio através da minha meia e eu rapidamente coloco o sapato de volta. O tecido preto está salpicado com tinta verde. Eu tento limpá-lo, arrastando meu sapato ao longo do chão, mas não está funcionando muito bem.

Kayden me observa com diversão. — Eu não acho que vai sair.

Eu franzo a testa para o meu sapato. — Oh cara, estes eram o meu par favorito.

Ele abre a porta do táxi, nós pulamos para dentro, e o motorista nos atira um olhar irritado. Eu pulo na parte traseira e Kayden fecha a porta enquanto afunda ao meu lado.

Ele repousa as mãos sobre os joelhos, e olha para mim através da escuridão. — Você sabe que Luke vai chamar isso de um empate e fazer-nos pagar as

bebidas na próxima vez que sairmos.

— Isso não é muito ruim, — eu digo. — Então, pelo menos, é a metade do dinheiro.

Ele enrola seu braço sobre o encosto do banco e puxa a perna para cima. — Não, ele vai apenas pedir mais bebidas.

Eu tento me concentrar em qualquer outra coisa que não seja o fato de que seu joelho está tocando o lado da minha perna. — Oh sim?

Ele balança a cabeça e seus olhos viajam até o banco da frente. — Sim, então esteja preparada.

Eu olho pela janela para as linhas escuras das montanhas. À noite. A facilidade. Tudo. Minha mente voa para pensamentos que eu não sabia que existiam, como qual o gosto dos seus lábios, e como seus músculos se sentiriam sob meus dedos.

— Callie.

Eu olho para Kayden, piscando os meus pensamentos para longe. — Sim?

Seu olhar treme em meus lábios enquanto sua boca se abre, mas depois a sua mandíbula se aperta e um lento sorriso se curva em seus lábios. — Foi divertido.

Eu sorrio de volta para ele. — Sabe o que? Realmente foi.

— Está escuro pra caralho aqui fora, — Seth reclama enquanto caminhamos até a estrada. — E sujo.

Luke tem sua lanterna na frente. Seth quebrou a sua no momento que saímos do táxi e a minha foi um fracasso, por isso, foram reduzidas a duas.

O taxista está à espera na parte inferior do caminho. Ele disse que temos 20 minutos antes dele nos deixar aqui. Ele não gostou do fato de termos o feito dirigir até uma zona da montanha onde há, obviamente, uma festa ilegal acontecendo.

— É as montanhas, — Kayden diz a Seth, varrendo sua lanterna de lado a lado. — O que você esperava?

As rochas trituram sob meus sapatos enquanto eu agarro o braço de Seth. O ar é um pouco frio e há um pouco de relâmpago através do céu.

Quando chegamos ao fundo da rocha, Luke me entrega a lanterna e balança a lata de tinta. — Então, quem é o bastardo que quer subir primeiro? Não é muito alto, mas estou um pouco perdido.

Seth enfia a mão no ar dramaticamente. — Bem, desde que eu realmente sou um filho bastardo, eu vou fazer isso.

Eu brilho a lanterna em seu rosto e ele tem o olhar cervo nos faróis em seus olhos, surpresa que eu não sabia isso sobre ele. — Eu pensei que você disse que seu pai ouvia música dos anos 80 e tinha um mullet?

— Meu padrasto, — ele esclarece e estende a mão para Luke. — Dê-me a lata. Eu gostaria de colocar meus dois centavos para baixo na rocha.

Luke entrega-lhe a lata. — É toda sua, cara.

Agitando a lata, Seth dá uma volta até a rocha íngreme que inclina-se para o céu cinzento. Sustentando sua bota em uma pedra menor, ele salta para cima, agarrando um pequeno ressalto no lado. Ele muda seu outro pé para a próxima etapa rochosa, portanto, ambos os pés estão sobre a rocha. Enfiando a lata de spray debaixo do braço, ele coloca a outra mão na borda e iça-se para cima. Rolando em suas costas, ele se levanta.

Eu deixo a luz em sua costa enquanto ele olha para rocha. — Você está bem aí em cima?

Ele olha por cima do ombro. — Eu só estou pensando em algo infame para escrever. Oh espere, eu já sei. — Levantando a lata para cima, ele mantém pressionado o bico e começa a mover sua mão em redemoinhos e círculos. Tinta vermelha mancha lentamente a rocha, formando letras até que esteja concluído e, em seguida, ele abaixa a mão.

— Você pode chupar isto, — eu leio suas palavras, tremendo de frio, com um arrepio passando pelos meus braços. — Isso é o que você vai escrever?

Ele se vira com as mãos nos quadris. — É o que eu já escrevi, e se você quiser algo melhor, arraste esse minúsculo traseiro até aqui e escreva você mesmo. Você é a escritora.

Kayden gira em direção a mim, seu cabelo quase preto na luz pálida da lua. Ele tem como objetivo a luz entre nossos pés. — Você escreve?

Eu dou de ombros, virando a lanterna por cima do ombro. — Em um diário.

Ele está intrigado com essas informações, por algum motivo bizarro. — Eu posso realmente ver isso em você.

Eu corro minha mão para cima e para baixo no meu braço, tentando apagar os arrepios. — Por quê?

Ele dá de ombros, chutando seus sapatos na sujeira. — Você sempre parece como se estivesse pensando profundamente... Você está com frio?

— Eu estou bem, — digo através dos dentes batendo, desejando não ter deixado o meu casaco no táxi. — Está apenas um pouco frio.

Ele leva a mão para trás do seu pescoço e puxa o colarinho do seu moletom sobre a cabeça, tirando-o. A camisa preta que tem por baixo levanta-se um pouco e eu pego um vislumbre das cicatrizes irregulares em seu abdômen inferior.

Puxando para baixo a parte inferior da sua camisa, ele estende seu braço para mim, com o moletom na mão. — Aqui, coloque isso.

— Você não tem que me dar o seu moletom.

— Mas eu quero.

Hesitante, eu pego-o e o tecido é macio contra meus dedos. Eu puxo-o sobre a minha cabeça enquanto Kayden passa as mãos pelos cabelos. O moletom fica enorme em mim e eu me sinto pequena.

— Melhor? — Ele pergunta, eu insiro meus braços nas mangas.

Concordo com a cabeça, passando os braços em volta de mim, apreciando o calor e o cheiro da sua colônia. — Obrigado, mas você não vai ficar frio?

Ele sorri como se me achasse divertida. — Eu vou ficar bem, Callie. Eu prometo. Um pouco de ar frio não é nada.

— Callie! — Seth grita e eu salto, girando em direção ao penhasco com a lanterna arremessando através das rochas. — Traga sua bunda até aqui e escreva algo poético.

Eu suspiro e marcho em direção ao penhasco com a luz apontada para frente dos meus pés. O círculo de luz mostra o caminho em torno das rochas e à base do penhasco.

— Me manda sua lanterna, — Seth grita com as mãos ao redor da sua boca. — Eu vou apontá-la enquanto você sobe.

— Se você perder isso, ela vai quebrar, — eu grito, na ponta dos pés.

— Apenas faça, — ele diz em sua voz bêbada, enquanto pula de um lado para o outro no parapeito, balançando os braços.

Estou preocupada que ele vá cair. — Seja cuidadoso!

Kayden move-se para o meu lado, com a mão estendida para o lado. — Me dá. Eu sou um excelente atirador. — Eu coloco a lanterna na palma da sua mão e ele inclina seu ombro para trás, levantando o braço. — Vá um pouco para trás.

— Huh? — Seth diz enquanto o braço de Kayden chicoteia para frente. Ele solta a lanterna e sobe através do ar como se fosse uma bola de futebol.

Seth grita estendendo as mãos frente para pegar a lanterna, que cintila como um vaga-lume enquanto cai em suas mãos. Ela salta para fora delas, batendo no chão e desliga.

— Onde ele está? — Eu pergunto quando Luke chega atrás de nós e procura por luz acima da rocha. Ficamos em silêncio por um momento. Os gritos e risos viajam até nós.

Seth aparece na rocha, esticando o braço no ar com a lanterna na mão. — Peguei.

— Talvez você devesse descer, — Eu aconselho. — Estou preocupada que você possa cair.

— Só depois de marcar a rocha. — Ele vira a lanterna e o brilho ilumina toda a escrita atrás dele. — Agora vamos.

Eu caminho até a rocha, arregaçando as mangas do moletom do Kayden, e coloco minhas mãos sobre o cume mais próximo. Inclinando meu queixo, olho para cima enquanto dobro meu joelho e subo em uma pedra inferior. Saltando para cima e para baixo no meu pé, me preparando para subir, mas ouço alguém mover-se atrás de mim.

— Deixe-me ajudá-la, — Kayden sussurra em meu ouvido, e pela primeira vez na minha vida eu realmente tremo a partir da proximidade de um cara.

— Ok. — Desde que nunca fiquei bêbada antes, não tenho certeza se é o álcool ou eu querendo relaxar, mas mesmo quando ele coloca suas mãos sobre meus quadris, eu estou bem. Na verdade, eu estou mais do que bem.

Com a orientação das suas mãos, eu estico meu corpo para cima e chego até a borda seguinte. A rocha é áspera como uma lixa contra palmas das minhas mãos, eu me arrasto para cima e as mãos de Kayden deslizam pela minha costa quando ele me empurra para cima. Balançando minha perna para cima, ele me dá um último empurrão segurando minha bunda, antes de se afastar.

Meus olhos se arregalam quando eu rolo em cima da borda e olho para o céu. As marcas na minha pele onde ele me tocou e um arrepio passa pelo meu corpo.

Seth aparece acima de mim, o relâmpago refletindo em seus olhos. — Você está bem?

Eu viro para o meu estômago e uso minhas mãos para empurrar-me para os meus pés. — Estou bem. Não há arranhões ou cortes.

Ele irradia a lanterna abaixo do queixo. Ela ilumina seu rosto e faz com que os olhos pareçam brasas. — Eu não estava falando sobre a escalada. Eu estava falando sobre o fato de que ele apenas pegou na sua bunda.

— Você viu isso?

— Claro que eu vi isso. Ele basicamente apenas tateou você.

Eu coloco minhas mãos sobre meus quadris e ando pelo comprimento do penhasco estreito, levantando poeira com a parte inferior dos meus tênis. — Estou bem. Realmente. Na verdade, sinto-me mais do que bem.

— Eu acho que pode ser o álcool falando. — Seth mantém a lata de spray.

— Você acha? — Eu tomo a lata dele e agito-a.

Ele acena com culpa. — Acho que apenas um pouco. Só espero que você não tenha um momento "oh meu Deus" quando acordar amanhã de manhã.

— Eu vou ficar bem. Não me divirto assim há muito tempo. — Caminhando em direção à rocha, considero o que escrever. Eu leio ao longo

das palavras vagas de sabedoria já escritas e as declarações de amor.

— Jesus, é alto aqui, — Luke declara quando chega sobre a borda. Ele fica de pé e olha sobre o penhasco, estalando os dedos. — Eu não sou um fã de altura.

— Nem eu, — eu digo-lhe enquanto Kayden chega, arrastando-se com seus braços, e, em seguida, encontra-se em seu estômago. Ofegante, ele rola sobre suas costas. — Sim, eu me lembro, — ele diz, virando a cabeça para mim e sorrindo.

Eu direciono o bico em um ponto limpo da rocha. Quando pressiono no topo, finjo que sou uma artista traçando a pintura mais bonita, as linhas se misturam em conjunto para que tudo tenha significado. Quando termino, dou um passo para trás, respirando o ar, que é potente da tinta.

Kayden move-se ao meu lado e coloca seu braço em volta do meu ombro. — *"Na existência das nossas vidas, há uma única coincidência que nos une e por um momento, nossos corações batem como um só."* — Ele olha para mim. — Estou impressionado.

Eu entrego-lhe a lata de tinta e seus dedos tocam os meus. — Na verdade, eu escrevi isso há um tempo. — Eu abaixo a minha voz e me inclino. — Logo depois, daquela noite na casa da piscina.

Sua expressão despenca enquanto sua mão cai do meu ombro. Ele joga a lata para Luke. — Devemos ir ou o motorista do táxi vai deixar nossos traseiros arrependidos aqui e não há nenhuma maneira que eu vá andando.

O meu estado de espírito afunda quando percebo que o que eu disse o perturbou. Enquanto vejo-o descer, sinto que a minha noite feliz se afastou para o céu e os relâmpagos.

Quando voltamos para os dormitórios, Kayden sai sem dizer adeus. Dói e confunde-me para nenhum fim.

— O que aconteceu entre vocês dois? — Seth pergunta enquanto passo meu cartão no bloqueio e abro a porta para o salão de residência.

Eu dou de ombros quando entro. — Acho que é porque eu falei sobre a casa da piscina. Eu nem sei por que fiz isso.

Seus olhos ficam vermelhos sob as luzes, fazemos o nosso caminho até o corredor em direção aos elevadores localizados próximo à área de descanso. — É porque você não está pensando muito claramente esta noite.

Eu nos desvio para a direita, quando dois caras volumosos, usando camisas de futebol, caminham pelo corredor em direção a nós. — Eu sei. Estar bêbada é estranho.

Ele cobre a mão sobre a boca para abafar o riso. — Oh meu Deus. Eu te amo tanto. Especialmente quando você diz coisas assim.

— Como o quê?

Ele balança a cabeça, ainda sorrindo quando entramos no elevador. — Nada. Não importa. Embora eu esteja morrendo de vontade de saber por que seu sapato está verde.

Eu viro meu pescoço para olhar por cima do meu ombro para o calcanhar do meu tênis, ele aperta o botão para o meu andar. — Eu pisei em um spray ao mesmo tempo em que Kayden e eu estávamos brigando por ele.

— Eu teria adorado ver isso.

— Tenho certeza de que você teria.

As portas do elevador se abrem e nos voltamos ao fundo do corredor, parando na frente da minha porta. Há alguns risos e batidas do outro lado e o ar cheira a fumo.

Seth desata um lenço vermelho da maçaneta e levanta para frente do meu rosto. — O que é isso?

— Isso significa que eu não posso entrar. — Eu tomo o lenço dele, coloco-o sobre a maçaneta e suspiro, cansada. — Eu estou tão cansada.

— Será que ela está fazendo sexo ou algo assim?

Minha pele se aquece. — Eu não sei, talvez.

Seus dedos embrulham ao redor do meu braço e ele me puxa em direção aos elevadores. — Vamos, vamos levá-la para a cama.

Corro para manter-me no seu ritmo. — Onde estamos indo?

— Para a cama.

Quando chegamos ao piso inferior, ele nos conduz para longe da sala barulhenta, me puxa para fora e vira a esquina em direção ao seu prédio. — Você vai dormir no meu quarto. Meu companheiro de quarto não está lá de qualquer maneira, então eu vou tomar sua cama e você pode dormir na minha.

Eu quero abraçá-lo, mas tenho medo, se eu solta-lo, vou cair na sonolência que toma conta do meu corpo. — Obrigado. Estou tão cansada.

Quando chegamos ao seu quarto, ele digita o código para destrancar a porta e me puxa para dentro enquanto acende a luz. A cama do seu companheiro de quarto está vazia e amontoada com roupa suja. O lado de Seth é organizado, com uma linha de bebidas energéticas vazias no topo da mesa do seu computador - Seth é viciado em bebidas energéticas.

— Ele nunca dorme aqui? — Eu pergunto, chutando uma lata vazia de refrigerante para fora do caminho.

Ele balança a cabeça, tirando o casaco. — Acho que ele tem medo de mim.

Eu aperto meu lábio enquanto dobro as mangas da camisa de Kayden. — Sinto muito. Não vale a pena, ele é um idiota.

— Você não precisa sentir, menina. — Ele tira a carteira do bolso e deixa-a em cima da cômoda ao lado de uma lâmpada. — Você é a pessoa mais compreensiva que eu já conheci.

Ele começa a desabotoar a camisa e eu envolvo meus braços em torno dele. — Você é a melhor pessoa que eu já conheci.

Rindo, ele dá um tapinha na minha cabeça. — Sim, vamos ver se você ainda vai achar isso quando tiver sua primeira ressaca amanhã.

É de bom grado deitado na sua cama. Afofando o travesseiro, eu viro para o lado, e olho para uma foto dele e um cara com cabelo escuro e olhos azuis brilhantes. — Seth, esse é ele? Nesta foto.

Ele leva um minuto para responder. — Sim, é ele. Esse é o Braiden.

Braiden parece um jogador de futebol; ombros fortes, um peitoral magro e braços bem definidos. Ele tem o seu braço em torno do ombro de Seth. Eles parecem felizes, mas no fundo um deles não é. Um deles vai despedaçar o outro quando as acusações do seu amor começar em torno da escola como um enxame de abelhas. Um deles vai ver o outro ser espancado. Eu quero

perguntar por que ele manteve a foto - por que ele tem na parede, mas posso dizer que ele está ficando desconfortável com o assunto.

Ele fecha a luz e do outro lado do quarto, a cama guincha quando Seth se deita. Fica tranquilo entre nós e eu enrolo meu corpo em uma bola, aninhando o rosto no travesseiro e fecho meus olhos.

— Posso te perguntar uma coisa? — Seth de repente pergunta.

Minhas pálpebras se abrem. — Claro.

Ele faz uma pausa. — Você já teve pesadelos sobre o que aconteceu com você?

Eu aperto meus olhos fechados, inalando o cheiro da camisa de Kayden. — O tempo todo.

Ele deixa escapar um suspiro. — Eu também. Não consigo escapar. Toda vez que fecho meus olhos, tudo o que vejo é o ódio em seus rostos e punhos e pés que chegam até mim.

Eu engulo em seco. — Às vezes, eu juro, ainda posso sentir o cheiro dele.

— Eu ainda posso sentir o cheiro da sujeira e gosto do sangue, — ele sussurra. — E a dor.

Ele fica em silêncio e a necessidade de confortá-lo me ultrapassa. Eu rolo para o meu lado, saio da cama, e afundo no colchão ao seu lado. Ele se vira para mim; seu rosto apenas um esboço ao luar.

— Talvez a gente não vá ter pesadelos esta noite, — eu digo. — Talvez as coisas sejam diferentes.

Ele suspira. — Espero que sim, Callie. Eu realmente espero.

Por um minuto eu tenho esperança. A noite foi ótima e sinto que tudo é possível, mas então fecho meus olhos e tudo é roubado de mim.

CAPÍTULO 6

#8 *Desafie você mesmo*

Kayden

Depois de deixar a rocha, eu voltei para o meu dormitório, querendo fugir de tudo o que estou sentindo. O banheiro está ocupado, então acabo indo para a cama, olhando para o teto enquanto a chuva espirra contra a janela. Do outro lado do quarto, Luke está deitado de bruços na cama, roncando.

Enquanto o álcool eleva meu sistema, cada emoção corre através de mim como um rio cheio de agulhas. Eu tenho que desligá-la. É a única maneira que eu sei como lidar com a vida.

Eu rolo para o meu lado, levanto meu punho, e bato contra a cabeceira tão duro quanto posso. Meus dedos estalam e Luke salta para cima da sua cama.

— Que diabos foi isso? — Ele pisca ao redor do quarto, as luzes prata do relâmpago iluminam lá fora.

— Foi o trovão, — eu minto e viro, fechando meus olhos e segurando a minha mão contra o meu peito enquanto a dor queima pelo meu braço. Momentos depois, eu caio em um sono profundo.

— Não fique sentado aí a noite toda sozinho, — Luke diz, andando através do quarto para o mini frigorífico no canto. Ele pega uma cerveja e aparece fora da guia. — Você tem agido estranho, já que a cerimônia de formatura.

Deito-me no sofá, flexionando minha mão uma e outra vez, olhando para as veias que atravessam. — Estou me sentindo um pouco mal em sair. — Honestamente, estou me sentindo estranho sobre a vida. Eu quero sair, ir para a faculdade, ser livre, mas a ideia de estar em campo aberto, cercado por coisas que eu não entendo é foddidamente assustador.

— Você deveria ir arranjar uma foda, mas alguém que não seja a Daisy. — Ele abre a porta e a música do andar de cima flui para o quarto. — Isso é o que eu vou fazer. — Ele

fecha a porta e deixa-me sozinho, preso em meus próprios pensamentos.

Ele está certo. Eu deveria ir lá em cima e foder a primeira garota que eu visse. É a melhor maneira de passar o tempo e passar pela vida, mas eu não consigo parar de pensar em minha mão e o caralho do meu futuro.

Finalmente me levanto do sofá. Caminhando em direção à parede, olho para a porta. Então levanto meu punho e martelo contra parede, tão duro quanto posso. O gesso e a pintura caem em farelo e minha pele separa um pouco, mas isso não é o suficiente. Eu faço novamente e novamente, formando buracos na parede, mas causando poucos danos para o meu lado. Eu preciso de algo mais duro, preciso de tijolos.

Dirijo-me para a porta, mas ela se abre e meu pai entra. Ele lança um olhar sobre os buracos na parede e, em seguida, para a minha mão cortada e sangrando por todo o tapete.

— O que diabos há de errado com você? — Ele balança a cabeça enquanto me persegue, olhando para o gesso e a pintura no chão.

— Eu não tenho ideia. — Eu embalo minha mão ao meu peito enquanto passo em torno dele e corro para fora.

Dentro da casa, as pessoas estão rindo, gritando, cantando a música e as luzes brilham na escuridão. Eu ando pelo quintal, ouvindo-o nos meus calcanhares, sabendo que ele vai me acompanhar e que está mais louco do que o inferno.

— Kayden Owens, — ele diz enquanto se lança na minha frente, ofegante e com os olhos cheios de raiva. Seu hálito cheira a uísque e o vento está soprando folhas em todos os lugares. — Você estava tentando machucar sua mão de propósito?

Eu não falo enquanto desvio em direção à casa da piscina, sem saber para onde estou indo, mas sentindo como se eu tivesse que fugir.

Quando chego à porta, ele agarra meu cotovelo e me obriga a virar. — Comece a explicar. Agora.

Eu fico olhando para ele fixamente e ele começa a gritar comigo, me dizendo que sou um fodido, mas eu mal posso ouvi-lo. Eu vejo os movimentos dos seus lábios, esperando. Segundos depois, o punho colide com a minha cara, mas eu quase não sinto. Ele faz isso uma e outra vez, com seus olhos em um estado vazio. Eu caio no chão e ele me chuta tão duro quanto pode, querendo que eu me levante. Eu não faço. Não tenho certeza se quero. Talvez seja a hora disso acabar; não há o que fazer de qualquer maneira.

Ouçõ meu coração bater calmamente dentro do meu peito, questionando por que ele não reagia. Ele nunca faz. Me pergunto se ele está morto. Talvez esteja. Talvez eu esteja.

Então, do nada, uma garota de repente aparece atrás do meu pai. Ela é pequena e parece aterrorizada, como eu deveria estar. Ela diz algo para o meu pai e quando ele olha para ela, acho que ela vai fugir. Mas ela fica comigo até o meu pai sair.

Sento-me no chão confuso e sem palavras, porque não é assim que as coisas funcionam. As pessoas supostamente vão embora, fingindo que isso não existe, deixando as desculpas estranhas fazerem sentido.

O nome dela é Callie e eu a conheço da escola. Ela está de pé em cima de mim e me olhando com horror em seus olhos. — Você está bem?

É a primeira vez que alguém me pergunta isso e me joga fora do jogo. — Eu estou bem, — eu digo de forma mais acentuada do que tinha planejado.

Ela se vira para ir embora, mas eu não quero que ela saia. Quero que ela volte e me explique por que fez isso. Então eu pergunto a ela e ela tenta me dizer, mas isso não faz sentido.

Por fim, eu desisto de tentar entender e peço-lhe para pegar um kit de primeiros socorros e um saco de gelo. Eu vou para a casa da piscina e tiro a minha camisa, tentando limpar o sangue no meu rosto, mas eu pareço como uma merda. Ele me bateu na cara, algo que ele raramente faz, apenas quando está realmente chateado.

Quando Callie volta, ela parece nervosa. Nós apenas falamos o básico um com o outro, mas então eu tenho que pedir-lhe ajuda para abrir o kit, porque a minha mão não vai funcionar.

— Você realmente precisa de pontos, — ela me diz. — Ou você vai ter uma cicatriz.

Eu tento não rir. Pontos não vão ajudar. Eles fixam pele, cortes, feridas, curam coisas do lado de fora. Tudo está quebrado no meu interior. — Eu posso lidar com as cicatrizes, especialmente as que estão no exterior.

— Eu realmente acho que você deve fazer sua mãe levá-lo ao médico e, em seguida, você pode dizer a ela o que aconteceu, — ela diz, recusando-se a desistir.

Eu começo a desenrolar uma pequena seção de gaze, mas usando apenas uma mão, eu deixo-a cair como uma idiota. — Isso nunca vai acontecer e mesmo que acontecesse, não teria importância. Nada disso tem.

Ela pega a gaze e eu espero que ela vá entregar de volta para mim, mas ela a desenrola em torno da sua mão. Então coloca sobre os meus machucados, olhando para as minhas cicatrizes, notando-as e o erro que elas carregam. Há algo em seus olhos que parece muito familiar, como se algo tivesse preso nela. E me pergunto se é como eu pareço.

Meu coração começa a bater alto dentro do meu peito pela primeira vez em muito tempo, que me lembro. Ele começa sutil, mas quanto mais tempo seus dedos estão perto da minha pele, mais ensurdecedor ele fica, até que eu não consigo ouvir nada mais. Tento não entrar em pânico. O que diabos há de errado com o meu coração?

Ela dá um passo para trás com a cabeça enfiada para baixo, como se quisesse esconder-se. Eu mal posso ver o seu rosto com o meu olho inchado e eu quero ver seu rosto. Eu quase me aproximo e toco-a, mas então ela estava saindo, se certificando de que estou bem. Eu finjo que não me importo, mas o meu coração continua martelando dentro do meu peito, cada vez mais alto e mais alto.

— Obrigado. — Eu começo. Por tudo, por não deixá-lo bater-me, por não deixá-lo pisar em mim.

— Por quê?

Eu simplesmente não consigo chegar lá. Porque eu ainda não tenho certeza se estou grato. — Por pegar o kit de primeiros socorros e o saco de gelo para mim.

— De nada.

Então ela sai pela porta e o silêncio maldito está de volta.

Minha mão tem que estar curada até a próxima semana e eu tenho a minha bunda mastigada pelo meu treinador, porque ele sempre está fodidamente implicando com a maneira que eu jogo. As coisas não estão indo tão bem como planejei. Pensei que agora que eu estava, finalmente, longe de casa, eu ia acabar com a escuridão que me possuía, mas estava errado.

Já faz mais de uma semana desde que Callie pintou aquelas palavras bonitas em cima da rocha. Elas significaram mais para mim do que ela provavelmente possa entender. Ou talvez ela entendesse, e é por isso que eu precisava me afastar. É com esse tipo de emoção que eu não posso lidar.

Perto do final da semana, estou me sentindo realmente para baixo e meu corpo está pagando por isso. Estou deitado na minha cama, me preparando

para ir para a aula, quando Daisy me envia uma mensagem muito vaga.

Daisy: Ei, eu acho que devemos ver outras pessoas.

Eu: O quê? Você está bêbada ou algo assim?

Daisy: Não. Estou completamente sóbria. Estou apenas entediada e cansada de estar sozinha o tempo todo. Eu preciso de mais.

Eu: Eu não posso dar-lhe mais quando estou na faculdade.

Daisy: Então acho que você não me ama tanto quanto eu pensava.

Eu: O que você quer que eu faça? Caia fora?

Daisy: Não sei o que eu quero, mas não é isso.

Ao mesmo tempo eu recebo outra mensagem.

Luke: Eu recebi uma mensagem do D Man e ele disse que acha que Daisy te traiu com Lenny.

Eu: Você está falando sério? Lenny?

Luke: Sim, ele disse que aconteceu durante a festa do Gary no ano novo na escola ou qualquer merda que ele chame.

Eu: A festa do Gary foi antes que ela viesse me visitar.

Luke: Sim... Eu sei. Sinto muito cara.

Eu: Sim, falo com você em breve.

Eu desligo meu celular, sem me preocupar em responder à mensagem de Daisy de volta. Realmente não me sinto chateado com isso, mas parece que eu

deveria. Parece que eu deveria estar chateado, mas me sinto vazio.

Durante minha aula de apresentação oral, estou ouvindo uma garota dar um discurso dos Direitos das Mulheres. Tomo algumas notas, mas, principalmente, olho para fora da janela. Estou olhando para o estádio de futebol à distância, desejando que eu pudesse correr e liberar toda essa energia reprimida.

De repente, eu vejo Callie andando pelo gramado com uma bolsa em seu ombro. Ela está em seu celular, seu cabelo está solto, e as pernas se movem rapidamente para levá-la onde quer que ela esteja indo. Ela está usando calças de yoga preta e um moletom com capuz. Ela atravessa o parque do estacionamento e grita algo quando Luke aparece na calçada, indo até ela. Ele está mancando e olhando em volta como se estivesse fazendo algo errado.

Eles se encontram sob uma grande árvore de carvalho onde as folhas estão empilhadas. Callie diz algo e então dá para Luke seu celular. Ela puxa pedaços do seu cabelo para fora da boca enquanto Luke digita algo. Ela ri quando ele diz algo e deixa-me coçando a cabeça.

Quando ele lhe entrega o celular de volta, eles dão um aceno de despedida para o outro e caminham em direções opostas. Callie desaparece entre uma fileira de carros no estacionamento e Luke manca para fora da área da escola. Ele nunca mencionou que estava saindo com ela. Por que ele está saindo com ela? Porque é que esta merda está me incomodando?

Enfiando a mão no meu bolso, eu pego meu celular e ligo-o novamente.

Eu: Por que você estava conversando com Callie?

Luke: Onde diabos você estava? Eu estava fodidamente te mandando mensagens de texto e de repente você ficou off-line.

Eu: Na sala de aula... Eu vi por fora da janela.

Luke: Ok... Por que importa o que estávamos fazendo?

Eu: Não importa. Eu só estava me perguntando.

Luke: Nós estávamos apenas conversando. Tenho que ir. Classe está começando.

Isso me deixa louco, o que não faz sentido. Eu deveria estar mais chateado com a minha namorada de três anos me traindo, mas é uma falha em comparação com a ideia de que Callie e Luke poderiam estar saindo ou algo assim.

Finalmente eu me levanto da mesa, fazendo uma cena enquanto saio no meio do discurso da pobre garota. Saindo pelas portas, a luz do sol me cega quando piso na direção dos bancos no campus. Sentando em um, eu abaixo a minha cabeça em minhas mãos e tomo uma respiração profunda. Eu não posso reagir assim com ninguém. Nunca. É uma regra minha. Nunca arrastar qualquer um para minha própria merda. Callie é a última pessoa que precisa disso em seus ombros.

Quanto mais tempo eu fico lá, mais trabalho até chegar em uma conclusão, e percebo que a única maneira de resolver isso é realmente descobrir o que está acontecendo. Mando uma mensagem para Luke e pergunto-lhe se eu posso usar a sua caminhonete. Ele diz que sim, mas que devo estar de volta logo, porque ele precisa ir a algum lugar, e me permite saber que as chaves estão sobre a cômoda.

Eu dirijo em direção ao ginásio, onde Callie disse que pratica kick boxe. Ela estava vestida como se estivesse indo se exercitar e eu suponho que é onde ela está, no entanto, quando chego não consigo determinar se eu quero estar certo ou errado sobre a minha suposição.

Saio da caminhonete e olho para o pequeno prédio de tijolos. — Que diabos estou fazendo aqui? — Murmuro para mim mesmo, voltando-me para a caminhonete. É quando Seth pula para fora do carro algumas linhas abaixo.

Ele acena para mim com um cigarro na mão e um olhar confuso em seu rosto. — Ei.

Eu giro em torno da frente da caminhonete em direção a ele. — Você vai malhar?

Ele olha para sua calça e a camisa de botão. — Não, eu só vim com Callie para lhe fazer companhia.

Concordo com a cabeça, sentindo-me como um idiota por ter vindo até aqui. Desde quando eu persigo garotas? — Entendo.

Ele joga seu cigarro para o asfalto e pisa nele com a ponta da bota. — Por que você está aqui? — Ele olha para o meu jeans escuro e a camisa xadrez.

Eu dou de ombros. — Eu não faço ideia. Realmente não sei.

Ele aponta o dedo para as portas de vidro do ginásio. — Callie está lá dentro. Tenho certeza que ela adoraria falar com você.

Eu aperto meus dedos, mesmo os que estão machucados. Dói, mas me acalma. — Ok, eu vou com você por um segundo.

Ele sorri e caminhamos em torno dos carros em direção à entrada do edifício. Há um grande cara andando com um saco sobre seu ombro e Seth se move para abrir para ele.

— Posso perguntar o que aconteceu? — Ele acena com a cabeça para minha mão enquanto damos um passo para dentro.

Eu levanto minha mão enfaixada na minha frente. — Eu a machuquei durante o treino.

— Isso é péssimo. — Ele lidera o caminho em torno das esteiras. O lugar fede a sal e calor e é preenchido com ruídos dos aparelhos de musculação. Há música tocando através dos alto-falantes para agitar todos.

Callie está perto da parte de trás das esteiras, chutando um saco pendurado no teto. Eu não gosto de como estou feliz em vê-la, ou quão feliz meu corpo está por vê-la. Emoções rasgam através de mim como a porra de uma onda.

Ela está saltando ao redor na ponta dos pés. Ela está usando uma regata e seu cabelo está puxado para trás. É mais pele que eu já vi nela e desfruto da vista; as sardas em seus ombros, o arco do seu pescoço, sua clavícula. A calça apertada que ela está usando está me dando uma excelente vista da sua bunda e as pernas.

— Não a machuque, — Seth diz, inclinando-se na minha cara. — Quero dizer fodimente isso.

Eu pisco para ele. — O que você está falando?

Ele olha para Callie. — Não a machuque, — ele repete, e, em seguida, gira sobre os calcanhares, ficando de costas para mim. Ele vai até Callie, e diz-lhe

alguma coisa.

Emoções inundam seu rosto enquanto seu olhar me encontra. Ela timidamente acena a mão e eu ando até ela com as mãos enfiadas nos bolsos da minha calça jeans.

Seu sutiã branco está aparecendo através da sua regata e ela cruza os braços sobre o peito. — O que você está fazendo aqui? — Ela pergunta, traçando a ponta do sapato e para no tapete.

— Eu estava dirigindo por aqui, e vi o carro de Seth na frente, — eu minto. — Então, pensei em parar e dizer oi.

— Oi. — Ela aperta os lábios.

Eu balanço minha cabeça e rio sob a minha respiração. Circulando ao redor do saco de pancadas, dou-lhe um pequeno empurrão, e, em seguida, esquivo-me para o lado quando se arremessa de volta para mim. — Você realmente não estava brincando sobre a coisa do kick boxe.

Ela aperta o elástico em torno do seu rabo de cavalo. — Você achou que eu estava dizendo isso para tentar te impressionar? — Ela vibra seus cílios enquanto caminha para o lado. Eu questiono se ela fez isso de propósito, para tentar flertar comigo. Eu duvido. Ficaria surpreso se ela soubesse como flertar.

— Bem, eu estava esperando que você estivesse. — Eu soco o saco com a minha mão boa.

Seu olhar pisca para Seth que está brincando com pequenos pinos, balançando os quadris enquanto canta a música no rádio. — Não, isso é o que eu faço por diversão.

— Sabe alguma coisa? — Eu olho o seu pequeno corpo com a dúvida.

Mechas do seu cabelo úmido estão presos em seu rosto enquanto ela coloca as mãos nos quadris, tentando parecer durona, mas tudo no que estou focado é no sutiã aparecendo através da sua blusa. — Você quer saber?

— Oh, grandes palavras para uma garota. — Eu estou flertando com ela e sei que é errado por tantas razões, mas é o mais vivo que me sinto em um longo tempo. Eu pego uma das luvas no canto da esteira e coloco-a antes de posicionar a mão para o lado. — Dê o seu melhor chute.

Suas sobrancelhas se arqueiam. — Você quer que eu te chute? Realmente? E se eu te machucar?

— Eu absolutamente quero que você me chute, — digo e, em seguida, tentando irritá-la, acrescento: — Eu não estou preocupado em me machucar.

Seus olhos azuis ficam frios, sua expressão séria enquanto seus punhos se levantam em sua frente. Ela ajeita seu corpo de lado, dando um passo para trás. Ela tem muito boa forma, mas é tão pequena que eu sei que não vai doer.

Ela gira os quadris, surgindo na ponta dos pés, e o fundo do seu tênis colide contra a luva. Meu braço se atira para trás e meus pés deslizam ao longo do tapete. Porra. Doeu. Muito.

Ela sorri enquanto retorna o pé no tapete. — Machucou?

— Pra caralho, — Eu admito, apertando a minha mão. — Sabe, você é tão doce quanto pode ser, mas se der permissão para chutar, puta merda, você é cruel.

— Eu sinto muito. — O riso em sua voz diz o contrário. — Eu não tive a intenção de machucá-lo tanto.

— Eu acho que você teve. — Pego outra luva e mexo meus dedos nela. — Tudo bem, vamos ver o que mais você sabe.

Ela olha para mim com as mãos para o seu lado. — Você está brincando? Você quer que eu lute com você.

Eu bato uma luva na outra. — Eu não vou lutar, mas eu vou tentar ficar fora da sua ira.

Ela ri e faz meu coração saltar dentro do meu peito. — Tudo bem, mas não diga que eu não avisei.

Eu sorrio para ela dando um passo para frente. — Dê o seu melhor chute.

Ela tenta parecer perigosa, seus lábios em uma linha reta, sem piscar os olhos, mas é mais divertido do que qualquer coisa. Ela dá um passo para o lado, e eu acho que ela vai levantar o pé e chutar, mas continua sobrepondo seus pés enquanto circula em minha volta. Dirijo-me com ela, gostaria de saber o que ela está fazendo e, em seguida, do nada, ela para e bate o pé na minha mão. Eu mal bloqueio-a e ela abaixa o pé, dando-me pouco tempo antes de girar em torno do seu dedo do pé e enfia seu sapato em minha outra luva.

Ela inclina o pé no chão com um olhar arrogante em seu rosto. — Já teve o bastante?

Eu balanço minha cabeça enquanto reposiciono os meus pés. — Ok, se você quer jogar sujo, então vamos jogar sujo.

Ela salta para cima na ponta dos pés, se preparando para saltar para cima e me chutar. Antes que ela termine, eu corro para frente, meus braços em volta da sua cintura e agarro o seu redor, pressionando-a contra meu peito.

Eu congelo, me perguntando se ela vai entrar em pânico, mas ela balança o braço para cima em minha direção enquanto tenta se agachar e escorregar para fora dos meus braços. Eu fortaleço meu domínio sobre ela e fixo-a contra meu peito.

— Isso não é justo, — ela diz. — Você está quebrando as regras.

— Vamos lá, — Eu provoco-a enquanto ela tenta me chutar na canela e eu pulo para trás, mantendo o meu domínio sobre ela. — Você agiu toda durona quando era a única que tinha toda a diversão.

Seu corpo de repente se acalma. Então ela agarra meus braços e sem nenhum aviso, arremessa-os para fora dela. Tentando manter uma pressão, porque eu estava gostando da sensação do seu calor contra mim, eu aproveito a parte inferior da sua camisa. Ela tropeça de volta para mim e nossas pernas se entrelaçam. Girando-nos ao redor, nós tropeçamos nos pés um no outro e caímos no tapete. Ela engata rapidamente a perna sobre a minha barriga e monta em cima de mim, prendendo meus braços com as suas mãos pequenas.

Seu rabo de cavalo está parcialmente solto e seu cabelo toca meu rosto enquanto ela paira sobre mim. Seu peito arfa para cima e para baixo, sua pele úmida, e seus olhos ampliados.

— Eu ganhei, — ela diz, deslocando seu peso.

A sensação dela em cima de mim, o jeito que ela cheira, a maneira como suas pernas estão espalhados em volta da minha cintura é inebriante. Estou começando a ficar duro e ela vai senti-lo pressionado contra ela.

— Você é cruel quando luta, — afirmo. — Eu realmente não achei que você tinha isso em você.

Sua testa se franze. — Eu também.

Eu deixo mais alguns segundos se passarem, mesmo que eu deveria estar me movendo para longe. Meu olhar fixa em seus lábios e eu quase deslizo minha mão pela sua costa, até o seu cabelo, e puxá-la para um beijo.

— Ok, tanto quanto eu odeio interromper este momento bonito, — diz Seth enquanto seu rosto aparece sobre nós. — Eu vou ter que lembrar a senhorita Callie, que ela tem um lugar para estar.

Ela pisca, as bochechas ficando rosa, como se estivesse saindo de um torpor, e ela rapidamente pula de cima de mim. — Sinto muito. Fiquei um pouco fora de controle.

Eu me sustento em meus cotovelos. — Onde você está indo?

— Umm... — Ela desliza o elástico fora do seu cabelo e refaz seu rabo de cavalo apertado. — Vou me encontrar com Luke em um lugar.

— Luke, tipo o Luke?

Ela balança a cabeça, olhando para Seth. — Sim, esse mesmo.

Eu me empurro para cima e mexo as minhas mãos para fora das luvas. — Por quê?

Ela passa o braço na testa. — Eu não posso te dizer o porquê.

Eu lanço as luvas no chão, perto da esquina, irritado. — Ok.

— Eu quero te dizer, — ela se apressa e acrescenta, — mas eu não posso.

— Está bem. Eu estou indo de qualquer maneira. Tenho algumas coisas que preciso fazer. — Afasto-me dela, sabendo que é o melhor, mas desejando ser o único com quem ela iria sair.

CAPÍTULO 7

#27 Ajude alguém sem que ele lhe peça.

Callie

Eu me sinto estranha com o que está acontecendo com Luke, por várias razões, uma porque eu mal o conheço. Eu não tenho nenhuma ideia de como entrei nessa situação. Na verdade eu tenho. Eu estava andando em torno da extremidade traseira do campus, porque gosto de como é silencioso lá.

Enquanto estava derramando alguns M&Ms em minha boca, eu dobro a esquina e quase piso em Luke. Ele estava sentado no chão, no chão, com a cabeça baixa e as pernas dobradas na sua frente.

— Oh meu Deus. — Eu pulo para trás, pressionando minha mão ao meu coração. — O que você está fazendo aqui?

Ele usava shorts, uma camisa branca e seu cabelo castanho estava úmido. Ele ergue o rosto e sua pele estava mais pálida do que a neve. — Callie, o que você está fazendo?

Eu enrolo o papel de bala na minha mão. — Eu ando por aqui depois da minha aula de Inglês. Eu estava realmente me preparando para encontrar com Seth para ir para o ginásio.

Ele balança a cabeça para cima e para baixo, o suor escorrendo por sua testa. — Oh.

Viro-me para sair, mas decido que não posso deixá-lo com essa aparência tão terrível. — Você está bem?

Ele coça o braço. — Sim, eu estava treinando e comecei a me sentir mal, então vim até aqui para tomar um fôlego por um minuto.

Eu me agacho em sua frente, mantendo distância suficiente para me deixar confortável. — Você está doente ou algo assim? Você parece...

— Uma merda, — ele termina para mim enquanto fica de pé e suspira.

Meu olhar estala para sua perna, inchada duas vezes do seu tamanho normal, manchada e vermelha. — O que aconteceu com sua perna?

Ele solta um suspiro lento, se inclinando contra a parede de tijolos da escola. — Eu posso ou não ter me esquecido de tomar a insulina nos últimos dias.

— Você é diabético?

Ele coloca um dedo sobre os lábios e balança a cabeça. — Não conte a ninguém. Eu não gosto de mostrar fraqueza. É uma coisa estranha comigo.

— Por que você não tomou sua dose?

— Eu corri para fora e nunca peguei mais. É outra coisa estranha comigo... Às vezes eu não consigo usar uma agulha no meu corpo.

Eu não pressiono enquanto olho para sua perna, inflamada do joelho para baixo. — Você quer que eu te leve ao médico? Ou quer que eu vá encontrar o Kayden?

Ele balança a cabeça, dando um passo para frente e, em seguida, cambaleia para trás, batendo o cotovelo na parede. — Não diga a Kayden. Quando eu digo que ninguém sabe, quero dizer ninguém.

Ninguém sabe.

Eu ajusto a alça da minha bolsa mais acima no meu ombro. — Eu acho que você precisa ir ao médico.

— Eu sei que preciso ir ao médico. — Colocando um pouco de peso em sua perna, ele manca em minha direção. — Olha, você não tem coisas que não quer que as pessoas saibam?

Eu balanço a cabeça cautelosamente. — Sim.

— Ok, bem, para mim, esta é uma dessas coisas, — ele diz. — Então, você pode manter segredo sobre isso?

Eu balanço a cabeça novamente. — Contanto que você deixe-me levá-lo ao médico.

Ele fecha os olhos, respira pelo nariz, e seu peitoral se expande para frente debaixo da sua camisa quando ele abre suas pálpebras. — Ok, nós temos um acordo. Deixe-me ir trocar de roupa, marcar uma consulta, e então eu vou encontrá-la em 20 minutos.

— Talvez você devesse simplesmente ir ao pronto-socorro, — sugiro. — Você está horrível.

— Viagens de ER custam um monte de dinheiro, — ele responde, mancando em direção às portas de metal. — O dinheiro eu não tenho.

— Ok, eu vou encontrá-lo lá na frente, — digo e então ele sai, deixando a porta fechar atrás dele.

Enquanto eu me dirijo para o meu dormitório para largar minhas coisas, eu não tinha ideia de como tinha me metido nessa situação. Passei os últimos seis anos tentando ficar longe de caras, mas parece que isso é tudo o que eu tenho feito ultimamente, mas eu não estava indo me acovardar.

Quando o encontro depois de vinte minutos mais tarde, descubro que ele não poderia ir ao médico por mais duas horas, então nós trocamos números e eu lhe prometo que estarei de volta para levá-lo.

Duas horas mais tarde, estamos sentados no escritório. Luke balança seu joelho para cima e para baixo, eu leio uma cópia da revista People, enquanto termino um pedaço de alcaçuz. Eu mudei minhas roupas de ginástica para jeans e uma blusa. Estou surpresa com quão bem estou lidando com o que fiz na academia com Kayden. Sentar em cima dele pareceu estranho, mas meu corpo gostou. Muito. Seth brincou comigo sobre isso por todo o caminho até o Campus e eu continuei esperando por isso chegar a mim, mas eu ainda me sinto bem.

A pele de Luke parece quase amarela sob a iluminação da sala de espera. Eu viro a página e, em seguida, inclino a cabeça para o lado para tentar entender o que estou olhando.

— Você não odeia consultórios médicos? — Luke diz abruptamente.

Eu olho para cima e seus olhos castanhos estão enormes enquanto ele olha para um homem em nossa frente, com a mão cortada. — Eu acho.

Ele coça agitado seu templo até que haja estrias vermelhas em sua pele. — É tão fodidamente anti-higiênico.

Eu fecho a revista e coloco-a sobre a mesa. — Talvez se você não pensasse muito sobre isso, então relaxaria um pouco.

Ele faz uma pausa e para de bater o pé. — Eu realmente odeio agulhas.

Não faz sentido, uma vez que ele provavelmente tem que tomar injeções de insulina todo o tempo. O medo em seus olhos me faz pensar se não há mais em sua fobia do que apenas as agulhas, embora.

— Tudo bem, pense em outra coisa. — Eu pego uma cópia do Sports Illustrated da mesa ao meu lado. — Leia isso. Vai ajudar a fazer sua mente pensar em outras coisas.

Suas sobrancelhas se unem enquanto ele pega a revista de mim e estuda a garota na capa. — Sabe, eu não me lembro de você ser desta forma no ensino médio. Você era muito quieta e todos... — Ele para, mas eu sei o que ele ia dizer; todos zombavam de mim, pegavam no meu pé, me provocavam e torturavam. — Sinto muito. Eu não deveria trazer essas coisas à tona.

— Está tudo bem, — eu asseguro-lhe, mas as memórias explodem através do meu cérebro, como cacos de vidro.

— Sabe, você me faz lembrar da minha irmã, Amy, — ele diz. — Eu não sei se você se lembra dela. Ela era um par de anos mais velha do que nós.

Eu balanço minha cabeça. — Eu não lembro. Desculpe.

Ele abre a revista e vira a página. — Ela era muito parecida com você. Quieta, agradável, mas triste.

Eu noto o que ele disse. Pressiono meus lábios como se o vidro na minha cabeça multiplicasse enquanto se quebram em vários pedaços. — Você pode me dar licença por um segundo?

Levanto-me da minha cadeira e corro pelo corredor até o banheiro. Meus ombros começam a se debruçarem enquanto a dor em meu estômago se constrói. Felizmente, o banheiro está vazio, caso contrário eu teria feito isso no salão e todos teriam descoberto o meu pequeno segredo. A única coisa que me faz sentir melhor durante os tempos mais sombrios dos meus pensamentos. A única coisa que me pertence e ninguém pode tirar isso de mim.

— Eu acho que deveria levá-la lá como forma de agradecimento, — Luke diz, enquanto passamos por um carnaval^{6} criado em recinto de feiras. O sol está descendo por trás das montanhas e o céu está cinza com toques de rosa e laranja. Luzes de néon e música assumindo a terra.

— Eu não vou a um desde que tinha onze anos, — eu admito. — Eu nunca fui realmente aos brinquedos de diversão, especialmente os que eram muito altos.

— Você nunca foi para os da nossa cidade? — Pergunta ele, fazendo uma pausa em um semáforo.

Eu balanço minha cabeça. — Eu parei de ir quando fiz doze anos.

Ele olha para mim, esperando por uma explicação, mas o que eu diria? Que a minha infância terminou aos doze anos quando a minha inocência foi roubada? Que depois do que aconteceu, algodão doce, balões, jogos e brinquedos me faziam desejar por um tempo que eu nunca teria de volta?

— Bem, então eu vou levar você, — ele diz, enquanto o semáforo muda de cor e um brilho verde reflete em seu rosto. Ele solta a embreagem e a caminhonete rola para frente.

— Oh, você não tem que fazer isso, — digo a ele. — Fico feliz em ajudá-lo, especialmente desde que você não parece que está indo cair morto.

— Será que eu parecia tão ruim assim?

— Você parecia uma merda.

Ele balança a cabeça com um pequeno sorriso em seu rosto. — Ainda assim, eu acho que nós deveríamos ir. É melhor do que voltar para o campus e ficar trancando nos dormitórios. Eu mal saí do meu quarto desde que a faculdade começou. — Ele faz uma pausa enquanto gira o volante e vira para direita em um estacionamento de terra ao lado das tendas brancas e o brilho de néon do parque. — Você pode ligar para Seth e convidá-lo. — Ele considera enquanto desliga o motor. — Vou ligar para Kayden e ver se ele quer vir.

Eu olho para as minhas unhas enquanto tento manter a calma e não parecer como uma garota boba. — Eu acho que nós poderíamos fazer isso.

Eu puxo o meu celular do bolso da minha calça jeans, enquanto ele pega o seu do painel rachado. Enquanto eu ligo para Seth, ele fala com Kayden. Eu ouço Luke ser vago a respeito do porquê estamos juntos e eu me pergunto se Kayden ainda está chateado.

— Seth vem. — Eu levanto os meus quadris para empurrar o meu celular de volta no bolso. — E ele disse que iria ligar para Kayden, para ver se ele vai querer uma carona... Se ele estiver vindo.

Luke repete o que eu digo a Kayden, e então desliga seu celular, esfregando a parte de trás do seu braço, onde ele recebeu a injeção de insulina. — Kayden diz que está vindo, também. — Ele abre a porta e pula para fora, se inclinando de volta para pegar as chaves da ignição. — Eu disse a ele que iríamos encontrá-los ao longo da fila do Zipper^{7}.

Saio do carro, empurrando a porta com meu quadril, e encontrando-o em torno do outro lado da caminhonete. Eu fico meio louca com brinquedos de diversão giratórios. — O Zipper? Isso soa interessante.

Ele ri enquanto nós caminhamos em frente ao estacionamento em direção ao portão de entrada. — Sim, vamos ver se você ainda vai dizer isso quando vê-lo.

Nós estamos esperando na fila para entrar no brinquedo de diversão que tem um centro metálico de comprimento com gaiolas ligadas a ele. Cada gaiola vira em um movimento circular, para que haja o dobro do giro. As luzes piscam e alguma música de rock pesado toca tão alto que mal dá para ouvir os gritos de dentro das gaiolas. Eu assisto girar ao redor e ao redor, ficando louca, enquanto Luke manda mensagens do seu telefone.

— Você vai fazer isso? — A respiração de Kayden acaricia meu pescoço enquanto sua voz toca meu tímpano.

Viro a cabeça e seus lábios quase tocam os meus. A proximidade abrupta assusta-nos e faz ambos darmos um passo para trás, ao mesmo tempo.

Ele está usando jeans solto, botas e uma camisa preta de manga comprida. Seu cabelo escuro parece um pouco molhado, como se ele tivesse acabado de sair do banho antes de vir para cá.

Ele é lindo, eu admito isso para mim mesma. É a primeira vez que fui capaz de admitir isso sobre um cara em um tempo muito longo.

— Você está me apavorando, — ele grita por cima da música, se inclinando para mais perto. — Você está pensando seriamente em entrar nessa coisa?

— Talvez... — Eu inclino o pescoço para trás, inclinando a cabeça para o brinquedo de diversão. — Mas é tão alto.

Luzes rosa e amarela dançam em seu rosto quando ele olha para o brinquedo de diversão e, em seguida, me olha nos olhos. — Que tal compartilhar uma gaiola?

— Eu não acho que seja uma boa ideia, — eu digo. — Na verdade, acho que é uma ideia muito ruim.

— O que isso quer dizer? — Os cantos da sua boca se apertam enquanto seu olhar escurece. — Você não confia em mim?

— Sim, eu confio em você, — eu digo. — Mas eu não quero acabar vomitando em cima de você.

— Você vai ficar bem, — ele me assegura, cutucando seu ombro com o meu e, em seguida, pisca para mim. Há algo de diferente nele hoje à noite; ele está mais solto e eu acho que pode estar flertando comigo. — Eu prometo que não vou deixar nada acontecer com você. Na verdade, você pode segurar minha mão o tempo todo.

Onde estava ele durante meu décimo segundo aniversário? Provavelmente, brincando de esconde-esconde com o resto das crianças.

— Tudo bem, eu vou com você, — eu digo com hesitação. — Mas não diga que eu não avisei.

— Aviso tomado e rejeitado. — Ele entrelaça seus dedos nos meus enquanto me empurra para frente com a fila em movimento.

— Preciso ir, — Luke diz com sua atenção em seu celular. — Eu tenho algumas coisas que tenho que resolver.

— Onde está Seth? — Eu pergunto, olhando em volta para as cabines, os brinquedos, e as tendas com comida, tentando não fazer um grande negócio que Kayden está segurando minha mão.

Mas é tudo o que eu posso notar.

— Ele foi se encontrar com alguém. — Kayden dá um passo para frente e eu me movo com ele. — Ele disse para dizer-lhe que iria nos encontrar depois e para você relaxar e se divertir.

Eu amasso meu nariz para o brinquedo de diversão. — E isso se qualifica como diversão?

— Oh sim. — Ele me puxa para o cara do bilhete, que está usando uma camisa polo azul, jeans velho, e chapéu de um caminhoneiro. — Você vai ter uma explosão.

Eu mostro ao cara o carimbo na minha mão e, em seguida, Kayden coloca o braço na minha frente para mostrar-lhe o carimbo no seu. Quando ele dá um passo para trás, sua mão involuntariamente escova meu seio e eu pisco para a sensação de formigamento que provoca.

O cara do bilhete destranca a porta para nós e andamos até a rampa. Kayden solta minha mão para que eu possa saltar para dentro da gaiola. Uma vez que estou no assento com os pés firmemente plantados no fundo, ele se junta a mim. Sem qualquer preparação, o cara do bilhete fecha a trava e bloqueia a gaiola do lado de fora. Há uma trava acolchoada no interior que empurra contra meus ombros e pressiona-me no banco. É um ajuste apertado e a perna de Kayden está pressionada contra a minha; queimando através das minhas roupas.

Ele se inclina para frente, encontrando meus olhos e um sorriso lento se espalha por seu rosto. — Está confortável aqui.

Eu aceno com a cabeça e ela bate contra a parte traseira do assento. — Muito confortável. Se as dobradiças se abrirem, vai esmagar todos como uma bola quando atingir o solo e nos esmagar junto com eles.

— Pare de querer me assustar, — ele diz em tom despreocupado, então sacode os ombros para frente e balança a gaiola.

— Não, — eu imploro, meus dedos se apertando ao redor da grade. — Por favor. Não podemos simplesmente ficar parados?

Ele balança a cabeça enquanto o brinquedo avança para frente e para assim que a gaiola em frente de nós se alinha com a rampa. — Agora, qual seria a diversão nisso?

— Seria divertido, porque eu seria capaz de segurar todo o milho doce que eu comi, — eu digo inocentemente.

Ele para de balançar. — Oh, vamos lá, Callie. Não vai ser divertido se não balançar. Na verdade, quanto mais nós balançarmos, melhor vai ser. — Sua

voz cai para um sussurro profundo. — Podemos balançar agradável e lento ou muito, muito rápido.

Suas palavras fazem minhas bochechas corarem, mas felizmente está escuro. — E se eu ficar com medo? Ou meu reflexo de vômito ficar um pouco animado?

— Eu vou te dizer o quê. — Ele manobra sua mão ao redor da trava e aperta meu joelho com os dedos, enviando uma onda de calor entre minhas pernas. — Se você sentir como se estivesse indo vomitar e ficar assustada fora de sua mente, grite, "Kayden é o homem mais sexy do mundo" e eu vou parar.

Os empurrões na gaiola param e eu aperto a grade quando começamos a chegar ao topo. — É sério que você quer que eu grite isso?

— Absolutamente. — Ele faz uma pausa quando a nossa gaiola atinge o ponto mais alto e o brinquedo chega a um impasse, balançando na brisa. — Eu tenho a sua permissão para balançar e dar-lhe o melhor passeio da sua vida?

Por que parece como se ele estivesse secretamente falando sujo comigo? — Sim, vá em frente, balance agradável e rápido, — eu digo sem pensar, então mordo meu lábio quando a seção suja do meu cérebro me alcança. Honestamente, eu nem sabia que existia esse lado.

— Uau. — Ele libera uma respiração lenta com os olhos arregalados e depois balança a cabeça. — Ok, você está pronta?

Eu intensifico meu aperto em torno das barras e pressiono as pontas dos meus sapatos no chão. — Sim... eu acho.

Ele arremessa seu corpo para frente enquanto o passeio decola. Nossa gaiola começa a girar gradualmente no início, mas quanto mais desce mais rápido fica. As luzes de flash lá fora e a música tocando. Eu ouço o rugido dos outros brinquedos de diversão; pessoas rindo, gritando. O vento sopra contra minhas bochechas e o ar cheira a sal e algodão doce.

Quanto mais rápido fica, mais eu perco o que está acontecendo à medida que avançamos ao redor e ao redor. As dobradiças rangem e ouço Kayden rir quando solto um pequeno grito. Surpreendentemente, eu não piro, nem Kayden é sujo por milho doce. Estou me divertindo, mesmo que pareça que

meu rosto está sendo sugado de volta para o meu crânio e meu cérebro está fazendo barulho.

Quando o brinquedo de diversão para, estamos no topo e a brisa se esgueira entre os buracos na grade.

Kayden abre os olhos e um olhar confuso aparece em seu rosto. — Eu pensei que você tivesse desmaiado ou algo assim, pelo jeito que estava quieta.

— Eu estava apenas apreciando o passeio, — eu digo sem fôlego. — Foi realmente muito divertido.

— Bem, eu estou feliz que foi tão bom, — ele diz, descansando para trás na cadeira.

Viro a cabeça para esconder o sorriso no meu rosto, porque ele está apenas se divertindo e estou gostando demais. Ele tem uma namorada. Uma namorada muito bonita, que não tem problemas até o pescoço. Uma que ele pode tocar e balançar como ou quando quiser.

Nós não falamos até a nossa gaiola atingir a rampa. Quando o cara do bilhete abre a trava, Kayden pula para fora e eu o sigo, tropeçando em meus próprios pés quando o mundo oscila com a minha tontura. Meu ombro bate em seu peito largo. Ele ri de mim enquanto seus dedos apertam minha cintura e ele me orienta mais perto do seu lado. Entre a descarga de adrenalina e a sensação das suas mãos me segurando, parece que vai ser uma boa noite.

E eu estive procurando por algo assim por muito tempo.

CAPÍTULO 8

#17 Algo surpreendente vai acontecer, sem dúvida ou hesitação

Kayden

Eu sei o que estou fazendo é errado, mas não consigo parar. Eu estou flertando com ela, procurando desculpas para tocá-la e fazê-la rir. Eu nunca agi assim antes com qualquer pessoa, incluindo Daisy. Daisy era fácil. Tudo o que eu tinha que fazer era dizer algo agradável sobre ela e a vida era boa. Não com Callie. Com ela eu tenho que ganhá-la.

— Ninguém nunca ganha estes jogos, especialmente os principais prêmios na prateleira, — Seth declara enquanto nós vagueamos ao longo da fila de tendas. Ele tem seu braço ao redor de Callie e eles continuam sussurrando um com o outro. Eu quero trocar de lugar com ele, mas não sei o caminho certo para fazer isso.

— É um truque, eu lhe disse, para roubar todo o seu dinheiro. — Ele solta uma risada de vilão misturado com uma risada de pirata e Callie esconde o rosto em seu peito, ombros levantando enquanto ela ri histericamente.

— Será que ele está falando sério ou apenas por dizer? — Luke pergunta, manobrando em torno de um homem mais velho entregando panfletos.

Eu aceno a cabeça, o meu olhar rastreando pelas tendas. — Eu acho que ele está falando sério.

O pescoço de Luke vira para a esquerda enquanto ele verifica uma morena alta, usando jeans apertado e uma blusa que cobre metade do seu estômago. — Eu acho que você pode ter que provar que ele está errado.

Você está tentando me dizer que você pode ganhar isso? — Seth aponta para uma tenda onde dardos têm de ser jogado em balões. Então, ele aponta o dedo em direção ao teto, onde existem enormes ursos de pelúcia pendurados

por cordas. — E eu não estou falando sobre aqueles pequenos prêmios tolos sobre a linha de fundo. Eu quero um daqueles grandes lá em cima.

Eu levanto meus dedos e meu pescoço. — Ok, em primeiro lugar quando eu ganhar um, não vai ser para você. Vai ser para aquela bela garota ali. — Eu aponto para Callie, em seguida, quero levá-lo de volta, mesmo que seja verdade.

Callie olha para mim através dos seus cílios, tentando segurar um blush e Seth pigarreja. — Tudo bem, homem viril, — ele diz. — Vai provar que você é um homem.

Eu deslizo a minha carteira do bolso de trás, enquanto Luke caminha em direção aos brinquedos de diversão, acendendo um cigarro.

— Você percebe que ele é um quarterback, certo? — Callie diz a Seth enquanto eles andam atrás de mim e isso me faz sorrir por algum motivo estúpido. — Ele pratica atinge um alvo a cada dia.

— E daí? — Seth argumenta. — Eu ainda estou chamando sua merda de mentira. Estes jogos são impossíveis de se ganhar.

Callie fica ao meu lado enquanto eu entrego ao cara na cabine algum dinheiro em troca de cinco dardos. Ele coloca-os no balcão e vai para o canto, voltando sua atenção para o seu jantar.

Eu pego um, levantando-o sobre o meu ombro, e miro em um balão. Callie cruza os braços, estudando-me, e eu abaixo o dardo, mas mantenho os olhos sobre o balão. — Você está tentando me deixar nervoso?

Não, por quê? Eu estou? — Ela pergunta, inquieta.

— Um pouco, — Eu admito, olhando para ela. — Eu posso sentir o seu olhar intenso queimando através do lado da minha cabeça.

— Desculpe, eu vou parar, — ela esbraveja e começa a se afastar.

Eu puxo o fundo da sua blusa branca e meus dedos pastam em sua pele macia. — Não, continue a olhar para mim assim. Isso torna mais desafiador.

Ela olha para a minha mão e, em seguida, seu olhar desliza para cima de mim. — Ok.

Eu rasgo meus olhos dela, levanto o dardo de volta até que ela se concentre em mim, e arremesso-o em um balão vermelho na linha superior. Ele estoura e

Callie se encolhe. — Um a menos, faltam quatro, — Eu sorrio para ela, mas noto que ela está ficando nervosa.

Eu pego um outro dardo e jogo-o, em seguida, repito o mesmo movimento. Cada um estoura um balão e quando termino, a linha superior é nada além de pedaços deflacionados de látex. O cara atrás do balcão vem com uma carranca no rosto.

— Parabéns, — ele diz com uma voz monótona e aponta seu dedo em uma fileira de ursos de pelúcia pendurados no teto. — Escolha um desses prêmios adoráveis lá em cima.

Eu olho para Callie que está olhando para os balões com uma careta em seus lábios. — Eu disse que se eu ganhasse, era para você.

Callie suspira, seus ombros caindo enquanto ela fixa os olhos em cima dos ursos. — Eles parecem tão grandes. Acho que a minha companheira de quarto ficaria chateada se eu o levasse para o nosso quarto minúsculo.

Temos que levar o prêmio, — diz Seth com uma expressão séria no rosto, ele coloca as mãos no balcão e inclina a cabeça para olhar para todos os prêmios. — Você não recusaria um prêmio da prateleira superior.

Ela hesita, torcendo o fim do seu rabo de cavalo em torno do seu dedo. — Ok, eu vou escolher o rosa com a orelha rasgada.

O cara atrás do balcão coça o pescoço. — Você está falando sério?

Seu rosto é impassível. — Absolutamente. Eu nunca brinco sobre ursos de pelúcia.

Seth e eu rimos dela e o cara nos perfura com um olhar, antes de marcha até a parede e agarra uma vara de metal.

Apontando-o para o teto da barraca, ele desvincula o urso que Callie selecionou. Em seguida, puxa-o para fora da extremidade e joga-o no balcão antes de se afastar, murmurando, — Eu preciso de uma fodida pausa para fumar.

Callie pega o urso, que é a metade do seu tamanho, e avalia-o com desgosto. — Ainda acho que eu não deveria levá-lo para o dormitório. — Ela olha para mim. — Talvez você devesse levá-lo com você. Foi você que o ganhou.

Eu balanço minha cabeça. — Não há nenhuma maneira que eu vá arrastar um urso rosa, gigante e deformado pelo campus e levá-lo para o meu quarto.

— Ok, talvez pudéssemos dar a uma criança, — ela sugere, sacudindo os dedos no nariz do urso e fazendo uma careta. — Elas provavelmente adorariam tê-lo.

Nós olhamos ao redor para a multidão e, em seguida, Callie ri enquanto olha para uma tenda que está configurada com vitrines com óculos de sol. — Ou nós poderíamos arrumá-lo e colocá-lo no achados e perdidos. Com um cartaz na mão escrito *Perdido: preciso de um lar* e deixá-lo em algum lugar para alguém pegá-lo

Eu pressiono o dedo no olho do urso de pelúcia e ele cai. — Eu realmente gosto dessa ideia e os óculos de sol poderiam esconder o fato de que ele só tem um olho.

— Oh, podemos comprá-lo uma tiara? — Seth pergunta, olhando em volta, animado. — Por favor, deixe-me colocar uma em sua cabeça. Pode encobrir a falta da sua orelha.

— Ok, você vai pegar uma tiara e eu vou pegar algum óculos de sol. — Ela abraça o urso em seus braços enquanto Seth decola em direção a uma tenda vermelha e branca.

Eu brinco com a orelha boa do urso enquanto Callie empurra seu caminho através da multidão, usando praticamente o urso como um escudo. — É uma coisa triste de olhar, não é?

Ela para na tenda dos óculos de sol e abaixa o urso no chão. — Eu gosto disso. Só acho que a minha companheira de quarto não vai gostar dele lá. — Ela ergue a cabeça do urso. — Quando eu era jovem, eu o teria mantido num piscar de olhos. Na verdade, eu tinha uma coleção inteira deles.

Eu arqueio uma sobrancelha para ela. — Você recolhia quebrados ursos de carnaval com mau cheiro?

Ela ri e adoro ser eu quem fez isso desta vez, não Seth. — Não, mas eu tinha uma coleção de animais quebrados. Como um gato sem bigodes e um filhote de cachorro sem nariz.

— O que você fazia? — Eu brinco. — Torturava-os e tirava as suas pernas?

Ela coloca as mãos sobre a mesa que prende uma vitrine cheia de óculos. — Não, eu só não queria jogá-los fora. Mesmo que eles estivessem quebrados, eu ainda os amava. — Ela espia para dentro do vidro, completamente alheia ao quanto as suas palavras significaram para mim.

Lentamente, eu coloco minha mão sobre a mesa e em direção a dela, finalmente, cobrindo-a com o minha. Seu peito sobe e desce enquanto ela finge que nada está acontecendo e eu traço o meu dedo ao longo das dobras da sua mão, minhas pálpebras começando a fechar.

— Quais você está olhando? — Uma mulher mais velha com pulseiras em seus pulsos e uma saia longa e esvoaçante valsa até nós.

Eu afasto minha mão e deixo-a cair ao meu lado enquanto inclino-me sobre o ombro de Callie, para olhar através do vidro. — Quais deles você está pensando?

Ela inclina a cabeça para o lado e seu cabelo toca meu rosto. — O azul brilhante em forma de estrelas.

— Parece bom para mim. — Eu mal presto atenção ao que ela está dizendo, porque estou cheirando o seu cabelo como a porra de um perseguidor.

O que diabos está errado comigo? Sentimentos estranhos correm no meu peito, os que eu fui ensinado a desligar. Está literalmente me machucando, como uma faca no meu peito, e tudo que eu quero fazer é fodidamente sair e desligá-lo da única maneira que eu sei como.

— Será que já estamos seguindo em frente da Bruxa Malvada do Oeste? — Luke pergunta enquanto eu círculo ao redor da cabine de bilhete, procurando na grama pelos óculos que Callie perdeu acidentalmente em algum lugar.

— Nós? — Eu mantenho-me ereto. — Eu não sabia que isso era algo que estávamos fazendo juntos e eu não estou tentando fazer nada com Callie. Nós somos apenas amigos.

Ele passa rapidamente o polegar no isqueiro, ignorando meu comentário. — Sabe, se você quiser, eu posso levá-la em uma situação com você, onde você vai ter a sua chance de fazer o que quiser com ela.

— Você sabe que eu acabei de terminar com Daisy, certo?

Ele revira os olhos. — E você parece tão triste com isso.

Eu encontro o óculos próximo a lixeira e pego-o, arrancando a grama presa nas fendas. — Eu não tenho certeza se quero fazer algo com Callie.

Ele puxa seu cigarro apagado da boca e olha para ele. — Eu não me lembro onde deixei meu pacote de cigarros. — Ele dá um tapinha nos bolsos e, em seguida, anda em um círculo, olhando para o chão.

Luke tem essa coisa com perda de material, especialmente os cigarros. A nicotina é seu sedativo e sem ela, ele fica louco. — Onde diabos eu deixei... — ele caminha para trás em direção a um banco e suspira quando encontra o pacote. Ele enfia a mão no bolso e fecha os olhos, como se achasse um braço que acabou de perder. — Poderíamos fazer um desafio.

Eu abro e fecho as extremidades sobre os óculos. — Nós não temos feito isso desde o segundo ano.

— Quando você começou a namorar Daisy, — ressalta. — Cara, eu sinto falta daqueles dias.

Encaro os brinquedos de diversão girando em torno de várias direções. — Sim, eu acho que não posso levar Callie para debaixo das arquibancadas comigo. Não parece ser bom ficar lá embaixo.

Luke estala os dedos no lado da perna com a batida da música rock tocando nas proximidades, seu olhar vagando para o playground no canto. É escuro lá dentro e ninguém está em pé no portão. — Espere. Eu tenho uma ideia.

— Devo tomar cuidado com os detalhes da sua ideia? — Pergunto. — Eu não quero entrar cego nisso.

— Pense no desafio ao máximo. — Ele anda para trás pela grama seca na direção dos portões de saída. — Estarei de volta em cinco minutos. Tudo que você precisa fazer é seguir minha liderança e, como agradecimento, você pode me deixar dirigir a moto que você não deixe ninguém tocar quando voltamos para casa na Ação de Graças.

— fodidamente não...

Ele desaparece fora dos portões, me ignorando. Balançando a cabeça, eu volto para Callie e seu urso, sentindo-me culpado. Mas no fundo, eu sei que estou indo em frente com o plano de Luke, porque eu quero, mais do que qualquer coisa no momento.

Callie

Enquanto Seth dá os retoques finais no urso, Luke aparece com um cigarro apagado entre os lábios. Ele tem um casaco com capuz puxado sobre a cabeça e o bolso frontal é volumoso.

— Que diabos é isso? — Ele aperta os olhos para baixo no cartaz de papelão na mão do urso. Há uma tiara brilhante em sua cabeça, óculos de sol, cobrindo os olhos, e um colar em torno do seu pescoço. O cartaz diz: *"serei ridiculamente fofo em troca de um lar amoroso, comida, água e um pouco de carinho."*— Ele passa rapidamente a orelha com os dedos. — Que porra é essa?

Eu rio, mordendo o topo da caneta. — Fizemos isso para que ele seja adotado e por isso nenhum de nós tem que levá-lo para casa.

Luke olha para Kayden, que encolhe os ombros. — Eu pensei que seria engraçado. E fique grato. Por um tempo, Callie estava tentando me fazer leva-o para o dormitório.

Luke franze sua testa, tira o cigarro da boca, e leva-o para a boca do urso. — Não, isso é muito melhor.

Kayden revira os olhos para ele e enfia as mãos nos bolsos da calça jeans. — Então, qual é o próximo na lista? E estou falando no sentido figurado, e não sobre sua lista atual.

Eu olho por cima do meu ombro para os brinquedos de diversão girando, girando, e brilham contra a noite. — Nós poderíamos ir em mais alguns brinquedos, eu acho.

— Na verdade, tenho uma ideia melhor. — Luke corre sem terminar o seu pensamento e nós três o olhamos antes de correrem atrás dele. Ele caminha em direção a um playground feita de cordas, rampas, compensação e bares. Existem três níveis e uma pequena porta limita a parte inferior. Acho que o ponto da viagem é chegar ao topo e, em seguida, ir até o fundo de novo.

— Eu não acho que está aberto, — eu digo enquanto Luke tenta o trinco do portão.

Com a mão no bolso, ele verifica sobre seu ombro e, em seguida, abre o portão com o pé. — Oh olhe para isso. Está agora. — Ele entra e sinaliza para nós o seguirmos. — Venham. Não é nada, mas um playground gigante. Além disso, estamos comemorando.

— Comemorando o quê? — Seth e eu perguntamos ao mesmo tempo.

Ele sorri e, em seguida, olha para Kayden. — O fim da bruxa má. — Ele começa a cantarolar uma melodia do mágico de Oz enquanto passa pela entrada de cortina.

Eu piso no primeiro degrau. — Quem é a bruxa má?

— Eu acho que vou deixá-lo explicar isso para você. — Luke olha para Kayden antes de se abaixar através da cortina na entrada.

Eu olho por cima do meu ombro para Kayden. — O que ele está falando?

Kayden dá de ombros quando fecha o portão. — Luke está animado porque Daisy e eu terminamos.

— Oh. — Eu tento não sorrir e, finalmente, tenho que morder meu lábio inferior, com força. — Sinto muito.

— Não sinta. — Ele coloca seu braço sobre meu ombro e abre a cortina para mim. — Realmente não é um negócio.

Parece que deveria ser. Eles namoram desde sempre, mas parece que ele realmente não se importa.

Eu abaixo a cabeça e entro no playground, prendendo a respiração enquanto as cortinas escovam contra o topo do meu cabelo. Está escuro, quase um breu e os sons de gritos e música suave em torno de mim.

— Onde vocês estão? — Eu assobio com as minhas mãos levantadas, meus cotovelos bloqueados. — Olá?

A um lampejo leves e, em seguida, o rosto de Luke aparece acima da chama do seu isqueiro. — Aí vamos nós.

Seth aparece ao meu lado, apenas uma sombra no escuro, e estalas os dedos na sua frente. — Oh, vamos fazer uma sessão espírita?

Luke olha para Seth como se ele fosse louco, enquanto Kayden se move do meu outro lado. Estou muito consciente da sua proximidade e o cheiro da sua colônia. Isso me deixa nervosa, mas animada com as possibilidades infinitas.

— Então, qual é o plano engenhoso? — Kayden pergunta, sua respiração flui em volta da minha cabeça. — Será que vamos destruir esse lugar?

— Nós vamos... — O isqueiro cai da sua mão e o escuro assume o lugar. — Ah, foda-se! Isso é quente.

Segundos depois Seth aparece com iluminação da tela do seu celular, que lança um brilho azul sobre os nossos rostos. Luke balança a cabeça enquanto pega seu isqueiro e guarda-o no bolso do seu casaco, pegando seu próprio celular para usar como luz. Ele mergulha a mão no outro bolso e tira uma garrafa cheia de um líquido dourado.

— Tequila? Onde diabos você conseguiu isso? — Os dedos de Kayden escovam na parte inferior da minha costa, e eu abafa um suspiro na minha garganta.

— Eu a comprei em uma das tendas. — Ele desenrosca a tampa e fareja o interior da garrafa, fazendo uma cara pensativa. — Tudo bem, quem está pronto para começar a festa?

O olhar de Seth passa sobre nós três. — Que tipo de festa que estamos falando? Porque, honestamente, eu tinha que encontrar alguém na bilheteria, mas fiquei um pouco distraído com o urso.

— Realmente, — eu pergunto animadamente e ele balança a cabeça com os olhos prementes.

Eu quero abraçá-lo, mas vou guardar para mais tarde, quando ele poder me dar os detalhes. Seth não tem saído com ninguém desde Braiden e eu espero que ele esteja pronto para finalmente seguir em frente.

Luke toma um gole da garrafa e seus ombros se contorcem enquanto ele engole. — Eu quero fazer um desafio.

— Sem desafios esta noite, — Kayden faz uma careta, mas não há uma pitada de diversão em sua voz. — Temos treino no início da manhã e desafios sempre terminam em dor.

Minha cabeça se vira em sua direção. — Dor?

— Bom Deus, — diz Seth com um suspiro dramático. — Por favor, explique o que é esta coisa de desafio.

— É uma longa história. — Kayden acena para nós com a sua mão e encara Luke. — Só sei que você não vai querer fazê-lo.

— Você só está chateado porque perdeu na última vez, — diz Luke em tom sarcástico. — Além disso, eu aposto que Callie totalmente perderia também. Parece difícil para uma pequena garota.

— Ei, — eu começo a protestar enquanto Luke dá mais um gole na bebida. — Eu não sou tão pequena.

Kayden belisca meu lado e eu recuo. — Na verdade, você é realmente minúscula, mas é bonito.

Eu cruzo meus braços sobre o peito e inspiro calmamente, sem saber como responder.

— Relaxe, Callie, — diz Kayden, parecendo um pouco arrependido. — Agora, se você quiser pode fazer o desafio, mas não diga que eu não avisei.

Eu nunca fui uma pessoa muito curiosa. Apenas fazia o que tinha que ser feito, pelo menos desde o meu décimo segundo aniversário, mas a curiosidade brilha dentro de mim.

— Eu estou meio curiosa para ver o que os seus desafios são, — eu digo e Kayden parece extremamente satisfeito, os cantos dos seus lábios curvam enquanto ele luta para não sorrir, mesmo que tinha acabado de protestar.

Luke toma mais um gole da tequila e limpa os lábios com o braço quando passa a garrafa para Kayden. — Normalmente montamos um curso de obstáculos, tipo correr e saltar e essas merdas. — Ele aponta a mão para a rede acima de nós. — Mas nós temos tudo isso bem aqui.

— E daí? Você só correr? — Eu pergunto enquanto Kayden passa a garrafa para Seth, movendo o braço em minha volta. — E o que o vencedor ganha?

Seth balança a cabeça para trás e toma um longo gole. — Porra isso é bom.

— A satisfação de ganhar. — Kayden troca um olhar com Luke.

Luke olha para o topo. — Quem chegar à parte superior e na parte traseira é o vencedor.

— Eu digo que desta vez o vencedor deve ao outro um favor. — Kayden se move em volta de mim e se dirige para o lado. — Como deixar o outro emprestar seu carro quando quiserem.

— Isso é bom, — Luke retruca. — Contanto que quando eu ganhar, vou poder montar sua moto, que não sai da sua garagem, quando formos para casa na Ação de Graças.

— Ela é do meu irmão, — Kayden afirma com um aumento perceptível no tom da sua voz.

— Você dirigiu uma vez antes, — Luke protesta.

— E eu tive razões de merda para fazer isso. — Sua respiração é irregular e a tensão passa no ar.

Ele deixa escapar um suspiro enquanto Luke toma outra dose da bebida com um desafio em seus olhos. Eu ouvi o termo "muita testosterona", mas nunca tinha testemunhado, até agora.

— Tudo bem, você tem um negócio. — Kayden empurra a garrafa da mão de Luke e joga a cabeça para trás, enchendo a boca de tequila. — Mas eu não vou deixar você ganhar.

— Sim, vamos ver. — Luke pega a garrafa de volta e envolve os lábios em torno do bico, tomando uma dose.

— Você sabe o quê? — Seth se inclina em direção à saída, olhando para o seu celular. — Eu acho que estou indo encontrar uma pessoa que eu estava conversando.

— De jeito nenhum. — Kayden se inclina em sua direção. — Você tem que ficar aqui e ver quem é o vencedor.

Seth acena sua mão para ele. — Nah, Callie pode fazer isso.

Kayden balança a cabeça. — Callie está no desafio, lembra?

Eu tremo, perguntando-me no que eu me meti. — Talvez eu deva ficar aqui.

Kayden abaixa o rosto para o meu e mechas do seu cabelo castanho fazem cócegas na minha testa. — Eu pensei que você estava indo nos provar que não era pequena?

Olho para as redes e cordas com dúvida. — Como é que eu vou fazer isso? Eu não vejo nenhuma possível maneira de ganhar contra vocês dois.

Ele posiciona o punho na frente do seu peito com um brilho perverso nos olhos esmeraldas. — Com suas habilidades impressionantes de kick boxing.

Luke bufa uma risada quando ele derrama um pouco de tequila no chão. — O quê?

Kayden abaixa o punho, mordendo o lábio, com um olhar em seus olhos que é muito avassalador. — O que você diz? Você pode lidar com isso?

Eu aceno, mesmo achando que eu não posso. — Tudo bem, então eu apenas tento vencer vocês?

Kayden esfrega o queixo. — Absolutamente.

Eu sigo-os para o degrau enquanto eles alinham as mãos para o lado e os pés posicionados para correr. Eu me sinto curta e pequena entre eles.

Seth fica perto das cortinas, verificando o relógio. — Você quer que eu diga?

Kayden balança a cabeça, sem tirar os olhos do túnel em nossa frente. — Sim, agora. Estamos prontos para ir.

Seth olha para o relógio novamente e, em seguida, suspira. — Em suas marcas, preparar, vai!

Eu corro para o lado enquanto Luke empurra Kayden e, em seguida, corre para baixo do túnel. Kayden se recupera e se esquivava de volta, correndo para baixo e desaparecendo na escuridão. Eu olho para Seth e ele gesticula para eu movimentar minha bunda.

Eu ando rapidamente, abaixando minha cabeça, e ouvindo os sons de passos que já estão acima de mim. Eu saio do túnel e vou em direção de uma escada de madeira. Eu tremo, ficando um pouco desconfortável com a forma como está escuro, mas quando chego no próximo nível passos fluem ao redor.

Eu ouço o som da voz de Kayden enquanto ele grita alguma coisa e eu pego meu ritmo em direção a uma ponte. Ela está presa à cada lado e uma corda como corrimão. Existem placas que abrem o caminho para o outro lado e o chão balança debaixo dos meus pés enquanto eu passo por ela. A tranquilidade some e minha adrenalina sobe.

— Ok, por que eu concordei com isso? — Eu murmuro para mim mesmo. Em seguida, respondo a minha própria pergunta. — Porque Kayden olhava para você com aqueles olhos sensuais. — Eu dou alguns passos para frente com as palmas das mãos plana contra a rede para assegurar o equilíbrio.

— Callie, — Kayden de repente sussurra. — O que você está fazendo?

Eu olho por cima do meu ombro e, em seguida, agarro a corda enquanto a ponte se move debaixo dos meus pés. — Onde você está?

— Eu estou aqui. — Sua voz soa próxima.

Eu procuro através da escuridão e depois salto de volta. Ele está do outro lado da rede, observando-me, o que significa que ele provavelmente me ouviu falando sozinha e chamando o de sexy.

— Há quanto tempo você estava aí? — Minha voz soa alta.

Ele solta uma risada baixa e envia um arrepio pelo meu corpo que enrola em meu estômago, explodindo calor para baixo. A sensação me bate fora de equilíbrio e minhas bochechas coram.

— Você acha que eu tenho olhos sensuais. — Seus dedos seguram a rede enquanto ele olha para mim através da escuridão do outro lado.

— Você ouviu isso? — Minha cabeça cai para frente para esconder a minha mortificação.

— Callie. — Sua voz é profunda e rouca. Eu nunca tive um cara usando esse tipo de voz comigo.

Eu levanto o meu queixo para cima e encontro seu olhar intenso. — Sinto muito. Eu pensei que estivesse sozinha. — Eu mudo meu peso e a instabilidade do terreno me atira para frente. Estendo a mão para a parede, entrelaço os dedos através da rede e escovo meus dedos nos dele. Nossos rostos estão uma polegada de distância. Eu posso sentir sua respiração e o calor do seu corpo. Se eu me inclinasse ligeiramente, nossos lábios se tocariam.

— Fique aí, — ele diz em um sussurro baixo e remove os dedos a partir da rede.

Eu vejo o contorno dele se movendo através do escuro enquanto caminha para o lado e vira a esquina, então ele está de pé no final. O piso se move sob seus passos e ele segura no corrimão, vindo direto para mim.

Eu não tenho ideia do que ele vai fazer quando me atingir, mas a intensidade no ar e a maneira como seus longos membros avançam com determinação, me faz pensar que vai ser algo que eu nunca tinha experimentado antes.

Eu giro meu corpo para encará-lo e passo meus dedos através dos orifícios da rede, de costas para a parede, e meus braços dobrados ao lado da minha cabeça. É escuro o suficiente para que eu veja apenas o contorno do seu rosto, mas de vez em quando as luzes em movimento brilham em seus olhos.

Estamos respirando descontroladamente, nossos peitos arfando enquanto ele para em minha frente.

— Eu tenho uma confissão a fazer. — Ele coloca a mão no lado da minha cabeça e agarra a rede. — Isto não era um jogo.

Eu lambo meus lábios nervosamente. — O que era?

— A coisa toda do desafio. Eu fiz isso para ficarmos a sós. — Sua mão aperta a rede perto da minha cabeça, me deixando entre seus braços. Meu coração dança dentro do meu peito enquanto ele sussurra: — Eu realmente sinto muito.

Ele se inclina, fechando os olhos, e por um segundo eu contemplo a execução. Eu mantenho meus olhos abertos até o último segundo, e em seguida, chupo uma respiração quando seus lábios tocam os meus. Meus joelhos se dobram quando sua língua mergulha profundamente dentro da minha boca e eu seguro na rede para não cair.

Sem dúvida ou hesitação, eu solto meus dedos, e deslizo as mãos até seu peito, envolvendo-os ao redor do seu pescoço. Seu hálito quente é misturado com paixão e tequila, esmagando seu peito contra o meu. Um suspiro escapa dos meus lábios enquanto suas ardentes palmas quentes movem para baixo da minha costa. Ele enfia a língua mais profunda em minha boca e agarra meus quadris, me puxando enquanto o chão balança debaixo dos nossos pés.

É o meu primeiro beijo de verdade; um que não foi tirado de mim e que estendi a mão para a outra pessoa. Pensei que eu estaria mais apavorada, mas os nervos que voam através do meu corpo são movidos pela emoção da sua língua dentro da minha boca.

Suas mãos deslizam dos meus quadris para o perímetro da minha bunda. Eu vacilo, começando a entrar em pânico, mas ele intensifica o beijo, sua língua se movendo mais rápido e com mais determinação. Seus dedos emaranhados pelo meu cabelo, puxando minha cabeça para trás, para que ele possa procurar minha boca mais profundamente, e eu me perco no momento. Seus dedos deslizam para debaixo das minhas coxas, e agarra com força minhas pernas enquanto me puxa para cima e pressiona minha costa contra a parede. Ele enrola minhas pernas em volta da sua cintura e eu cruzo meus tornozelos em sua volta, agarrando-me a ele.

Meu lábio inferior treme quando sinto sua dureza entre as minhas pernas. É quente. É assustador como o inferno.

Kayden

Ela é mais inexperiente do que eu pensava. Suas mãos estão tremendo enquanto ela passa os dedos pelo meu cabelo e seu lábio inferior treme quando massajeio com a minha língua. Eu estava totalmente decidido com meu plano de ficar longe dela, mas essa decisão foi tomada no segundo que Luke sugeriu o plano do desafio estúpido que costumávamos fazer para levar garotas para debaixo da arquibancada com a gente.

Eu percebo no momento em que meus lábios tocam os dela, que o dia em que ela veio correndo até a casa da piscina para salvar a minha bunda com as pernas tremendo, mas sua voz confiante, algo mudou dentro de mim. Eu não tenho ideia do que, mas sei que a quero, mais do que já quis alguém. Não assim. É igual a dependência e não é o que eu estou procurando para minha vida fodida.

Eu me pressiono ainda mais em seu corpo, sugando sua língua na minha boca, e ela solta um gemido mais sexy que eu já ouvi enquanto traça seus dedos pelas laterais do meu pescoço e aperta o tecido da minha gola. Eu movo minha boca para longe dela, mas apenas para trilhar beijos suaves no canto da boca, por seu queixo, no arco do seu pescoço. Meu pau está pressionado contra ela e seu calor está irradiando através do meu jeans. Ela se sente tão bem pra caralho.

— Oh meu Deus... — Ela solta um apelo combinado com um gemido quando minha mão desliza até seu seio e o aperto. Seu pequeno corpo treme em meus braços e eu juro que vou me perder ali mesmo. Eu nunca me senti assim antes, com ninguém. É contra as regras da sobrevivência.

— Callie, — a voz de Seth deriva-se de algum lugar. — Temos que ir!

Eu não estou pronto para deixá-la ir e ter que voltar para a realidade. Aperto sua cintura, desejando que nós pudéssemos apenas ficar aqui em cima. Minha cabeça está inclinada para baixo enquanto eu respiro pesadamente contra o seu pescoço, com seu peito arfando no meu rosto enquanto ela tenta recuperar sua respiração.

— Kayden. — Sua voz é suave, cautelosa, como se ela sentisse que algo está errado. — Eu acho que nós precisamos voltar.

Balançando a cabeça, eu inalo pelo nariz, e afasto meu rosto do seu peito. Eu abaixo suas pernas para o chão e voltamos através da ponte sem falar um com o outro. Quando chegamos ao fundo e fora da cortina, Seth e Luke estão esperando com um casal de rapazes em camisetas surradas e jeans rasgados.

— Vocês não podiam estar lá em cima. — O mais alto diz, cuspiendo algo desagradável no chão.

— Nós estávamos saindo, — murmuro enquanto passo por eles e marcho para o estacionamento, dando passos mais largos possíveis, querendo deixar tudo para trás.

Até o momento em que chego a caminhonete, as falhas da noite em meu peito; o flerte, os jogos, a forma como ela se sentia quando eu a tocava, e como ela reagiu. Eu sinto tudo e preciso tirá-lo de mim.

CAPÍTULO 9

43 Em frente seus medos de frente e diga-lhes para se foderem

Callie

Eu vou para o campus com Seth do carnaval. Kayden parecia que ia vomitar, então eu não fiz muitas perguntas quando ele disse que precisava ir com Luke.

Quando chegamos à minha porta, o lenço vermelho está na maçaneta novamente e eu faço uma carranca. Seth e eu não falamos nada enquanto andamos por todo o Jardim do campus no ar frio e entramos em seu quarto vazio. Ele afundasse na cama e começa a desamarrar suas botas enquanto eu tiro meus tênis.

Eu fico lá no meio do quarto, lembrando cada detalhe que aconteceu. A forma como as mãos de Kayden me tocaram, a sensação de seus lábios, como me fez sentir tão incrivelmente bem.

— Você quer compartilhar o que esse olhar estranho em seu rosto significa? — Seth coloca suas botas para o canto e se deita em sua cama, com as mãos enfiadas atrás da cabeça.

Deito-me ao seu lado e descanso meu rosto sobre o travesseiro. — Você realmente quer saber?

Ele olha para mim com o canto dos seus olhos. —

Fodidamente sim. Você parece como se estivesse chapada. — Ele faz uma pausa, apoiando-se no cotovelo enquanto gira para o seu lado. — Espere um minuto. É isso o que você estava fazendo lá em cima? Você estava se drogando?

Eu esmago seu braço. — Não... Nós... Nos beijamos.

Ele ri de mim. — Você diz isso como se fosse tão errado.

Eu dou de ombros, olhando para as minhas unhas. — Parece que deveria ser errado... a última vez que alguém me beijou foi assim que me sentir.

Ele balança a cabeça e suspira. — Isso é porque a última vez foi errado, mas não desta vez. Desta vez foi certo e você quis. Certo?

Concordo com a cabeça devagar, tentando conter um sorriso, mas ele foge completamente. — Foi um beijo muito bom.

Ele se senta de joelhos e coloca as mãos em cima das suas pernas. — Ok, me diga como foi. O que vocês fizeram? E como é que isso aconteceu?

Sento-me e inclino-me contra a cabeceira de madeira. — Ele disse que a coisa toda do desafio foi criado para ficarmos a sós.

Seth revira os olhos castanhos. — Bem, duh. Eu sabia que era algo.

— Sério? — Eu me sinto estúpida. — Eu pensei que eles estavam apenas sendo caras.

— Oh, eles foram, — ele me assegura. — Relaxe, era tudo diversão e ele começou a beijá-la exatamente como estava tentando fazer a noite inteira.

Eu puxo o travesseiro para o meu colo, revivendo uma e outra vez em minha mente. — Sim, mas por que Kayden pareceu um pouco distante quando saímos?

Seth dá de ombros. — Ele parecia cansado, mas não distante.

Eu arranco o elástico para fora do meu cabelo, reunindo os fios em um coque bagunçado, e coloco o elástico em torno dele. — O que aconteceu com aquele cara que você estava falando?

Ele leva a mão no bolso e tira o celular. Mexendo na tela com o dedo, ele mostra para mim. — Eu tenho o número dele.

— Estou tão feliz por você. — Eu me inclino para trás contra a cabeceira da cama. — Você vai sair com ele?

— Talvez. — Ele deixa o celular sobre a mesa ao pé da cama e, em seguida, volta para cama, olhando para o retrato na parede. — Deus, foi uma grande noite.

Eu deslizo meu corpo para baixo e deito-me na cama, olhando para o teto. — Realmente foi.

E, naquele momento, eu queria dizer isso.

Eu acordo no meio da noite pingando de suor, incapaz de dizer onde diabos estou. O som da respiração pesada derivasse do corpo quente deitado ao meu lado. Sento-me, piscando ao redor do escuro, agarrando os cobertores, ofegante febrilmente, tentando sacudir o meu sonho.

— *Callie, me escute — ele diz. — Se você contar a alguém sobre isso, você vai entrar em apuros e eu vou ter que te machucar.*

Meu pequeno corpo treme, meus músculos estão doloridos, e meu corpo e mente estão machucados. Lágrimas mancham meus olhos enquanto eu olho para meu teto do quarto com as minhas mãos sem vida ao meu lado, meus dedos segurando o edredom.

— *Callie, você me entendeu? — Seu rosto está ficando vermelho e o tom da sua voz é nítida.*

Concordo com a cabeça, incapaz de falar, agarrando o cobertor mais apertado.

Ele sai cima de mim e fecha a calça, em seguida, se afasta para a porta, colocando seu dedo sobre os lábios. — Este é o nosso pequeno segredo.

Quando ele desaparece para fora da porta, eu suspiro para o ar, mas meus pulmões não funcionam. Não consigo respirar. Deixando de lado o cobertor, eu tropeço fora da cama e corro para o banheiro, inclinando a cabeça sobre o vaso sanitário. Eu vomito minhas tripas para fora até que meu estômago esteja vazio, mas eu ainda me sinto suja por dentro, estragada, podre. Está me matando, roendo minhas entranhas e eu preciso tirá-lo.

Eu enfiar meu dedo na minha garganta, desesperada para me livrar dele. Empurro e vomito até que minha garganta sangue e lágrimas deslizam pelo meu rosto. Meus ombros tremem quando olho para o rastro de sangue no chão e ouço os sons das crianças do lado de fora, rindo e brincando de esconde-esconde.

Eu suspiro para o ar, arrastando minhas unhas no meu pescoço. — Vá embora. Vá embora, — eu sussurro e Seth solta um ronco alto.

Eu pulo para fora da cama e procuro no piso pelos meus sapatos, precisando me livrar dos sentimentos que começam a vir à tona. Mas eu não posso encontrar meus sapatos. Está muito escuro. Eu puxo o meu cabelo querendo arrancá-lo e gritar.

Finalmente, eu desisto e fujo com os pés descalços pela porta. O corredor está vazio e eu corro para o fim, onde os banheiros estão. Entrando na cabine mais distante, eu ajoelho-me no chão frio do azulejo duro, inclino minha cabeça sobre o vaso sanitário, e espeto o dedo na minha garganta.

Quando as superfícies de vômito começam a me fazer sentir melhor. Eu continuo empurrando e empurrando até o final, assim que meu estômago esteja vazio. Calma cai sobre mim quando retomo o controle.

Kayden

Na manhã seguinte, depois do que aconteceu entre Callie e eu, acordo com a minha mente abarrotada com um monte de merda. Eu saio da cama e começo a embalar uma mochila, empurrando algumas camisas e um par extra de jeans. Então fecho-a e coloco a alça por cima do meu ombro.

Luke está deitado em sua cama, de bruços e eu balanço seu ombro. Ele rola com os punhos, prontos para socar meu rosto. — Que diabos?

— Ei, eu preciso de um favor. — Eu pego minha carteira e celular do armário.

Ele relaxa. — Que favor? E por que você tem uma mochila cheia?

— Eu preciso da sua caminhonete emprestada. — Eu ajusto a mochila no meu ombro. — Por alguns dias.

Ele pisca novamente, ainda fora dele enquanto checa o relógio na mesa de cabeceira. — Que horas são? — Ele esfrega os olhos e, em seguida, os arregala para mim. — São seis horas da manhã do caralho. Você está louco?

— Eu preciso ficar longe daqui por um tempo, — eu digo. — Eu preciso limpar a minha cabeça.

Suspirando, ele se levanta para se sentar. — Onde você está indo?

— Para casa, — eu digo, sabendo que é estúpido voltar, mas é tudo que eu conheço. Não há outro lugar para mim ir e ficar aqui significa lidar com a merda que eu simplesmente não consigo lidar, e Callie merece coisa melhor. — Eu pensei em verificar a minha mãe e me certificar de que está tudo bem lá.

Ele esfrega a testa e olha para o sol nascente sobre as montanhas. — Você sabe que vou ficar preso aqui se você levar a minha caminhonete? O que eu

deveria fazer? Ficar aqui por todo o fim de semana?

— Você pode pedir emprestado o carro de outra pessoa. — Eu me viro, olhando para suas chaves e, em seguida, pego-as de cima da mesa.

— Eu acho que posso pegar uma carona com Seth. — Ele franze a testa. — Caramba Deus. É melhor que seja importante.

Meu estômago fica tenso. — Isto é. Na verdade, é uma espécie de questão de vida ou morte. — Eu saio pela porta sem dizer outra palavra, as bandagens escondidas sob minha camisa, mas eu sinto a dor. É tudo o que eu sinto.

Dirigir de volta para casa é um infortúnio do caralho, mas se eu ficar em torno do campus, eu vou querer estar perto de Callie e isso não é saudável para nós dois. Eu faço a única coisa que sei. Eu volto para casa, esperando poder limpar a minha mente dela.

Quando estaciono a caminhonete na frente da casa de dois andares, no entanto, cada memória única corre de volta para mim. Os punhos, os espancamentos, os gritos, o sangue. Está tudo ligado a mim, como as veias sob a minha pele e as cicatrizes no meu corpo, junto com esta casa, e o que está dentro dela, é tudo o que eu tenho.

Leva-me um segundo para tomar coragem de abrir a porta da caminhonete. Minhas botas pousam em uma poça enquanto saio. Inclinando-me para dentro, eu pego minha mochila do assento do passageiro, e bato a porta. Jogando-a sobre o meu ombro, vou até o caminho forrado com vermelho e verde das Dioneias^{8}. As folhas secas das árvores no chão, e o filho do vizinho está aparando a grama.

Todos os anos, a minha mãe pagava alguém para vir limpar, porque o meu pai odeia-as no quintal. Elas estão mortas e inúteis e parecem uma merda, é como ele diz.

Eu aceno para o garoto enquanto troto até as escadas da varanda da frente. Congelando na frente da tela, eu respiro fundo e entro. Está exatamente a mesma coisa desde que saí. Não há poeira sobre as imagens na sala de estar ou no corrimão para o andar de cima. O piso está polido, os vidros nas janelas

estão limpos. Vou até um retrato de família pendurado na parede mais distante e olho de soslaio para ele.

Minha mãe e meu pai estão sentados no centro, meus dois irmãos mais velhos e eu estamos em torno deles. Nós estamos sorrindo e parecendo como uma família feliz. Mas Tyler tem um dente quebrado onde ele bateu com o rosto em cima da mesa quando meu pai estava o perseguindo. Dylan está com o pulso engessado porque caiu de uma árvore quando subiu para se esconder do meu pai. Mesmo que não seja visível na imagem, eu tenho um hematoma na minha canela do tamanho de uma bola de beisebol por ser chutado por meu pai depois que eu acidentalmente derramei cereal por todo o chão.

Eu me pergunto por que ninguém questionou os nossos ferimentos, mas talvez seja por isso estávamos sempre praticando esportes. Assim que tínhamos a idade certa, fomos jogar futebol, beisebol, e quando ficamos um pouco mais velhos, basquete e futebol. Estas eram boas desculpas que minha mãe alegremente passava ao redor.

Eu pensei em dizer a alguém algumas vezes quando tinha idade suficiente para meu cérebro entender a ideia, mas o medo e a vergonha me pararam. Além disso, eu desliguei em uma idade adiantada. Depois que a dor era apenas dor. Eu posso entender a dor. Essa é a parte mais fácil da vida. Já a felicidade, riso e amor, que são foddidamente complicados.

Callie

— Estou nervosa em ver Kayden hoje, — Eu admito a Seth enquanto ele me leva para o meu quarto. Nenhum de nós tem aula esta manhã, então decidimos sair para o café da manhã, só ele e eu para que possamos conversar.

Felizmente, o lenço não está na maçaneta da porta e quando eu a abro, Violet não está lá. Embora, ela deixou latas de refrigerante em todos os lugares e há um sanduíche desagradável sobre a mesa.

— Posso dar uma sugestão? — Diz Seth, observando cama desfeita de Violet. — Por favor, desinfete todos os lugares com um spray perfumado.

— Sugestão tomada. — Eu pego uma camisa xadrez e um par de jeans fora da cômoda. — Você pode sair para eu me trocar?

Balançando a cabeça, ele recua para fora da porta. — Apresse-se, porém, eu estou morrendo de fome.

Quando ele fecha a porta, eu escorrego para fora da minha camisa que cheira a algodão doce misturado com fumaça de cigarro. Eu inalo o cheiro, lembrando de como me senti quando Kayden me beijou, depois atiro a camisa na cama e insiro meus braços através das mangas de uma blusa xadrez. Coloco um par de jeans e em seguida, pego uma escova para ajeitar o meu cabelo em um rabo de cavalo, mas faço uma pausa, pensando em meus medos e como Seth me disse esta manhã que eu deveria dizer-lhes para se foderem.

Após o incidente na noite passada, antes de voltar para o quarto de Seth e ir para a cama, eu prometi a mim mesma que nunca aconteceria novamente. Quando eu acordei, me senti melhor.

Escorrego para fora do elástico e deixo meu cabelo cair até os ombros. — Você pode fazer isso, — murmuro, agarrando minha bolsa. — Você ficou com um cara, pelo amor de Deus.

Quando eu saio pela porta, há um sorriso no meu rosto, mas a minha felicidade desaparece quando vejo Seth conversando com Luke, e nenhum deles parecem felizes. Luke está usando calça jeans preta e uma camisa preta. É um monte de preto, mas funciona para ele

Quando Seth encontra meu olhar, sua expressão é preenchida com compaixão e piedade.

Minhas sobrancelhas se arqueiam enquanto caminho até eles. — O que há de errado?

Luke tem um olhar culpado em seu rosto quando ele se vira. — Ei, Callie, como vai?

Eu mexo com os fios do meu cabelo, colocando-os atrás da minha orelha. — Não muito. Seth e eu estamos apenas indo tomar café da manhã.

— Sim, nós estávamos falando sobre isso. — Luke se apressa no corredor, como se estivesse desesperado para ficar longe de mim. — Eu estava perguntando a Seth se eu poderia emprestar seu carro, mas vou encontrar outra pessoa.

— Por quê? Onde está a sua caminhonete? — Eu pergunto, e seus ombros endurecem enquanto ele faz uma pausa no centro do salão.

— Kayden levou para algum lugar. — Ele acena para mim, antes de girar nos calcanhares e correr para fora. — Eu vejo vocês mais tarde. — Ele desaparece entre um grupo de líderes de torcida, vestidas com seus uniformes.

Viro-me para Seth, confusa. — O que foi aquilo?

Ele me olha com atenção, depois suspira e entrelaça seu braço no meu. — Nós precisamos conversar.

Nós saímos para o ar fresco de outono e sob o céu nublado. A vivacidade do jardim do campus em torno de nós e folhas secas amarelas e alaranjadas vagueiam pela grama.

— Você vai me dizer por que está me olhando como se estivesse prestes a dizer-me que o meu cão morreu? — Eu lhe pergunto enquanto passo para fora do meio-fio da calçada e desço para o asfalto do estacionamento.

Ele olha para a esquerda e direita, antes de nos puxar até seu carro. — Eu tenho algo para lhe dizer e não sei como vai ser sua reação á isso. — Ele liberta o meu braço e nos separamos, indo para lados opostos do carro.

Quando entramos e fechamos as portas, ele gira a chave na ignição e faz uma pausa enquanto percorre a sua lista de reprodução em um iPod. — Kayden emprestou a caminhonete de Luke. — Uma canção surge e ele coloca o iPod de volta em um suporte no painel. — Para voltar para casa por alguns dias.

Eu aperto o cinto de segurança sobre o meu ombro. — Ok, por que você está agindo de forma estranha?

Ele empurra o câmbio em marcha ré e olha por cima do ombro enquanto sai do estacionamento. — Bem, porque ele não disse nada para você. — Ele endireita o volante e dirige o carro para a estrada. — Espere um minuto. Ele disse algo a você?

— Não, mas por que ele diria? Nós mal nos conhecemos.

— Callie, você ficou com ele ontem à noite e o deixou tocar seu seio.

— Ei, eu lhe disse para manter segredo.

Ele levanta os dedos para cima do volante. — Relaxe, só estou apontando para fato de que foi um grande passo para você, um passo importante. Você não faria isso com qualquer cara.

— Eu gosto de Kayden, — eu admito. — Mas isso não significa que ele tem que me dizer tudo o que faz. Eu não sou sua namorada.

— E daí? — Seth abaixa o volume do aparelho de som. — Ele deveria ter dito algo ao invés de apenas ir embora. Ele sabia que você provavelmente gostaria de vê-lo. Você sabe o seu segredo mais escuro, Callie, que é a parte mais difícil de conhecer alguém.

Ele está citando sua classe de psicologia em mim, então eu cruzo os braços e olho pela janela, observando as folhas voarem do outro lado da rua.

Quando eu volto para o meu quarto mais tarde naquele dia, eu escrevo até minha mão doer, a necessidade de tirar tudo isso de mim, mas apenas me atrevo a dizer para uma folha de papel em branco. Não há acusações na escrita, nenhum julgamento, nenhuma vergonha, só a liberdade. Enquanto a caneta toca o papel, por um momento, eu estou viva.

O dia em que mudei é como uma cicatriz. É uma memória em minha mente, algo que eu sempre lembraria e nunca poderia apagar. Era a semana depois da minha festa de aniversário. Eu me tranquei no banheiro e olhei para o espelho por uma eternidade. Costumava amar como eu me parecia, o comprimento do meu cabelo, perfeito para fazer tranças. Eu sempre tinha sido pequena para a minha idade, mas de repente eu queria ser menor do que invisível. Eu não queria existe mais.

Pego um par de tesouras para fora da gaveta e, mesmo sem pensar, começo a cortar o meu cabelo marrom longo. Não me incomodo nem mesmo em tentar torná-lo agradável, eu só corto, até mesmo fechando os olhos às vezes, deixando o destino assumir, como ele tinha feito com a minha vida.

— Quanto mais feio, melhor, — eu sussurro com cada recorte.

Quando termino, não olho como pareço. Eu não estava dormindo muito bem e os meus olhos azuis tinham círculos escuros sob eles e meus lábios estavam rachados de desidratação de todo o vômito. Eu me sentia feia e o pensamento forma um pequeno sorriso no meu rosto, porque eu sabia que ninguém iria olhar para mim e querer chegar perto novamente.

Quando entro na cozinha, com o casaco do meu irmão e o maior jeans que eu pude encontrar, toda a cor desaparece do rosto da minha mãe. Meu pai estava comendo seu café da

manhã na mesa e olha para mim com horror em seus olhos. Meu irmão e Caleb olham para mim também, fazendo caretas repelidas.

— O que diabos aconteceu com você? — Meu irmão diz com os olhos arregalados.

Eu não respondo. Eu só fico ali, piscando para ele, desejando que eu poderia ser menor.

— Oh meu Deus, Callie, — minha mãe suspira, os olhos tão grandes que pareciam bolas de gude. — O que você fez?

Dou de ombros e pego minha bolsa da maçaneta. — Eu cortei meu cabelo.

— Você está... Você parece. — Ela respira fundo. — Você parece medonha, Callie. Eu não vou mentir. Você arruinou a si mesmo.

Eu estou mais arruinada do que você pensa, eu queria dizer a ela. Mas ela continuou olhando para mim com desgosto, como se desejasse por um segundo que eu não existisse e eu me sentia exatamente da mesma maneira. Eu não falo nada, sabendo que eu nunca poderia dizer; que ela olharia para mim com ainda mais ódio e repulsa se eu dissesse a ela.

Nos primeiros anos de minha agitação, ela tentou entender. E eu lhe dou crédito por isso. Ela fez perguntas, me levou para falar com um conselheiro, que lhe disse que eu estava agindo assim porque precisava de mais atenção. Ele não tinha ideia do que estava falando, embora eu não tentei ajudá-lo a entender também. Não queria que ele soubesse o que estava vivendo no meu interior. Nesse ponto, todos os bons e limpos foram muito bem tratados e estavam podres como ovos deixados no sol.

A coisa sobre a minha mãe é que ela gosta de coisas felizes. Ela odeia ver as coisas ruins nas notícias e se recusa a vê-las. Ela não ler manchetes dos jornais e não gosta de falar sobre a dor do mundo.

— Só porque o mundo está cheio de coisas ruins, não significa que eu tenho que deixá-los me derrubar. — Isso é o que ela dizia para mim o tempo todo. — Eu mereço ser feliz.

Então deixei minha vergonha me possuir, me matar, me murchar em mil flocos mortos, sabendo que se eu mantivesse tudo isso, ela nunca teria que ver a sujeira que estava sempre dentro de mim, o mau, o feio, o retorcido. Ela podia continuar a viver sua vida feliz, assim como ela merecia.

Eventualmente, ela parou de fazer-me tantas perguntas e começou dizendo a todos que eu estava sofrendo de angústia adolescente, assim como o terapeuta disse a ela.

Ouvi-a dizer ao vizinho uma vez, depois que ele me acusou de roubar seus gnomos do jardim, que eu não era uma criança tão má. Que um dia, eu iria crescer e olhar para trás,

para o tempo bobo que passei trancada em meu quarto, escrevendo palavras escuras, vestindo roupas folgadas e delineador excessivos, e desejaria nunca ter feito isso. Que eu me arrependeria da minha adolescência solitária, aprenderia com isso, e me tornaria uma bela mulher que tinha um monte de amigos e sorria para o mundo.

Mas a única coisa que eu lamento e sempre me arrependeria, é de ter entrado em meu quarto no meu décimo segundo aniversário.

CAPÍTULO 10

#49 Diga a verdade para você mesmo

Kayden

Eu estou em minha casa há dois dias até agora, e quase voltei para o lugar de onde fugi. Meu pai não me bateu ainda nem nada, mas tenho medo dele, exatamente como quando eu era uma criança.

— Por que diabos você deixou aquele pedaço de merda estacionado lá na frente? — Ele pergunta quando entra na cozinha. Ele está usando um terno, mesmo que não vá trabalhar hoje. Ele só gosta de parecer importante.

— Porque a garagem está cheia. — Passo manteiga na minha torrada o mais silenciosamente possível, porque o meu pai odeia o barulho que a faca faz contra a pão seco.

— Eu não dou a mínima. — Ele abre o armário e pega uma caixa de cereal. — Você precisa tirá-lo daqui. Está vazando óleo por todo o lado.

— Tudo bem. — Eu mordo minha torrada. — Eu vou encontrar um lugar para colocá-lo.

Ele dá um passo em minha frente e eu congelo. Seus olhos verdes estão duros, seu maxilar tenso, sua expressão indiferente. — Eu acho que você esqueceu alguma coisa.

Eu forço o pão na minha garganta. — Tudo bem, senhor, eu vou encontrar outro lugar para colocá-lo.

Ele me olha com intimidação por um segundo a mais, antes de recuar. — É melhor você voltar e limpar essas migalhas do balcão.

Eu inalo pelo nariz enquanto me movo para a porta. — Sim senhor.

Ele pega uma tigela da máquina de lavar louça e eu me apresso para fora da casa. Por que não posso apenas bater nele? Pensei sobre isso algumas vezes quando eu era mais jovem, mas estava sempre com medo de que ele iria revidar vinte vezes mais forte. No momento em que fiquei mais velho e maior,

algo tinha morrido dentro de mim e eu realmente não me importava. Deixava que ele me chutasse, batesse, desejando que ele, finalmente, passasse por cima da borda e tudo estaria acabado.

Até a noite que ele quase fez e Callie apareceu e me salvou.

Meu celular toca e eu o pego do meu bolso, vendo o nome de Daisy aparece na tela.

— O quê? — Eu respondo, correndo pelos degraus da varanda da frente.

— Ei, — ela diz com a voz estridente, que usa quando está em torno das suas amigas. — Como está o meu cara favorito?

— Bem.

— O Quê? Você não está animado por falar comigo?

— Eu falei com você há alguns dias, — eu digo. — Quando você deixou muito claro que não éramos mais um casal. Ou, na verdade, Luke fez, quando me disse que você estava transando por aí com outra pessoa.

— Deus, ele usou isso como uma vingança contra mim, — ela se queixa. — É como se ele quisesse nos separar. Eu nunca entendi porque você é amigo de alguém como ele. Ele não é como você.

— O que você quer, Daisy? — Meu tom é cortado enquanto caminho pela grama em direção a caminhonete velha, jogando o último pedaço da torrada em minha boca.

— Eu quero que você me leve ao baile, como prometeu.

— Eu prometi quando estávamos juntos.

Ela suspira dramaticamente. — Olha, eu sei que você está com raiva de mim, mas eu não tenho um outro par e fui nomeada a rainha do baile. A última coisa que quero é estar sozinha quando eles chamarem o meu nome.

— Eu tenho certeza que há uma tonelada de caras que gostariam de te levar. — E entrar em sua calça.

— Mas eu quero que você me leve, — ela reclama. — Por favor, Kayden, eu preciso disso.

O celular vibra e faço uma pausa no final do gramado, alternando rapidamente a tela para mensagens de texto.

Callie: Eu queria saber se você está bem. Luke me disse que você voltou para casa. Se precisar de alguma coisa, me avise.

Eu balanço a cabeça para sua doce mensagem. Ela está preocupada comigo. Ninguém jamais ficou preocupado comigo antes.

— Deus caramba, eu não posso fazer isso, — murmuro, chutando a sujeira.
— Eu não posso estar com você.

— Sim, você pode, — diz Daisy. — Tudo o que você tem a fazer é me pegar às sete.

Eu não estava falando com ela, mas isso não importa. Eu preciso de uma distração. — Tudo bem, eu vou com você, mas não estou indo para a festa depois.

Nós desligamos e tenho uma sensação de náusea no estômago. Quando dirijo a caminhonete pela rua, eu quase viro para a rodovia, em direção ao campus. Mas olho para as cicatrizes em meus dedos, eu sigo para oeste, em direção à cidade para estacionar a caminhonete em algum lugar e, em seguida, caminho de volta para casa para me arrumar para o baile com Daisy.

Callie

— É sábado à noite, — diz Seth e ele passa um pouco de gel através do seu cabelo. — Você tem que sair comigo. Não há nenhuma maneira no inferno que eu vá deixar você ficar aqui.

— Eu vou ficar bem. — Eu levanto uma pilha de livros em busca do meu caderno. Honestamente, eu estou me sentindo um pouco para baixo depois que Kayden nunca retornou a minha mensagem. Ele está, provavelmente, apenas ocupado, no entanto. — Você está olhando totalmente para esta coisa com Kayden demais.

Ele se senta na frente do computador, girando a cadeira enquanto rola através da sua página no Facebook. — Você foi a única a olhar como filhotes de cachorro tristes nos últimos dois dias.

Eu deixo cair a pilha de livros e coloco minhas mãos em meus quadris. — Onde diabos eu deixei as minhas anotações?

— Você as deixou em seu quarto, — ele diz. — Lembro-me que as deixou... — Ele para e, em seguida, prontamente fecha a tela. Quando gira a cadeira para olhar para mim, os olhos castanhos ampliados. — Eu tenho uma ideia brilhante. Por que você e eu simplesmente não saímos? Eu posso cancelar com Greyson e nós podemos ir ver aquele filme idiota que você estava querendo assistir.

Eu me jogo em sua cama. — De jeito nenhum. Eu não vou estragar o seu primeiro encontro, o que você não tem à tempos.

— Por favor, Callie, saia comigo e se divirta um pouco.

Eu sustento-me em meus cotovelos. — O que há de errado com você? Você está agindo estranho.

— Isso é porque eu sou uma pessoa estranha. — Ele se levanta da cadeira sem olhar para mim e empurra as caixas de lado com o pé para que possa abrir a porta do armário. — Eu acho que preciso te dizer uma coisa que você pode ficar chateada, mas sinto que você precisa saber.

— Tudo bem... O que é?

Ele remove um cabide do armário e pega seu casaco. — Sabe o que, vamos apenas sair e fazer algo louco.

Eu saio da cama e me levanto. — Seth, por favor, me diga o que está acontecendo. Você está me deixando preocupada.

Ele suspira, recostando-se no armário para colocar o cabide de volta. — Por favor, não deixe que isto estrague o seu progresso, mas enquanto eu estava no Facebook, vi que Kayden marcou Daisy McMillian como seu par para o baile.

Eu mordo minha língua até doer. — Ok.

Ele fecha o casaco e pega as chaves da mesa. — Você quer se trocar em primeiro lugar, antes de sairmos?

Pego minha bolsa da cama. — Eu acho que vou voltar para o meu quarto e estudar.

— Callie, eu...

— Seth, eu vou ficar bem. Agora vá para o seu encontro e tenha um monte de diversão por nós dois.

Eu saio do quarto antes que ele possa tentar me convencer. Não sei como me sinto sobre Kayden. Pensei que estava chegando em algum lugar com a minha vida. Pensei que eu pudesse sentir o cheiro das possibilidades no ar.

Acho que estava errada.

Kayden

Eu escorrego no meu dormitório no meio da noite, ainda usando o smoking com a minha mochila na mão. Quando ligo a luz, Luke senta-se, piscando os olhos e balançando a cabeça.

— Ok, nós temos que chegar em um acordo para você parar de me acordar. — Ele estuda meu smoking. — Então a marcação estava certa? Você realmente foi com ela?

— Não, fui buscá-la e, enquanto parei em um posto para colocar gasolina, ela pegou meu celular e fez isso.

— Você não foi ao baile com ela? Você apenas o que? Vestiu-se assim para se divertir?

Puxo a gravata do meu pescoço. — Não, eu fui até o estacionamento da escola, e meio que tive uma revelação.

Ele olha para o relógio. — Eu ouvi que elas mudam consideravelmente a vida.

Eu tiro o smoking e atiro-o no chão. — Pode ter sido... Talvez. E você deve estar muito feliz com isso.

— Por quê?

— Porque parte disso me fez perceber que Daisy é uma cadela.

Ele sorri. — Finalmente. Levou tempo suficiente. Sabe, você é uma espécie de lento.

Sento-me na cama e começo a desamarrar os sapatos.

A revelação foi realmente simples. Durante o trajeto para a escola, Daisy tinha estado comentando sobre como a manicure destruiu as suas unhas. Ela continuou a divagar sobre isso e sobre aquilo, e eu comecei a perceber pequenos detalhes sobre ela, como o seu nariz ficava amassado quando ela

estava falando ou o ressecamento do seu cabelo. Ela continuou fazendo sua voz soar melosa e quando estendeu a mão para tocar a minha perna, eu senti vontade de arremessá-la para longe do meu colo.

Ela manteve todos insultos, então eu tentei mudar de assunto e fazer uma piada, mas ela não riu. Na verdade, ela olhou para mim por um segundo como se quisesse saber o que estava fazendo comigo. Então eu comecei a me perguntar o que eu estava fazendo com ela.

Eu a deixei na escola e empurrei a marcha. — Divirta-se.

Ela ficou boquiaberta para mim. — O Quê? Você não está vindo?

Eu balancei minha cabeça com um pequeno sorriso nos lábios. — Eu nunca deveria ter estado aqui, para começar.

Ela ameaçou-me com tudo o que podia pensar, antes de sair do carro. Eu fui embora, peguei minha mochila de casa, e voltei para o campus, sentindo um peso elevado dos meus ombros.

— Você está certo. Eu sou meio lento. — Eu tiro meus sapatos e deixo-os no armário. — Ei, você viu Callie enquanto eu estava fora? Encontrei um brinco na sua caminhonete e acho que é dela.

Ele fica quieto por um momento e então se move em sua cama. — Eu tenho que te perguntar uma coisa sobre ela. O quanto você gosta dela?

Eu dou de ombros, porque realmente não sei. — Ela é agradável e interessante. — Dou de ombros novamente, em conflito. — Por que você está me fazendo essa pergunta foddidamente estranha?

— Bem, esta noite, encontrei Seth no estacionamento, — ele diz. — E ele me informou que Callie descobriu que você foi para o baile com Daisy.

Eu pego meu smoking e caminho para o armário para pegar um cabide, meus passos abrandam quando percebo o que isso significa. — Ele disse se ela estava chateada?

— Ele com certeza estava, — Luke responde. — Ele gritou comigo por uns dez minutos.

Eu insiro as extremidades do cabide através das mangas do smoking. — Eu provavelmente deveria ir falar com ela. — Eu pego uma camisa e uma calça de

pijama da minha mochila e caminho de volta para o armário para me trocar, assim Luke não vai ver as minhas cicatrizes horríveis.

— Sim, boa sorte com isso. — Luke cai de costa na cama, bocejando. — Porque eu tenho certeza que Seth não vai deixá-lo chegar a qualquer lugar perto dela nunca mais.

Meu coração se contrai dentro do meu peito com a ideia. Mesmo que eu continue dizendo a mim mesmo para ficar longe dela, dói pensar que poderia realmente acontecer. Eu admito a verdade sobre meus sentimentos, pela primeira vez na minha vida. Na verdade, eu os tenho. E eu os tenho por Callie. Agora, o que eu deveria fazer com eles não tenho nem uma ideia do caralho.

Na manhã seguinte eu acordo cedo porque não consegui dormir. Tive um sonho onde eu estava de volta na casa da piscina e meu pai está me batendo. Desta vez, porém, Callie não apareceu, e os punhos continuaram a quebra meu rosto uma e outra vez, até tudo ficar escuro.

Eu me vestir e andei até uma a loja em frente para comprar um café. Estou no meu caminho de volta para o campus quando Callie aparece no final da calçada. Ela tem um livro na mão, lendo enquanto se dirige em minha direção, ignorando as pessoas e carros que se deslocam ao seu redor. Seu cabelo está trançado para o lado, com fios soltos emoldurando seu rosto, e seu casaco fechado metade do caminho. Seu jeans apertado mostrar como ela é quebrável.

Eu espero por ela junto ao poste da rua e ela não olha para mim até o último segundo.

— Ei, — eu digo, tentando não me preocupar com o fato de que ela parou vários pés longe de mim. Eu me movo até ela lentamente, tomando um gole do meu café. — O que você está lendo? Você parecia totalmente nele.

Seu olhar está grudado em mim e eu me contorço. Ela levanta o livro para cima e bate na capa onde o título está.

— *Sister Carrie*, — Eu leio em voz alta.

Ela reduz o livro para o seu lado, usando seu dedo para marcar a página. — É para minha aula de Literatura Americana, que eu deveria estar em uma hora. Era para eu lê-lo ontem à noite, mas não consegui encontrar o livro.

— Oh, eu vejo, — estou em uma perda de palavras pela tensão perceptível em sua voz.

Ela para na faixa de pedestres. — Você teve uma boa viagem de volta para casa?

— Foi tudo bem, — eu digo, esperando ela perguntar.

Ela engata seu polegar sob a alça da sua bolsa e a ajeita em seu ombro, observando o sinal na faixa de pedestres em sua frente. — Isso é bom.

Ela fica em silêncio enquanto retorna à leitura. Eu vejo seus lábios se moverem com as palavras enquanto lê em silêncio; os lábios que eu conheço são ridiculamente suaves e quase não foram tocados. Eu poderia dizer que quase ninguém a tinha beijado e algo sobre isso me atrai ainda mais, como se ela confiasse em mim o suficiente para ser um deles. Provavelmente não agora, no entanto.

— Ei, eu acho que nós precisamos conversar, — eu digo. — Há algumas coisas que eu quero te dizer.

O sinal muda de cor e ela ergue os olhos para ele. — Eu não posso falar agora. Tenho que pegar um café e parar na biblioteca antes da aula.

Ela começa a ir para o outro lado da rua, e eu agarro sua manga. — Callie, eu lhe devo uma explicação.

Seus músculos enrijecem enquanto ela olha para a minha mão em seu braço e depois para mim. — Não. Eu prometo. Eu não achei que estávamos namorando, você não me deve nada. — Ela se afasta do meu alcance e corre para o outro lado da rua.

Eu começo a chamá-la para dizer que ela estava errada, que eu devo-lhe tudo, mas ela começa a correr, como se não quisesse nada mais do que ficar longe de mim.

CAPÍTULO 11

#3 Faça o que diabos você quer pelo menos uma vez que você ache que deva fazer

Callie

Eu estou o evitando. Disse a mim mesma mil vezes que ele não fez nada de errado, mas estou "instável" como Seth tão agradavelmente me disse durante a aula de História. Ele também me disse que eu deveria cortar meus laços com Kayden porque quando ele saiu, levou uma parte da minha "confiança" com ele.

— Por que você continua fazendo aspas no ar? — Pergunto, pegando minha bolsa do chão.

Professor Jennerly olha para nós a partir da frente da sala de aula e, em seguida, continua com sua palestra, andando na frente da classe com as mãos atrás da costa.

Seth inclina-se sobre a mesa e sussurra: — Porque estou citando o que está no meu livro de psicologia.

— Seu livro de psicologia fala sobre os meus problemas? — Coloco minha bolsa sobre mesa e abro-a.

— Não especificamente, mas está perto. — Ele morde a ponta da caneta, enquanto fica ereto na sua cadeira.

Eu coloco meus livros na minha bolsa e pelo tempo que estou terminando de ajeitar tudo, a classe está sendo dispensada. Esperamos até que a sala esteja quase vazia antes de descemos as escadas.

Professor Jennerly, um homem alto com cabelos grisalhos e óculos grossos, espera-nos à porta. — Minha sala de aula não é feita para bate-papo, — ele diz. — Se vocês dois querem conversa, então sugiro que façam isso fora da minha sala.

— Lamentamos, — diz Seth e, em seguida, revira os olhos para mim. — Isso nunca vai acontecer de novo.

Nós andamos pelo corredor lotado. Olho para fora das janelas, para o estádio de futebol metálico que se estende ao longe e o metal brilha na luz do sol.

— Você está pensando sobre ele? — Seth pergunta.

Eu tiro meu olhar da janela e olho para um grupo de rapazes ocupando metade do corredor. — Pensando em quem?

Ele inclina a cabeça para o lado, franzindo a testa. — Callie, você precisa apenas esquecê-lo ou falar com ele. Você não pode continuar o evitando, mas querendo-o.

— Eu não o quero, — eu minto e quando ele franze o cenho para mim, eu suspiro. — Tudo bem, tudo bem. Sim, eu penso sobre ele. Muito. Mas eu vou passar por cima disso. Deus sabe que eu mal o conheço.

— No entanto, vocês dois têm compartilhado muita coisa, — ele diz e pressiona sua mão espalmada na porta para abri-la. — Você o salvou. Ele foi o primeiro cara que você achou confiável. Ele lhe deu seu primeiro beijo de verdade.

— Eu confiei em você primeiro. — Eu vasculho em minha bolsa pelo meu chiclete enquanto a brisa passa pelo meu cabelo.

— Isso não é o mesmo. — Ele solta a porta e ouço um estalo. — Eu sou um amigo. Kayden é mais para você do que isso.

— Eu não sei se isso é verdade. — Eu tiro um chiclete e retiro a embalagem. — Eu não sei o que sinto por ele, ou se isso é bom ou ruim. Na verdade, às vezes eu me sinto como uma garotinha assustada que não sabe o que fazer com qualquer coisa.

Ele olha para mim com pena enquanto passamos por debaixo de um dossel de ramos com a luz do sol brilhando através deles. — Bem, talvez você devesse simplesmente fazer o que diabos quer, em vez do que ache que deve fazer.

Eu aponto um dedo para ele com acusação nos meus olhos. — Você pegou essa citação da lista.

Ele ri perversamente, jogando a cabeça para trás e seu cabelo loiro cai na frente dos seus olhos. — Isso é porque é a citação do dia. Você não recebeu o memorando?

Eu balanço minha cabeça, rindo dele. — Maldito seja. Eu me esqueci de checar minhas mensagens hoje. Devo ter perdido.

Ele move o braço em volta do meu ombro. — A questão é: o que você quer fazer? E eu quero dizer realmente, realmente o que você quer?

Eu paro na frente do banco, considerando o que ele perguntou, olhando para o grande estádio à distância. — Eu quero me divertir.

Kayden

— Eu realmente não estou no clima para festas. — Eu borrifo um pouco da colônia na minha camisa e fecho a tampa. — Eu prefiro ficar aqui e dormi. Eu me sinto como uma merda.

— Isso é porque você está deprimido. — Luke abre a gaveta da cômoda e procura através das suas camisas, finalmente selecionando uma de mangas compridas. — Por alguém que eu não posso mencionar ou então você vai olhar para mim como se quisesse me matar.

Corro os dedos pelo meu cabelo. — Isso é uma fodida mentira.

Ele circula um cinto através do seu jeans com um olhar exagerado. — Devemos ir andando apenas, certo? Dessa forma, ninguém vai ter que ser responsável por dirigir de volta.

— Você percebe que a festa fica a três quadras do Campus Habitat. Nós seríamos estúpido por dirigir.

— Eu pensei que ficava em um dos apartamentos mais abaixo?

Eu verifico minhas mensagens e, em seguida, mantenho pressionado o botão lateral. — Não, fica apenas a algumas ruas.

Ele pega a jaqueta larga da costa da cadeira do computador. — Isso torna a situação ainda melhor.

Nós trancamos a porta e saímos. É tarde, as estrelas estão aparecendo no céu, e os postes de luzes brilham contra o concreto. Há um grupo de garotas

em vestidos apertados e saltos altos, andando na mesma direção que nós estamos.

Nós acabamos por trás delas e Luke encara a bunda da mais alta entre elas. — Eu acho que um desafio seria adorável agora mesmo.

— Ou você poderia apenas ir até ela. Isso sempre funciona também.

— Só quando você está comigo. — Ele olha para mim, testando minha reação. — O que você acha?

Eu dou de ombros, mesmo que eu não queira. — Eu posso ir até lá com você.

Ele revira os olhos. — Tudo bem, se é assim que você quer.

Nós vamos até as garotas e Luke começa a conversa com a que ele estava verificando. A mais curta com cachos louros, usando um vestido vermelho, começa a falar comigo, mas eu mal a ouço. Estou preocupado com que Callie pensaria e o que eu estaria fazendo se estivesse com ela.

— Eu definitivamente não estou no clima para festa, — murmuro para mim mesmo. — Isso é certeza.

A garota que estava puxando conversa olha para mim confusa. — O quê?

— É uma noite realmente agradável, — eu digo e ela ri, mas as sobranceiras se arqueiam.

Há um monte de barulho vindo em torno do apartamento do terceiro andar, que é onde a festa é. Eu mantenho a porta aberta para que todos possam entrar.

Luke está fazendo uma piada quando entra e as outras duas garotas andam atrás dele, cochichando e rindo uma com a outra. É chato para mim, e pelo tempo que estou batendo meu punho contra a porta, não posso esperar para entrar e me afastar deles.

Um dos membros da equipe de futebol, Ben, que está dando a festa. Ele é um cara bom, embora eu realmente não o conheça. Quando ele abre a porta, no entanto, parece que nós somos melhores amigos.

— Kayden, cara. — Ele estende a mão para bater nossos punhos.

Eu colido meu punho contra o seu e levanto minhas sobranceiras. — Ei cara.

Ele olha por cima do ombro para Luke e as garotas. — Você trouxe convidados. — Sorrindo, ele fica de lado para que possamos entrar.

O apartamento é muito maior do que o meu dormitório. A música toca a partir do estéreo e há uma mesa redonda no canto, onde um jogo de pôquer está acontecendo. Garrafas de álcool no balcão da cozinha, junto com copos, batatas fritas, e um monte de outros alimentos. Entre os sofás uma horda de pessoas estão dançando.

Meus olhos fixam em uma garota com o cabelo castanho amarrado em um elástico, usando calça jeans preta com um par de botas e uma regata roxa. Ela está falando com um rapaz, rindo e balançando a bunda no ritmo da música.

— Callie. — Não importa quantas vezes eu pisco, não parece real.

— Você quer pegar uma bebida? — A garota com quem eu vim pergunta, prendendo seu cabelo em torno do seu dedo enquanto olha para mim, mordendo o lábio inferior.

Eu balanço minha cabeça e minha atenção retorna para Callie. — Talvez em um minuto.

Ela está dançando com Seth, que está realmente no ritmo da música enquanto eles gritam a letra com a multidão e depois riem, levantando as mãos no ar.

— O que eles estão fazendo aqui? — Luke se pergunta enquanto para ao meu lado. — Não parece ser o lugar que eles costumam frequentar.

Seth nos percebe e se inclina para frente para dizer alguma coisa no ouvido de Callie. Ela vira a cabeça e olha para nós. Seu rosto se ilumina e ela cambaleia em torno das pessoas em minha direção com Seth em seu calcanhar. Por um segundo, me pergunto se eu caí no sono e isso é tudo um sonho, porque ela parece realmente feliz em me ver.

Quando ela me atinge, arremessa seus braços ao redor do meu pescoço, e eu posso sentir o cheiro da vodka em seu hálito. — Kayden, você está aqui, — ela diz, abraçando-me com tanta força que dói um pouco.

Minha respiração acelera um pouco enquanto coloco minha mão em sua costa. — Você bebeu?

Ela se afasta, olhando-me nos olhos e balançando a cabeça. — Um pouco.

— Não, ela está bêbeda, — Seth explica enquanto se empurra na multidão e se junta a nós na entrada, empurrando as mangas da sua jaqueta preta de botão para cima. — E eu quero dizer fodidamente bêbeda.

Mantendo minha mão na sua costa, Callie descansa seu rosto no meu peito. — Eu pensei que ela não bebia tanto assim?

Ele está distraído por um cara no canto da sala, que está tomando uma bebida e conversando com uma garota com cabelo ruivo muito curto. — Ela não bebe, mas esta noite ela fez. Olha, você pode observá-la um pouco? Há alguém que eu preciso falar.

Eu aceno, traçando meus dedos pela sua costa. — Claro.

— Certifique-se de manter suas mãos para si mesmo, — ele adverte, afastando-se com o dedo apontado para mim. — Ela está bêbada o suficiente para não se lembrar de nada, o que torna qualquer toque errado.

Eu balanço a cabeça para ele. — Que tipo de cara você acha que eu sou?

Ele dá de ombros com o julgamento em seus olhos. — Eu não faço ideia.

Callie pisca para mim com quase nenhuma consciência em seu rosto. — Quem são as garotas que chegaram com você?

A loira de pé à minha direita me lança um olhar sujo e coloca as mãos nos quadris.

Eu mantenho meus olhos em Callie. — Ei, vamos para a cozinha e pegar um pouco de água.

Ela acena com a cabeça para cima e para baixo. — Eu estou realmente com sede.

A inocência em seus olhos e a forma como ela se agarra a minha camisa enquanto eu a guio em direção à cozinha me deixa inquieto. Ela confia em mim no momento e eu estou preocupado em foder com isso, como eu sempre faço.

Ben está na cozinha conversando com uma garota com cabelos longos, castanhos encaracolados, com um jeans apertado, e uma blusa vermelha. Quando ele nos vê, uma expressão curiosa cruza seu rosto.

— Quem é essa? — Ele me pergunta, apontando o queixo para Callie.

— É a Callie Lawrence. — Eu movo meu braço para longe dela para pegar um copo de plástico do topo da pilha no balcão. — Ela estuda aqui. O pai dela era o meu treinador no colegial.

Callie solta minha cintura. Com as minhas mãos ao seu lado, para tenta manter seu equilíbrio enquanto viro a torneira para encher o copo.

— Então, seu pai é um treinador? — Ben se inclina para trás contra o balcão, a garota que ele estava conversando vagueia até o bar para encher um copo.

Sim, ele tem sido um por 20 anos ou algo assim, — diz Callie com um leve insulto em seu discurso.

— Ele lhe ensinou algumas coisas? — Ben pergunta, cruzando os braços. Eu não gosto do tom de provocação em sua voz. — Como quais peças são ou como jogar e pegar uma bola?

Eu me viro com um copo de água na mão enquanto Callie revira os olhos para ele. — Obviamente, como eu sei que você é o receptor. — Ela pisca os olhos, zombando. — O que significa que você pega a bola.

— Bem, você não é apenas adorável. — Ben dá um passo em direção a ela com um olhar de fascínio em seu rosto.

Minha mão pressiona contra seu peito para empurrá-lo de volta. — De jeito nenhum. Ela está fora dos limites.

Ben olha para mim se desculpando, eu entrego o copo de água para Callie e ela inclina a cabeça para trás, tomando-o. — Sinto muito. Eu não sabia que você estava namorando com ela.

Eu não me incomodo em corrigi-lo, por muitas razões, algumas das quais são realmente fodidas. Quando ele sai da cozinha, Callie move o copo para longe da sua boca e lambe a água fora dos seus lábios, fazendo-me ter pensamentos sujos que sei que não deveria ter.

— Ele é uma espécie de idiota, — ela diz, entregando o copo de volta para mim.

Eu esmago-o e lanço-o no lixo. — E você é meio mal-humorada quando está bêbada.

Quando eu encaro-a novamente, ela está mordendo o lábio inferior com seu olhar perfurando-me. — Você gosta que eu seja mal-humorada? Faz você me querer?

Oh, merda. Ela está muito bêbeda. — Que tal te levar para casa?

Ela balança a cabeça, recuando em direção ao balcão com as pernas bambas. Agarrando a borda, ela pula nele e bate a cabeça no armário. — Eu quero saber. — Ela esfrega a cabeça, lançando um olhar sujo para o armário como se ele fez algo errado. — Quando eu estou assim, isso faz você me querer?

Eu olho por cima do meu ombro, orando para Deus que Seth entre aqui e me salve dessa conversa desconfortável. — Eu não sei, Callie.

Ela faz beicinho com o lábio inferior. — É porque você não me quer em tudo, não é?

Suspirando, eu coloco minhas mãos no balcão, então ela está entre meus braços. — Não, não é isso. Confie em mim. É só que eu não quero ter essa conversa quando você não vai lembrar de nada na manhã seguinte.

Ela se inclina para frente, reduzindo a lacuna entre nossos rostos. — Vou me lembrar disso. Eu prometo.

Eu tento não rir dela, cerrando os punhos para resistir ao impulso de deslizá-los em seus quadris. — Tudo bem, você quer a verdade? — Eu pergunto e ela sacode a cabeça para cima e para baixo. — Não, eu não gosto de você assim. Eu gosto da Callie sóbria, a que eu posso falar. A que é tão doce que é fodidamente adorável. — Eu inclino meu rosto para frente e respiro no seu pescoço, movendo-me em direção à linha sem tocar, mas não atravesso-a. — A que treme só de sentir a minha respiração. A que eu quero beijar e tocar fodidamente tanto, que me deixa louco. A que me faz sentir coisas... — Eu paro e me inclino para longe, contente de ver que suas pálpebras estão apenas metade abertas. Dessa forma, eu sei que ainda estou seguro.

Eu estou cansada. — Ela boceja, esticando os braços para cima e eu pego um vislumbre do seu estômago nu; plano, minúsculo, e firme. — Você pode encontrar Seth para que ele possa me levar para casa?

Enfio uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — Sim, você vem comigo, no entanto. Eu não quero deixá-la aqui sozinha.

Ela balança a cabeça, pulando fora do balcão, e eu rodeio meu braço em torno dela para mantê-la estável. Nós procuramos pelo apartamento, mas não encontramos Seth em qualquer lugar. Acho Luke na mesa de pôquer, enganando assim como seu pai lhe ensinou.

— Ei, cara, eu vou levar Callie para casa, — eu digo enquanto ele olha para mim das suas cartas. — Se você vê Seth, pode dizer isso a ele?

Luke balança a cabeça e, em seguida, seus olhos correm para as fichas vermelhas e azuis na sua frente. — Sim, o homem vai fazer isso.

Callie esconde o rosto em minha camisa enquanto nós caminhamos para fora da porta e no corredor silencioso. Ela inclina seu peso sobre mim e eu guio-a nas escadas e para fora das portas. O ar está frio e ela treme contra mim.

— Onde está o seu casaco? — Eu pergunto, esfregando minha mão para cima e para baixo no seu braço.

Ela encolhe os ombros enquanto tropeça no meio-fio e eu agarro-a com o meu braço. Seus olhos estão quase fechados e ela continua suspirando. Finalmente, eu desisto e paro no meio da calçada.

Ela pisca para mim. — O que há de errado?

Eu fico em seu lado e falo lentamente, porque sei que ela está lutando para compreender tudo o que está acontecendo. — Eu vou te segurar e te levantar. Tudo bem?

Ela olha para as minhas mãos e, em seguida, reverte o olhar para mim. — Ok.

Eu dou um passo cautelosamente em sua direção. — Coloque seus braços em volta do meu pescoço.

Ela obedece, deslizando as mãos até meu peito e ligando-os ao redor do meu pescoço. Ela repousa a cabeça no meu peito enquanto eu embrulho o meu braço em torno dela de volta. Dobrando os joelhos, eu coloco meu outro braço debaixo das suas pernas e levanto-a em meus braços. Ela fuça o rosto no meu peito enquanto eu começo a andar pela calçada. Eu levo o meu tempo

porque amo como me sinto ao carregá-la, a forma como ela precisa de mim, o jeito que eu preciso protegê-la.

Até o momento que chego ao salão da residência McIntyre, estou trabalhando muito duro para não entrar em pânico porque vou ter que tirá-la dos meus braços. — Callie, onde está seu cartão de identificação? — Pergunto. — Eu não trouxe o meu.

— No meu bolso, — ela murmura, estendendo a mão para ele, mas seu braço cai para o seu lado. — Eu estou muito cansada para pegá-lo.

— Tente novamente, ok? — Eu praticamente imploro para ela sem resposta.

Esvazio minha mente de quaisquer pensamentos sujos, eu aperto-a contra meu peito e deslizo os dedos no seu bolso, puxando rapidamente seu cartão para fora. Passando-o através do bloqueio, a porta abre e eu entro. Caminho até os elevadores no piso superior e encontro seu quarto. Quando estendo minha mão para a maçaneta da porta, ela acorda e agarra o meu braço.

Não, não abra, — ela diz, apontando para o lenço vermelho amarrado ao redor da maçaneta. — Isso significa que a minha companheira de quarto está... Ela está... Ocupada.

Eu tento não rir do fato de que, mesmo quando ela está bêbada, ela tem dificuldade em dizer isso. — Onde você quer que eu te leve?

Ela deixa cair a cabeça para trás contra o meu peito. — Você pode apenas continuar me carregando. É muito relaxante.

— E sobre o quarto de Seth?

Suas pálpebras estão fechadas e seu hálito quente flui através da minha camisa. — Você vai ter que ir buscá-lo...

Meus ombros caem enquanto eu movo seu corpo em direção ao meu peito e começo a descer o corredor à minha direita. Quando saio, atravesso o gramado para o edifício Downy e tomo o elevador para o meu quarto.

— Callie, eu tenho que ajustá-la para baixo enquanto abro a porta, — eu sussurro em seu ouvido.

Ela balança a cabeça e eu abaixo cuidadosamente seus pés no chão. Ela se inclina para trás contra a parede, suas pálpebras fechadas. Eu bato meus dedos

contra o bloqueio, digitando o código, e em seguida abro a porta. Ascendendo as luzes, dou um passo para trás e pego-a, levando-a para dentro. Ajoelhando-me na cama, eu abaixo a sobre o colchão, delicadamente colocando-a para baixo. Ela rola para o lado enquanto eu me levanto e tento descobrir o que fazer. Eu poderia dormir na cama de Luke, mas ele vai mastigar minha bunda quando aparecer.

— Onde você vai dormir? — Ela me olha enquanto eu atiro minhas botas em um canto.

— Isso é o que eu estava tentando descobrir. — Eu fico olhando para ela com hesitação. — Está tudo bem se eu me deitar com você?

Seus olhos ampliam um pouco e hesitante, ela mexe seu corpo, fugindo em direção a parede. Deito-me de lado, mantendo o espaço entre nós enquanto suas pálpebras se estreitam.

— Eu nunca tinha compartilhado a cama com alguém além de Seth, — ela murmura. — Eu não consigo dormir quando estou com outra pessoa.

Eu começo a rolar para fora da cama. — Tudo bem. Eu vou encontrar outro lugar para dormir.

Seus dedos envolvem em torno de meu braço. — Você não tem que ir a qualquer lugar. Eu me sinto segura com você.

Faço uma pausa. — Você tem certeza?

— Sim, você faz parecer que tudo o que ele fez não existe.

— Callie, o que você está falando?

— Não importa. — Ela boceja e se aproxima um pouco mais de mim, colocando as mãos sob a sua bochecha e ondulando os joelhos para cima. — Estou cansada.

Minha mão treme um pouco quando levanto-a e afasto seu cabelo da testa. — Está tudo bem. Pode dormir.

Ela acena com a cabeça e, segundos depois, o som da sua respiração suave me rodeia. Sem sequer pensar, eu inclino-me e beijo suavemente sua testa, perguntando o que diabos eu vou fazer quando amanhecer.

CAPÍTULO 12

#12 Veja quão longe você pode ir com algo que você tem medo

Callie

Quando abro meus olhos, minha cabeça parece que está rachada e meu cérebro está latejando. Estou ciente imediatamente que não estou no meu quarto. Há roupas de homem por todo o chão, um Play Station em uma prateleira perto de uma televisão de tela plana, e os cobertores em cima de mim tem o cheiro do perfume que Kayden usa.

Meus olhos se arregalam quando sento-me na cama, quebrando a cabeça para encontrar detalhes do que aconteceu na noite passada. Lembro-me de Seth me perguntando o que eu queria fazer e eu lhe disse que queria me divertir. Então, ele me levou para sair e acabamos ficando bêbados. Depois disso, tudo se tornou obscuro, mas por alguma razão eu posso me imaginar olhando para as estrelas enquanto alguém me carrega.

A porta do meu lado direito guincha enquanto Kayden entra no quarto segurando dois copos de café. Ele está usando uma camisa preta com capuz que mostra seus braços magros e calça jeans pendurada em seus quadris.

Ele me olha duas vezes quando vê que eu estou acordada. — Por um momento, eu pensei que você estava indo dormir o dia todo.

A luz solar cintila através da janela enquanto eu olho para o relógio pendurado na parede acima da cama. — Caramba, é quase hora do jantar? — O pensamento de comida faz meu estômago doer.

Ele me entrega um café e de bom grado eu aceito. — Seth me disse que você ama lattes.

Concordo com a cabeça, tomando um gole. Tem um sabor divino. — Deus, minha cabeça dói tanto.

Ele equilibra o outro copo na mesa de cabeceira. — Isso geralmente acontece quando se bebe demais.

Eu levo o copo para longe do meu rosto. — Kayden... Eu não consigo... eu não sei o que aconteceu.

Ele se senta na cama ao meu lado e o colchão guincha sob seu peso. — Bem, eu só tive o privilégio de testemunhar a última metade da noite, mas pelo que ouvi, Seth disse que você bebeu uma tonelada de vodka. No momento em que me encontrei com você na festa de Ben, você estava bêbada.

Eu estremeço. — Eu fiz algo... Estranho?

— Na verdade, não. Você teve que dormir aqui, porque eu não encontrei Seth e havia um lenço vermelho em sua porta.

— Onde você dormiu?

Ele fica tenso, parecendo culpado. — Perto de você.

Eu lambo a espuma dos meus lábios e olho para fora da janela para o céu azul claro. — Se eu me lembro bem, você teve que me carregar?

Ele balança a cabeça. — Você mal podia andar... Eu não me importei em fazer isso, porém.

Eu puxo o cobertor do meu corpo e deslizo os meus pés sobre a borda da cama. — Eu provavelmente deveria ir tomar um banho e tentar comer. Embora, sinto que vou vomitar minhas tripas para fora.

Ele coloca uma mão na minha perna, envolvendo os dedos em volta do meu joelho. — Na verdade, eu quero que você venha comigo em um lugar. Há algo realmente importante que eu preciso te dizer... É sobre o que aconteceu naquela noite na casa da piscina. — Há tristeza em seus olhos e rigidez em sua voz.

— Ok, — eu digo. — Eu tenho que ir com você agora? Ou posso tomar banho primeiro? Eu me sinto muito nojenta.

Ele ri de mim. — Você pode tomar banho primeiro. Eu vou esperar por você na área dos bancos.

Eu sinto uma súbita vontade de abraçá-lo. — Tudo bem, eu vou fazer isso rápido. — Eu ando em direção à porta, mas faço uma pausa quando giro a maçaneta. — Kayden, obrigado por cuidar de mim na noite passada.

— Não foi um grande negócio. — Ele hesita. — Devo-lhe muito mais noites do que nós ainda vamos ter.

Kayden

Eu quase não dormi na noite passada. Deitei na cama, ouvindo Callie respirar, tentando combinar minha própria respiração ao seu ritmo. Parte de mim queria que ela estivesse dormindo ainda, para que eu pudesse continuar ao seu lado.

No momento em que o sol se levantou acima das montanhas, eu decidi que era hora de lhe dizer a verdade, então ela saberia no que estava se metendo. Então, ela poderia decidir se realmente quer estar comigo, porque eu não consigo ficar longe dela.

Estou fodidamente nervoso enquanto dirijo até a montanha onde nós fizemos a nossa primeira caminhada juntos. Eu estaciono a caminhonete perto da linha de uma árvore e nós pulamos para fora, andando abaixo do céu azul para as colinas.

— Nós vamos realmente subir lá em cima de novo? — Ela Pergunta, olhando para o topo da colina enquanto nos aproximamos. Seu cabelo está espalhado por sua costa e os braços estão cruzados sobre o peito.

Eu ando até uma rocha que está no meio do caminho e olho para a vista. — É tranquilo aqui hoje. — Eu me sento na rocha e dou uma batidinha no local perto de mim. — Venha se sentar.

Ela cambaleia na minha direção e eu ofereço-lhe a minha mão para puxá-la para cima. Ela senta-se ao meu lado, repousando em suas palmas, e olha para as colinas em nossa frente. Fecho os olhos por um momento, sentindo tudo, sem saber se vai ser bom ou ruim quando eu lhe disser.

— Naquela noite, em que você apareceu e viu meu pai chutando minha bunda, — começo antes que eu perca a coragem, — não foi a primeira vez que ele me bateu.

Ela não parece surpresa. — Quantas vezes ele bateu em você?

Eu vejo uma folha flutuando na nossa frente, à deriva para cima e para baixo, antes de voar por toda a terra espaçosa. — Eu não sei... Eu perdi a

conta em torno dos sete anos de idade ou algo assim.

Ela suga uma respiração afiada e sua cabeça gira para o lado para que ela possa olhar para mim. — Ele te batia quando você era pequeno?

Eu dou de ombros, como se não fosse grande coisa. — É apenas algo que ele faz, sabe? Mais, quando ele estava bêbado, embora ele fez quando estava sóbrio. Ele não gostava das coisas que fazíamos e em vez de nos colocar de castigo ou tirar nossos brinquedos, ele batia e gritava com nós.

Ela fica em silêncio por um longo tempo enquanto estuda as nuvens no céu. — O que você fez para deixá-lo louco naquela noite?

— Eu machuquei minha mão. — Eu flexiono os dedos em minha frente, não dizendo a ela que fiz isso de propósito. Não estou pronto para isso. — Ele estava preocupado que eu iria arruinar minha carreira no futebol.

Ela fica em silêncio de novo. — Por que você nunca fez nada sobre isso? Dizer à alguém? Ou lutar?

E aí está. O que eu estava esperando. Ela está percebendo o quão fodido é a situação. — Eu não sei. No começo achava que era porque eu era muito jovem para entender, mas quando tive idade o suficiente para fazer algo sobre isso, eu não me importava mais. Às vezes parecia que eu tinha morrido por dentro. — Eu dou de ombros e, em seguida, dou de ombros novamente, forçando-me a olhar para ela.

Ela arqueia as sobrancelhas para mim, confusa, mas não há julgamento em seus olhos. — Você não se importava que ele te batesse?

Fecho os olhos e inalo o ar fresco. — É por isso que estou dizendo isso. Eu só não ajo muito bem com sentimentos e provavelmente vou desligar e fazer um monte de coisas fodidas. Você precisa apenas ficar longe de mim.

Fica silencioso e eu abro minhas pálpebras, meio que esperando que ela fosse embora, mas ela está me observando, seu peito subindo e descendo com a respiração. Ela olha para mim e então muda seu peso, se inclinando em minha direção e eu fico tenso. Ajoelhando-se, ela engata a perna sobre meu colo e envolve seus braços em volta do meu pescoço, descansando a cabeça no meu ombro. Ela me abraça com força e meus olhos se arregalam, todo o meu corpo fica tenso enquanto tento manter minhas mãos longe dela, sem saber o que fazer ou como reagir. Depois de um tempo o seu cheiro e o seu calor

chegam a mim e minhas mãos deslizam para cima e para baixo na parte inferior da sua costa. Fechando meus olhos, eu abraço-a de volta com tudo o que tenho em mim.

Callie

Há algo sobre alguém confiar em você o suficiente com os seus segredos que torna mais fácil confiar neles. É como se eles estivessem abrindo seu coração e em retorno você deve se abrir para eles, também.

Kayden se abriu comigo e eu quero me abrir de volta, mas eu não podia. Não completamente de qualquer maneira. Eu quero. Eu quero-o tanto que não sei o que fazer comigo mesmo.

Eu quero ele. Eu quero ele. Eu quero ele.

Não importa quantas vezes eu escreva, ainda não parece real. Nada disso faz, porque eu nunca acreditei que isso iria acontecer.

Alguém bate na minha porta e eu saio da cama para atender. Kayden está do outro lado com uma bola de futebol embalada debaixo do braço. Em vez de usar seu uniforme, ele está vestido um belo par de jeans e uma camisa cinza. Seu cabelo castanho escondido debaixo de um chapéu de beisebol preto.

— Eu tenho um favor para lhe pedir. — Tem sido um par de semanas desde que ele me contou sobre seu pai e nós saímos muito como amigos, mas há algo em seus olhos hoje à noite que é diferente, mais leve.

— Tudo bem... — Eu me afasto da porta e o deixo entrar. Seus olhos param instantaneamente no caderno aberto na minha cama. Eu corro até ele e coloco-o debaixo do meu travesseiro.

— Esse era o diário? — Ele sorri enquanto muda a posição da bola debaixo do seu outro braço.

— Você pode fingir que não viu isso? — Eu coloco minhas mãos na minha frente, sobrepondo meus dedos. — Por favor. Ele sorri. — Há coisas sobre mim?

Eu finjo coçar meu olho para ocultar o sangue correndo para as minhas bochechas. — Não.

— Callie, você está corando, — ele brinca, dando um passo à frente para que possa retirar a minha mão do meu rosto. — Não esconda. É bonito.

Eu rolo meus olhos, mais para mim mesmo, porque o seu comentário só faz meu rosto aquecer ainda mais. — Então, qual é o favor?

— Eu preciso que você venha me ajudar a treinar. — Ele vagueia ao redor do quarto, vendo tudo, passando a bola para trás e para frente entre suas mãos. — Luke está ocupado com alguma garota que ele está namorando há uma semana e ele não vai querer me ajudar.

— Eu posso fazer isso, — eu digo. — Mas você não parece vestido para treinar.

— Este será um treino suave. — Ele me encara. — Só um pouco de arremessos.

— E você acha que eu posso ajudá-lo? — Eu questiono, meu olhar ampliando em seu corpo muito resistente.

— Eu vi você na loja. Parecia que você era mais do que capaz. Além disso, você estava se vangloriando com Ben naquela festa sobre como impressionante seu conhecimento com o futebol é.

— Eu não me lembro. Será que eu fiz?

Ele balança a cabeça. — Você fez.

Faz-me pergunta o que mais eu disse. Às vezes parece que eu disse coisas para ele que ele esconde de mim.

— Tudo bem. — Eu pego minhas chaves da mesa e deslizo os meus pés em meus converses. — Eu farei o meu melhor para desafiá-lo.

Ele ri baixinho enquanto se vira para a porta e me pergunto se ele está pensando sobre a noite em que nos beijamos como eu estou.

Quando chegamos ao estádio, as luzes estão brilhando em todo o campo verde. As arquibancadas estão vazias e o único sinal de gente é o zelador esvaziando as latas de lixo.

Nós caminhamos para o centro do campo e eu giro em um círculo, olhando para todas as arquibancadas, sentindo-me pequena por causa do enorme

tamanho em minha volta. O céu está escuro, as estrelas brilhando no céu, assim como a lua.

Kayden joga a bola no ar enquanto eu abotoo meu casaco. — Sabe, desde aquele dia na loja, eu tenho estado muito curioso para te ver jogar novamente. Estou querendo saber se foi um acaso.

Eu posiciono minhas mãos em meus quadris e direciono um olhar em sua direção. — Ei, isso foi um insulto?

— Eu só estou tentando fazer com que você fique irritada. — Ele começa a correr para trás com a bola na mão. — Isso vai fazer você jogar melhor. — Ele lança a bola para mim e eu pego-a, fazendo uma careta quando o couro raspa minhas palmas.

— Isso doeu. — Eu finjo estar ferida, embalando meu pulso.

Seus braços caem para o lado e ele caminha em direção a mim. — Callie, eu estou então...

Eu levanto meu braço e arremesso a bola de futebol americano tão duro quanto posso em sua direção. Ele corre para trás, saltando apenas a tempo para pegá-la.

Quando seus pés tocam a grama novamente, ele balança a cabeça. — Você joga sujo.

Eu dou de ombros, não discutindo. — Foi como eu fui ensinada. Meu pai leva o jogo muito a sério.

— Oh, eu sei disso. Sabe quantas vezes ele chutou meu traseiro por estragar uma jogada? Foi uma coisa boa, no entanto. — Ele joga a bola para o meu lado e eu tenho que mover-me rapidamente para pegá-la. — Ele me manteve na ponta dos pés e me empurrou. Se não fosse por ele, eu provavelmente nunca teria conseguido a bolsa de estudos.

Eu prendo a bola em minhas mãos. — Eu não quero parecer rude, mas a sua família não tem recursos para pagar sua taxa de matrícula se você não conseguisse a bolsa de estudos?

— Meu pai não faria, — ele diz, engolindo em seco. — Ele costumava dizer-nos o tempo todo, que teríamos que encontrar o nosso próprio caminho para sair de casa, ou nós estaríamos presos lá... Eu não queria ficar preso lá. —

Eu começo a abrir a boca, mas ele bate suas mãos e, em seguida, estende-as em sua frente. — Aqui, jogue para mim.

Eu arremesso-a de volta para ele e ele a pega facilmente com um sorriso no rosto. — Tudo bem, desta vez eu vou jogá-la e, em seguida, vou tentar pegar de você.

Meus olhos se arregalam quando meu queixo cai. — Você está falando sério?

Ele atira-a no ar. — Eu nunca brinco sobre futebol. Então, leve seu tempo. Vou dar-lhe mais uma chance para me superar.

Eu recuo no campo, ainda duvidando de que ele realmente vai me perseguir e atacar-me para o chão. Quando estou bastante próximo da zona de touchdown, eu paro e encaro-o. — Você realmente vai me perseguir? Ou, você está apenas tentando me fazer jogar melhor?

Ele recua, mas a desonestidade mascarando sua expressão é evidente. — Confie em mim, eu não estou brincando. Na verdade, estou meio ansioso por isso.

Meu coração salta pela aspereza da sua voz. — Tudo bem, jogue a bola, mas eu vou ganhar.

Ele parece momentaneamente atordoado, mas depois se afasta um pouco, seus pés pegando ritmo, antes do seu braço oscilar para frente e a bola espiralar pelo ar em minha direção. Meus pés se movem rapidamente enquanto eu corro para trás com as mãos no ar. No último segundo, eu dou um pequeno salto, e pego a bola no meio do ar. Quando meus pés tocam a grama, eu hesito, ainda não tendo certeza se ele vai me perseguir.

Assim que eu estou firme, ele corre para mim, como realmente prometeu. Eu giro ao redor no meu pé e corro pelo campo. Felizmente, eu estou perto, porque não há nenhuma maneira que minhas pequenas pernas estão indo ser capazes de superar as suas longas por muito tempo.

Ele está rindo enquanto me persegue e seus passos pesados estão se aproximando rapidamente. Meu olhar fixa no mastro amarelo no final da linha branca e eu preciso correr mais. Quando meu pé cruza a linha, eu giro ao redor com meus braços acima da minha cabeça.

Kayden reduz os passos, balançando a cabeça, ofegante. — Ok, eu acho que te subestimei e lhe dei um bom começo.

Um sorriso se espalha em todo o meu rosto enquanto jogo a bola na grama. — O que é que vocês fazem quando marcam um touchdown? — Eu coloco meu dedo no meu queixo, fingindo pensar profundamente. — Oh, sim. — Eu pulo para trás, acenando minhas mãos na minha frente, fazendo uma dancinha boba.

Ele ri, seus olhos enrugando nos cantos. — Uau, você tem uma raia arrogante em você.

Eu pego a bola, agarro o mastro com a mão livre, e giro em torno dele, sentindo-me viva e sem peso. Por um segundo, eu fecho os olhos e desfruto da brisa fresca contra minhas bochechas, possuindo o momento. Quando abro minhas pálpebras novamente, Kayden está andando em minha direção, dando passos largos com as mãos enfiadas nos bolsos.

Eu abrando, ainda segurando o mastro, observando-o estreitar a distância. Ele não diz uma palavra, seus olhos esmeralda fixos em mim com confusão e intensidade neles. Quando ele chega até mim, eu me inclino contra o mastro, lutando para manter minha respiração estável contra o desejo que flui.

Ele pega a bola da minha mão e joga-a por cima do ombro em direção ao final do campo. — Vamos nos livrar dessa coisa estúpida.

— Eu pensei que foi por isso que você me trouxe aqui? — Eu digo com uma voz desigual, incapaz de tirar os olhos dos seus lábios enquanto ele os lambe. — Para ajudá-lo a treinar.

Seus lábios se abrem, como se ele fosse dizer alguma coisa, mas, em seguida, ele pressiona-os juntos e gira o chapéu para trás de modo que a aba está atrás da sua cabeça. Inclinando o corpo para mim, minha costa escova o mastro enquanto seus lábios pairam acima dos meus. Ele delibera, pondo a mão no mastro ao lado da minha cabeça, e então ele me beija.

Começa suave, um pincel de luz dos nossos lábios, mas, em seguida, a outra mão agarra o mastro e seu corpo se move até que esteja pressionando contra o meu. Nossas pernas emaranhadas, nossos peitos colidem, e a ponta da sua língua corre ao longo dos meus lábios até eu abrir minha boca e deixá-lo entrar.

Um ruído ofegante escapa do fundo da minha garganta e no começo eu fico mortificada, mas parece que o encoraja. Desejo e calor irradiam através do entrelaçamento das nossas línguas. Uma das suas mãos agarra minha cintura, logo abaixo da parte inferior da minha camisa e meus nervos se confundem. Sua outra mão percorre meu lado, seu polegar traçando minha costela, antes de descansar no meu quadril.

Apertando os dedos em torno de mim, ele me levanta. Ofegante, eu entrelaço minhas pernas em volta da sua cintura em um forte aperto.

Minha mente está voando a cerca de um milhão de milhas por hora. Estou com medo. Não dele, mas tudo relacionado ao que ele está fazendo. Eu quero isso? Eu? A resposta é sim. Quero isso. Muito.

Espero que ele não perceba o tremor ansioso do meu corpo quando seus dedos deslizam debaixo da minha blusa e ele esboça as pontas dos dedos ao longo do meu estômago. Quando ele morde meu lábio inferior, deixo escapar um gemido incontrolável.

Ele se afasta, colocando uma porção de espaço entre os nossos rostos. Seus olhos estão enormes e brilhantes sob as luzes do estádio e sua respiração indomável acaricia contra a minha bochecha.

— Callie, eu não quero... — Ele faz uma pausa, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Eu não quero te pressionar.

É como se ele pudesse ler minha inexperiência em todo o meu rosto. Eu mordo meu lábio, trabalhando para esconder o meu embaraço. — Está tudo bem.

Ele oscila. — Você... Você tem certeza?

Eu aceno com a cabeça rapidamente. — Sim.

Sem mais relutância ele pressiona seus lábios contra os meus e um suspiro vacila da minha garganta com o calor que seu beijo traz para o meu corpo. Sua língua entra na minha boca novamente quando as suas mãos ficam sob minha blusa, as palmas tocando o meu estômago. É a experiência mais assustadora e mais maravilhosa da minha vida. Eu não quero nunca mais esquecer.

Ousadamente, eu deslizo minhas mãos para debaixo da sua camisa enquanto respiro vorazmente. Ele estremece quando minhas mãos vagueiam

ao longo do seu abdômen bem definido, coberto com linhas irregulares das suas cicatrizes.

Eu me preocupo que ele vá parar e puxar minhas mãos para fora da sua camisa, mas em vez disso sua mão explora até a borda do meu sutiã. Seus lábios deixam o meu e tocam o canto da minha boca, arrastando beijos no meu rosto, ao longo do meu queixo, ao lado do meu pescoço, onde meu pulso está correndo. Minha cabeça cai para o lado de forma incontrolável enquanto sua palma se move para meu seio sobre o sutiã. Sugando uma respiração profunda, eu espero por ele me acompanhar, mas tudo o que posso pensar é nele explorando o meu corpo ainda mais. Eu quero saber como é ser tocada por alguém em quem confio; por alguém que eu dou a permissão.

Seus dedos começam a se movimentar abaixo do meu sutiã e meu interior treme quando ele acaricia seu polegar sobre meu mamilo. Chamas de calor passam através do meu corpo e eu agarro seu lado, agarrando-o com tudo em mim; sentindo suas cicatrizes, enquanto ele sente as minha.

Ele deixa escapar um gemido quando suga o meu pescoço e pressiona seu corpo ainda mais no meu. — Callie, — ele sussurra. — Se você quiser que eu pare, é só me dizer.

Eu não quero que ele pare. Em tudo. É uma sensação muito boa. — Eu não...

Há um clique ensurdecedor e em poucos segundos, todas as luzes se apagam e a escuridão nos sufoca. Eu congelo, agarrando-me em Kayden, ele afasta sua boca do meu pescoço. Eu sinto seu peitoral arfando, onde meus dedos o tocam e, por um momento, ficamos em silêncio.

Então, Kayden começa a rir. — Bem, isso foi divertido.

— Você consegue ver alguma coisa? — Eu sussurro, virando a cabeça e tentando enxergar algo.

Ele balança a cabeça. — Aguarde.

Ele remove a mão do meu peito e eu acho que ele vai me colocar no chão, mas ao invés disso ele envolve seus braços em volta da parte inferior da minha costa, bloqueando seus dedos para segurar meu peso. Ele caminha na escuridão, carregando-me, e eu aperto minhas pernas em volta dele, desejando que eu pudesse ver seu rosto, porque quero saber o que ele está pensando.

Seus sapatos raspam na grama e, em seguida, sobem no concreto. Segundos depois, saímos de um túnel e entramos no estacionamento, que está principalmente vago com exceção de alguns carros ao longo da fileira de trás, que são iluminados por postes de iluminação.

As picadas de brilho em meus olhos. — Por que isso aconteceu?

Seus olhos esmeralda brilham, ele encolhe os ombros. — Eu me pergunto se isso foi por acidente, ou se foi feito intencionalmente para nos tirar do campo?

Eu ajusto minhas mãos um pouco para que meus braços estejam em torno do seu pescoço. — Você não deveria estar jogando lá?

— Tecnicamente, não. — Seu sorriso cresce como se ele estivesse desfrutando do momento. — Mas eu estou extremamente feliz que fiz.

Eu deixo minha cabeça cair para frente em seu ombro, respirando seu perfume. — Agora o que vamos fazer?

Ele fica quieto por um tempo e eu finalmente me inclino para trás para olhá-lo nos olhos. Ele aparece em conflito com alguma coisa e então me coloca no chão, entrelaçando seus dedos nos meus.

— Devemos ver para onde o vento nos leva? — Ele pergunta.

Eu fico olhando para minha mão na sua e, em seguida olho para ele. — Isso soa bem para mim.

CAPÍTULO 13

#9 Dance na chuva

#13 Viva o momento

#17 Seja você mesmo

Kayden

Eu admito. Eu tinha a coisa toda planejada e acabei indo para onde esperava que fosse. Desde que disse a Callie sobre o meu pai, tínhamos nos aproximado como amigos. O que era bom, só que eu estou extremamente atraído por ela, uma revelação que veio a mim durante um momento intenso na biblioteca.

Ela estava me ajudando a estudar para um exame de Inglês e quando ela apareceu, usava uma jaqueta. Quando ela estava lendo para mim algumas das suas notas, ela tirou a jaqueta. Debaixo dela, tinha uma blusa branca e eu podia ver o contorno do seu sutiã e seus mamilos cutucando através do tecido. Ela provavelmente não percebeu isso, porque não é o tipo de garota que faria isso de propósito. Na verdade, se ela notasse, seu rosto ficaria vermelho e ela teria fugido.

— Kayden? — Ela pergunta, olhando para mim, perplexa. — Você está ouvindo? Você meio que parece como se estivesse distraído.

Eu estava recostado na cadeira com o braço sobre a mesa e uma caneta na minha boca enquanto mastigava a ponta. — Eu meio que estava.

Ela solta um suspiro exausto. — Você quer que eu leia de novo?

Eu balanço a cabeça, mal prestando atenção. — Claro.

Ela começa a ler o livro e minha mente volta aos pensamentos sujos, de como que seria tocá-la toda e fazê-la gemer debaixo de mim enquanto eu balançava dentro dela. Me pergunto se ela iria deixar se eu tentasse. A coisa de ser amigos parecia estar funcionando para nós. Ela me faz rir e feliz, e eu

estava me divertindo. Meus pensamentos e problemas escuros tinham sido contidos mais do que já estiveram em um longo tempo.

Parecia que eu deveria apenas deixar as coisas serem, mas quanto mais observo seus lábios lerem as palavras do livro, mais eu queria mordê-los.

Os seus olhos se levantam do livro e ela tenta parecer irritada. — Você não está me ouvindo, está?

Eu balanço a cabeça, incapaz de parar de sorrir para ela. — Na verdade, não. Desculpe. Eu estou meio distraído.

— Com o quê? — Ela pergunta com incerteza. — Você quer falar sobre isso?

Demora muito para eu não sorrir e sussurrar em seu ouvido todos os detalhes sobre as imagens muito vivas correndo pela minha mente. — Não, está tudo bem. Confie em mim. Você provavelmente não quer ouvir sobre isso.

Sua testa se enrugando, enquanto tenta descobrir por que eu estava tão feliz. — Você precisa de uma pausa?

— Não, você pode continuar a leitura. Estou curtindo o som da sua voz.

Ela chupa o lábio inferior para sufocar um sorriso e quase me joga por cima da borda. Decido que eu precisava estar com ela mais um pouco para botar em prática o meu plano de futebol adorável.

Depois que as luzes desligam no campo, acabamos voltando para o meu quarto. Estou surpreso que ela veio comigo de bom grado. Eu quase saí algumas vezes no meio do caminho, quando minhas emoções estavam ficando um pouco intensas demais para mim.

Ela anda em torno do pequeno espaço entre as camas, olhando para as minhas coisas, e pega uma caixa de DVD, ler a parte de trás. — Você gravou todos os seus jogos?

Eu faço uma careta enquanto tiro meu chapéu e o atiro para cama. — Não, meu pai fez. Ele gostava de fazer-me vê-los, para que ele pudesse apontar tudo o que eu fiz de errado.

Ela estabelece a caixa e se vira para mim. — Sinto muito.

— Não, eu sinto muito, — eu digo, passando os dedos pelo meu cabelo. — Por falar sobre essas coisas com você.

Seus olhos fixam em mim enquanto ela se aproxima. — Eu quero que você fale comigo sobre isso. Eu nunca teria lhe perguntado se não quisesse ouvir as respostas... Eu não posso simplesmente esquecer o que vi naquela noite. Acho que nunca vou.

Lembro-me da noite em que ela estava bêbada e como ela murmurou sobre um cara fazendo alguma coisa com ela. — Você pode me dizer coisas também, se você quiser. Eu sou um grande ouvinte.

Ela vira o rosto para a janela, seu peito subindo e descendo. — Sabe, estou surpresa com o quanto é mais quente aqui do que no meu dormitório.

Ela está escondendo alguma coisa. Eu diminuo a distância entre nós e sinto seus ombros tensos. Eu começo a abrir a boca para pressioná-la, mas ela inclina a cabeça para mim com um olhar estranho em seu rosto, como se estivesse com medo de algo. Antes que eu possa sequer registrar o que ela está fazendo, ela se inclina e pressiona seus lábios nos meus. Seu corpo treme quando ela agarra a parte inferior da minha camisa, esperando que eu a beijasse de volta.

Eu não estava pensando em ir mais longe hoje à noite, mas a sensação dos seus lábios é esmagadora. Sem sequer pensar, minha boca se abre e minha língua entra, devorando-a.

— Oh, meu Deus, — ela geme quando minhas mãos deslizam em torno dela e eu puxo-a para mais perto, movendo meus lábios deliberadamente contra os seus. Estou saboreando cada polegada, cada ponto, memorizando-a.

De repente, o beijo intenso vira desespero. Eu nos giro ao redor e levo-nos para a cama, meus pés se emaranham com os dela. Minha mão nos segura enquanto caímos sobre o colchão. Rolando-a de costa, eu seguro meu peso com os braços, mas permito proximidade suficiente para que ela sinta meu calor e seus seios escovam no meu peito toda vez que ela respira.

Eu relaxo um pouco e começo a explorar seu corpo com as mãos, sentindo a pele macia do seu estômago, suas costelas, a parte inferior do seu seio. Antes que eu saiba o que estou fazendo, tenho a minha mão debaixo do seu sutiã novamente. Eu acaricio com meu dedo seu mamilo e ela engasga quando suas

pernas se contraem em torno da minha cintura. É uma sensação muito boa. Eu preciso parar, caso contrário vou perder meu controle.

Eu começo a girar para o lado, mas seu corpo segue o meu e sua perna se enrosca ao redor do meu quadril, por isso a minha coxa está pressionada entre suas pernas. Enquanto meus dedos escavam sua cintura, seu corpo se inclina para frente e ela se esfrega ao longo da minha coxa. Sua cabeça cai para trás, com os olhos vidrados e ela começa a tremer.

Porra. Eu nunca estive tão excitado antes. Começo a mover minha perna contra ela e me inclino para prender seu lábio entre meus dentes, beliscando-o suavemente enquanto agarro seu seio com a mão. Agarrando meus ombros, seu corpo inteiro treme com seus nervos.

Devo parar? Está bastante claro que ela nunca foi tão longe antes e eu não quero ser o único responsável por empurrá-la onde ela não está pronta para ir.

— Callie, — eu digo, mas seus dedos apertam ao redor dos meus ombros, suas unhas perfurando minha pele através do tecido da minha camisa quando ela deixa escapar um gemido e eu sei que ela está perto. Coloco minha mão entre suas pernas e esfrego-lhe o resto do caminho, seu corpo não resiste contra a minha mão.

Momentos depois, ela pisca seus olhos e seu corpo relaxa. Eu assisto-a em reverência completa enquanto ela trabalha para recuperar o controle dos seus pensamentos. Quando ela se estabelece, seu rosto desaba e meu peito se aperta quando ela olha por cima do ombro.

— Ei? — Eu passo meu dedo ao longo da pequena marca de nascença no lado do seu olho. — Você está bem?

Ela pisca para mim e eu posso dizer que ela está tentando não chorar. — Sim, eu estou bem. — Ela se contorce para fora dos meus braços e começa a se levantar. — Você pode me dar alguns minutos?

Estou preocupado. A tristeza que enchia seus olhos momentaneamente voltou e está ampliada. — Onde você está indo?

— Eu tenho que... — Ela se levanta e puxa o sutiã e blusa de volta no lugar.

Sento-me, pegando seu braço. — Callie, eu sinto muito. Eu não deveria ter...

Ela abre a porta e sai correndo sem uma explicação.

— Deus, caramba. — Eu caio na cama, arrastando meus dedos no meu rosto. Normalmente, eu sou o único que foge destes tipos de situações, o que me faz pensar por que ela está fugindo.

Callie

Eu não tenho ideia do que aconteceu. Bem, na verdade eu tenho. Eu tive meu primeiro orgasmo, simplesmente esfregando-me contra a perna de Kayden e, em seguida, ele terminou com a mão. Foi tão bom, minha mente dificilmente poderia compreender qualquer outra coisa, mas quando acabou, tudo caiu sobre meus ombros como uma pilha de tijolos. De repente, eu vejo seu rosto em vez de Kayden.

Ele está olhando para mim com preocupação quando eu salto para fora da cama e corro para fora do quarto. Uma vez que estou no banheiro, tranco a porta e caio de joelhos na frente do vaso sanitário. Eu levanto a tampa, sentindo a queimadura no meu estômago. Eu quero pôr para fora. Tão mal. Eu abaixo minha cabeça, espeto o dedo na minha garganta, e com um empurrão afiado, eu forço tudo para fora do meu corpo. Meus ombros caem enquanto enfio meu dedo mais fundo e o vômito sai pela minha garganta. Meus olhos lacrimejam e minhas narinas ardem, me inclino para longe e tiro o meu dedo da minha boca. A ponta tem um pouco de sangue sobre ela e eu limpo em um pedaço de papel higiênico.

Descanso minha costa contra a parede de azulejos frio e minha cabeça cai para trás. Derramando lágrimas quentes dos meus olhos e escorrem pelo meu rosto enquanto limpo o vômito e o suor do meu rosto com a manga da minha blusa, meu peito se contorce enquanto tento respirar.

— Eu não quero ser desse jeito, — eu sussurro, meus olhos se enchem de lágrimas. — Eu não quero ser desse jeito. — Puxo o meu cabelo e grito por entre os dentes, odiando que um cara fez isso comigo e com cada única força que eu possuo. — Eu odeio você. Eu odeio você fodidamente... Eu... — Meus gritos me oprimem e eu me rendo, gritando com meu coração para fora.

Eu não consigo parar de pensar em Kayden e a forma como ele me fez sentir quando me tocou, como foi bom sentir. Eu quero fazer novamente. Só desejo poder parar de associá-lo com aquele fodido tempo de merda. Quanto eu gostaria de poder esquecer desse tempo maldito.

Eu volto para a memória mil vezes, desejando ser capaz de ver o que estava acontecendo antes. Eu realmente pensei que ele só queria me dar um presente de aniversário.

Eu o segui pelo corredor tão facilmente e para o meu quarto, na verdade, olhando em volta para minha cama e no chão, procurando o presente.

— Onde ele está? — Eu tinha perguntado a ele, virando-me.

Ele estava trancando a porta. Por que ele estava trancando a porta?

Uma semana se passou e eu evitei Kayden a todo custo. Ignorei suas ligações, faltei as aulas que tenho com ele, e não atendi à minha porta quando ele bateu. Eu me sinto mal, mas estou com vergonha de encará-lo. Eu assumi que depois do que tinha acontecido ele iria ir embora, mas não foi o caso.

No final da semana, eu vou a biblioteca quando sei que ele está na aula de Biologia, para encontrar alguns livros para fazer um trabalho sobre depressão. O campus está bastante tranquilo já que é tão perto dos feriados. Minha mãe e meu pai vão viajar para a Flórida para ver meus avós na Ação de Graças, então eu não estou indo para casa. Eu não posso pagar uma passagem de avião para ir para lá com eles, também.

Enquanto estou procurando em uma prateleira, meu celular vibra no meu bolso. — Ei, eu pensei que você tinha aula, — Eu respondo-lhe.

Seth diz: — Eu não deveria estar dizendo a mesma coisa para você?

— Eu estou fazendo uma pausa hoje.

— Uma pausa do que, embora? — Ele pergunta com insinuação.

— Da vida. — Eu roço meus dedos ao longo dos títulos, sentindo os espinhos desgastados dos livros. — Além disso, estou usando meu tempo para recuperar o atraso em minhas tarefas. Pelo som da música que está tocando ao

fundo, eu estou assumindo que você está assistindo a reprise de *Pretty Little Liars*.

— Ei, eu não estou pensando em passar o dia todo no meu quarto, — ele argumenta. — Na verdade, eu estou indo te ver agora mesmo. Onde você está?

Eu suspiro, levantando-me em linha reta. — Estou na biblioteca tentando encontrar um maldito livro sobre depressão. O catálogo disse que estava nessa seção, mas não está totalmente na prateleira.

— Em que seção você está?

— Estou no canto de trás, perto da janela com vista para o estádio. — Eu engulo o caroço na minha garganta que se forma quando eu penso em Kayden.

— Vai ficar por muito tempo aí? — Ele pergunta e ouço a televisão se desligar. — Estou saindo agora.

Na ponta dos pés, eu ergo os olhos para a linha superior da prateleira. — Provavelmente. Eu sou muito pequena para ver o topo.

— Tudo bem, Callie, um cavaleiro de armadura brilhante está a caminho. — Ele desliga e eu coloco o meu celular no meu bolso de trás.

Eu procuro nos corredores próximos por uma escada, que vi em torno algumas vezes. Finalmente, eu desisto e volto para o mesmo local. Apoiando meu pé na segunda prateleira, eu verifico da esquerda para a direita e subo na prateleira.

— Aí está, — eu digo e pego o livro. Eu pulo para baixo e sinto alguém mover-se ao meu lado. Quando olho para cima, de repente os comentários de Seth sobre um cavaleiro de armadura brilhante faz sentido. Kayden está na minha frente, usando jeans e um moletom preto, seu cabelo castanho despenteado.

— Ei. — Seus ombros estão rígidos e sua voz apertada. — Você está me evitando.

— Sim, — eu admito, brincando com os cantos das páginas. — Eu sinto muito por isso. Havia apenas algumas coisas acontecendo.

— Você não precisa se desculpar, Callie. — Ele descansa seu braço em uma das prateleiras e inclina seu peso contra ela. — Eu só gostaria de saber o que está acontecendo... Será que eu fiz... Te pressionei a fazer alguma coisa?

Eu balanço minha cabeça. — Nada sobre isso é culpa sua, eu prometo. Eu queria... tudo o que aconteceu, eu quis.

Seus ombros caem. — Então por que você fugiu?

— É complicado, — eu digo, olhando para o ponto no chão na frente dos meus pés.

Ele inclina seu corpo para frente e abaixa o rosto para capturar meu olhar. — Você pode falar comigo sobre isso. Talvez eu possa ajudar. Eu sou muito bom em entender o complicado.

— Não é algo que possa ser ajudado, — eu digo. — É apenas algo que eu tenho que trabalhar.

Ele deixa escapar um suspiro gradual. — Eu entendo completamente isso.

— Eu realmente sinto muito por te assustar. Eu não deveria ter simplesmente fugido ou ter evitado você pela última semana. Só não sei o que dizer e me sinto estúpida. Vou tentar não fazer isso de novo.

— Vai existir um outro momento para você tentar não fazer isso de novo?

Eu não tinha percebido o que estava dizendo. — Eu não sei. O que você quer?

Ele ri. — Acho que tenho sido muito claro sobre o que eu quero. Então, é realmente com você. O que você quer, Callie?

Meus olhos viajam até suas longas pernas, o peito largo, e seus olhos que se preocupam com nada mais do que ouvir a minha resposta. Eu quero ele. Eu quero ele. Eu rabisquei isso no meu diário muitas vezes, porque é a verdade.

— Eu quero... — Faço uma pausa tentando descobrir as melhores palavras. — Eu quero passar mais tempo com você.

Seu sorriso se amplia e ele muda sua postura soltando seus dedos da estante. — Você estava me deixando nervoso por um minuto.

Eu não posso deixar de sorrir para ele. — Eu estava apenas tentando pensar nas palavras certas.

Seus olhos se movem por cima do meu ombro, para a janela onde o céu está começando a virar rosa enquanto o sol desce abaixo das colinas. — Eu tenho que estar no estádio em uns cinco minutos, mas você pode fazer algo por mim?

Enfio o livro debaixo do braço. — Claro. O quê?

— Você pode vir me ver jogar? — Ele pergunta. — Eu preciso de alguém para me animar.

— Não é isso que as líderes de torcida fazem? Eu brinco.

— Líderes de torcida são superestimadas. — Ele se aproxima de mim, hesitante, e, em seguida, a passa a ponta do seu polegar ao longo do meu lábio inferior. — Além disso, tenho a sensação de que você vai me trazer muita sorte.

Eu tenho que forçar minhas pálpebras a ficarem abertas com seu toque. — Tudo bem... Eu estarei lá.

O céu está cinzento, as luzes estão brilhantes no campo verde, e o banco de metal debaixo da minha bunda é mais frio do que um congelador. Existem grupos de pessoas ao meu redor, gritando, rindo e acenando as mãos no ar. Isso me deixa inquieta, mas estou tentando.

— Então, por que é que o futebol deixa as pessoas loucas? — Seth observa o campo com os olhos arregalados e, em seguida, aperta os olhos para o temporizado digital vermelho no tabuleiro. — Eu realmente não entendo por que é um grande negócio. Eu nunca entendi. Mesmo quando assistia aos jogos do... Braiden. Mas ainda não entendo.

— Talvez seja divertido assistir caras correrem usando calças apertadas, — sugiro com um encolher de ombros.

— Sabe o que? Você acabou de dar um excelente ponto. — Seus olhos castanhos varrem o campo onde os jogadores estão alinhados, ele puxa o capuz da sua jaqueta sobre sua cabeça.

Kayden é fácil de detectar, porque ele é um dos mais altos. Claro que o "*Owens*" na parte traseira da sua camisa marrom e amarela deixa claro, também.

Eu acho que ele olhou para mim algumas vezes, mas é difícil de dizer com certeza.

Cinco minutos mais tarde Seth fica inquieto, batendo os dedos em seu joelho. — Eu sinto que preciso me levantar e dançar ou algo assim. Animar esta festa.

Eu movimento a minha mão no ar. — Dance a distância.

Ele inclina a cabeça para o lado, para um homem gordo sentado ao seu lado, usando um gorro e um moletom com capuz, e enchendo a boca com amendoins. — Me pergunto o que esse cara faria se eu fizesse.

Eu rio, colocando minhas mãos entre as minhas pernas. — Provavelmente jogaria os amendoins em você.

Ele faz uma careta e depois exageradamente esfrega sua barriga. — Bom, espero que ele faça. Estou morrendo de fome.

Olho para o temporizado. — Há apenas mais dois minutos para acabar.

— E nós estamos ganhando ou perdendo?

— A pontuação é 28-3.

Ele levanta as mãos para o lado, me apontando uma olhada "duh". — E quem é que está com vinte e oito?

Eu aponto para o meu peito. — Nós. Estamos vencendo por um monte.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro, olhando para uma mulher na nossa frente, comendo um hambúrguer. — Deus, eu estou com tanta fome.

Eu suspiro, aponto para a escada. — Então vá comprar algo para comer. Existem algumas nas cabines lá fora.

Ele olha para as escadas com ceticismo. — Você vem comigo? Esses torcedores são intensos.

Rindo, eu me levanto e ele me segue. Peço desculpas, pelo menos, dez vezes enquanto acidentalmente piso no pé das pessoas. Quando estamos na escada, deixo escapar um suspiro de alívio no espaço aberto e sigo Seth enquanto ele trota até o fundo.

— Você não vai embora, não é? — Ouço alguém gritar sobre o ruído da multidão.

Kayden está de pé na margem, parecendo extremamente sexy em seu uniforme, seus olhos esmeralda trancados em mim.

Eu balanço minha cabeça, passando os dedos ao redor da grade fria, e inclino-me sobre ela. — Não, Seth apenas precisa comprar algo para comer!

— Bom, porque eu não quero que você leve a sua sorte com você! — Ele grita com uma piscada e um sorriso.

Eu tento não deixar um grande bobo sorriso escapar dos meus lábios. — Não se preocupe! Eu estarei de volta!

Espera por mim depois, ele sussurra, seus lábios se movendo lentamente de baixo do seu capacete. Hipnotizando-me, eu aceno e ele volta para a sua equipe com uma rápida caminhada.

Eu volto minha atenção para o corredor e quase bato em Seth. — Eu pensei que você tinha continuado andando. — Eu me inclino contra a grade e dou um passo para trás.

Ele boceja para mim em ironia. — Eu não posso acreditar nisso.

Dou um passo para fora do caminho de um homem. — Acreditar no quê?

Ele balança a cabeça em reverência. — Você está apaixonada por ele.

Eu rolo meus olhos, quase rindo. — Eu não estou. Agora, podemos por favor, ir pegar algo para comer antes que o jogo termine ou nós nos perdemos na multidão.

Balançando a cabeça, ele recua para o último lance de escadas, ainda pensando o mesmo pensamento absurdo, mas ele está errado. Eu não estou apaixonado por Kayden. Eu mal o conheço e o amor requer muito tempo, um monte de confiança, e um monte de outras coisas que eu não entendo.

Seth me deixa no túnel, fora do vestiário. Ele tem um encontro hoje à noite com Greyson e se afasta em direção ao seu carro com um salto em sua caminhada. Depois que a multidão se dissipou, eu sento no concreto e verifico as minhas mensagens de texto.

Mãe: Ei querida. Eu venho tentando ligar para você nas últimas horas. Eu queria saber se você está vindo para casa na Ação de Graças. Sei que é uma

espécie de aviso tardio e eu lhe disse que estávamos indo para fora da cidade, mas nossos planos mudaram e nós vamos estar em casa. Me ligue.

Eu suspiro com o pensamento de ir para casa onde as memórias e as mentiras estão. Eu coloco o meu celular no bolso da minha jaqueta e dirijo a minha concentração para o lado enquanto a chuva começa a cair do céu e inundar as calçadas e as ruas. As luzes da rua cintilam através dos pingos da chuva e eu inalo o cheiro, fechando meus olhos.

— Puta merda. — A voz de Kayden levanta-se sobre o ruído.

Abro os olhos. Ele está de pé em minha frente, usando uma Henley cinza, jeans escuros e botas. Seu cabelo está úmido e seus olhos estão travados na chuva. Eu me empurro para os meus pés e limpo a sujeira na parte de trás da minha calça jeans.

— Eu estava certo sobre a sua sorte, — ele diz. — Nós totalmente chutamos os traseiros deles.

Eu balanço minha cabeça. — Eu acho que foram todos vocês. Não eu.

Suas pernas se esticam para mim quando ele fecha o espaço entre nós. — De jeito nenhum, era tudo você. Eu joguei melhor do que tenho feito tenho por anos, porque eu sabia que você estava assistindo e estava tentando impressioná-la.

— Você sabe que eu te vi jogar antes, certo? Ele inclina a cabeça para o lado. — Quando?

Eu dou de ombros. — Às vezes meu pai me fazia ir com ele para os treinos, porque meus pais achavam que eu precisava sair mais de casa. Eu ficava debaixo das arquibancadas e assistia. — Ele olha para mim com tristeza enquanto eu dobro as mangas da minha blusa para cima, e mudo de assunto. — O que vamos fazer com a chuva? Luke não vai nos dar uma carona, não é?

Seus olhos vagueiam para o véu da chuva que escorre do telhado. — Não, nós podemos esperar. Eu poderia ir pedir a alguém por uma carona. Acho que ainda tem algumas pessoas aqui.

Eu assisto a chuva contra o concreto, sabendo que se Seth estivesse aqui ele me faria ir lá fora. — Há uma coisa na lista que diz que eu tenho que dançar na chuva.

As sobrancelhas de Kayden se unem enquanto ele redireciona sua concentração de volta para mim. — Você quer ir lá e dançar?

Eu olho para ele, decidindo. — Não, mas eu acho que eu vou correr para casa. Eu te encontro lá.

Antes que ele possa responder, eu corro para fora do túnel, colocando os braços sobre a cabeça, tremendo quando as gotas frias mergulham através do meu casaco e escorrem pelo meu rosto. Poças respingam debaixo dos meus sapatos quando eu corro para a baixa calçada, sentindo-me revigorada e viva. Trovões trovejam no céu e a chuva ataca com mais força, mas eu deixo minhas mãos caírem para o lado, deixo ir e ser eu mesmo enquanto vivo o momento.

Kayden

Eu olhei para cima o jogo inteiro. Algo sobre Callie estar lá em cima, não para me julgar, só estar lá por mim, atenuado a pressão que meu pai sempre colocava em mim. Ela trouxe a diversão de volta para isso e eu joguei melhor do que antes.

Depois de me trocar, eu saio do vestiário. Ela está sentada no chão com o rosto virado para o lado e os olhos fechados. Eu fico olhando para ela por um momento, perdendo-me em seus lábios entreabertos, seus longos cílios que vibram cada vez com as pressões do trovão, e a maneira como seu peito se movimenta enquanto ela respira. Eu finalmente olho sobre o fim do túnel e puta merda, está chovendo forte.

Enquanto tento descobrir uma maneira de nos levar de volta para os dormitórios sem ficarmos encharcados, ela diz algo sobre a dança na chuva estar em sua lista e, em seguida, corre para a tempestade. Estou atordoado enquanto ela corre pela calçada, espirrando as poças com as mãos para o lado como se fosse um dos melhores momentos da sua vida.

— Foda-se. — Eu corro atrás dela. Quando a água bate no meu corpo é como gelo. É difícil manter os olhos sobre Callie porque a chuva é tão espessa. Eu protejo meu rosto com o braço e mantenho meu queixo dobrado para baixo.

Ela fica mais lenta quando atinge a rua para verificar se há carros e eu alcanço-a, ofegante em voz alta.

— Você está louca? — Pergunto enquanto as gotas de água voam em toda parte. — Está fodidamente frio como o inferno aqui fora.

Ela pula para trás, assustada enquanto a chuva flui para baixo do seu corpo e pelo seu cabelo, as suas bochechas e o pescoço. — Eu não sabia que você estava me seguindo. Você não precisava.

Eu entrelaço meus dedos com os dela e nós corremos para frente, a água encharcando nossas roupas e pingando do nosso cabelo. Eu levanto meu braço acima da cabeça, protegendo-a tanto quanto possível da chuva. Carros passam para cima e para baixo da rua enquanto nós corremos até a calçada em direção ao meu prédio do dormitório. Quando alcançamos as árvores na frente dele, eu guio-a em direção à entrada lateral, mas ela desliza a mão da minha e salta para fora das árvores para a chuva.

— Callie, o que diabos você está fazendo? — Eu digo, vendo os pingos da chuva gelada caindo nos ramos e na parte de trás do meu pescoço e rosto.

Ela fecha os olhos e levanta seus braços para o lado, inclinando a cabeça para trás enquanto gira em círculos, e suas roupas molhadas se agarram ao seu corpo. Chuva cai sobre seu rosto e escorre pelo seu cabelo, que cai solto nas suas costas. A jaqueta cai dos seus ombros e as cascatas de água encharcam a pele nua dos seus braços.

Dou um passo à frente, incapaz de tirar os olhos dela. O jeito que ela se move, a forma como a chuva cobre seu corpo, estou encantado por ela. Abaixando minha cabeça, eu saio do abrigo da árvore e entro na chuva com ela. Eu não entendo isso, mas preciso estar perto dela. Nunca me senti assim antes e é emocionante e fodidamente aterrorizante, porque eu nunca precisei de nada de ninguém.

Eu paro na sua frente no meio da grama enlameada e ela levanta as pálpebras, seus cílios esvoaçantes contra as gotas de chuva. Ela começa a levantar a cabeça para cima, mas eu seguro seu rosto entre as mãos, segurando-a no lugar. Inclino minha cabeça para frente e pressiono a minha boca na sua. Sugando a chuva do seu lábio inferior, eu a saboreio lentamente, sentindo o calor da sua respiração contra a minha boca.

— Kayden — ela murmura, fechando os olhos enquanto seus dedos viajam até a minha volta e pelo meu cabelo.

Eu abro minha boca e minha língua deslizar profundamente dentro dela enquanto minha mão se emaranha pelo seu cabelo molhado. Minha outra mão desliza para baixo do seu pescoço, deixando um rastro quente ao longo das suas roupas molhadas e até os quadris. Eu levanto-a e ela rodeia as pernas em torno da minha cintura. O calor dos nossos corpos aquece a frieza das nossas roupas molhadas, nos agarramos um ao outro. Segurando-a firmemente, eu seguro meus braços debaixo da sua bunda e beijo-a ferozmente enquanto a chuva quase nos afoga. Nos posiciono do outro lado da grama, eu abro minhas pálpebras de vez em quando para ter certeza de que estou indo na direção certa do meu prédio do dormitório.

Eu sorte é que alguém está entrando quando nós chegamos à entrada. Eu seguro a porta com o pé, antes que se feche, manobrando-a para abrir, e levar-nos para o corredor, sem colocá-la no chão. Há pessoas lá dentro, nos observando com curiosidade, mas eu não paro. Este é um daqueles momentos que quase me mataria se eu me afastasse.

Enquanto minhas mãos vagueiam através do seu corpo, eu sinto tudo. A forma como o meu coração pula dentro do meu peito, a forma como suas mãos no meu cabelo fazem a minha respiração acelerar, a emoção de levá-la para o meu quarto, a ânsia de tocá-la mais, de fazê-la gemer, a maneira como ela se agarra a mim, confia em mim, precisa de mim.

Ninguém nunca precisou de mim antes, porque eu nunca deixe ninguém chegar tão perto.

Callie

Estou dançando na chuva, assim como eu deveria. Está frio, ainda que pareça maravilhoso porque foi a minha escolha. Quando estou girando em círculos, Kayden caminha até mim com medo e desejo em seus olhos. O olhar me assusta e me excita. Eu não sei se estou pronta para o que me espera do outro lado desse olhar, mas quero descobrir.

Ele segura minhas bochechas molhadas e me beija deliberadamente, como se estivesse memorizando cada segundo. É o beijo perfeito e eu finjo que é meu primeiro, beijando-lhe da maneira que eu quero.

Ele me levanta, com os lábios pressionados contra os meus enquanto me leva para seu quarto. Eu me agarro a ele, dizendo a mim mesma que eu posso ir mais longe desta vez, que eu só preciso confiar nele.

De alguma maneira ele abre a porta do seu quarto, sem me colocar para baixo e tropeça para dentro, fechando a porta em seguida. Rindo contra meus lábios, ele chuta algo fora do caminho que bate na parede com um baque. Eu abaixo meus pés no chão enquanto suas mãos se esgueiram sob minha blusa e as palmas das suas mãos estão frias contra a minha pele. Eu sigo meus dedos através do seu cabelo molhado, nos seus ombros largos e para a parte inferior da camisa, ao longo do seu abdômen inferior.

Ele estremece com o meu toque e eu recuo minha mão de volta. — Sinto muito, — eu digo.

Ele pisca para mim e depois puxa a camisa sobre a cabeça, descartando-a no chão. Eu o vi sem camisa uma vez, na casa da piscina. Isso é diferente embora. A luz realça cada cicatriz branca, pequenas e grandes, em seu peitoral magro, seus braços, seu estômago firme. Algumas são tão pequenas como a minha unha, algumas maiores, e há uma que controla todo o caminho até a sua frente.

Impulsivamente, eu me inclino para frente, fecho os olhos e toco meus lábios no seu peitoral acima do coração, minha respiração toca sua pele.

— Callie, — ele diz, seus músculos enrijecem. — Eu acho que não... — Ele para quando começo a beijar todo o seu peitoral, certificando-me de tocar cada cicatriz, desejando que levasse as memórias delas, mas sabendo que as memórias escuras não vão embora.

Minha cabeça viaja para cima, para a clavícula, o pescoço, o queixo. Eu não sei o que estou fazendo ou o que estou sentindo, mas é novo e cru, e envia adrenalina através do meu corpo. Quando chego em seus lábios, coloco um beijo neles e depois me afasto.

Seus olhos estão ampliados, sua respiração irregular, e seu rosto está cheio de agonia. Eu fico tensa, preocupada se fiz algo errado, mas, em seguida, sua expressão suaviza. Ele coloca suas mãos em torno do meu pescoço, as pontas dos dedos pressionando na minha pele, se inclinando para me beijar com tanta paixão que afasta todo o frio dentro do meu corpo.

Ele nos leva em direção à cama, deslizando o casaco dos meus ombros e estendendo a mão para o fundo da minha blusa. Digo a mim mesma que posso lidar com isso; que ele não vai me machucar, levanto meus braços e ele levanta-a sobre a minha cabeça.

É um grande passo e isso assusta a merda fora de mim, mas ele trava seus lábios nos meus, me afastando dos meus pensamentos. Aperto seu bíceps enquanto ele abre o fecho do meu sutiã e o tira dos meus braços. Eu mal consigo respirar ao sentir sua pele nua tocando a minha. É uma sensação boa. E ruim. Parece que é tudo o que eu queria, mas acho que não posso ter.

Seus lábios deixam minha boca e se movem para baixo através do meu pescoço, fazendo uma pausa no topo do meu seio. Meu olhos rolam ao primeiro toque da sua boca contra meu mamilo. Eu aperto minhas mãos em punho, sem saber para onde canalizar a energia quando ele desliza sua língua ao longo da curva do meu seio. Um grito de súplica foge dos meus lábios e os meus joelhos começam a perder a força. Ele agarra minha cintura, as palmas escaldantes enquanto ele me estabiliza, e faz um caminho de beijos em meu seio. A sensação de formigamento se espalha entre as minhas coxas e eu grito, agarrando punhados do seu cabelo enquanto meu coração palpita dentro do meu peito.

Você é tão linda — Kayden murmura, eu me esforço para ficar de pé.

— *Você é tão linda — ele murmura enquanto me joga para baixo. Eu me esforço para me libertar, mas seus joelhos pressionam em minhas canelas e seus dedos envolvem em torno dos meus pulsos, prendendo meus braços acima da minha cabeça.*

Tudo desmorona como a chuva e o relâmpago do lado de fora. Meus olhos se abrem e eu empurro-o para longe, cruzando os braços sobre o peito. — Eu-eu sou sinto muito. Eu-eu não posso fazer isso.

Ele pisca os olhos, chocado. — O que há de errado?

Dirijo-me em um círculo, procurando no chão. — Não é nada. Eu só preciso da minha blusa. — Eu chuto algumas das roupas no chão para fora do caminho, meus pulmões apertando com força, comprimindo meu fluxo de oxigênio. — Eu só preciso da minha blusa.

Seus dedos agarram meu braço e eu vacilo, sugando uma respiração profunda, forçando as lágrimas. — Diga-me o que há de errado, — ele

implora.

— Não é nada. — Eu me afasto de seu toque enquanto as lágrimas derramam dos meus olhos. — Eu só preciso ir.

Suas mãos descem sobre os meus ombros e ele me força a encará-lo. Eu mantenho meus olhos fixos no chão, recusando-me a olhar para ele. Ele conecta o dedo embaixo do meu queixo e eleva meu rosto para cima.

Ele verifica as lágrimas e seus olhos se arregalam. — Oh meu Deus, eu pensei que estava tudo bem em ir mais longe. Sinto muito.

Não é você ou aquilo. — Eu afasto meu rosto dele e volto para a porta com os braços ainda cobrindo meu peito.

— Então, o que é? — Ele dá um passo em minha direção, procurando em meus olhos desesperadamente por uma resposta. — Callie, você realmente está me assustando agora. Por favor, me diga o que há de errado.

Eu balanço minha cabeça, afastando-me, meus ombros curvados em humilhação. — Eu não posso te dizer. Eu só preciso ir.

Enquanto a sensação de falta no meu estômago começa a se construir, me possuir, controlar-me, eu corro para a porta, pronta para correr para fora sem blusa. Ele se apressa na minha frente, bloqueando meu caminho com o seu corpo.

— Você não pode sair assim, — ele diz, os olhos deslizando pelo meu peito nu.

— Eu preciso sair daqui, — Eu engasgo, apertando o meu estômago.

— Eu sinto se fiz algo errado... Eu te feri ou algo assim?

Meus ombros caem e eu engasgo através dos soluços. — Você não fez nada. Ele fez.

— Quem fez? — Ele dá um passo em minha direção e eu estou quase empurrando meu dedo na minha garganta na frente dele, porque eu não consigo segurar mais.

Eu pulo para o lado, tentando me esquivar ao seu redor, as paredes se fecham sobre mim. Preciso de ar. — Eu preciso sair daqui.

Seus dedos agarram minha cintura. — Eu não posso deixar você sair assim. Basta confiar em mim o suficiente para me dizer.

Não! Você não pode lidar com isso.

— Callie. — Ele está pirando. Estou ficando louca. A situação toda é uma bagunça. — Eu posso lidar com qualquer coisa que você me disser.

Eu balanço minha cabeça enquanto meus joelhos enfraquecem e seus braços me seguram. — Não, você não pode. — O vômito queima na parte de trás da minha garganta e meus olhos borram com mais lágrimas. Estou suando e torturando através do meu corpo. — Ninguém quer lidar com uma garota que foi estuprada aos doze anos... Eu tenho que mantê-lo trancado. Eu tenho que... — Eu paro, sabendo que eu nunca vou poder puxar de volta.

Empurro seus braços, sentindo-me envergonhada, mas ele pega a minha mão e puxa meu braço, me pressionando contra ele. Ele embala minha cabeça, alisando meu cabelo, meus ombros tremem e minhas lágrimas encharcam seu peitoral cheio de cicatrizes.

CAPÍTULO 14

#34 *Deixe ~~alguém~~ Kayden chegar perto de você*

Kayden

Se eu pudesse abraçá-la para sempre, eu faria. Não estava esperando que isso saísse da sua boca. Sabia que ela tinha algo escuro escondido em seu interior, mas não isso. Dói profundamente dentro do meu peito e tento dificilmente não arrebentar meu punho contra a cabeceira da cama de novo. A única coisa que me impede é que eu não quero tirar meus braços dela.

Ela grita bastante e cada soluço quase me rasga em dois. Era como pontos próximos aos pedaços. Eventualmente, ela adormeceu enrolada contra mim com a cabeça enfiada no meu peito. Eu traço linhas em sua costa nua, olhando para o espaço vazio, perguntando como alguém poderia ter feito isso com ela.

Eu não sei se posso lidar com isso. Quanto mais tempo fico lá, mais os sentimentos de raiva me consomem. Eu flexiono minhas mãos, cravando minhas unhas em minha pele, lutando para permanecer calmo.

Callie começa a se mexer e abre seus olhos vermelhos e inchados para mim.

— Você está bem? — Eu pergunto, afastando seu cabelo da testa.

— Eu estou bem. — Sua voz é rouca, o rosto está vermelho, e suas pupilas estão dilatadas.

Faço uma pausa, não tenho certeza de como fazer a pergunta certa, ou se existe uma. — Callie, o que você me disse... quem mais sabe sobre isso?

— Ninguém. — Seus ombros nus levantam e caem enquanto ela luta para respirar. — Exceto Seth.

Hesito, meus dedos ainda em seu cabelo. — Nem mesmo sua mãe?

A tristeza em seus olhos quase me mata. — Só você e Seth. — Ela enfia a cabeça para baixo, escondendo o rosto.

Quero perguntar-lhe quem foi, para que eu possa caçá-lo e espancá-lo até a morte. Milhares de ideias inundam minha mente, mas eu nunca fui bom em fazer suposições. Eu poderia perguntar a ela, mas no momento ela poderia quebrar se eu fizesse. Sei porque já estive naquele ponto na maior parte da minha vida.

— Eu acho que você deveria se vestir. — Eu levanto a cabeça e olho por cima do ombro para o relógio na mesa de cabeceira.

— Sinto muito. Você provavelmente tem coisas para fazer e eu estou aqui te prendendo. — Ela inclina a cabeça para o lado para escapar do meu braço, mas eu flexiono meus braços e abraço-a contra mim.

— Eu só disse isso porque Luke vai estar aqui em breve. — eu explico, inclinando seu rosto para mais perto do meu. — Não porque eu quero que você se vista e saia.

— Oh. — Ela relaxa um pouco, espalhando seu cabelo por todo o meu peito enquanto abaixa o rosto.

Eu afasto um pouco do seu cabelo para o lado, que cheira ligeiramente a chuva, e beijo-a suavemente nos lábios.

Quando eu me afasto, ela parece surpresa.

— Kayden... E-eu... — Ela se esforça para falar. — Você não tem que estar comigo porque sente pena de mim. Eu nem sequer queria te dizer isso. Só fui pega no momento.

Eu olho para ela, espantado. — Estou com você, porque quero estar com você.

Ela engole em seco. — Mesmo depois do que eu disse?

Eu escovo o meu dedo ao longo da sua bochecha. — Callie, eu me sinto da mesma maneira sobre você agora como me sentia há uma hora. Nada é diferente.

Ela luta para conter as lágrimas enquanto pisca os olhos. — Você tem certeza? Porque às vezes... Às vezes eu sou uma bagunça. O que aconteceu agora pouco não foi uma coisa de uma vez. Eu fico assim quando me lembro das coisas.

Concordo com a cabeça, assustado como o inferno. Eu quero estar com ela, mais do que qualquer coisa no momento. Só espero que eu possa lidar com isso, por causa dela.

Callie

Eu não queria jogar em cima dele como uma bomba gigante, mas a necessidade de afastar-me para que eu pudesse livrar o sentimento no meu corpo estava muito avassalador. Eu deixei escorregar para fora, esperando que ele surtasse e me deixasse ir, mas ele fez o oposto. Ele me segurou, permitindo-me chorar, deixando-me quebrar, e dando-me mais do que jamais saberá.

Dizer em voz alta para ele foi libertador, como se eu pegasse uma parte da minha vida novamente. Eu só espero que continue assim.

Ele não me soltou quando me sentei, seu corpo levantou-se comigo. Ele me liberou rapidamente para subir em cima de mim e pegar meu sutiã do chão. Eu passo meus braços através das alças e minhas mãos tremem quando aperto o fecho. Ele pega minha blusa em seguida, a sacode, depois desliza-a sobre a minha cabeça. Eu elevo meus braços enquanto ele puxa-a para baixo para me cobrir.

— O que você quer fazer pelo resto do dia? — Ele pergunta e olha para a janela. — Ou, devo dizer noite?

Eu puxo a blusa sobre meu estômago e viro meu cabelo para fora do colarinho. — Eu provavelmente deveria voltar ao meu dormitório e fazer a minha lição de casa. Eu tenho um monte de papéis para escrever ainda.

— Você sabe que a escola basicamente vai acabar em poucos dias?

— Eu sei, mas perdi um monte de aulas quando estava... Evitando você.

Ele pega uma camisa vermelha da sua cômoda e puxa-a sobre sua cabeça, penteando seu cabelo no lugar. — Você quer que eu te leve?

— Se você quiser, — eu digo, sentindo-me culpada por fazê-lo fazer algo a mais por mim. Ele já fez o suficiente.

Um pequeno sorriso toca em seus lábios. — Eu vou te levar.

Nós saímos juntos do seu quarto e eu me sinto estranha, especialmente quando ele coloca a mão sobre a minha. Vislumbro as luzes do meu prédio à distância e tudo o que posso focar é em chegar lá.

— Você está indo para casa na Ação de Graças? — Ele pergunta enquanto nós cruzamos o gramado molhado e passamos sob as árvores, onde pingos de chuva caem em nós.

Eu dou de ombros. — Eu não estava planejando isso, mas talvez. Meus pais estavam indo para a Flórida nos feriados, mas recebi uma mensagem da minha mãe hoje cedo dizendo que eles iriam ficar em casa e que eu deveria ir para lá.

— Você pode vim com Luke e eu, — ele sugere, atravessamos a rua, através das poças, e pulamos na calçada. — Estamos indo em poucos dias ou algo assim.

Existem muitas razões pelas quais eu não quero ir para casa; sendo uma delas que o cara que arruinou a minha vida poderia estar lá. — Eu vou pensar sobre isso e deixar você saber.

— Você sabe que poderia ser divertido, — ele diz com um sorriso peculiar. — Você pode sair com Luke e eu e nós poderíamos mostrar-lhe as inexistentes divertidas coisas da nossa vida.

Eu ofereço-lhe um meio sorriso, porque suas palavras me fazem lembrar da minha vida em casa e quanto eu odeio isso. — Talvez.

Ele lambe os lábios, parecendo que pode me beijar, e mesmo que eu quero que ele faça, ainda me preocupo que ele está fazendo isso pelas razões erradas. Estendo a mão para a maçaneta da porta do meu prédio do dormitório. — Obrigado por me trazer. — Eu deslizo meus dedos para fora dos seus e caminho com pressa pelo corredor, deixando-o atordoado. Eu tento não olhar para o banheiro, quando passo por ele, mas é tudo o que posso pensar, e acabo voltando.

Uma vez que terminei eu posso respirar novamente.

Kayden

Eu não posso parar de pensar sobre o que aconteceu com Callie. Acho que ela pensou que iria me assustar dizendo tudo, mas teve o efeito oposto. Eu não quero nada mais do que estar com ela e protegê-la, como ninguém jamais fez por mim. Eu quero ter certeza de que mais nada de ruim aconteça com ela.

Está ficando perto dos feriados e estou me preparando para voltar para casa. Honestamente, não quero voltar para lá, mas para onde mais eu iria? Não tenho ninguém, apenas a minha mãe e meu pai, mesmo com as merdas que eles podem ser. E minha mãe praticamente me implorou, dizendo que Tyler estaria em casa e eu não o vejo em anos. Me pergunto como ele está agora, depois de anos enchendo a cara.

Callie e eu passamos os últimos dias juntos, assistindo a filmes e conversando, mas tem sido estritamente uma coisa de amigo. Não porque eu quero que seja, mas porque não tenho nenhuma ideia de como tentar levar mais longe.

Estou andando de volta para o meu dormitório depois da minha última aula antes de ir para casa, quando encontro-a andando por entre as árvores, lendo um livro. Seu cabelo está solto e ela tem uma camisa cinza de mangas compridas e calça preta.

— Lendo alguma coisa boa? — Eu pergunto, parando na sua frente.

Sua cabeça chicoteia para cima e ela fecha o livro, que na verdade é o seu diário. — Ei, o que você está fazendo?

Eu olho para o diário e depois arqueio a minha sobrancelha. — Sabe, um dia você vai ter que me deixar ler algumas das coisas que você coloca aí dentro.

Ela balança a cabeça rapidamente, abraçando o caderno contra o peito, o sangue correndo em suas bochechas. — De jeito nenhum.

Sua reação me faz querer lê-lo ainda mais.

Nós atravessamos o gramado juntos sem nenhuma direção real, além de irmos para a calçada.

— Você já se decidiu se vai voltar para casa? — Eu pergunto, enfiando as mãos nos bolsos. — Sabe, eu realmente quero que você vá.

Ela franze a testa. — O mesmo acontece com a minha mãe, mas eu não sei... Não sou muito fã de estar em casa. Isso me lembra de muitas coisas.

— Eu também, — eu concordo. — E é por isso que devemos ir juntos. Podemos tirar todos os dias e conviver. Luke não é um fã da sua casa também, então sei que ele vai nos dar uma carona para onde quisermos.

Ela espreita através dos seus cílios com um olhar cético no rosto. — Ok, eu vou pensar sobre isso.

— Você parece cética.

— É só que... Parece inacreditável que você, Luke, e eu vamos sair desse jeito.

— Por que não?

Ela encolhe os ombros, arrastando os sapatos contra a lama na beira do gramado. — Porque nunca fizemos antes. Nós nos conhecemos há anos e a única vez que nos falamos é quando estamos aqui. Longe de Afton.

Eu pulo na sua frente e ela quase corre de mim. — Você acha que eu te vou abandonar, porque nós vamos estar em casa?

Seus ombros se deslocam para cima, enquanto ela dá de ombros novamente e olha para o chão. — É uma espécie de inevitável. As pessoas vão estar lá e um monte de pessoas que vocês saiam não gostam de mim.

Levo meu dedo sob o seu queixo e inclino sua cabeça para cima, olhando em seus olhos azuis tristes. — Você está se referindo a Daisy?

— Daisy, seus amigos, todos com quem estudávamos antes, — ela diz miseravelmente. — Mas isso não importa. Eu só não sinto que devo ir.

Ela passa seu cartão através do bloqueio e eu abro a porta do seu prédio. O ar quente circula entre nós enquanto caminhamos pelo corredor desocupado. — Então, o que você vai fazer? Ficar aqui sozinha?

— Eu sou uma garota grande, — ela diz quando chegamos até os elevadores e depois balança a cabeça quando eu começo a sorrir. — Eu não quis dizer no sentido literal.

O elevador sobe e eu fico quieto enquanto tento descobrir uma maneira de convencê-la a ir comigo. Quando chegamos a porta do seu quarto, eu começo a entrar em pânico. A ideia de deixá-la aqui sozinha está rasgando meu coração.

— Ok, eu vou ser completamente honesto. — Eu tomo uma respiração profunda, porque o que estou prestes a dizer é muito real e o mais honesto do que já fui. — Eu não quero ficar longe de você por tanto tempo.

Ela suga o lábio inferior em sua boca e o morde. — Eu tenho certeza que você vai ficar bem. — Ela estende a mão para o bloqueio e digita o código. Ela começa a girar a maçaneta, mas eu agarro seu pulso.

— Não, eu não vou, — eu asseguro-lhe com uma voz trêmula. — Eu estou apegado as nossas pequenas conversas e... e você é a única que realmente sabe tudo sobre mim.

Seus ombros afundam, ela olha para mim com empatia. — Eu vou ter que falar com minha mãe primeiro e perguntar-lhe algumas coisas. Vou deixar você saber amanhã.

Eu liberto-a e dou um passo para trás, sentindo-me um pouco melhor. — Prometa-me que realmente vai pensar sobre isso.

Ela balança a cabeça, torcendo a maçaneta. — Eu prometo.

Ela dá um passo para dentro, mas eu não posso deixá-la ir ainda. Meus dedos agarram sua manga e eu puxo-a de volta para o corredor.

— O que você está...

Antes que qualquer um de nós possa protestar, eu selo meus lábios nos dela, roubando sua respiração. Minha mão toca seu rosto e seguro sua bochecha na minha palma, enquanto minha outra mão pressiona contra a parte inferior da sua costa, arqueando seu corpo contra o meu. Eu deslizo minha língua em sua boca, só um beijo rápido, mas ele transmite toda a fome que eu sinto por dentro. Nossas pernas se entrelaçam e estendo minha mão, apoiando-nos contra a parede antes de cairmos no chão. Ela solta um gemido suave e me afasto, sabendo que se eu for mais longe vai ser muito mais difícil de deixá-la ir.

Ela pisca os olhos freneticamente enquanto eu volto para o corredor com um sorriso no meu rosto. — E lembre-se, você prometeu.

Com um olhar confuso em seus olhos, ela caminha para dentro do seu quarto, e joga seu diário em sua cama, antes de fechar a porta.

— Você tem o seu anuário? — Pergunto a Luke quando entro no nosso dormitório.

— Eu acho que sim — ele diz, tirando os olhos da televisão por uma fração de segundos. Ele está jogando um jogo de corrida, perdendo totalmente enquanto seus dedos martelam contra os botões do controle. — Por quê?

— Eu posso olhar para ele por um segundo? — Eu pego uma lata de refrigerante do mini geladeira.

Ele aponta para a porta do armário, seus olhos voltando para a tela. — Eu acho que está dentro do meu baú.

Definindo a lata no pé da minha cama, eu vou para o armário. Destravo a fechadura, levanto a tampa e procuro entre os livros até que encontro-o escondido no lado. Eu folheio as páginas até encontrar a secção "L" e depois "Callie Lawrence."

A garota na foto não é a Callie que eu conheço. Seu cabelo é cortado até o queixo e agitado, como se tivesse cortado sozinha. Ela usa uma jaqueta folgada que esconde seus ombros magros e delineador preto pesado que engole seus belos olhos azuis. A mesma tristeza está lá, embora; assombrando-a.

Eu faço uma varredura em mais algumas páginas procurando por ela, mas é como se ela mal existisse. Eu me levanto, colocando o livro de volta no baú, e o fecho, imaginando como teria sido se fôssemos amigos no colegial. Por alguma razão, acho que talvez as coisas teriam sido um pouco mais fáceis e a pressão sobre meus ombros teriam sido um pouco mais suportáveis.

Callie

Seth me acordou na manhã seguinte me cutucando uma tonelada de vezes nas costelas. Ele tinha café lattes em suas mãos, seu cabelo loiro estava um pouco confuso, e tinha um olhar determinado em seu rosto.

— Eu tive um sonho, — ele começa, abaixando-se na beira da minha cama. — Isso poderá te fazer falar comigo. Na verdade, eu tenho um sentimento muito ruim que você está me escondendo alguma coisa.

Ele está certo. Eu não lhe disse como quebrei na frente de Kayden. Ele tem estado muito feliz ultimamente, saindo em encontros com Greyson, e eu não

queria estragar seu humor com os meus pensamentos escuros.

Sento-me e tomo o café gelado, quase derrubando-o em apenas alguns goles. — Eu pensei que você estava indo para casa esta manhã?

Ele balança a cabeça, sugando seu canudo. — Eu vou, mas estou dando uma carona para Greyson, então tenho que sair um pouco mais tarde.

Eu guio minhas pernas para o meu peito e descanso meu queixo no meu joelho. — Ele está indo para casa com você?

Ele balança a cabeça com um olhar de espanto no rosto — De jeito nenhum. Você poderia imaginar se eu levasse um cara para casa, para conhecer a minha mãe? Além disso, eu mal o conheço.

Eu afasto meu queixo do meu joelho e mastigo meu canudo. — Quanto tempo você tem que conhecer alguém até que signifique alguma coisa?

Ele se senta na minha cama e repousa seus braços sobre os joelhos. — Isso é para as pessoas que podem decidir essa situação, o que me leva a uma parte da razão que eu esteja aqui.

Eu finjo um beicinho. — Não foi para dizer adeus a sua melhor amiga?

Isso é parte da razão, — diz ele em tom sério. — A outra razão é que eu esbarrei em Kayden esta manhã. Agora, normalmente temos pequenas conversas rápidas sobre assuntos realmente estúpidos, mas hoje, ele ficava me perguntando sobre você. Ele queria saber se eu sabia o que você estava fazendo na Ação de Graças e se eu podia verificar com você. Agora você gostaria de me dizer alguma coisa?

Eu franzo a testa. — Eu tenho?

Ele balança a cabeça, colocando o copo de plástico no chão ao lado dos seus pés. — Aconteceu alguma coisa entre vocês dois?

Eu hesito. — Talvez.

Ele espera pacientemente que eu explique. Suspirando, eu finalmente conto para ele, deixando de fora alguns dos detalhes mais intensos, mas dando-lhe o suficiente para que ele entenda a essência disso.

— Você disse a ele? — Diz, os olhos castanhos enormes. — Tipo disse a ele, disse a ele? Por que você não me disse isso antes? Esse é o tipo de informação que deve ser divulgada para mim assim que aconteça.

— Porque você estava feliz e porque eu nem sei como me sinto sobre isso. Quer dizer, eu disse a ele por acidente. — Eu jogo os cobertores de cima de mim e fujo até a beirada da cama, balançando meus pés no chão. — Durante um momento de aberração da minha parte.

— Porque ele estava tocando em você?

— Não, não foi isso. Eu gostei quando ele estava me tocando, ele apenas disse algo que me fez lembrar de... é.

Ele agita seu canudo em torno da sua bebida. — Kayden agiu bem com você? Ele não te machucou ou te fez se sentir como merda depois que você disse a ele?

— Ele parecia bem. — Pego minha bebida e a condensação amortece a minha pele. — Mas ele poderia ter feito isso porque sentiu pena de mim.

Seth batuca os dedos em seu joelho. — Ou porque ele entende como é ser machucado por alguém.

Eu limpo a minha mão molhada na frente da minha calça. — Pode ser isso, mas não quero que ele tenha que lidar com meus problemas. Ele tem tantos outros.

— Ou talvez, é isso que te assusta, porque ele faz você sentir coisas incertas. — Ele ressalta.

— Você está citando seu livro de psicologia de novo? — Eu pergunto, ficando de pé.

Ele dá de ombros. — Talvez, mas a coisa é que eu acho que ele realmente se importa com você. Deveria ter o ouvido naquele dia quando você estava na biblioteca e eu te liguei para que ele pudesse descobrir onde você estava. Ele estava realmente preocupado com você.

Eu pego um elástico de borracha da caixa em cima da minha cômoda e fixo-o em volta do meu cabelo, deixando pedaços para fora na frente do meu rosto. — Provavelmente porque eu correria para longe depois que... — Eu paro.

— Teve um orgasmo? — Ele termina. —

Orgasmo. Orgasmo. Orgasmo. Não é uma palavra ruim, Callie.

— Eu sei disso. — Termino a última gota da minha bebida, sugando o creme restante no canudo antes de jogar o copo vazio no lixo.

Ok, então. — Ele se levanta, limpando as mãos em seu jeans skinny. — Aqui está o que eu sugiro. Você deveria ir para casa na Ação de Graças. Pegue uma carona com Kayden e Luke, volte e tenha algum divertimento. Não fique aqui sozinha. Isso me deixa nervoso.

— Eu quero ir com eles, — eu admito. — Mas e se ele estiver lá?

Ele me dá o meu celular. — Ligue para sua mãe e descubra.

Pego meu celular dele. — Vou mandar uma mensagem.

Eu: Quem está indo para casa na Ação de Graças?

Mãe: Ninguém até agora. Seu irmão disse que não ia voltar, e seus avós cancelaram. Por favor me diga que você está vindo para casa querida.

Hesito e solto um grunhido frustrado.

Eu: Eu vou para casa, mas preciso ver se ainda posso pegar uma carona.

Mãe: Seu pai pode ir te buscar se você precisar.

Eu: eu poderia ser capaz de conseguir uma carona com alguém.

Mãe: Quem?

Eu: Alguém

Mãe: Callie Lawrence, o que você está escondendo de mim? É alguém que eu conheço?

Eu: Eu não sei.

Mãe: Callie, diga-me. Por Favor. Eu vou fazer sua torta favorita.

Eu: Vou empacotar tudo. Falo com você em breve.

Uau, — murmura Seth enquanto lê as mensagens por cima do meu ombro, soprando sua respiração de café em mim. — Ela é super-obcecada.

— Ela está curiosa comigo tendo amigos. — Eu mudo o toque para vibração e coloco meu celular no bolso de trás. — Ela provavelmente sabe que é alguém de lá.

Um sorriso conivente expande em seu rosto quando ele bate os dedos juntos. — O que você acha que ela vai fazer quando descobrir quem é?

Eu dou de ombros, agarrando uma bolsa debaixo da minha cama, e, em seguida, aceno drasticamente as minhas mãos na minha frente. — Surtar. Pular para cima e para baixo e dizer, *'Oh, meu Deus! Meu Deus!'*.

Ele ri. — Mas você está indo?

Eu aceno com meu coração apertando dentro do meu peito. — Sim, eu vou. Apenas enquanto Kayden vai me dar um passeio.

Ele cobre a boca com a mão para abafar o riso. — Aposto que ele gostaria de lhe dar um passeio.

Eu pressiono meus lábios, segurando um sorriso. Fingindo que não é tudo o que eu quero, a ideia faz meu corpo formigar. Eu começo a colocar as minhas roupas em uma bolsa, ignorando sua observação.

— Faça-me um favor. — Ele dá um passo em minha frente e me olha nos olhos com uma expressão severa. — Se ele chegar perto de você, apenas deixe, ok? Na verdade, você pode riscar o número trinta e quatro da lista.

Eu dobro minha jaqueta e coloco-a na bolsa. — Que é deixar alguém chegar perto de você e eu já fiz isso.

Bem, eu estou riscando e colocando o nome de Kayden lá. — Ele se move para a porta, fazendo uma pausa antes de sair. — Ligue-me todos os dias para que eu não me preocupe.

— Sim, senhor, — eu digo com firmeza, com uma saudação e ele ri. — E vice-versa.

Uma vez que ele se foi, eu termino de embalar tudo e afundo-me na cama para discar o número de Kayden.

— Ei, — ele responde e algo cai ao fundo.

— Ei... você está se preparando para voltar para casa?

— Sim, nós estamos levando nossas coisas para a caminhonete no momento. Eu estava realmente apenas me preparando para ir até o seu dormitório.

— Por quê?

Ele ri ao telefone. — Para me certificar de que tudo está embalado para você voltar para casa.

Eu mordo o meu polegar. — Quem disse que eu estou indo?

— Eu vi Seth esta manhã e ele me prometeu que iria falar com você, — ele diz. — E eu sabia que ele faria.

— Seth meio que se transformou em um traidor, — eu respondo, deitado de costa na cama e olhando para o cartaz na parede em minha frente.

— Callie, se você não quer ir, você não tem. — Ele faz uma pausa. — Mas eu realmente quero que você vá.

Eu ainda não tenho certeza se quero. — Ok, eu vou estar pronta em poucos minutos.

Eu desligo e olho para fora da janela, para as folhas e a sujeira espalhada contra a grama, colocada lá pelo vento. Como a direção da minha vida poderia mudar tão rápido? Estou fazendo coisas que eu normalmente não faria, confiando nas pessoas, sentindo coisas, vivendo a vida. Eu me pergunto quanto tempo vai durar.

CAPÍTULO 15

#21 Deixe-se entediar

Callie

Já se passaram dois dias desde que Kayden e Luke me deixaram em casa. Felizmente, foi à noite, para minha mãe não correr para fora e me envergonhar. Eu falei com Kayden algumas vezes através de mensagens de texto, mas não saímos juntos.

Todo o caminho até em casa, eu tive uma experiência fora do corpo. Eu estava na caminhonete com Kayden e Luke e foi surreal, como se eu estivesse assistindo isso acontecer comigo em vez de viver. Tive alguns momentos semelhantes, mas nunca foram bons assim. Eles eram ruins e cheios de imagens que eu desejaria poder ter estado cega para não ver.

É um par de dias antes da Ação de Graças e minha mãe e eu estamos na cozinha. Os armários estão empilhados com alimentos, o fogão com panelas, e a pia com pratos sujos. Há decorações alaranjadas e marrons ao longo das paredes, no centro da mesa, no peitoril da janela, emolduradas na porta - minha mãe sempre foi uma grande decoradora no feriado.

— Eu ainda não consigo acreditar no quanto você mudou. — Minha mãe sorri para mim e eu balanço minha cabeça, cortando uma maçã em uma tábua de cortar. Ela toca meu cabelo, notando o comprimento. — E você parou de cortar seu cabelo. Estou tão feliz. Queria ver isso desde o dia em que você o cortou.

— Eu não tenho certeza se sou fã dele, — eu minto, inclinando a cabeça para o lado e movendo-o para longe dela. Eu sou fã quando Kayden o toca, o que ele fez durante a maior parte do caminho até aqui, mas é apenas isso. — Na verdade, eu acho que vou cortá-lo novamente.

Ela coloca as mãos nos quadris e estreita os olhos cor de avelã para mim. — Callie Lawrence, você não vai fazer tal coisa. Você está tão linda, querida.

Um pouco magra, mas isso provavelmente é porque você não está usando todas aquelas roupas largas.

Eu brinco com o canto da minha blusa preta. — Eu estou tão magra como sempre fui.

Ela leva as mãos para as costas e refaz o nó do avental com pequenos padrões de maçãs sobre ele. — Bem, nós vamos ter que te engordar um pouco. Eu estou fazendo uma abundância de comida.

Eu defino a faca para baixo e pego outra maçã. — Por quê? Se vai ser apenas você, eu, e meu pai.

— Oh, nós estamos indo para os Owens este ano. — Ela pega uma colher de pau de uma gaveta, colocando uma mecha do seu cabelo longo marrom atrás da orelha. — Eles convidaram um monte de gente, como fizeram um par de anos atrás.

Eu franzo a testa enquanto recorro o jantar que ela está falando. Esse foi o ano em que Kayden começou a ficar sério com Daisy e ela tornou o jantar para mim um inferno. — Quem vai estar lá?

Ela encolhe os ombros e começa a cantarolar a música que toca a partir do aparelho de som. — Devemos ir fazer nossos cabelos antes do jantar? Isso não seria divertido? Comprar alguns vestidos?

Estou prestes a dizer-lhe que não, e que soa como a última coisa que eu quero fazer, quando meu celular toca, anunciando que há uma mensagem de texto à espera.

Kayden: Você sabia que a Sra. McGregor está tendo um caso com Tom Pelonie?

Eu: Hum... O quê?

Kayden: Ou que Tina Millison ganhou um novo Mercedes no Natal?

Eu: eu deveria saber isso? Porque estou realmente confusa.

Kayden: Acho que minha mãe precisa de uma amiga. Ela está me seguindo por toda a casa, dizendo-me as últimas fofocas. Ela até queria que eu a levasse para fazer as unhas.

Eu deixo escapar uma risada, mas rapidamente disfarço quando minha mãe olha para mim interrogativamente.

Eu: Acho que ela sente sua falta.

Kayden: Não, ela está entediada e precisa de vinho. Acho que meu pai teve um monte de viagens, enquanto eu estava na faculdade e a casa vazia a fez perder a sua sanidade mental mais do que já tinha antes de eu sair.

Eu: A minha quer que eu vá fazer o meu cabelo com ela.

Kayden: Sim, mas você é uma garota.

Eu: Ah, esqueci por um segundo. Obrigado por me lembrar.

Kayden: eu não me esqueci em tudo. Na verdade, é tudo o que consigo pensar.

Eu: Que eu sou uma garota???

Kayden: Isso, uma garota que eu quero tocar muito agora.

Eu pressiono meus lábios, sem saber como responder. Nós mal nos beijamos uma vez que eu deixei escapar meu segredo sobre ele e de repente ele está falando sujo comigo.

— Callie, o que há de errado? — Minha mãe pergunta com preocupação.
— Você está corando.

Eu olho para cima e encontro seus olhos preocupados. — Eu estou bem.

Ela pega meu celular. — Com quem você está conversando?

Viro de costa e caminho até a mesa, de modo que ela não possa ver meu rosto.

Kayden: Eu te assustei?

Eu: Não, eu só estava pensando sobre algo.

Kayden: Em mim te tocando?

— Callie, as panelas estão fervendo, — minha mãe diz. — Você pode abaixar a temperatura?

Eu: Tenho que ir. Minha mãe está tendo uma crise de cozinha

Kayden: Ok, falo com você mais tarde. Esteja preparada para me dar uma resposta

;))

Minha pele está quente enquanto corro até o fogão e giro os botões para baixo. O vapor enche o ar quando eu levanto uma tampa das panelas e mexo o macarrão na água.

— Então, sobre fazer os nossos cabelos. — Minha mãe volta direito para onde paramos. — O que você acha?

— Eu acho que estou indo para o meu quarto, — eu fujo da sua pergunta, limpando as mãos numa toalha de papel. — Eu tenho um monte de coisas para fazer.

— Mas é a sua pausa da faculdade, — ela diz. — Nós devemos passar mais tempo juntas. O que você vai fazer lá em cima além de ficar entediada?

Minha mãe sempre quis que eu fosse algo que não sou, antes mesmo de me mudar. Quando eu tinha seis anos, ela queria que eu fosse uma bailarina e eu queria ser uma jogadora de futebol. Quando eu tinha dez anos ela pensou que seria legal me comprar todo um guarda-roupa de vestidos para a escola e tudo o que eu queria era furar minhas orelhas. Quando eu tinha onze anos decidi

que queria aprender a tocar violão. Ela me inscreveu para as aulas de concurso de beleza.

— Ficar entediada não é tão ruim assim. — Eu coloco a faca na pia e caminho em direção à porta dos fundos. — Eu vou voltar daqui há pouco.

Está frio lá fora enquanto caminho em direção a garagem. Enquanto eu estava na faculdade, minha mãe e meu pai colocaram uma tonelada de caixas no meu quarto, juntamente com os troféus de futebol do meu pai. Eu poderia dormir no sofá na sala de estar ou ficar no quarto em cima da garagem. Escolhi a garagem por razões de privacidade. Além disso, eu gosto de não ter que ficar no meu quarto, assombrada por memórias que iriam manter-me acordada a noite toda. Aqui em cima é pacífico e tranquilo e minha mente está um pouco clara da tempestade.

Subo as escadas e fecho a porta atrás de mim, acionando os dois aquecedores antes de pegar meu diário da minha bolsa. Eu pego meu iPod e coloco meus fones de ouvido, clicando em "Incrível Playlist do Seth". Seth tem um amplo gosto pela música e gostaria de saber o que tocará quando eu clicar sobre a primeira música. "*Work*" do *Jimmy Eat World* flui em meus ouvidos enquanto deito no colchão e inclino os pés sobre a cabeceira de metal.

Eu abro meu diário e coloco a caneta no papel, meu coração e mente correndo loucamente.

Estive pensando nos últimos dias como seria estar com Kayden. Como realmente, realmente seria estar com ele. Quanto mais eu exploro a ideia, mais me pergunto sobre isso. Às vezes, parece errado pensar sobre essas coisas, mas outras vezes, eu gosto dos meus pensamentos e imagens muito vívidas. É como se não fosse eu mais, como se ele estivesse me transformando em uma garota que pensa sobre as possibilidades da vida e do amor.

Eu estava sonhando acordada no outro dia na sala de estar, sonhando com sua boca no meu seio, como se fosse naquela noite antes de eu pirar, quando minha mãe entrou na sala.

— Você parece tão feliz — ela disse, sentando no sofá ao meu lado. — Tem sido muito tempo desde que vi você sorrindo desse jeito.

Eu olhei para ela, e quero dizer realmente olhei para ela por um momento. Alguma vez algo passou pela sua mente, mesmo que por apenas uma fração de

segundos, que talvez algo terrível aconteceu comigo? Será que ela quer saber, mas a ideia era tão escura que sua mente não conseguia entender isso?

Uma mão quente toca meu ombro, me assustando, e eu puxo meu braço enquanto fico ereta, deixando cair a minha caneta e caderno na cama.

Kayden dá um passo para trás, colocando as mãos na sua frente enquanto eu respiro profundamente, ajoelhando-me na cama. Ele está usando um short, um moletom com capuz preto e tênis. Seu cabelo está escondido sob um gorro e sua boca se move quando ele diz alguma coisa.

Eu rapidamente puxo o fio do meu fone de ouvido. — O que você está fazendo aqui?

— Sua mãe me disse que você estava aqui. — Ele olha em volta do pequeno quarto que não tem tapete e só gesso nas paredes, seu olhar persiste brevemente sobre a cama desfeita. — Este é o seu quarto ou um quarto de hóspede ou o quê?

Eu defino o iPod para baixo na cama e levanto-me. — Era para ser um quarto de hóspedes. Meus pais trabalharam nele por anos, mas isto é o que sobrou.

Ele sorri para um pequeno buraco na parede que precisa ser fechado. — Meus pais iriam pirar se alguma parte da nossa casa estivesse assim.

— Os meus piram com outras coisas; esportes, reuniões da cidade, competições de cozimento de torta, tentando fazer com que eu e meu irmão não fossemos para faculdades tão longes. Eles têm problemas de fixação.

— Então, eles preferem viver a vida. Eu gosto disso. — Ele me encara, seus olhos esmeralda cintilantes. — Sua mãe parece legal. Sei que eu já a conhecia antes e tudo, mas ela parecia realmente tagarela desta vez.

Eu internamente estremeço. — O que ela disse para você?

Ele puxa o gorro e arruma seu cabelo com os dedos e as mechas pairam sobre sua testa. — Não muito.

Eu aponto um olhar de dúvida para ele e arqueio as sobrancelhas. — Sério? Porque eu meio que duvido. Na verdade, aposto que ela disse muito para você.

Ele está trabalhando duro para não sorrir. — Ela foi completamente legal. — Ele circula em torno de mim, e eu giro meu corpo para encará-lo. — Ela

disse que estava tão animada que estávamos saindo e que está tão feliz que somos bons amigos.

— Eu não lhe disse nada disso, — eu digo a ele, sentindo-me envergonhada. — Ela só assume as coisas.

Ele dá um passo para trás de mim e eu começo a virar para segui-lo novamente, mas ele envolve seus dedos em torno dos meus braços para me manter no lugar, pressionando o peito à minha volta. — Por que você não diz a ela?

Eu dou de ombros, tremendo um pouco com sua respiração no meu pescoço quando ele inclina a cabeça sobre o meu ombro. — Porque eu não lhe digo nada. E-eu não... — eu divago enquanto sua boca se move ao lado da minha orelha e morde a ponta.

— Se nós não somos bons amigos, então o que somos, Callie? — Ele puxa minha orelha em sua boca e arrasta os dentes suavemente ao longo da pele. — Porque eu realmente gostaria de saber.

— Eu não sei, — eu respiro, me perguntando onde diabos isso está indo.

— Eu não conseguia parar de pensar na mensagem e decidi que eu só precisava vir aqui e ouvir a sua resposta, — ele sussurra, sua voz rouca. — Na verdade, eu teria vindo mais cedo, mas meu pai me fez treinar. Ele disse... Ele disse que eu perdi a forma enquanto estive fora.

Seu peitoral duro como uma rocha pressionado contra minha costa indica o quão mentiroso seu pai é.

— Você está... bem? — Eu pergunto cautelosamente. — Quero dizer, seu pai não... fez qualquer coisa com você, fez?

— Estou bem. Ele está em mal estado. Acho que ele está indo para um monte de reuniões na cidade e eventos de caridade. Meus pais sempre foram bons em colocar uma grande aparência para os outros. — Ele faz uma pausa. — Você está bem? Nós realmente não falamos muito sobre algumas coisas. Eu queria falar com você no carro, mas Luke estava lá.

— Está tudo bem, — eu digo. — Eu realmente não sinto vontade de falar sobre isso.

Ele hesita, inspirando e expirando, minha costa subindo e descendo com o movimento constante do seu peitoral. — Então o que você quer fazer?

O que eu estava escrevendo no meu diário. — Eu não sei... — Um gemido suave foge da minha garganta quando ele morde suavemente no local abaixo da minha orelha.

Seus braços rodeiam em volta da minha cintura e até meu estômago, entre os meus seios, e até meu pescoço. Pressionando os dedos contra o meu queixo, virando minha cabeça em direção a ele, mantendo meu corpo no lugar. De perto, noto que há um arranhão no lado do seu rosto e um pouco de barba em seu queixo.

— Você está bem? — Eu me estico e traço meus dedos suavemente abaixo da sua bochecha. — De onde veio isso?

— É apenas um pequeno corte. — Suas pupilas encolhem enquanto seus olhos se alargam. — Estou bem. Eu prometo.

Meu peito se aperta contra o seu braço enquanto minha respiração acelera e seus olhos se concentram em meus lábios. Ele aproxima sua boca perto da minha, e meus olhos fecham por conta própria quando seus lábios roçam os meus. Sua boca se move vagarosamente enquanto ele mantém um braço sobre meu peito, enquanto o outro viaja ao longo do meu estômago, sua mão segurando sobre o tecido da minha camisa. Eu tento descobrir o que fazer com minhas mãos e, finalmente, apenas agarro seus braços. Deixando meus lábios abrirem, minha cabeça cai para trás quando sua língua quente mergulha em minha boca e ele rouba o ar dos meus pulmões.

De repente, ele fica tenso e se inclina para trás, olhando-me nos olhos. — Você quer que eu pare? Porque você sempre pode dizer-me se precisar que eu pare.

Considero, mas só por um momento e, em seguida, balanço a minha cabeça. — Não.

— Você tem certeza? — Ele verifica e eu aceno com muito entusiasmo.

Deslizando as mãos para os meus lados, ele me gira ao redor para encará-lo. Estou na ponta dos pés, enganchando meus braços ao redor do seu pescoço, e ele puxa meu corpo contra o seu. Quando nossos lábios se conectam sinto uma faísca que faz cócegas no meu corpo e eu gemo ridiculamente alto, meus

joelhos enfraquecem. Minhas bochechas começam a aquecer, mas ele deixa escapar um gemido, cobrindo meu rosto entre as suas mãos enquanto caminha para frente, levando-nos em algum lugar. Meus pés se entrelaçam com os seus e, segundos depois, nós estamos caindo sobre o colchão.

Peço a Deus que desta vez o momento vá durar; que nada a partir desse dia vai me acompanhar.

Seu corpo está pressionado contra o meu enquanto uma das suas mãos se emaranha pelo meu cabelo, sua outra mão aperta minha coxa. Eu escorrego minhas mãos para debaixo da sua camisa e sinto as linhas dos seus músculos e os solavancos das suas cicatrizes. Seu estômago aperta sob o meu toque, mas ele continua a explorar minha boca com a língua, a ponta toca o céu da minha boca e, em seguida, os dentes mordem suavemente meu lábio. Seus dedos começam a deriva ao longo do topo do meu jeans e minhas entranhas se torcem. Eu esfrego meus pés juntos, apertando minhas pernas, tentando descobrir como aliviar o formigamento entre as minhas pernas.

— Callie... — ele geme e sua mão começa a descer na frente do meu jeans quando ele nos rola para o lado. Estou surpresa com o quanto meu corpo quer que ele me toque lá, então eu continuo beijando-o, enquanto pequenos gemidos escapam dos meus lábios e eu enfio meus dedos pelo seu cabelo. Seus dedos permanecem apenas dentro do meu jeans, como se ele estivesse me testando, e então, finalmente, ele desliza um dentro de mim.

Ele afasta sua boca por um segundo para me olhar nos olhos. — Você está bem?

Estou nervosa e com medo, mas isso é tão bom. — Eu estou bem, — eu digo e a falta de ar na minha voz é toda a garantia que ele precisa.

Seu dedo começa a se mover enquanto ele retorna seus lábios nos meus, deslizando sua língua dentro da minha boca enquanto sua outra mão aperta meu seio do lado de fora da minha blusa, fazendo uma corrida de suspiro escapar da minha boca. Meus quadris começam a se contorcer contra ele e ele desliza sua mão para longe do meu seio até a minha coxa, orientando-a sobre seu quadril, então estou aberta para ele.

Minha cabeça cai para trás contra o travesseiro enquanto eu trabalho para recuperar o fôlego. Ele se inclina ligeiramente para trás, seu dedo me massageando a partir do interior, e ele me olha com espanto quando cada

parte do meu corpo sobe e desce. Algo dentro de mim explode com calor e eu suspiro, tentando segurá-lo, mas segundos depois eu volto para a realidade.

Kayden desliza o dedo para fora de mim e me beija suavemente, seu hálito quente contra meus lábios. — Você ainda está bem?

Eu aceno com a cabeça para cima e para baixo, minha respiração irregular e minha pele úmida com suor. — Eu estou bem.

Ele sorri para a minha resposta e eu provavelmente iria corar em circunstâncias normais, mas o êxtase ainda permanece no meu corpo. Ele se deita de costa com o braço dobrado sob meu pescoço, os dedos acariciando meu cabelo, enquanto ele olha para o teto com uma expressão perplexa no rosto.

— Eu tenho que ir me encontrar com Luke. Ele me mandou um monte de mensagens, dizendo que precisava dar o fora de casa. Eu lhe disse que estava parando aqui por alguns minutos e, em seguida, eu estaria saindo.

— Oh. Ok. — Eu estou meio triste por ele está saindo.

— Eu prometo que não vou ficar com ele a noite inteira. — Ele sai da cama e estende a mão para mim. — Nós podemos ficar um pouco por aqui mais tarde ou talvez ir assistir a um filme.

Eu seguro sua mão e olho para ele. — Você quer que eu saia com você?

Ele levanta-me para os meus pés com as sobancelhas unidas. — O Quê? Você acha que eu só vim até aqui para... para fazer isso para você?

Sinto-me estúpida. — Talvez. Por causa das mensagens de mais cedo. — Eu dou de ombros. — Eu realmente não sei o que pensar.

Ele continua segurando minha mão quando pisa em direção à porta. — Callie, eu não estou usando você. A coisa toda era apenas mensagens de texto e a minha tensão sexual me alcançando. Se você não quer fazer essas coisas, pode dizer isso.

— Eu quero fazer essas coisas, — eu digo. — Naquela noite, quando essas coisas aconteceram, eu só entrei em pânico por causa de algo que você disse que me fez lembrar do que aconteceu... Com aquela outra coisa. Não foi por causa de algo que você fez.

A preocupação em seus olhos desaparece enquanto leva meu pulso aos lábios e beija-o delicadamente. — Então, nós podemos continuar?

Eu aceno, mesmo não tendo nenhuma ideia de onde estamos indo. Estou muito interessada em saber, no entanto, especialmente depois do que acabamos de fazer. Eu sempre acreditei que coisas assim não seriam possíveis para mim; que iriam me lembrar muito do que aconteceu, mas tudo o que eu pensei o tempo todo foi em Kayden. Todo o resto saiu da minha cabeça.

CAPÍTULO 16

#7 Faça algo só porque é divertido.

Kayden

Estou preocupado que estou indo muito fundo. Eu não consigo parar de pensar nela depois que Luke e eu a deixamos em sua casa, que foi por isso que decidir ficar longe. Quanto mais tempo fiquei, mais intensos meus sentimentos ficaram. Tudo o que consigo pensar é em estar com ela, especialmente porque meu pai tem sido um idiota desde que cheguei em casa. Ele não me bateu, mas não se torna mais fácil estar perto dele, mesmo que apenas por uma pequena quantidade de tempo.

Finalmente, decido ir ver Callie porque sabia que vê-la me faria sentir melhor. Eu só estava indo fazer uma parada rápida, mas tantas emoções correram através de mim, eu não consegui me controlar e as coisas acabaram um pouco aquecidas. Quando Callie gozou, eu quase morri. Tudo o que queria fazer era arrancar as suas roupas e empurrar meu pau dentro dela, senti-la em todos os lugares - sentir tudo. Mas estou com medo do que vai acontecer se nós cruzarmos a linha. O que isso vai significar para ela, o que vai significar para mim. Minha cabeça está tão ferrada. Eu deveria afastar-me dela, mas eu sou muito fodidamente fraco.

Callie vagueia ao redor do pequeno quarto no porão da minha casa, reparando meus troféus e quadros na parede. Ela olha para a cama no canto e depois para os sofás de couro e televisão. O buraco na parede que eu soquei foi reparado, como se aquela noite nunca tivesse acontecido. Mas aconteceu. E parte de mim está feliz por isso, porque trouxe Callie para minha vida.

— Então, o que é isso? — Ela pergunta, curiosa. — Como o seu apartamento de solteiro?

Abro a porta lateral que leva para o exterior para deixar Luke entrar, que correu para a sua caminhonete para pegar um cooler. Felizmente meu pai saiu e minha mãe não nos viu entrar. — Acho que você pode chamá-lo assim.

Realmente, é apenas onde meus irmãos e eu, usávamos para nos esconder quando queríamos tentar ficar invisíveis. — É tão estranho falar com ela abertamente sobre isso.

Ela se senta na parte de trás do sofá com as pernas balançando sobre a borda. — Eu gostaria de ter um desses quartos quando estava crescendo.

— Então, o que diabos estamos fazendo hoje à noite? — Luke tropeça para dentro carregando um cooler azul, seu rosto está vermelho, e há sujeira em seu cabelo. — Pessoalmente, eu gostaria de tentar e não reviver a última noite que estivemos aqui.

— O que aconteceu? — Callie pergunta curiosamente.

— Alguém ficou muito bêbado e acabou sendo perfurado por Dan Zelman. — Luke olha para mim enquanto coloca o cooler em cima da mesa. — Você foi realmente estúpido por puxar uma briga com ele.

Eu estremeço com a lembrança, flexionando minha mão. — Sim, isso doeu.

Callie olha para mim. — Dan Zelman? Ele é tipo enorme. Por que você iria comprar uma briga com ele?

Eu dou de ombros, me juntando a ela na parte de trás do sofá. — Eu estava bêbado. — Abaixo a minha voz para um sussurro e inclino-me em direção a sua orelha. — E eu estava chateado porque não tive coragem de enfrentar alguém mais cedo naquela manhã.

— Seu pai? — Ela sussurra, virando a cabeça e os lábios quase tocam os meus.

Eu movo meu peso, inquieto. — Sim, muito bem.

Luke abre as garrafas de cerveja do cooler e cai no chão, os tinindo juntas. Droga! Isso não foi minha culpa.

Eu rolo meus olhos com exagero e Callie rir. Eu pulo para fora do sofá e vou ajudá-lo a pegar as garrafas, sem nenhum prazer em vê-las derramando. A última coisa que preciso é que meu pai venha até aqui e encontre o tapete manchado e cheirando a cerveja.

Depois que nós pegamos tudo, Luke pega uma garrafa de Jack Daniels do cooler. — Uma dose para todos.

Callie balança a cabeça, deslizando as pernas para fora do sofá e salta para o chão. — Sem doses.

Eu pisco-lhe um sorriso brincalhão. — O Quê? Será que você não aproveitou a última vez que esteve bêbada?

— Eu não consigo nem me lembrar de nada, — ela diz com um toque de riso em sua voz. — Embora, você possa. Então você pode me dizer. Eu gostei de estar bêbada?

Sorrindo, eu enfio uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — Você parecia gostar.

— Seria muito bom se você me dissesse o que eu fiz e falei.

— Nah, é melhor se eu guardar para mim mesmo. Confie em mim, o que você não sabe não pode machucá-la.

— Querem saber de uma coisa? — Luke se inclina para frente, abrindo a tampa da garrafa. — Nós podemos fazer isso um jogo. Dessa forma, se você for realmente bem, você nunca vai ter que beber.

Callie olha para trás e para frente entre nós. — Que tipo de jogo?

Luke me dá um olhar de soslaio e eu balanço minha cabeça, sabendo aonde ele quer ir com isso. — As regras são bastante fáceis. Alguém diz algo como, eu nunca dormi no gramado do vizinho, porque estava tão fodidamente bêbado que pensei que era a minha casa. — Ele estende a garrafa em minha direção. — E agora ele tem que beber.

Pego a garrafa dele, inclino minha cabeça para trás, e forço um grande gole na minha garganta. — Obrigado por me usar como exemplo.

— E daí? — Callie pergunta. — Se você já fez o que a pessoa disse, então você tem que beber?

Eu lambo o álcool dos meus lábios. — Sim, mas você não tem que jogar. Nós podemos simplesmente sair. Luke só acha que tudo tem que girar em torno do álcool.

Luke arranca a garrafa da minha mão, me cortando um olhar severo. — Isso não é verdade. Eu só estou tentando curar meu tédio. Não há nada para fazer por aqui, agora que todos se foram.

Callie encolhe os ombros. — Nós podemos jogar. Eu não fiz muita coisa, então parece que as probabilidades estão ao meu favor.

— Sim, mas você não sabe muito sobre nós, — Luke diz maliciosamente. — Então vai ser difícil para você dizer coisas certas para nos fazer beber.

Ela encolhe os ombros novamente com um olhar em seus olhos que me faz pensar que ela sabe alguma coisa.

Nós nos acomodamos no sofá com Callie de um lado, e eu sento do outro. Luke assume a cadeira, colocando os pés em cima da mesa de café enquanto leva a garrafa à boca.

Ele coloca a garrafa na mesa. — Então, quem quer começar?

— Eu vou, — Callie oferece, levantando a mão.

— Sério? — Eu pergunto-lhe. — Porque você não tem. Você não tem que ser uma parte de tudo isso.

Ela sorri inocentemente, torcendo uma mecha do seu cabelo em torno do dedo. — Eu não me importo. Eu prometo.

— Deixe-a ir, — diz Luke, inclinando os braços na parte de trás do sofá e relaxando na cadeira. — Eu estou realmente interessado em ouvir o que vai sair da sua boca.

Eu movimento para a garrafa. — Ok, vamos ver o que você tem.

Ela morde o lábio, ponderando sobre isso, e então seus olhos bloqueiam Luke. — Eu nunca discuti com meu treinador sobre não ter bebido quando eu estava claramente bêbado durante um jogo.

A expressão de Luke cai. — Como você sabe sobre isso?

Ela encolhe os ombros. — Meu pai é o treinador e eu ouço coisas.

Com os olhos fixos em Callie, ele inclina a cabeça para trás e engole mais de uma dose da garrafa. — Ok, então agora eu tenho que ir atrás de você.

— Essas não são as regras! — Callie olha para mim para obter ajuda, seus olhos azuis se ampliando em pânico. — Elas são?

— Elas são as minhas regras. — Luke bate o dedo em seu queixo, se inclinando para frente. — Eu nunca pisei em uma lata de tinta spray e deixei uma bagunça no chão para o cara do caixa limpar.

Ela revira os olhos com um sorriso surgindo em seus lábios, mostrando um lado competitivo que eu queria fosse dirigido só para mim.

Luke oscila a garrafa na frente do seu rosto, insultando-a, e ela puxa a garrafa dele. Fazendo uma cara de nojo para ele, ela coloca seus lábios no topo, se inclina para trás, e suga uma pequena dose.

Engasgando, ela empurra a garrafa na direção de Luke com sua cabeça virada e os olhos fechados. — Oh meu Deus! Isso é pior do que vodka. — Ela estremece quando pisca como uma louca.

Rindo, eu me aproximo dela no sofá e coloco meu braço em volta dos seus ombros. — Luke joga sujo, Callie. Desde que você foi atrás dele em primeiro lugar, ele provavelmente vai ir atrás de você.

Ela destaca o lábio inferior, fazendo beicinho, que está lustroso do Jack.

— Espera aí, você tem algo em seus lábios. — Eu me inclino para frente e sugo-o fora.

Seus olhos se arregalam quando eu deslizo minha língua ao longo dos meus lábios e volto. — Você está certa, Jack é muito fodidamente forte.

— É terrível, — ela concorda com a voz trêmula.

— Ok, eu tenho um, — eu digo, limpando a garganta. — Eu nunca voltei para casa usando apenas um roupão rosa e um par de chinelos.

Callie bufa uma risada enquanto Luke aperta os olhos. — Você está fodidamente pedindo por isso. Eu vou dizer-lhe todos os seus pequenos segredos sujos agora, seu fodido babaca.

Eu rio, chutando minhas botas em cima da mesa. — Isso foi apenas por você ter ido atrás dela em primeiro lugar.

— Posso saber por que ele teve que fazer isso? — Pergunta Callie enquanto Luke toma uma dose. — Porque eu sou muito curiosa.

— Ele estava na casa de uma garota, — eu começo, ignorando o olhar de morte de Luke. — E enquanto eles estavam fazendo sexo, seus pais apareceram. Eles haviam tirado todas as suas roupas na sala de estar, por isso ele teve que pedir emprestado o roupão e chinelos, porque era a única coisa que ele poderia vestir.

— Estava fodidamente frio, também, — Luke lembra, bebendo da boca da garrafa novamente. — Embora, ter relações sexuais com Carrie Delmarco valeu a pena.

Callie cobre a boca, o queixo inclinando para baixo, provavelmente para esconder seu constrangimento. É fodidamente adorável e de repente me vejo desejando que Luke saísse para que eu pudesse ficar sozinho com ela.

— Eu tenho um, — Luke declara, lançando um sorriso malicioso em minha direção. Seus olhos estão ficando vermelho e seu discurso um pouco desequilibrado. — Eu nunca disse a uma garota que eu era o vocalista do Chevelle apenas para que eu pudesse ficar com ela.

— Eu vou te matar por isso. — Me inclino por cima da mesa para puxar a garrafa da sua mão. — Você sabe disso, certo?

Ele sorri para mim enquanto eu tomo uma dose da bebida e olho para Callie. — Eu tinha quinze anos. Fiz um monte de coisas estúpidas naquela época.

Ela não parece incomodada, mas às vezes ela é difícil de ler. — Você não tem que explicar isso para mim.

— Tudo bem, eu tenho uma. — Concentro-me em Luke, querendo chutar seu traseiro. — Eu nunca fiz um strip-tease em cima de uma mesa na frente de uma sala inteira cheia de pessoas.

Seus olhos castanhos estão frios enquanto ele toma uma dose e, em seguida, força o álcool em sua garganta com um puxão do seu pescoço. — Eu nunca acordei chorando no meio da noite porque tive um pesadelo depois de assistir o Dia das Bruxas.

— Eu tinha dez anos, — eu protesto, puxando a garrafa da sua mão. Inclino-me para trás tomando um grande gole, começando a sentir o álcool queimar em meu sistema. — Eu nunca mijei em minhas calças porque estava trancado para fora de casa e não podia entrar.

Luke agarra a garrafa da minha mão estendida, derramando um pouco de Jack na mesa de café. — Eu nunca enviei a uma menina um bilhete para marcar sim ou não. "Você gosta de mim Tami Bentler? Você acha que eu sou bonito?".

Callie começa a rir, batendo a mão sobre sua boca enquanto seus ombros curvam em direção a seus joelhos. — Eu nem sei o que fazer com todas essas informações.

Eu forço outra dose na minha garganta e limpo meus lábios com a manga da minha camisa. Mesmo que eu esteja chateado com Luke me fazendo parecer como um idiota, estou feliz que ela esteja feliz.

— Oh, você acha que isso é engraçado? — Eu pergunto, e ela levanta a cabeça para cima, limpando as lágrimas dos seus olhos, balançando a cabeça. — Porque eu posso fazer isso parar facilmente.

Ela balança a cabeça, ainda sorrindo. — Você não sabe muito sobre mim Kayden, então não estou muito preocupada. Além disso, eu já te disse que não fiz muita coisa.

Me inclino para ela, colocando meus lábios ao lado da sua orelha, afastando o cabelo para fora do caminho. — Eu nunca fiquei com alguém na chuva e tive um dos melhores beijos da minha vida. — Estou fodidamente bêbado e admitindo mais do que eu normalmente faria, mas minha mente embriagada não se importa no momento.

Ela treme com a minha respiração, seus ombros tremendo. — Mas você teve, não é? Ou talvez não. Eu não sei.

— Eu adoro quando você divaga. É bonito. — Eu coloco a garrafa nos lábios e inclino a cabeça para trás, tomando um gole, deixando-a saber a minha resposta. Eu aponto a garrafa em sua direção com o meu olhar sobre ela. — Sua vez, a menos que isso não seja verdade.

Seus dedos tremem enquanto envolve sua mão ao redor da garrafa. Eu vejo sua boca se movimentar enquanto ela inclina a cabeça para trás e toma um gole profundo. Eu provavelmente não deveria estar olhando, mas observar seus lábios em movimento é perturbador e me excita.

Ela tosse, suas bochechas inflando enquanto ela coloca a garrafa na mesa e espalha a manga da sua blusa em seus lábios. — Deus, ele queima tão ruim.

Luke recolhe a garrafa da mesa e fica de pé. — Eu tenho que fodidamente mijar. — Ele abre a porta do porão e cambaleia para fora, fechando-a atrás dele.

Callie me olha perplexa. — Por que ele foi lá fora?

— É uma coisa de bêbado dele. — Eu relaxo no sofá com o meu braço ainda em torno dela. — Ele gosta de ir para fora e mijar.

— Será que ele vai ficar bem? — Callie enfia a perna debaixo dela. — Ele parece muito bêbado. E se ele vaguear entre as árvores e se perde?

Ele vai ficar bem. — Eu aceno, não querendo falar sobre Luke mais.

Ficamos em silêncio por um momento e eu olho-a com o canto do meu olho, querendo tocá-la tão mal, como fiz antes em seu quarto.

Callie gira seu corpo para mim, apertando os lábios, reprimindo um sorriso. — Então, você realmente fez Tami Bentler um bilhete sim ou não?

— Deixe-me esclarecer, isso aconteceu na terceira série. — Eu relaxo no sofá, agarrando seu ombro, e guiando-a ao meu lado, então nós estamos deitados lado a lado e eu coloco minhas pernas ao seu redor.

Ela bate com a cabeça no braço da cadeira quando tenta se deitar. — Ow... O que ela disse?

— Aqui levante sua cabeça. — Eu dobro meu braço debaixo dela, antes que ela se deite, deixando-a usá-lo como um travesseiro. — Ela disse que de jeito nenhum.

Ela se vira de lado, de frente para mim. — Isso é tão triste. Eu teria dito sim.

— Será que você teria? — Eu questiono. — Porque eu não era tão charmoso quanto sou agora.

Ela engasga com uma risada e depois abaixa a cabeça em direção ao meu peito. — Eu meio que tinha uma queda por você no fundamental.

— O quê? — Coloco um dedo sob seu queixo, e elevo sua cabeça, para que eu possa olhar em seus olhos. — Sério?

— Eu acho que você sabe que quase todas as garotas tinham, o que me deixa surpresa de Tami ter dito não.

Eu acho que Tami poderia ter aceitado se fosse alguém como você.

— Você quer dizer... Ela gostava de... Gosta de garotas?

Eu dou de ombros, olhando para o teto. — Isso é o que eu ouvi, mas quem sabe se é verdade. — Faço uma pausa, olhando-a quando ela molha os lábios

com a língua. — O quanto você está bêbada?

— Eu não estou bêbada em tudo, — diz ela. — Eu tive apenas dois pequenos goles.

Eu belisco seu lado e ela embala seu braço contra suas costelas para se proteger. — Sim, mas você é pequena e um peso leve.

— Eu não sou tão pequena, — ela protesta. — E prometo que não me sinto mal em nada.

Faço uma pausa, examinando seus olhos, e, em seguida, avanço com cautela. — Então, se eu te beijasse agora, não estaria tirando vantagem de você?

— Não, mas eu poderia estar tirando vantagem de você. O seu hálito cheira tão ruim quanto a garrafa. — Ela amassa seu nariz com um sorriso.

— Confie em mim. Você pode se aproveitar de mim e eu não me importaria, mesmo se estivesse sóbrio. — Eu pressiono meus lábios nos dela, sentindo meu coração bater no meu peito enquanto sua respiração acelera.

Ela fica em silêncio, nossos corpos colados um no outro e nossas respirações se misturam. Eu coloco minha mão em seu quadril, fechando meus olhos, sentindo a intensidade do momento como uma ferida aberta.

Eu tenho uma pergunta, — Callie sussurra. — Quantas pessoas viram Luke caminhando nesse roupão?

— Você sabe que cada Natal eles fazem a coisa do coral no centro da cidade?

— Sim.

— Bem, ele passou por lá.

Ela ri, se pressionando contra mim, e aninhando o rosto no meu ombro enquanto seus pressionam no meu estômago. — Há sempre uma tonelada de pessoas lá. Oh, meu Deus, eu aposto que meus pais estavam lá. Eles sempre vão.

— Eu sei... — Sinto o cheiro do perfume dos seus cabelos; xampu misturado com cigarros que Luke fumou no carro no caminho até aqui. — Callie, eu... — Puta que pariu. O que diabos está acontecendo comigo? — Eu realmente quero te beijar agora.

Ela congela, seu peito se esfregando contra o meu quando ela exala. — Oh, sim?

Eu afasto o cabelo do seu rosto e ela espia para mim através dos seus longos cílios. — Posso?

Ela fica imóvel por um segundo e, em seguida, acena com a cabeça. — Sim, você pode.

Deixo escapar uma respiração tensa e inclino-me em sua direção, inclinando a cabeça para o lado enquanto selo a boca na dela. Beliscando suavemente seu lábio inferior, ela deixa escapar um gemido ofegante que inunda meu corpo com uma fome. Eu mergulho o beijo, abrindo minha boca e acariciando seus lábios com a língua. Ela está quente e tem gosto de Jack e eu quero mais - mais do que provavelmente estou pronto.

Agarrando sua cintura, eu puxo-a para o meu colo para que ela esteja me montando. — Eu não consigo me parar com você.

Um pequeno suspiro escapa dos seus lábios quando pressiono meu pau duro contra ela. — Kayden... — ela começa, mas para quando eu passo meus dedos pelos seus cabelos e puxo seu rosto para o meu. Movendo os lábios pelo seu pescoço, eu chupo sua pele, devorando o gosto dela.

— Eu tenho que te dizer uma coisa. — A parte de trás da minha mente grita para que eu cale a boca imediatamente. Que eu estou bêbado e o que vou dizer não é bom, mas faço isso de qualquer maneira. — Eu nunca me senti assim com ninguém antes.

Seu corpo fica rígido, sua respiração falha no meu pescoço. — O Quê?

— Você e eu... Gosto tanto disso. Nunca gostei da ideia de estar assim com alguém antes.

Expirando lentamente, ela se empurra para cima e sai de cima de mim. — Eu acho que talvez devêssemos falar de outra coisa.

— Como o quê? — Estou preocupado se acabei a assustando, como fiz comigo mesmo.

— Como algo que te faça feliz, — ela sugere. — Ou algo que você não vai se arrepender amanhã.

— É você. Callie, você é a única pessoa que me faz sentir feliz. Naquela noite, você me salvou, você mudou algo em mim, você me fez querer viver. — Eu lhe digo a verdade, sabendo que quando o amanhã vier por aí, está tudo indo me acompanhar.

CAPÍTULO 17

#21 Crie memórias que pertencem a você

Callie

Ontem à noite foi interessante para dizer o mínimo. Kayden estava bêbado e dizendo coisas para mim, que provavelmente não diria em um estado sóbrio, então eu me afastei. Eu não quero que ele me diga coisas só porque está bêbado. Eu vi Seth divagar sobre coisas absurdas muitas vezes e nunca significava nada.

Eu acabei caindo no sono na cama no canto e quando acordo, tenho um momento "puta merda". Meu celular está apitando com mil mensagens da minha mãe. Eu nem sequer me preocupo em verificar qualquer uma delas. Eu salto de cima da cama e corro para o sofá onde Kayden está deitado de lado, com os olhos fechados e seu braço sobre o rosto.

Eu olho por cima do meu ombro para Luke, dormindo no chão, com a cabeça sobre um travesseiro e, em seguida, agacho-me na frente de Kayden. — Acorde. Eu preciso de uma carona para casa.

Ele respira calmamente, seu peitoral se levantando e caindo, então coloco uma mão em seu rosto, correndo o polegar ao longo da cicatriz abaixo do olho. — Kayden, por favor, acorde. Minha mãe está enlouquecendo.

Suas pálpebras se abrem, seus olhos apertados quando a luz encontra-os, e parece que ele não estava dormindo. — Que horas são?

Eu verifico a tela do meu celular. — Quase onze. Você estava acordado o tempo todo?

Ele dá de ombros, sentando-se e esticando os braços acima da cabeça. Sua camisa se levanta e eu tento não olhar. — Eu estava acordado por um tempo. Pensando sobre outras coisas.

— Oh. — Eu endireito minhas pernas e procuro na sala pelo meu casaco. — Você pode me dar uma carona? Ou devo acordar Luke?

— Isso seria um território perigoso, — ele diz, levantando-se do sofá. — Luke não é uma pessoa da manhã.

Eu deslizo meus braços nas mangas do casaco. — Eu nem me lembro de adormecer. Um minuto, estávamos conversando e no próximo, eu estava acordando na cama.

Ele sorri, pegando as chaves de Luke da mesa de café. — Eu acho que você fez isso em seu sono. Você estava comigo e, em seguida, se levantou e se afastou. Você parecia muito fora de lugar.

Ele abre a porta de trás e saímos para o ar frio da tarde. O céu está um azul claro com uma névoa e eu posso ver a casa da piscina à minha esquerda. Kayden fecha a porta e começamos a andar pela grama em silêncio. Eu não sei o que dizer. Me sinto estranha em torno das palavras que ele não lembra.

Ele para de repente, na esquina da casa e passa as mãos pelo seu cabelo bagunçado. — Eu me lembro.

Eu espreito por cima do meu ombro para ele. — Huh?

Ele dá alguns passos hesitantes em minha direção. — Eu não estava tão bêbado. Eu me lembro do que disse. Estive deitado no sofá por praticamente metade da noite, tentando descobrir o que diabos disse a você quando nós estávamos acordados.

Eu solto uma respiração. — Você não tem que explicar. Eu estive em torno de Seth o suficiente para saber como é no dia seguinte. Confie em mim, ele fez e disse tantas coisas que lamenta.

Ele balança a cabeça, com um olhar interrogativo no rosto. — Mas eu não me arrependo. Eu só... Eu só não sei como lidar com isso. Quando disse que sentia coisas por você que nunca sentir antes, eu quis dizer isso e essa merda me assusta, especialmente porque ainda há um monte de coisas que você não sabe sobre mim - coisas ruins.

Eu fecho a lacuna entre nós. — Eu não acredito. Não acredito que há coisas ruins sobre você. Uma única coisa que você acha que é ruins.

Massageando a parte de trás do seu pescoço, ele olha para a estrada atrás de mim. — Você não estaria dizendo isso se soubesse o que é.

— Você pode sempre dizer-me, — eu sugiro. — E deixa-me ver o que acho disso.

Ele bloqueia os olhos em mim. — Você não vai gostar de mim se souber.

Eu solto uma respiração profunda, pronta para dizer algo que me aterroriza. — Nos últimos seis anos, eu tive medo de quase todos, exceto Seth, mas ele e eu compartilhamos um tipo de conexão e eu confiei nele com bastante rapidez. Foi a mesma coisa com você. Naquele dia que fomos até o penhasco, poderia ter parecido que eu estava apavorada, o que eu estava, mas só de ir lá com você e te deixar me ajudar a levantar-me no penhasco foi um grande passo para mim. Eu confiei em você e isso significa alguma coisa.

— Eu quero te dizer, — diz ele em voz baixa. — Eu quero, mas não sei se posso.

— Você me disse sobre seu pai.

— Sim, mas isso é diferente. Isto é...

— Onde diabos você estava? — O pai de Kayden diz ao virar a esquina, vestido um terno azul marinho, com o rosto vermelho brilhante, e suas mãos apertadas em punhos. — Você deveria ir... — Ele para quando me vê de pé com Kayden. — Quem é você?

Eu pego a mão de Kayden automaticamente. — Callie Lawrence.

Superfícies de lembrança enchem sua expressão irada. — Oh, você é filha do treinador Lawrence?

Deja Vu. — Sim, nos encontramos algumas vezes.

Ele olha para mim por um tempo, como se estivesse tentando me forçar a se esconder. Finalmente, ele fixa seu olhar sobre Kayden. — Nós deveríamos estar treinando esta manhã. Lembra-se?

A mão de Kayden aperta a minha. — Sim, desculpe. Dormi demais e eu tenho que levá-la para casa, por isso não posso ir ainda.

Ele abre e fecha as mãos e uma veia tufa em seu pescoço. — Quanto tempo você vai demorar?

Kayden dá de ombros. — Eu não sei, talvez 30 minutos ou algo assim.

Sr. Owens olha para mim, aparecendo irritado. — Por que ela não pode dirigir para casa? Temos uma agenda.

— Não, você tem uma agenda, — diz Kayden e, em seguida, fica tenso quando o rosto do seu pai se contorce com raiva. — Você só pensou que eu supostamente deveria a seguir.

— Desculpe, você está falando comigo? — A intimidação que ele envia é assustadora como o inferno e eu quero mergulhar atrás de Kayden e me esconder. — Porque acho que você está esquecendo as regras aqui e quais são as consequências para quem as esquece.

— Eu tenho que ir. — A respiração de Kayden é irregular quando ele reforça seu controle sobre a minha mão e caminha ao redor do seu pai, me rebocando com ele.

— Kayden Owens, — ele grita. — É melhor você não se afastar de mim.

Kayden e eu corremos em direção a caminhonete estacionado na garagem sob as árvores.

— Deus, puta merda! — Seu pai grita atrás de nós.

Kayden me ajuda entrar na caminhonete, em seguida, salta para o lado do motorista e liga o motor. A partir do meio do quintal, seu pai nos observa com um olhar sombrio no seu rosto. Minha mente volta para aquela noite terrível e no que aquele homem pode fazer.

Os pneus giram quando nós batemos na estrada e Kayden desloca a caminhonete em uma marcha mais alta, as árvores nas laterais da estrada passam como um borrão. Uma pausa alongada se passa antes de Kayden fala.

— Você pode enviar uma mensagem para Luke? — Ele me dá seu celular. — E dizer a ele para simplesmente ficar no porão até eu voltar?

Eu aceno, pegando o seu celular, e percorro seus contatos até encontrar o nome de Luke. — Você acha que ele vai descer e gritar com Luke? — Eu pergunto enquanto envio a mensagem.

Ele balança a cabeça, os dedos apertando em torno do volante. — Ele só faz isso com seus filhos.

Eu coloco seu celular no painel e me viro através do assento para ele. — Kayden, eu acho que você não deve voltar para lá. E se ele fizer alguma coisa com você?

— Eu vou ficar bem. Não é nada que eu não possa lidar. — Sua voz é nítida e eu recuo, começando a deslizar para o outro lado do assento. — Não, pare. — Ele rapidamente coloca a mão na minha coxa. — Sinto muito. Eu não deveria ter falado assim com você. É só que, é o que eu faço. Tenho lidado com ele desde sempre. É a minha vida.

— Bem, pense que não é a sua vida mais, — eu digo, minha voz assumindo um tom de súplica.

Ele se vira para mim com a dúvida em seus olhos, como se não fosse uma opção. — E o que eu vou fazer? Nunca voltar? Mesmo que seja uma bagunça do jeito que é, ele ainda é meu pai. Aquela casa é o lugar onde eu cresci, é a minha casa.

— Não tem que ser mais. Basta sair, — eu digo, tentando entender o que preciso dizer para convencê-lo. — Venha ficar comigo. Você não merece ser tratado assim. Há tanta coisa boa em você e você merece o melhor. — Minha voz soa trêmula. — Por favor, por favor, venha ficar comigo.

Ele engole em seco, arregalando os olhos. — Você me deixaria fazer isso?

Eu aceno minha cabeça, meu coração dolorido por ele enquanto me inclino e toco seu braço. — É claro. Eu não quero que você volte para lá. Ele é... por que ele é assim?

— Eu acho que é como seu pai o tratava. — Ele dirige a caminhonete em direção a minha estrada. — Não era tão ruim quando éramos mais jovens, embora ainda fosse uma merda. Ele só ficava bravo com coisas e gritava e às vezes nos dava um tapa ou nos batia com o cinto. E ficou ainda pior quando ficamos mais velhos, como se ele soubesse que podia... — Ele range os dentes. — Nos bater mais forte sem matar-nos. Meus irmãos lutaram quando ficaram velhos o suficiente, mas quando eles se foram... E eu estava sozinho... Tudo meio que se desfez. Toda a sua raiva era meio que concentrada em mim.

Meus olhos queimam quando pisco várias vezes para não deixar minhas lágrimas derramarem, pensando sobre ele sozinho naquela casa com aquele homem horrível. — Não viva com isso. Venha ficar comigo. Você não precisa estar lá.

Seus olhos se alargam, ele parece aterrorizado, confuso, e como um garoto perdido. — Ok, mas eu tenho que ir pegar Luke.

Eu consigo respirar novamente, meus pulmões relaxam quando o fluxo de ar retorna para eles. — Você vai voltar logo, embora? Promete?

Ele balança a cabeça quando para a caminhonete na minha garagem, estacionando atrás do carro da minha mãe. — Eu prometo.

Eu olho para a janela da porta dos fundos, onde a cortina está puxada para trás e minha mãe está olhando para fora. — Você quer que eu volte com você? Eu só preciso dizer a minha mãe.

Kayden segura meu rosto e esfrega a ponta do polegar debaixo do meu olho. — Eu vou ficar bem. Fique aqui e tente acalmar sua mãe.

— Você tem certeza? Talvez eu deva pedi pro meu pai ir com você?

— Callie, eu vou ficar bem. Luke está lá. Eu só vou pegar minhas coisas e, em seguida, chegar ao fim. Nada vai acontecer.

Meu coração se torce em nós enquanto me inclino e escovo meus lábios contra os dele. Eu começo a me afastar, mas ele desliza a mão para a parte de trás do meu pescoço e pressiona a boca na minha novamente, me beijando ferozmente, antes de me soltar. Com uma sensação de peso no meu coração, eu saio do carro e o vejo se afastar, sabendo que não vou conseguir respirar até que ele volte.

Kayden

Estou cagando de medo. Nunca falei com o meu pai assim e olhar em seus olhos me diz que eu estava ferrado, mas Callie está certa. Eu não tenho que lidar com isso. Tudo o que tenho que fazer é ir embora. Algo que eu deveria ter percebido há muito tempo, mas por alguma razão eu simplesmente não conseguia. Tudo o que já vi na minha vida, é que as pessoas que saem, não se importam em levar porrada, ser humilhados, e lhe mandarem se foder. Mas então Callie vem e me diz que eu posso mudar isso - que eu mereço muito mais. É tão simples, mas suas palavras significam muito para mim.

Eu estaciono a caminhonete atrás da árvore e envio a Luke uma mensagem para encontrar-me na frente da sua caminhonete em dez minutos, porque eu preciso pegar minhas coisas. Memórias assombram minha mente enquanto caminho até a varanda da frente. A atmosfera é silenciosa e a porta da frente está aberta.

Protegendo minha guarda, eu entro da casa. Quando eu era jovem, meu pai gostava de fazer um jogo fora dos espancamentos. Ele nos dava um tempo para nos esconder e, em seguida, ele viria à nossa procura. Se nos escondêssemos bem o suficiente, nós ganhávamos. Se não, nós pagaríamos. Nós sempre acabávamos pagando porque ele nunca desistia de procurar.

A casa parece vazia, então eu em apresso na escada para o meu quarto e atiro minhas roupas dentro de uma bolsa. Jogando-a por cima do meu ombro, eu troto para o andar de baixo, sentindo a liberdade esperando por mim quando a porta da frente surge à vista. Mas meu pai sai de debaixo da escada, e fica na parte inferior, bloqueando meu caminho.

Ele cruza os braços sobre o peito. — Eu estou querendo saber se foi aquela garota que fez você agir tão estupidamente ou se acabou ficando mais burro desde que partiu para a faculdade? Você nunca foi realmente brilhante.

Minha mente calcula as minhas opções. — Olha, me desculpe, mas eu não vou mais ficar aqui. Eu só... — Eu piso no degrau abaixo.

Ele se move para o lado, ficando no meu caminho. — Você tem um treino para compensar.

— Não, eu não tenho, — digo, as palmas das mãos suando. Este é o mais distante que eu já o enfrentei. — Eu treino o suficiente na faculdade. — Meu pé se move para mais um passo e eu estou na frente do seu rosto. — Eu estou indo.

Ele agarra meu braço, apertando-o tão firmemente que a minha pele queima. — Você vai levar esse seu maldito traseiro para aquele maldito carro e nós estamos indo para o campo para treinar. Você não vai me desrespeitar mais.

Eu penso em Callie em sua casa, esperando por mim; realmente preocupada comigo. Ninguém nunca se preocupou comigo antes. Empurro meu braço para fora do seu aperto e empurro minhas mãos contra seu peito, balançando de medo como uma criança de três anos de idade. Aproveitando a oportunidade, eu pulo o restante do caminho, mas ele recupera seu equilíbrio, e vem para cima de mim com os punhos levantados e raiva incontrollável em seus olhos.

— Você é um pedaço de merda! — Ele grita, dando um soco na minha cara.

Eu viro minha cabeça e seu punho bate através da porta da frente, quebrando o vidro e dividindo os nós dos dedos. Ele não para, força seu outro braço para mim e seu punho conecta com minha mandíbula. Ouço o som de ossos estalando.

— Foda-se! — Aperto meu rosto quando a dor explode através do meu rosto, mas estou acostumado com a dor para manter meu equilíbrio. Pela primeira vez na minha vida, eu vou para cima dele. Meus dedos estalam quando ele se esquiva e minha mão choca contra o corrimão de madeira.

Segundos mais tarde, eu estou sendo jogado no chão, seus braços envolvendo em torno de mim enquanto ele nos rola no chão. Vidro esfaqueia através da minha camisa e em meus músculos, eu chuto meu pai no intestino. Ele desliza pelo chão, batendo a cabeça na parede, e eu jogo minhas mãos no ar enquanto luto para ficar de pé.

— Eu estou farto disso, — eu digo e antes que ele possa se levantar, eu corro para fora da porta.

Luke está esperando no carro com o motor ligado. Não olho para trás até que eu esteja em segurança dentro do carro e com a porta fechada. Os olhos de Luke se alargam enquanto ele avalia o vidro preso na minha pele, o sangue em minha camisa e minha bochecha inchada o dobro do tamanho normal.

— Que porra é essa? — Ele diz. — Ele ainda está fazendo essa merda?

Eu balanço minha cabeça quando meu pai sai para a varanda da frente, olhando para a caminhonete. — Apenas dirija. Leve-me para Callie. Eu não quero ficar aqui.

Ele dirige para a estrada principal e eu apoio minha mão machucada contra o meu peito, mantendo meus olhos no meu pai até que ele desapareça da minha visão.

Callie

Eu não consigo ficar parada. Continuo mandando mensagens, mas ele não responde. Minha mãe me deu um longo sermão sobre como ela estava

preocupada por mim ter passado a noite toda fora. Eu a deixei divagar, imaginando como ela ficaria preocupada se eu dissesse o meu segredo.

Depois que ela terminou, eu fiquei esperando por Kayden no meu quarto em cima da garagem. Sentir-me pegajosa da noite passada, como se o álcool estivesse saindo dos meus poros, então resolvi tomar um banho. Envolvendo uma toalha em volta de mim, penteio meu cabelo com os dedos e vou para o quarto para me vestir.

Kayden está deitado em minha cama, de costa para mim, com os ombros baixos, e eu pulo para trás, surpresa. — Oh. — Eu cubro minha boca com a mão, dando um passo em direção à porta, envergonhada por estar apenas em uma toalha.

Ele vira a cabeça para olhar para mim, e eu já não me importo. Seu rosto está inchado e vermelho, ele tem sangue e cortes em sua camisa, e os nós dos dedos com sangue seco.

Protegendo a toalha em um nó, eu corro até ele. — O que aconteceu?

Ele balança a cabeça, os olhos deslizando pelo meu corpo pouco coberto. — Não importa mais. Está feito.

— O quê?

Ele estende a mão para mim, e está tremendo. — Eu tentei acertá-lo e, em seguida, eu o chutei.

— Seu pai? — Pergunto. — Será que ele... você está bem?

— Eu estou agora. — Ele agarra meus quadris, fecha os olhos e respira com os dentes cerrados enquanto me puxa para o seu colo. Meus lábios se abrem em protesto quando a parte inferior da toalha se abre e a rugosidade da sua calça jeans toca minha pele nua, mas ele descansa a cabeça no meu ombro e seu corpo começa a tremer. Eu aperto minha mandíbula fechada, fecho meus olhos, e passo a minha mão sobre seu cabelo, lutando contra as lágrimas.

Eu permaneço imóvel, com medo de me mover, enquanto ele luta pelo ar. Depois do que parecem horas, ele levanta a cabeça e seus olhos estão vermelhos.

— Eu sinto muito, — ele diz, soprando uma respiração enquanto esfrega a palma da sua mão contra seu olho. — Tudo isso só me pegou por um

momento.

— Eu entendo completamente, — eu digo a ele e beijo sua testa.

Seus dedos buscam minha face e ele traça uma linha em toda a minha marca de nascença no meu templo. — Eu nunca o enfrentei antes. Ele estava fodidamente aterrorizante.

Ele é muito mais corajoso do que eu; enfrentou algo que o perseguia desde que ele era criança. Invejo-o por isso.

Eu levemente acaricio seu rosto ferido e ele recua. — Você quer que eu pegue um pouco de gelo? Ataduras? Analgésicos? Minha mãe tem uma tonelada em seu armário de remédios. Ele arqueia uma sobrancelha para mim. — Por quê?

Eu dou de ombros. — Perguntei-lhe uma vez e ela disse que eram por causa de uma lesão antiga do colegial.

Suas sobrancelhas se unem e fecha o olho inchado. — Não foi tipo à uns 20 anos atrás?

— Ela é louca, — eu digo, começando a sair do seu colo. — Talvez seja por isso que ela é feliz o tempo todo.

As pontas dos seus dedos pressionam em meus quadris, prendendo-me no lugar e não há pânico em seus olhos. — Eu não quero te soltar.

Conheço esse olhar; aquele que implora pela ajuda de alguém.

— Por favor, ajude-me, mamãe, — eu sussurro, quando sinto-o se mover em cima de mim e cada parte do meu corpo parece que está rasgando em dois. Ele cobre a minha boca com a mão, e as lágrimas escorregam dos meus olhos. Onde ela está? Por que ela não vem me ajudar? Porque ela acha que eu estou me escondendo, como o resto das crianças estão. Isso é o que eu deveria estar fazendo, em vez de morrer interiormente, embora parte de mim gostaria que eu estivesse morrendo do lado de fora também.

Por favor, mamãe...

Eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço e abraço-o enquanto ele enterra o rosto no meu pescoço, descansando seus lábios contra meu pulso acelerado. Fechando os olhos, respiramos pelo momento; morrendo de medo, mas esmagadoramente querendo. Ele beija meu pescoço lentamente, saboreando cada toque, e minha cabeça deriva para o lado.

— Eu estou indo lavar o sangue das minhas mãos, — ele sussurra e eu me inclino para trás. — Basta ficar aqui, ok?

Reunindo a parte inferior da toalha, eu aceno, e deslizo as pernas para fora do seu colo. Ele se levanta e vai para o banheiro enquanto eu me deito na cama, sabendo que algo está prestes a acontecer. Eu posso sentir isso no ar, na sensação quente no meu pescoço, onde ele me beijou, e em toda parte onde suas mãos me tocaram.

Quando ele sai do banheiro, sua camisa está fora e ele tem uma toalha pressionada no seu peitoral largo. Quando ele sobe na cama, eu sento-me e abaixo a mão, segurando a toalha para que eu possa olhar para o corte. É profundo e em frente da sua costela superior; outra cicatriz para adicionar ao seu corpo já machucado. Eu pressiono o meu dedo acima do seu antebraço, notando as feridas frescas em sua pele.

— O que aconteceu com essas? — Eu paro em um corte perto do seu bíceps e estudo-o. — Parece que alguém estava cortando sua pele.

Seus dedos envolvem ao redor da minha mão e ele balança a cabeça, olhando para a parede. — Estou bem. Eu prometo, Callie. Eu posso lidar com isso.

Levanto-me de joelhos, sentindo a toalha se abrir na parte inferior, mas não me preocupo em fechar. Pasto meus lábios em seu peito, avançando até o pescoço ao longo de uma cicatriz irregular. Eu chupo sua pele, passando minha língua suavemente ao longo dela, e depois engulo a suavidade dos seus lábios. Sua cabeça se inclina para o lado e nossas bocas se conectam enquanto seus dedos se envolvem ao redor da minha cintura. Ele me puxa para mais perto dele, separando os lábios e sugando minha língua em sua boca. Deixo escapar um gemido quando as emoções irresistíveis estouram através de mim e me possuem, apagando a dor interna.

Seus dedos encontram o fundo da toalha, e ele toca a pele nua da minha cintura. Eu não posso pensar direito quando ele toca meu corpo, o gosto dos seus lábios, e roubando meus pensamentos torturantes, se afastado momentaneamente. Sento-me, pressionando o meu peito contra ele e ele move seu peso, deitando-nos na cama. Nossas pernas se entrelaçam e seu joelho entre minhas coxas. A sensação do tecido da sua calça jeans envia um calor pelo meu corpo que enrola em meu estômago.

— Kayden, — Eu gemo contra seus lábios enquanto cavo minhas unhas em seus ombros.

Ele afasta sua boca, respirando irregularmente, os olhos avaliando os meus. — Você quer que eu pare?

Eu aperto meu domínio sobre ele, balançando minha cabeça, meu cabelo caindo nos meus olhos. — Não.

Sugando uma respiração, ele trava seus lábios contra os meus e os beijos suaves ficam desesperados, a toalha escorrega do meu corpo e fico nua debaixo dele. Meus mamilos acariciam seu peitoral a cada respiração e minhas pernas se abrem. Minhas mãos estão em seu rosto e o seu calor me dá garantias, ele segura meus braços e os dedos cercam meus pulsos. Afastando as minhas mãos do seu rosto, ele coloca uma em cada lado da minha cabeça enquanto sua língua consome minha boca.

Abruptamente, ele libera um dos meus braços e meu corpo treme abaixo dele. — Callie, deixe-me saber se eu preciso parar, — ele respira contra os meus lábios.

— Não pare, — eu sussurro, meu coração inquieto, mas com certezas. — Eu não quero que você pare.

Seus olhos se abrem, largos e brilhantes, e ele morde meu lábio inferior enquanto sua mão desliza pelo meu estômago. Segundos depois, os dedos estão dentro de mim como ontem. Eu me sinto excitada e perdida, mas de uma maneira muito surpreendente. Como se minha mente finalmente deixasse o local escuro e eu pudesse encontrar a luz novamente.

Eu quero mais. Eu preciso de mais, no entanto, eu não sei como pedir isso.

Meu quadril se move contra sua mão enquanto ele me sente por dentro, gemendo contra a minha boca enquanto eu arrasto meus dentes ao longo do seu lábio, beliscando-o antes de solta-lo. Pedacos do seu cabelo marrom escovam na minha testa enquanto eu movo meu corpo, precisando de mais. Seu peitoral acelerado, ele desliza os dedos para fora de mim.

— Callie, onde fica a linha? — Pergunta, retornando os dedos para meu pulso, me segurando embaixo dele, me encarando. — Eu preciso saber onde parar.

Eu balanço minha cabeça de um lado para o outro, olhando-o nos olhos. — Eu não quero que você pare, Kayden. Eu disse isso e quero dizer isso.

Suas pupilas contraem enquanto ele processa o que eu disse. — Callie, eu...

Meu coração desacelera quando o momento começa a se desfazer. Imagens do meu passado me apanham, mas depois desaparecem rapidamente quando ele levanta os quadris para cima e desabotoa sua calça jeans e chuta-as para fora. Segundos depois, ele está fora das suas roupas e tem uma camisinha. Ele se deita em cima de mim, pele nua com pele nua, e ele me beija com paixão, desejo, tudo, enquanto entrelaça nossos braços acima da minha cabeça. Meus nervos se misturam com expectativa e eu me sinto em cada aspecto do momento. A aspereza da sua pele nas palmas das mãos, a suavidade do seu peitoral enquanto toca o meu, a umidade da sua língua dentro da minha boca, o formigamento em todo meu corpo. Suor da minha pele enquanto meu corpo se aquece com desejo e eu abro minhas pernas para cima enquanto seu corpo pressiona no meu. Quando ele entra em mim, eu sinto a dor, mas também sinto as correntes invisíveis em torno dos meus pulsos quebrarem e quebrarem.

Ele suga a respiração enquanto minhas pernas se contraem em torno dos seus quadris e ele se afunda mais em mim. Ele move os lábios longe da minha boca e olha nos meus olhos enquanto acaricia seus dedos na minha bochecha. Em seguida, ele faz uma pausa, antes de dar uma última estocada para que esteja completamente dentro de mim.

Cada parte do meu corpo e mente se abrem quando ele me beija. Queima primeiro quando ele se move para trás e para frente, e eu quase grito para ele parar, mas a dor desaparece e meus músculos se soltam enquanto minha cabeça cai para trás contra o travesseiro.

É um momento que vou recordar para sempre, porque pertence a mim.

Kayden

Eu nunca estive tão foddidamente aterrorizado na minha vida. Não quando eu estava sendo humilhado, agredido, ou mesmo quando enfrentei o meu pai. Eu tive relações sexuais antes, muitas vezes. Foi tudo por diversão, mesmo com Daisy. Não havia nada lá; Eu pensei que era suposto para ser assim.

Quando Callie olha para mim, confiando em mim, eu estou perdido. Ninguém nunca olhou para mim assim antes; nunca ninguém me fez sentir como eu me sinto neste momento. É como se cada uma das minhas cicatrizes se rompessem e a dor é real, mas eu não posso parar.

Eu beijo-a ferozmente, movendo seus braços acima da sua cabeça enquanto empurro dentro dela. É tão bom e eu nunca quero que isso pare. Seus olhos estão abertos e suas pupilas se dilatam enquanto ela abre os lábios. Seu pescoço se arqueia enquanto ela suspira de prazer e seus quadris se levantam contra os meus movimentos. Eu solto seus braços e as minhas palmas se movem para seus seios, sentindo sua pele enquanto chupo seu pescoço. Seus dedos esboçam cada cicatriz, deixando um rastro de calor em todos os lugares que toca e isso quase me deixa louco. Sua costa se curva para cima enquanto ela grita e, momentos depois, eu me junto a ela, sabendo que eu nunca poderia voltar a partir disto. O que eu sinto é irreversível; ultrapassado, necessário, conectado. Eu nunca vou ser capaz de deixá-la ir.

À medida que recuperamos o fôlego, digo a mim mesmo que vai ficar tudo bem; que eu posso lidar com isso e por um instante, parece que eu posso.

Deixo escapar uma respiração irregular, escorregando para fora dela e rolo em minhas costas, passando minhas mãos pelo meu cabelo. Girando seu quadril, seu corpo quente segue o meu. Ela descansa a bochecha contra meu peito, deslizando a perna por cima da minha cintura.

— Você está bem? — Eu finalmente ousou perguntar a ela, lutando com meus próprios pensamentos.

Ela balança a cabeça, esboçando as linhas dos meus músculos do estômago com seu dedo mindinho. — Estou mais do que bem.

Fecho os olhos e coloco o queixo no topo da sua cabeça dela. — Callie, há algo que eu preciso te dizer.

Ela levanta o rosto do meu peito e me olha. — O que há errado? Será que eu... Eu fiz algo errado?

Eu toco com a ponta do meu dedo a parte inferior do seu lábio. — Não, não é você. Sou eu. Há coisas sobre mim que você não sabe e eu acho que preciso te dizer.

Ela senta-se e meu olhar vagueia pelo seu corpo, tão frágil, assim como seu coração. — Você está me deixando nervosa.

— Me desculpe, — um sentimento de vergonha corre através de mim. — Eu só estou preso em minha própria cabeça.

Ela franze a testa. — Kayden, você pode me dizer qualquer coisa. Não há julgamento aqui.

— Eu sei disso, — eu digo com toda a honestidade, aumentando meu aperto na sua cintura possessivamente. Levantando-a, eu a coloco em cima de mim, de modo que cada uma das suas pernas está de cada lado do meu quadril. — Nós vamos falar sobre isso, mais tarde.

Molhando meus lábios com a minha língua, eu seguro a parte de trás da sua cabeça e trago sua boca até a minha, eu deslizo a outra mão no seu corpo, segurando seu seio, querendo voltar e reviver o único momento de paz que tive em minha vida.

CAPÍTULO 18

#33 Fique com alguém, imóvel, apenas sentindo um ao outro.

Callie

— Eu acho que vou ter que ir até lá, — eu digo, verificando a sétima mensagem que a minha mãe me enviou. — Caso contrário, ela vai vir aqui e ver isso.

— Ver o quê? — Ele questiona inocentemente, me virando e subindo em cima de mim, ele leva meu seio à sua boca, traçando círculos sobre meu mamilo com a ponta da língua.

Eu suspiro, minhas coxas doem querendo ele dentro de mim novamente. — Você vai me atrasar de novo.

Ele se afasta com um sorriso, em seu rosto vermelho e inchado. — Então?

Eu finjo um olhar severo. — Eu não estou brincando. Ela vai vir aqui com sua chave e abrir a porta.

Ele ri, ainda não acreditando em mim totalmente, mas me liberta dos seus braços. — Tudo bem, você ganhou. Eu vou deixar você ir, mas nós estamos voltando assim que você lidar com a sua mãe.

Eu rio baixinho enquanto enrolo o lençol em torno de mim e caminho até minha bolsa para pegar algumas roupas. Eu me sinto um pouco tímida, mesmo depois do que fizemos. Eu consigo colocar minhas roupas sem deixar o lençol cair. Ele não questiona o que estou fazendo enquanto se levanta e coloca seu jeans e camisa de volta.

Eu olho para fora da janela para o céu escuro. Tudo parece perfeito, intocável, como se eu estivesse segurando a minha vida em minhas próprias mãos, pela primeira vez. — Que horas são?

Ele vira o braço e verifica o relógio. — Sete e meia.

— Não é de admirar que ela esteja enlouquecendo. Eu perdi o jantar.

Ele entrelaça seus dedos nos meus enquanto eu abro a porta. — Então, o quão ruim é que isto vai ser?

Eu levo-o para baixo os passos atrás de mim. — Ela vai lhe fazer mil perguntas e ser super alegre.

— E o seu pai?

— Ele vai falar sem parar sobre futebol, eu tenho certeza.

Meu celular apita e faço uma pausa na parte inferior da escada para verificar a mensagem.

— É outra da sua mãe? — Ele pergunta e eu balanço minha cabeça.

Seth: Ei, querida. Como está indo? Bem, eu espero. Você comeu algumas guloseimas deliciosas?

Eu: Talvez... Mas que tipo de guloseimas você está falando?

Seth: Oh Meu Deus!!! O que você aprontou? Porque eu tenho um sentimento realmente estranho de que você aprontou.

Eu: Aprontei o quê?

Seth: Você sabe o quê.

Olho para Kayden, que ri de mim, seus olhos enrugando nos cantos. — É de Seth.

Ele se inclina para dar uma olhada melhor e eu cubro a tela com a minha mão. — Você está falando de mim?

Eu mordo meu lábio, sentindo meu rosto quente. — Não.

— Você está, — ele diz com orgulho. — Mesmo depois de tudo, eu ainda posso fazer você corar. Deus, eu estou bem.

Eu abaixo a cabeça, permitindo que o meu cabelo cubra meu rosto. — Eu não estou corando.

— Você está sim. — Ele conecta um dedo embaixo do meu queixo e levanta meu rosto. — E eu estou feliz por isso. — Ele escova seus lábios levemente no meu, me dando um beijo suave que eu sinto todo o caminho até os dedos dos pés.

Eu me afasto, sorrindo, mas faço uma pausa quando avisto um carro extra na garagem. — De quem é aquele carro?

Kayden encontra o meu olhar e encolhe os ombros. — Eu não sei.

Confusa, eu abro a porta de trás. Segundos depois, tudo me deixa; cada respiração, cada batida do coração, cada beijo, cada momento próprio. Os pontos pretos em frente da minha visão enquanto vejo meu irmão, Jackson, sentado à mesa, devorando um pedaço de torta da lata. Em frente a ele está o seu melhor amigo Caleb Miller. Ele está folheando uma revista, seu cabelo escuro e longo, como se ele não tivesse um corte de cabelo há anos. Quando ele olha para cima o meu olhar instintivamente se atira para o chão.

— Bem, se não é a pequena Callie toda crescida. — diz Caleb e eu olho para o lápis sobre a mesa em frente a ele, imaginando como seria esfaqueá-lo nos olhos várias vezes e lhe infligir o máximo de dor possível.

— Mamãe pensou que você tivesse fugido, — diz Jackson, lambendo o creme do garfo. — Ela mandou milhares de mensagens para você.

— Bom para ela, — eu estalo. Sempre tive esse ódio amargo em relação ao meu irmão, por ele sempre estar com esse idiota ao redor. Eu sei que ele não sabe, mas não posso me parar. — Você pode dizer a ela que eu estou bem e que ela pode parar de me mandar mensagens de texto?

— Não, — diz Jackson. — Eu não sou seu mensageiro. Ela está apenas na sala de estar. Vá dizer a ela você mesmo.

— Por que você está aqui? — Eu pergunto e o dedo de Kayden massageia o interior do meu pulso. Eu pisco para ele. Tinha quase esquecido que ele estava aqui.

Kayden balança a cabeça, e seus olhos esmeralda transmitem algo que eu não gosto. Ele pode ver e sentir, algo escondido sob a superfície da minha pele.

Caleb se levanta da mesa e anda em toda a cozinha, seus movimentos sem pressa, como se ele não tivesse medo no mundo. — Então, como é o futebol

da faculdade? — Ele diz para Kayden. — Eu ouvi dizer que é muito mais intenso esse nível.

Kayden não tira os olhos de mim. — Não é tão ruim assim. Você apenas tem que ser resistente o suficiente para fazê-lo.

Caleb olha para a bochecha inflamada de Kayden com um olhar sádico em sua expressão quando abre o armário. — Sim, você parece muito resistente. Ganhando um bom dinheiro pelo caminho.

Kayden dá-lhe um olhar frio e duro, seus dedos enrolando em suas palmas. — Você não foi chutado para fora da faculdade por vender maconha no campus?

— Ei, eu tinha que ganhar a vida, — diz Caleb, fechando a porta do armário com força. — Nem todo mundo tem o dinheiro do papai e uma bolsa para sobreviver.

A mandíbula de Kayden fica tensa e eu empurro seu braço. — Podemos ir?

Ele balança a cabeça, recuando em direção à porta com a mão em punho e seus olhos aborrecidos em Caleb, que está ficando inquieto.

— De jeito nenhum, — diz Jackson para mim. — Você não está me deixando aqui para ser sufocado pela mamãe.

— Você não deveria estar na Florida ou o que quer que seja? — Pergunto com raiva e instabilidade em minha voz. — Você não deveria estar aqui.

Ele mexe com seu cabelo enquanto se levanta da mesa da cozinha com a lata de torta na mão. — Tivemos uma mudança de última hora.

— Você não tinha que trabalhar? — Pergunto zombeteiramente. — Ou será que você acabou perdendo de novo o emprego?

— Eu tenho um trabalho do caralho, Callie. — Ele joga a lata na pia da cozinha e me olha. — Então pare de ser uma vadia. Eu não sei por que você sempre tem que falar comigo desse jeito.

— Ei. — Kayden me defende, movendo-se diante de mim. — Não a chame fodidamente assim.

— Eu posso chamá-la do jeito que eu quiser, — retruca Jackson, cruzando os braços sobre o peito. — Você não sabe a merda que ela fez essa família

passar. Seus pequenos problemas têm levado a minha mãe, basicamente, a loucura.

Caleb me olha com interesse, esperando por minha reação. Eu não posso olhar para longe dele. Eu quero, mas ele está me dominando porque sabe quais são os meus problemas - ele os colocou lá. Eu lentamente começo a morrer, murcha em pedaços como se eu fosse uma Night-Blooming Cereus, flores que florescem apenas uma vez por ano durante a noite e morrem antes do nascer do sol, tendo uma vida e felicidade de curta duração.

— Deixe-a em paz. — Caleb arqueia as sobrancelhas para mim, com um sorriso surgindo em seus lábios. — Talvez Callie tenha razões para agir da forma que age.

Tire-me daqui. Tire-me daqui. Salve-me. Salve-me. Salve-me.

De repente, minhas pernas estão se movendo e eu estou sendo arrastada para algum lugar. A porta traseira se abre e eu estou sendo transportada pelas escadas para o centro da calçada.

Em pé no fundo das escadas e à luz do alpendre, Kayden me observa com a incerteza em seus olhos, as mãos nos meus ombros. — O que há de errado? Você tem esse olhar em seus olhos...

Deixo escapar um suspiro estrangulado. — Eu não gosto do meu irmão.

Os músculos do seu pescoço se movem enquanto ele engole em seco. — Callie, eu sei o que é medo. Confie em mim. Eu já vi isso nos rostos dos meus irmãos, senti muitas vezes. Você tem medo dele. Eu posso ver isso em seus olhos.

— Medo de meu irmão? — Eu me finjo de desentendida, rogando a Deus que ele não vá descobrir, temendo o que vai acontecer se ele souber.

— Não dele, — ele diz com firmeza, colocando a mão na minha bochecha. — Você estava com medo de Caleb. Foi ele... Ele foi a pessoa que fez isso com você?

— Sim. — Eu nem sequer quero dizer, apenas escapa da minha boca. Encaro-o, escutando meu coração bater dentro do meu peito, o vento cantar, o som de alguém quebrando em algum lugar do mundo.

Ele engole em seco. — Callie... Eu... Você precisa dizer a alguém. Você não pode deixá-lo continuar vivendo em torno da sua vida.

— Não importa. Muito tempo se passou e até mesmo a polícia não pode fazer nada sobre isso.

— Como você sabe?

Eu dou de ombros, sentindo-me separada do mundo. — Porque eu pesquisei uma vez, para saber se eu não tinha mais nenhuma opção. O que está feito está feito.

Ele balança a cabeça, o queixo apertado. — Isso não é justo.

— Nem a sua vida, — eu digo, querendo o meu momento de volta. Eu quero de volta. Por favor, Deus, me dê de volta. — Nada realmente é.

O silêncio se constrói e tudo desmorona enquanto eu entro em colapso em seu peito, as lágrimas derramando-se como o segredo que eu carregava comigo, quebrando em pedaços mais leves. Ele me segura contra os meus protestos e me embala contra ele enquanto me leva pelas escadas para o meu quarto, enquanto choro todas as lágrimas que tenho guardadas dentro de mim.

Ele deita-se na cama comigo e eu enterro meu rosto em seu peito. De alguma forma, eu paro de chorar e ficamos imóveis, sentindo a dor do outro. Eventualmente eu adormeço em seus braços.

Kayden

Depois que ela cai no sono, eu vejo-a respirar de dentro para fora, tentando fazer sentido no mundo. Uma corrente de raiva passa através de mim como uma fodida onda batendo contra a costa. Eu quero matar Caleb. Espancá-lo até a morte das formas mais dolorosas possíveis.

Quando ouço seu irmão e Caleb saírem de casa, rindo enquanto entram no carro e vão embora, falando sobre uma festa, algo se encaixa dentro de mim. Toda a raiva que eu canalizo se rompe e de repente eu sei o que tenho que fazer.

Callie me salvou naquela noite de uma luta que provavelmente teria me matado, mas ela também me salvou de mim mesmo. Antes dela, eu estava

morrendo por dentro; não havia nada no meu coração, apenas um buraco vazio.

Suavemente tiro meu braço debaixo da sua cabeça, pego meu celular e esgueiro-me para fora da porta, olhando para ela uma última vez antes de sair. Trotando os degraus, envio uma mensagem para Luke vir me pegar, então começo a andar pela calçada longe da sua casa em direção ao desconhecido.

Eu caminho em uma direção onde nunca estive, deixando o ar frio me consumir. Cerca de quinze minutos depois, a caminhonete de Luke para no meio-fio. Eu entro, esfregando as mãos quando o ar quente do aquecedor faz contato com a minha pele.

— Ok, qual é da porra da mensagem totalmente aleatória? — Ele ajusta seu gorro em sua cabeça e aumenta a potência do aquecedor. — Você percebe que eu estava prestes a ter sorte com Kelly Anallo?

— Desculpe, — murmuro. — Onde você estava?

— Lá no lago. — Ele gira o volante para a direita e dirige por uma estrada lateral. — Há uma festa.

— Você por acaso viu o irmão de Callie e Caleb Miller por lá?

Ele para em um sinal, troca a marcha e tenta ver através do para-brisa embaçado. — Sim, eles chegaram lá assim que eu saí para vir te pegar.

— Então, dirija até lá. — Eu movimento a minha mão para ele para dirigir. — Eu tenho algo que preciso fazer.

Nós dirigimos em silêncio enquanto eu salto meu joelho e batuco meus dedos contra a porta. A caminhonete salta à medida que passamos entre as árvores e em outra superfície para a outra extremidade. Quando chegamos, vejo Caleb perto da fogueira de costa, conversando com uma garota loira usando uma jaqueta folgada sobre um vestido rosa apertado.

— Preciso da sua ajuda com uma coisa, — eu digo enquanto Luke para o carro em um parque e começa a saí.

Ele faz uma pausa com a perna para fora. — O que está acontecendo? Você está agindo meio estranho... Está me assustando um pouco.

Eu não tiro os olhos de Caleb. Ele é menor do que eu por uma ou duas polegadas, mas me lembro de algumas brigas dele em festas e ele pode dar

conta. — Eu preciso que você fique em minha volta.

Luke olha para mim, colocando um cigarro na boca. — Você está pensando em comprar uma briga?

Concordo com a cabeça sem hesitação. — Eu estou.

— Então, você quer que eu me certifique de você não vai ter o seu traseiro chutado? — Ele leva suas mãos ao redor da sua boca e movimenta o topo do isqueiro.

— Não, quero que você me pare antes que eu o mate. — Eu viro o punho e pulo para fora.

— Você o quê? — A nuvem de fumaça se ergue na frente do seu rosto.

— Me pare antes que eu o mate, — Eu repito e bato a porta.

Ele me encontra na frente, batendo a ponta do cigarro, o enviando cinzas no chão. — O que é isso, cara? Você sabe que eu não ajo bem em situações assim.

Eu faço uma pausa no final da linha de carros. — Se alguém que você... se preocupe muito, se machucou da pior maneira possível por outra pessoa, o que você faria?

Ele dá de ombros, olhando para o fogo. — Depende, tipo o quê?

— Algo muito ruim, — eu digo. — E que fica marcado para a vida toda.

Ele dá uma tragada lenta do seu cigarro e, em seguida, vira a cabeça em minha direção. — Tudo bem, eu vou ficar em sua volta.

Nós caminhamos até a fogueira, a raiva dentro de mim queima tão brilhantemente como as chamas. As pessoas estão gritando, rindo, bebendo cerveja em uma ponta traseira. Há uma música tocando de um dos auto-rádios e um animado jogo de beer-pong acontecendo à beira do lago.

Daisy aparece diante de mim com um sorriso enorme no rosto e um copo de plástico na mão. — Ei, garoto festeiro, eu sabia que você iria aparecer.

Eu balanço minha cabeça com irritação e dou um passo para o lado. — Saia do meu caminho.

Ela foge para trás e pressiona a mão contra o peito, como se fosse um cervo ferido. — O que há de errado com você?

— Ele percebeu que você é uma cadela, — Luke entra na conversa de bom grado e solta uma fumaça em seu rosto.

— Oh meu Deus. Você é um idiota, — ela diz, abanando a mão na frente do rosto, olhando para mim com expectativa para defendê-la.

Eu aceno, esquivando ao seu redor, e marcho em linha reta para Caleb. Passando através das pessoas, eu chego perto do fogo. Quando os olhos de Caleb encontram os meus, sua expressão cai, mas ele não se move. Ele sabe o que está vindo e ele espera por isso.

Eu ando em direção a ele e um sorriso se forma em seus lábios quando ele começa a caminhar em minha direção. — O que diabos você está fazendo aqui? — Ele pergunta. — E onde está a pequena Callie?

Eu soco meu punho em sua mandíbula, que é onde eu faço meu erro, mas não posso levá-lo de volta. A multidão suspira e a garota de vestido rosa deixa cair o seu copo, derramando cerveja sobre a terra, e ela se inclina para o lado.

Caleb desmorona no chão segurando seu rosto. — Que porra é essa? — Ele fica de pé, limpando o sangue escorrendo do seu nariz. — Quem você pensa que é?

Eu balanço meu punho em sua direção de novo sem uma explicação, mas desta vez ele revida o punho no meu lado. As minhas costelas estalam, mas não é nada comparado ao que eu estou acostumado, e eu revido, levando meu joelho para seu intestino.

Ele tosse, curvando-se enquanto cospe sangue no chão. — Você está morto.

Eu aperto meus dedos, arrastando para frente para acertá-lo novamente, mas ele salta para cima e me acerta. Com a cabeça baixa, ele acerta o punho no meu estômago, derrubando o fôlego fora de mim, e nossos sapatos raspam contra a sujeira enquanto lutamos para ficar na posição vertical. Alguém grita da multidão e é seguido por gritos enquanto nos batemos a sujeira.

Eu quebro meu punho em seu rosto uma e outra vez, vendo vermelho, apenas vermelho, como se estivesse engarrafado dentro de mim há anos. Alguém tenta me puxar para fora, mas eu o empurro repetidamente. Não sei quanto tempo passou comigo continuando a bater-lhe. Finalmente, alguém é capaz de me tirar de cima dele.

Eu sacudo a mão, pensando que é Luke, mas as luzes vermelhas e azuis piscando contra a água me trazem de volta à realidade, um policial algema meus pulsos.

— Não se mova, — grita um policial e eu estou sendo empurrado para frente, caindo de joelhos na sujeira.

Com minhas mãos manchadas de sangue, eu olho para o que fiz. Caleb ainda está respirando, mas seu rosto está tão inchado e sangrando. Não tenho certeza se me importo, porque tudo se resume a isso, Callie teve sua justiça.

Estar na prisão parecia melhor do que ir para casa e eu me recusei a ligar para o meu pai. No final, um dos oficiais acabou ligando, por causa do seu status altamente respeitado na cidade. Meu pai sempre foi grande sobre as doações, o que faz as pessoas pensar automaticamente que ele é um grande cara.

Horas mais tarde, eu estou na cozinha da minha casa, sentado à mesa. Minha mãe foi pegar Tyler no aeroporto e teve que tomar um táxi, porque nenhum deles estavam suficientemente sóbrios para dirigir. É apenas o meu pai e eu na casa. Algo está prestes a terminar, eu só não sei o quê.

— Isso é besteira porra. — Meu pai circula ao redor da mesa e chuta a parte inferior do balcão com sua bota, fazendo um buraco na madeira. — Eu recebo um telefonema no meio da maldita noite, para socorrer seu traseiro fodido da cadeia, por bater a merda fora de alguém. — Ele faz uma pausa, correndo o dedo ao longo de um pequeno corte abaixo do olho, que foi causado por nossa luta. — Você está realmente em um rolo hoje, seu merdinha.

— Eu fui ensinado pelo melhor, — murmuro, minhas costelas ardem, meu braço latejante, mas de alguma forma, eu me sinto mais forte do que nunca.

Ele pega uma cadeira e joga-a para o outro lado da sala em uma prateleira, quebrando um vaso. Eu não vacilo. Apenas traço as rachaduras na mesa com o meu polegar. — Onde foi que eu errei com você? — Ele pisa em torno do balcão, que fica no meio da cozinha. — Você tem sido um merda desde que tinha dois anos.

Eu fico olhando para a parede, retratando o sorriso de Callie, o som da sua risada, a suavidade da sua pele.

— Você está me ouvindo? — Ele grita. — Deus caramba, Kayden, não fique me ignorando!

Eu fecho meus olhos, revivendo como me sentir ao estar dentro dela, tocando-a, beijando-a por todo o corpo, o cheiro do seu cabelo.

As mãos do meu pai batem em cima da mesa e meus olhos se abrem. — Levante-se.

Me afasto da mesa, derrubando a cadeira no chão. Estou pronto para isso. Quando ele inclina seu cotovelo por cima do ombro, balançando o punho para frente, eu me inclino e bato sua mandíbula. A dor atordoa-nos quando nossos punhos entram em contato com a cara um do outro. Há uma pausa, onde ele realmente olha para mim, como se estivesse me vendo pela primeira vez, antes de me agarra pelos ombros e me joga contra a parede.

— Pare com isso, seu merdinha! — Ele me dá uma joelhada e eu martelo meus dedos em sua bochecha, em retaliação.

Mais uma vez, ele fica chocado e leva um momento para se recuperar. Tudo o que eu vejo é o medo em sua aparência, a falta de confiança em seus olhos, e a instabilidade da sua postura.

Ele agarra a minha camisa, desesperado para ganhar o controle, empurrando sua mão contra o meu rosto, me empurrando de volta contra o armário. Cavando minhas unhas nas palmas das minhas mãos, eu levanto meu punho e golpeio sua cabeça, com força. Ele solta um grunhido quando me empurra para trás e eu bato contra o balcão, batendo meu quadril contra o azulejo e derrubando facas no chão. Começo a me mover para frente, mas ele corre para mim com a cabeça baixa. Eu acelero, dobrando os joelhos para pular por cima do balcão, mas ele pega a parte inferior da minha camisa e me empurra para o chão. Eu arremesso meu braço para trás de mim, estendendo a mão para ele, mas ele se abaixa.

Eu me sinto entorpecido. Completamente morto por dentro enquanto tudo gira ao redor e empurro minhas mãos contra seu peito. Ele se recusa a me soltar, mesmo quando tropeçamos no chão, me puxando para baixo com ele.

Eu tento rolar em cima dele, mas segundos depois, sinto algo afiado perfurar através do meu lado e tudo para.

Meu pai se levanta, segurando uma faca ensanguentada. — Porque você nunca me ouve? — Ele deixa a faca cair no chão, ao lado dos meus pés e contra o azulejo. Seu rosto está tão branco como um fantasma, ele se afasta. — Seu fodido... — Ele arrasta os dedos pelo rosto, antes de decolar para a porta da frente, deixando-a entreaberta atrás dele e rajadas de ar frio entram.

Cada parte do meu corpo dói, como se mil facas tivessem me esfaqueado em vez de uma. Girando para o lado, eu me arrasto para cima, e inclino-me contra o balcão, movendo minha mão para longe do meu lado. Manchas de sangue em meus dedos trêmulos e vazam para fora do buraco na minha camisa, preenchendo as rachaduras no piso de ladrilho abaixo de mim. Eu fecho meus olhos enquanto luto para respirar, mas a dor está me ganhando.

Eu penso sobre Callie, o que ela está fazendo, o que ela vai fazer quando ouvir sobre o que aconteceu. Dói, mesmo que não deveria; o pensamento de ter que deixá-la, dela me deixar, de nunca tê-la novamente. Eu não posso suportar.

Alcançando o meu lado, eu pego uma faca, minha mão trêmula e coloco a ponta no meu antebraço. É o que eu fiz por anos para desligar tudo. Começou quando eu tinha sete anos, quando percebi que me cortando me ajudava a respirar, ajudava a me sentir vivo através do inferno da minha vida. É o meu fodido segredo; a escuridão que vive dentro de mim. Com cada corte na minha pele, a dor começa a diminuir enquanto o sangue cobre o chão.

Callie

Eu acordei em uma cama vazia e pânico irrompe através do meu corpo. Onde ele foi? Eu pego meu celular do criado-mudo e envio várias mensagens para Kayden, mas ele não responde. Eu deslizo meus sapatos e corro para fora da porta para ir procurá-lo. Preciso falar com ele sobre a noite passada e que ele saiba que nós precisamos apenas deixar ir, porque com ele na minha vida, o que aconteceu com Caleb não é tão assustador.

A manhã tem uma boa vista sobre as montanhas e o céu é um rosa brilhante, mas a beleza é muito enganadora em comparação com o que está

acontecendo aqui embaixo. O vento forte, soprando uma tempestade e esfriando a temperatura.

Meu pai está na mesa da cozinha quando eu entro. Seu cabelo castanho está separado para o lado e ele usa gravata e calça, pronto para o jantar de Ação de Graças, esta tarde.

Quando ele espreita acima da sua comida, suas sobrancelhas se arqueiam. — Você está bem? Parece que andou chorando.

— Eu estou bem. — Olho na sala de estar, antes de voltar para o centro da cozinha. — Onde está a mamãe? Eu preciso perguntar a ela se posso pegar seu carro emprestado.

— Ela está tomando um banho. — Ele se levanta da cadeira e coloca a tigela na pia, me observando. — Parece que você perdeu um pouco de peso. Certifique-se de comer um monte hoje. Vamos ter um jogo após o jantar e eu quero que você jogue este ano.

— Ok, tudo bem. — Eu mal posso ouvi-lo enquanto navego através das mensagens no meu celular, mas não há qualquer uma de Kayden. — Pode me emprestar seu carro? Eu prometo que não vou ficar fora por muito tempo.

Ele pega as chaves no bolso. — Você tem certeza que está bem? Parece muito chateada.

— Eu estou bem, — eu asseguro-lhe, surpresa, porque normalmente ele não percebe estas coisas. Quão ruim estou? — Eu só preciso verificar um amigo.

Ele me joga as chaves e eu pego-as sem esforço. — Será que esse amigo é um dos meus velhos quarterbacks?

Eu envolvo meus dedos em torno das chaves, sentindo os lados irregulares cortando minha palma. — Mamãe já fofocou, não foi?

Ele dá de ombros, enfiando as mãos nos bolsos da sua calça. — Você sabe como ela fica. Ela só quer que você seja feliz.

— Eu estou feliz. — E, naquele momento, não parece ser uma grande mentira. — Eu só preciso encontrar alguém. — Dirijo-me para a porta.

— Volte em uma hora, — ele grita. — Você sabe que ela vai querer sua ajuda. Seu irmão não voltou para casa desde ontem à noite. Provavelmente

ficou fora toda a noite bebendo, então ele não vai ser de grande ajudar.

— Ok. — Eu passo para fora o frio, sentindo que algo me atingiu no peito, mas eu não tenho certeza do que é. Meu celular vibra no meu bolso e fico surpresa quando vejo o nome de Luke na tela.

— Olá, — eu respondo, correndo para a entrada de automóveis e caminho para o carro do meu pai.

— Ei, — ele diz com uma voz ansiosa. — Você falou com Kayden?

— Não desde ontem à noite. — Eu bato a porta e ligo o motor, sem me preocupar em ligar o aquecedor. — Eu não sei aonde ele foi. Ele só partiu e eu não ouvir mais falar dele.

— Nem eu. — Ele oscila, eu giro meu pescoço e olho para a estrada, apertando os olhos para ver através da janela traseira embaçada. — Ouça Callie, ontem à noite ele fez algo muito ruim.

Eu alinho o carro na estrada e dirijo para fora. — O que aconteceu?

— Eu recebi uma ligação estranha dele, — ele diz. — Pedindo-me para pegá-lo. Ele me fez levá-lo para o lago e... Bateu a merda fora de Caleb Miller.

Eu pressiono o pedal do acelerador e os pneus guincham no chão. — Ele está bem?

— Ele está bem, eu acho, mas foi preso e seu pai teve que tirá-lo de lá.

Meu coração para. — Seu pai?

Ele faz uma pausa. — Sim, seu pai.

Gostaria de saber se Luke sabe sobre o pai de Kayden. — Eu estou indo à casa dele agora, verificar se está tudo bem com ele.

— Eu também. Onde você está?

— Em poucos quarteirões de distância... Na Mason Road.

— Ok, eu vou te ver em breve, — ele diz. — E Callie, seja cuidadosa, o pai dele...

— Eu sei. — Eu desligo e aperto o celular na minha mão, subindo a colina que leva à casa de Kayden.

A mansão de dois andares parece enorme na frente das colinas, elevando-se em direção ao céu. Até o momento em que estaciono debaixo da árvore, o

vento está forte e as folhas marrons flutuam no ar, quase sombreando a floresta que rodeia a casa. Eu pulo para fora do carro com meu coração batendo dentro do meu peito, e caminho pelo gramado, subo as escadas, balançando os braços para afastar as folhas da minha cara.

A porta da frente está aberta, balançando ao vento. Quando entro no hall de entrada, uma sensação de náusea arde em meu estômago. Algo não está certo. Dou uma olhada na sala de estar e, em seguida, chamo da escada, — Olá?

O vento é a minha única resposta, uivando para a janela, soprando folhas para dentro da casa, ao longo do piso de madeira, e batendo a porta contra a parede. Eu entro na cozinha e viro a esquina. Nada poderia me preparar para o que vejo.

O tempo para - tudo para. Uma parte de mim morre.

Deitado no chão, em uma poça de sangue e uma pilha de facas está Kayden. Seus olhos estão fechados, seus braços e pernas esticados, e há cortes frescos pelos seus pulsos. Há um buraco no lado da sua camisa, onde algo foi perfurado através dele. Há muito sangue, mas eu não posso dizer de onde está vindo - parece que de todos os lugares.

Meus braços caem para o meu lado, meus joelhos perdem a força e eu desabo no chão, caindo perto de uma faca. — Não, não, não, não! — Eu puxo meu cabelo, sentindo a dor, arrancando alguns fios para fora. — Não!

Eu balanço minha cabeça uma centena de vezes, esperando que a cena vá desaparecer, eu esperava que meu décimo segundo aniversário desaparecesse. Mas ele permaneceu. Ele sempre permaneceu. Lágrimas embaraçam minha visão enquanto eu pressiono sobre um dos cortes nos seus pulsos para parar o sangramento. Sua pele está tão fria, como gelo, como a morte. Eu movo minha mão em seu braço, o rosto, acima do coração. Com um dedo instável, eu disco 911 e tento explicar os detalhes para o operador.

— Será que ele tem um pulso? — O operador pergunta quando eu digo a ele a situação.

Meu coração aperta com força em meu peito enquanto pressiono meus dedos no seu pulso e um leve solavanco contra eles. — Sim.

— Ele está respirando?

Eu fico olhando para seu peito, desejando que ele se mova, orando para que ele se movesse. Depois de um tempo, ele eleva ligeiramente e, em seguida, cai vacilante.

— Sim ele está. Ele está. Oh meu Deus. — Eu pressiono meus lábios trêmulos juntos, soluçando enquanto desligo e espero pela ambulância. O celular cai da minha mão, eu corro meus dedos pelo cabelo de Kayden, me perguntando se ele pode me sentir.

— Kayden, acorde, — eu sussurro, mas ele não reage. — Por favor, Deus, acorde.

— Callie... O que... — Luke se aproxima atrás de mim.

Eu não cedo. Eu não tiro meu olhar de Kayden. Se eu fizer isso, ele pode desaparecer.

— Callie, você pode me ouvir?

— *Não faça um som. Vai ser mais rápido. Você quase não vai sentir nada.*

— Callie! — Luke praticamente grita e eu pisco para ele enquanto as lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto. — Será que você chamou uma ambulância?

Concordo com a cabeça, sentindo tudo ao meu redor se fechar. — Eu tentei salvá-lo... E-eu tentei, mas não consegui... Eu não consegui...

Luke se ajoelha ao meu lado, olhando para o seu amigo no chão, seu rosto sem cor, seus olhos castanhos enormes e horrorizados. — Não é sua culpa. Ele está respirando. Ele pode passar por isso... Ele pode.

Mas é minha culpa. Tudo culpa minha. Eu envolvo meus braços em torno de Kayden, o sentido tentar respirar, nunca querendo deixá-lo ir. — Por favor, fique comigo.

— *Isso é tudo culpa sua, — diz Caleb. — Se você contar a alguém, isso é o que eles vão pensar.*

Sirenes inundam o ar enquanto as folhas varrem a cozinha, que giram ao redor sem nenhum outro propósito senão ir onde quer que o vento as leve.

Eu deveria ter feito mais. Ter dito alguma coisa. Lhe protegido como ele fez por mim.

Eu pensei que tinha salvado Kayden naquela noite na casa da piscina, mas eu estava errada. Acabei lhe dando tempo até o próximo vendaval chegar.

CONTINUA...

PLAYLIST DE AS COINCIDÊNCIAS DE CALLIE & KAYDEN:

1. “Candles” por *Daughter*
2. “Shameful Metaphors” por *Chevelle*
3. “Seven Devils” por *Florence + The Machine*
4. “Never Too Late” por *Three Days Grace*
5. “So Far Away” por *Staind*
6. “Why Can’t I?” por *Liz Phair*
7. “Deep Inside You” por *Third Eye Blind*
8. “Hurt” por *Nine Inch Nails*
9. “Ghosts” por *On An On*
10. “Gold” por *Wake Owl*

{1} Running back (RB) é uma posição do futebol americano e futebol canadense que normalmente se alinha no backfield. O principal papel de um running back é correr com a bola que pode ser passada para ele pelo quarterback ou em um snap direto do center, sendo que ele também pode receber e também ajudar no bloqueio.

{2} Rise Against é uma banda americana de Punk Rock / Hardcore de Chicago, Illinois, formada em 1999.

{3} Super Bowl é um jogo do campeonato da NFL (National Football League), a principal liga de futebol americano dos Estados Unidos, que decide o campeão da temporada. Disputada desde 1967.

{4} O Long Island Iced Tea, é um coquetel feito com vodka, gim, tequila e rum. Um coquetel gelado com gostinho de limão.

{5} Mullet é um corte de cabelo curto na frente em cima e nos lados e longo atrás. Foi muito popular no início dos anos 1980 até o início da década de 1990.

{6} Carnival / Carnaval de lá:



{7} Zipper:



{8} A dioneia é uma planta carnívora que pega e digere insetos. A estrutura de captura é formada por dois lóbulos unidos pela base e presos na ponta de cada uma das folhas.